Deuses e astronautas no antigo Oriente

W. Raymond Drake

W. Raymond Drake

Deuses e astronautas no antigo Oriente

Círculo do Livro

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título do original:
"Gods and spacemen in the ancient East"
Copyright 1968 by W. Raymond Drake
Tradução de João Távora
Capa de Alfredo Aquino

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso pela Artegráfica Ltda.
Encadernado pela Abril S.A.
Cultural e Industrial
São Paulo
1975

Licença editorial para
o Círculo do Livro por cortesia
da Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S.A.
É proibida a venda a quem
não pertença ao Círculo

ÍNDICE

1 — O universo habitado 7
2 — Em busca dos seres extraterrestres 19
3 — Deuses espaciais da Índia antiga 35
4 — Heróis espaciais da Índia antiga 47
5 — Histórias espaciais em sânscrito 63
6 — Astronautas no Tibete 81
7 — Astronautas na velha China 91
8 — Astronautas no antigo Japão 107
9 — Reis espaciais no antigo Egito 131
10 — Deuses espaciais no antigo Egito 147
11 — A pirâmide e a esfinge 167
12 — O êxodo 185
13 — Reis espaciais da Babilônia 209
14 — Deuses espaciais da Babilônia 233
15 — Astronautas na Babilônia bíblica 249
16 — Deuses ou astronautas? 261
Bibliografia 269

Capítulo um

O UNIVERSO HABITADO

Naqueles tempos maravilhosos em que a Terra era jovem e a natureza resplendia de novidade, seres celestiais desceram das estrelas para ensinar as artes da civilização ao homem simples, criando a Idade de Ouro cantada por todos os poetas da antiguidade. Durante séculos a humanidade gozou duma cultura brilhante e prosperou sob o governo benigno dos reis espaciais, que possuíam uma ciência psíquica afinada com as forças do universo e os poderes existentes dentro da alma humana. Esses seres adoravam o Sol, o divino Andrógino, símbolo do Criador; faziam ensinamentos sobre a vida depois da morte, a reencarnação, a ascensão através de existências em diferentes dimensões até a união com Deus. O desenvolvimento da Terra era promovido pelos planetas solares numa oitava de evolução acima; orlavam a Federação Galáctica, cujas miríades de mundos floresciam em deslumbrante esplendor. Em ocasiões especiais desciam à Terra e compartilhavam seus arcanos secretos e sua tecnologia com os iniciados eleitos.

O homem evolui pelo sofrimento. Assim como a luz exige a escuridão para realizar a iluminação, assim a lei divina decreta que o bem deve ser temperado pelo mal. Deus é verdade eterna e absoluta, além de todas as vicissitudes dos homens mortais, mas os místicos suspeitam que Deus, embora perfeito, precisa duma perfeição mais profunda e por isso em seu sonho promove a existência

de uma seqüência interminável de universos, cada um deles condicionado pela natureza de seu predecessor, a fim de ele poder aprender por delegação com a experiência de todas as criaturas, humanas, espíritos, em todos os planetas de todos os planos de sua Criação. O homem precisa de Deus, e — coisa maravilhosa, a mais maravilhosa de todas! — Deus precisa do homem; do contrário não o teria criado. A vida não é ilusão, nem o universo alguma brincadeira cósmica da Divindade; do inseto mais rudimentar ao arcanjo mais sublime, de um grão de pó a uma galáxia, tudo tem significado. A breve vida de cada homem, suas alegrias e pesares, contribuem com seu propósito para o plano divino. Esse conceito de existência pode ser discutido, mas parece tão próximo quanto a falibilidade humana pode se aproximar da verdade infinita. Poderá o homem, que não se conhece a si mesmo, conhecer o Criador?

Especulações esotéricas desse gênero não são destituídas de relevância para o estudo dos astronautas, nossas almas irmãs através do universo vivente. O homem está no limiar duma idade nova de afinidade cósmica com as estrelas e agora tem de esquecer sua filosofia geocêntrica egoísta; tem de expandir-se até a consciência cósmica e compreender sua unidade com toda a criação. Para reorientar seus pensamentos de modo a abranger todos os seres sensíveis em todas as dimensões do universo, o homem deve humilhar-se e começar no princípio. No princípio era Deus.

Todas as religiões falam dos anjos da luz combatendo os poderes das trevas pela posse da alma do homem. Esse conflito entre o bem e o mal no plano espiritual poderá simbolizar de fato a guerra no céu descrita por Apolodoro[1], Hesíodo[2] e Ovídio[3], exemplificada pela Torre de Babel no *Genesis* e por lendas em todo o mundo.

Em todo o universo poucos homens são santos, muitos são pecadores, a maioria tem virtudes contrabalançadas por vícios; em todos os estádios da evolução ninguém é totalmente bom nem totalmente mau.

Os maléficos invasores de Júpiter, ou de suas luas, arrancaram os saturninos da Idade de Ouro e impuseram uma tirania, levando à revolta dos gigantes da Terra. Lendas existentes em todo o mundo concordam em que houve

guerra na Terra e no céu com fantásticas armas nucleares, aeronaves e mortíferos raios laser queimando cidades e fazendo explodir montanhas com raios de eletricidade, destruição visível ainda hoje. Mais tarde, como por castigo divino, um cometa devastou a Terra, a civilização maravilhosa foi destruída, o clima ficou frio, deformações nas tensões espaciais interromperam as comunicações entre os planetas, a maioria dos homens pereceu e os poucos sobreviventes mergulharam na barbárie. Após séculos de isolamento, as velhas ciências e tecnologias foram em grande parte esquecidas, embora fragmentos da antiga sabedoria fossem preservados através das gerações por iniciados em todos os países, inclusive por feiticeiros atualmente. Memórias tribais truncadas e o folclore imaginaram os astronautas como deuses com poderes sobre-humanos, exultando em batalhas aéreas ou descendo à Terra para novas aventuras amorosas[4].

A consciência humana adivinhava que o homem não estava só no universo, que em alguma parte no céu, em cima, existiam seres de grande benevolência que podiam ajudar a humanidade. Certas pessoas supra-sensíveis afirmando possuir influência junto aos deuses, compuseram uma teologia e uma comunicação por meio da oração e a partir de seu ritual e da sua moral desenvolveram a religião.

Essa novel interpretação do passado confunde peritos e leigos igualmente; uns e outros por motivos diferentes, a rejeitam como ficção científica que merece muito pouca consideração. O domínio extraterrestre da nossa Terra há milênios pressupõe planetas habitados por seres muito mais adiantados do que nós e senhores de uma ciência que transcende a nossa ciência atual. Os astrônomos e biólogos que sugerem a existência de vida em outras partes do universo têm o cuidado de acentuar que nenhum dos mundos nossos vizinhos pode ser habitado[5], que não há certeza da existência de planetas em volta das estrelas próximas e que, se existem super-homens em outras galáxias, a viagem através de milhares de anos-luz parece improvável. Os arqueólogos sorriem ao desenterrar esqueletos e não espaçonaves, esquecendo-se de que em poucas centenas de anos toda a nossa aviação se dissolveria

em poeira. Os historiadores dizem que os clássicos nunca mencionam astronautas, que Platão[6] e Tito Lívio[7] não deviam conhecê-los. Talvez eles os conhecessem, se os lermos adequadamente. Os metodologistas raramente consideram as lendas verdadeiras. Eles presumem um significado mais primitivo ou sugerem simbolismos religiosos. Schliemann acreditou na *Ilíada* e descobriu Tróia; Sir Arthur Evans, fascinado pela idéia de Teseu matando Minotauro, desenterrou Cnosso e a civilização minóica de Creta; mas os sábios ainda consideram os velhos deuses personificações de forças naturais, antropomorfismos de disposições humanas, sem dúvida um vôo de inteligência acima da maioria de nós atualmente. É possível que o maior obstáculo para aceitar o advento dos astronautas resida na religião dogmática. Os teólogos acreditam que a única preocupação de Deus é o homem na Terra; se existem homens em outras partes, Cristo deve ser crucificado milhões de vezes em todos os mundos do universo? Imersos em seus próprios assuntos, a maioria dos brilhantes especialistas são intolerantes em relação a quaisquer novos conceitos que contradigam suas próprias filosofiazinhas.

O homem da rua orgulha-se do seu senso comum, artigo extremamente incomum; geralmente vive em estado de transe, embrutecido pelos prazeres e pelas dores da existência cotidiana, e tem o cérebro lavado pela pressão da propaganda, da imprensa e da televisão. As pessoas comuns mantêm-se uma geração atrás das últimas descobertas, tendo como preocupação principal viver conforme as convenções sociais de sua comunidade. Acreditam apenas no que vêem e sabem apenas o que querem saber. A consciência de grupo evolui lentamente, a educação em massa promete esclarecimento, mas a história sangrenta do nosso século XX faz a pessoa mediana desconfiada de novas idéias e desiludida com a tradição do passado em que a nossa civilização está baseada; com o cérebro toldado pelos teólogos pregando doutrinas surradas e os cientistas ameaçando sua vida com bombas cada vez maiores, ela sente que seu mundo estaria melhor sem eles. O homem comum raciocina com uma lógica sólida, não deformada pelas questões que perturbam a teologia e a ciência; quando olha o céu esplendoroso sente a maravilha

do universo e sabe que Deus não criou essas estrelas brilhantes apenas para os homens as olharem. Como seus antepassados na antiguidade, ele sente que toda a criação palpita de vida e sente que seja o que for que os astrônomos possam dizer, naquelas profundezas estreladas do espaço vivem seres sábios e apaixonados, fracos e pecadores, humanos como ele mesmo.

O conceito de astronautas descendo na Terra através da história, se fosse provado, revolucionaria os nossos pontos de vista sobre o passado, inspiraria o nosso presente e prometeria um futuro glorioso; a humanidade acordaria dum sonho para a realidade cósmica. Finalmente o homem descobriria seu verdadeiro eu e subiria regenerado até seus irmãos nas estrelas; a humanidade ascenderia a um plano mais alto, mais perto de Deus[8-9].

Antes que possamos compreender a coexistência de astronautas, devemos primeiro encontrar-nos a nós mesmos e avaliar a posição da nossa Terra no universo; devemos abrir os olhos, destapar os ouvidos, sintonizar nossas almas com a maravilha cósmica da Criação; devemos expandir-nos além do espaço e do tempo para abraçar a eternidade.

O universo real é o que Deus pensa[10], não o que o homem imagina. A mente finita do homem sintetiza informações percebidas pelos seus cinco sentidos, ampliadas pela ciência num padrão que ele denomina cosmos; na medida em que sua percepção se intensifica, sua concepção se expande em grandeza. Se a visão do homem fosse sensível a freqüências inferiores da radiação, ele se maravilharia com aquelas estrelas escuras detectadas pelos radioastrônomos e seria cego para as maravilhosas constelações que semeiam o céu. Para uma minhoca o universo deve parecer uma escuridão unidimensional; alguns maravilhosos seres adiantados de Sírio talvez percebam uma infinidade de vibrações que lhes permitam experimentar uma criação transcendente além de tudo o que podemos imaginar.

Muito do que existe não vemos, muito do que vemos não existe. Os astrônomos não podem ver o vazio em que se diz que as galáxias vão declinando[11], os físicos não podem ver dentro do átomo; a luz que vemos de inumeráveis estrelas foi emitida há milhões de anos, e muitas

No dia 27 de agosto de 1998 uma estrela morreu a vinte mil anos-luz e sua radiação foi sentida na Terra. Segundo um astrônomo renomado se a profecia fosse alguns décimos maior seria fundido montanhas no nosso planeta.

já explodiram depois disso: agora — e o que é agora? — nossos sentidos são estimulados por radiações delas, nosso cérebro computa uma configuração baseada em seu banco de memória e constrói uma realidade. Esotericamente tudo o que vemos sempre somos nós mesmos, um segredo profundíssimo.

A ciência esotérica dos cosmólogos confronta fenômenos observáveis no céu e desfilando para trás através do tempo, propõe teorias plausíveis para explicar a origem do universo; a ciência esotérica dos ocultistas começa com Deus e pensando para a frente adivinha como o universo evoluiu até o dia presente. A nossa filosofia materialista ofuscada pelos benefícios práticos da ciência que transformou o mundo, tende a desprezar os ocultistas, que operam nos reinos do espírito mas na maravilha infinita da Criação a ciência e o ocultismo constituem pontos de vista diferentes da manifestação de Deus em quem vivemos e nos movemos e uma e outro têm igual validade. Pode ser que superinteligências em outras galáxias percebam o universo e suas origens em termos além da nossa compreensão; a concepção deles e a nossa são relativas à realidade; só Deus, o Criador, sabe a verdade.

O ocultismo é a ciência da revelação divina[12]. O ocultista olha a divindade como o todo e nenhuma manifestação pode existir fora de Deus. Desde seu próprio espírito o Absoluto principia cada dia cósmico envolvendo a mente através de miríades de formas até as vibrações mais grosseiras da matéria; quando a involução está completa, começa a evolução; através de idades sem conta a matéria evolui para formas mais puras e mais complexas, que gradualmente se atenuam até o espírito puro de volta a Deus, que então medita sobre a experiência durante uma noite cósmica, quando nada existe. Alguns hindus acreditam que o dia de Brama dura quinze milhões de anos e é seguido duma noite de igual duração, quando o Absoluto retira a sua manifestação inteiramente para dentro de si mesmo e reside no infinito. Ao fim desse período o Absoluto invoca um novo universo, um refinamento do anterior: dia e noite, em sucessão interminável, além da compreensão do homem[13].

O ritmo fundamental — atividade e inatividade — manifesta-se desde os universos até os átomos, inclusive no próprio homem e é a base de todas as doutrinas secretas. Os ensinamentos hindus mais elevados, entretanto, insistem em que este princípio não se aplica ao próprio Absoluto, que está constantemente criando e sustentando em sua mente milhões de universos em diferentes estádios de evolução; quando é noite numa série pode ser meio-dia em outra. A mudança rítmica, a ascensão e a queda influenciaram profundamente as filosofias dos antigos; Heráclito ensinou que o universo se manifestava em ciclos; os estóicos acreditavam que o mundo se movia num ciclo interminável através dos mesmos estádios; os seguidores de Pitágoras afirmavam que cada universo repetia todos os outros interminavelmente, na eterna repetição pregada por De Siger na Idade Médica e por Ouspensky[14] atualmente. Os iogues ensinam a evolução cíclica em progressão infinita.

Escritos orientais, os sublimes *Upanixades,* acentuam que todo o nosso universo palpita com a Vida Una adivinhada pelos filósofos chineses, o inspirado Meister Eckhard, místicos de todas as religiões, Espinosa, Kant e os nossos físicos modernos. Os átomos têm consciência, toda a matéria é viva; alguns supra-sensíveis afirmam que os próprios planetas são seres maravilhosos; nós infestamos e influenciamos a nossa Terra vivente como micróbios. Os ocultistas crêem que dentro do nosso próprio universo existem universos co-espaciais de freqüências várias, planos astrais habitados pelos chamados mortos e almas que esperam o renascimento e também dimensões diferentes povoadas por devas, espíritos da natureza, fadas, elementais, raças de seres em uma corrente de evolução diferente da do próprio homem.

A progressão cíclica inclui o homem também. A alma humana evolui por metempsicose, reencarnando vida após vida em ascensão para a perfeição em Deus. Essa doutrina maravilhosa foi ensinada pelos sacerdotes egípcios, pelos mistérios de Elêusis da Grécia, por Pitágoras, Platão, Virgílio, os druidas, os sábios hindus, os iogues tibetanos, os magos persas, a cabala judaica e os antigos padres cristãos gnósticos. Muitas grandes almas como Francis Bacon, Paracelso, Giordano Bruno, Schopenhauer, Goethe, Gandhi e quase todo o Oriente atualmente acreditaram na

reencarnação governada pelo carma, a lei de causa e efeito. O homem sofre por seus próprios pecados. A Terra é uma escola de treinamento à qual a alma volta para aprender suas lições, e depois renascer num planeta mais altamente desenvolvido, ascendendo através duma cadeia de mundos, assimilando experiência[15].

Os ocultistas, os iogues e os médiuns como Swedenborg acreditavam em inumeráveis mundos habitados em vários estádios de evolução; muitos planetas estavam aparentemente ligados em associações, agrupados em federações galácticas e possivelmente até em organizações maiores. Para as nossas mentes sarcásticas esta concepção cheira a ficção científica, com suas guerras interplanetárias e rivalidades galácticas, mas atrás da fantasia está a verdade cósmica. Tradições ocultistas falam de adeptos e mestres residentes na Terra que em segredo e silêncio dirigem a evolução do nosso planeta; diz-se que mantêm comunicação telepática ou astral com avatares em mundos vizinhos e são todos subordinados a seres celestiais no Sol, que provavelmente obedecem a alguma grande inteligência que controla a galáxia, obedecendo ela mesma a uma entidade mais alta ainda e subindo através duma hierarquia quase até o infinito e inefável Absoluto. Há razão para crer que alguns desses super-seres têm aparecido na Terra por encarnação ou manifestação astral ou que aterraram aqui em astronaves; aqui ensinaram ao homem verdades cósmicas, as artes e técnicas da civilização e promoveram a evolução humana de acordo com o plano divino[16].

O pensamento convencional condicionado pela concepção judaico-cristã da intervenção de Deus na história humana como a suprema revelação do Criador e pela filosofia materialista do nosso século XX, ridiculariza o sublime desígnio cósmico dos ocultistas como maluquice mas quando os astrônomos olham o espaço galáctico e os físicos sondam o interior dos núcleos atômicos surpreendem-se ao verificar que o seu novo conhecimento se aproxima muito da velha e transcendente ciência secreta, das filosofias herméticas dos iniciados ocultistas.

Todas as grandes religiões do mundo expressam o anelo de homens e mulheres através dos séculos, de descobrir a verdade da existência terrestre. Suas almas inquiridoras pairavam além das circunstâncias materiais e ansiavam por inspiração, por satisfação, naquele silencioso e doce mistério que transcende o universo. O homem se maravilhava diante das miríades de estrelas que povoavam o céu, dos milagres da natureza em todos os seus aspectos, da procissão de humanidade desde o passado remoto através dos altos e baixos da história e avançando para os planaltos velados do futuro, do cortejo de nobres feitos, do drama da paixão mortal, do milagre infinito da própria vida. A lógica, a filosofia, a ciência, os triunfos do intelecto humano permitem ao homem modelar instrumentos para modificar seu ambiente e inventar sistemas persuasivos de padrões de pensamento que explicam o universo aparente, mas quanto mais sua percepção se aguça mais a ignorância do homem se intensifica, até que o verdadeiro sábio não sabe nada.

A sabedoria traz a humildade. Neste torturado século XX, que começou numa idade de ouro e agora marcha aos tropeções para o suicídio, os homens não vêem objetivo em suas vidas e, como os cínicos pagãos do passado, comem bem e se divertem, porque amanhã vão morrer. O masoquismo esquizofrênico, a louca correria para a destruição em massa, tão manifestos na criminalidade nacional e nos conflitos internacionais, são prova de uma humanidade consumida por tensões íntimas e medo do futuro, terrível ignorância do universo em infinita expansão. A ciência reduziu o homem terreno de rei da Criação a uma formiga insignificante; Deus, de Pai benigno que era recuou para a distância de uma mente inexprimível e inimaginável, ocupada a conjurar um universo de mundos incontáveis em dimensões intermináveis, onde a Terra é menos que poeira.

Em seus corações, nunca na história os homens foram tão religiosos; as crueldades com os homens e animais, aceitas pela sociedade mais requintada de um século atrás, hoje são condenadas como as orgias da Roma de Nero. Os capitalistas e os comunistas lutam entre si pelo domínio do mundo, mas atrás do clamoroso materialismo está a ânsia de beneficiar toda a humanidade; embora os métodos difiram, na análise cósmica a melhora do homem

certamente obterá a bênção de Deus. Os homens são humanos, a vida é luta contra a ignorância. As pessoas não podem mais aceitar os poeirentos dogmas do passado sem discussão; a humanidade tem seguido tantos falsos messias, e hoje os homens procuram a verdade e não encontram resposta. Espantam-se de ver que cinco religiões rivais em dois mil anos culminaram em esterilidade espiritual, e, ofuscados pelas ilusões do esclarecimento moderno, destroem as velhas imagens e descobrem que suas almas mergulharam em um nada do qual não parece haver saída. A humanidade hoje espera uma mensagem; os homens olham as estrelas silenciosas e brilhantes e escutam. A Terra suspira de canseira. A salvação deve vir do espaço.

É errado criticar a religião, censurar os sacerdotes zelosos, ter pena dos iludidos por eles e zombar dos dogmas tortuosos que sufocam as almas dos homens. A religião deve adequar-se à evolução do homem. O ídolo de pedra do selvagem primitivo representa para ele alguma força oculta que ele não pode compreender; com efeito, os feiticeiros parecem possuir restos duma antiga ciência que transcende a nossa própria sofisticação. A concepção de um deus ou salvador personalizado como Osíris, Orfeu, Crisna, Buda ou Cristo deu o mais profundo conforto espiritual a incontáveis milhões de pessoas cuja inteligência limitada não podia conceber o Absoluto infinito e informe; os ensinamentos dos livros sagrados e as vidas de homens e mulheres santos inspiraram multidões em sua peregrinação da escuridão para a luz; os homens estão em diferentes estádios de evolução; a orientação de admiráveis mestres através das gerações prova sem dúvida alguma a presença de poderes superiores e demonstra a beneficência de Deus.

A existência de super-homens no céu foi aceita pelos povos da antiguidade em todo o mundo; em reação contra o paganismo a Igreja Cristã destronou os velhos deuses e fechou as mentes dos homens para o universo vivente. Durante dois milênios os cristãos foram condicionados a crer que a Terra era o centro da Criação e o homem a única preocupação de Deus. Embora os astrônomos modernos ensinem que as velhas concepções são falsas e que a nossa Terra é um planeta inferior de um sol anão perto

da beira da Via-Láctea, apenas uma de incontáveis galáxias, essa concepção mal chegou a permear a consciência contemporânea, pois o conhecimento de astronomia da maioria das pessoas atualmente parece que é pouco melhor do que a ignorância dos primitivos Padres da Igreja; alguns sábios como Santo Agostinho e o venerável Bede, familiarizados com os escritos gregos, tinham conhecimento dos planetas, da esfericidade da Terra e de fenômenos dos céus, mas os pontos de vista deles sobre questões científicas foram suprimidos pela Igreja. Durante dois mil anos a ciência esteve adormecida. Até hoje os cientistas, que deviam estar mais bem esclarecidos, parecem relutantes em abandonar sua idéia preconcebida de que só existe vida na Terra, embora devamos admitir que um número cada vez maior, compreendendo a irracionalidade dessa crença, ensine agora que deve existir vida através de todo o universo, mas não nos outros planetas do nosso sistema solar. *Dizem que informações telemetradas dos nossos satélites artificiais provam cientificamente que não pode existir vida aqui na nossa própria Terra; fotografias de foguetes mostram o nosso mundo deserto como a Lua, com uma atmosfera de hidrogênio irrespirável*[17]. Visto que acreditamos nesses mesmos instrumentos quando negamos a vida em Marte, cientificamente nós não devemos existir.

Os cientistas não se levam a sério a si mesmos, nem são levados a sério pelas pessoas que eles tentam impressionar. Tão rápida é a avalancha de novos conhecimentos, que todo o mundo sabe que o que um cientista jura ser verdade hoje ele próprio desdenhará amanhã. A descrença fundamental hoje nos astronautas pode ser devida ao padrão de pensamento geocêntrico imposto pela religião.

Muitos cristãos sinceros rejeitam a vida em outros planetas argumentando que então Cristo deveria ser crucificado em cada estrela do céu, embora o Papa Pio XII declarasse que os homens de outros mundos poderão viver num estado de graça sem a redenção pelo Filho de Deus, uma sutileza teológica acima da compreensão da maioria dos leigos. A Igreja Protestante da Alemanha declarou que Deus teria criado o homem através do universo para louvar suas maravilhas, mas a maioria acha essa afirmação difícil de conciliar com o cristianismo.,

A ciência moderna torna o mistério de Cristo mais profundo. Nós nos perguntamos se Deus, criador de incontáveis mundos em muitas dimensões, possivelmente contrabalançado por um universo de antimatéria, iria se encarnar num único ser na nossa pequenina Terra com um objetivo que ainda não está bem esclarecido. O nascimento da Virgem e a ressurreição não se limitam ao cristianismo, mas são comuns à maioria das religiões da antiguidade. Alguns teólogos especulam sobre se a crucificação de Cristo não poderia representar o assassinato de Tamus, o deus babilônio da fertilidade ou o Rei Mortal de muitos cultos antigos. Os pergaminhos do mar Morto[18] surpreendem-nos, não mencionando Cristo nem o cristianismo e suas doutrinas essênias sugerem que parte da doutrina cristã se originou um século antes. Nada se encontra sobre Cristo em fontes contemporâneas, surpreendente numa era de escritores clássicos. Quase tudo o que sabemos sobre ele vem dos Evangelhos, redigidos por escritores imaginosos décadas mais tarde. Alguns eruditos, conquanto aceitem a realidade do homem Jesus, crêem que foi um piedoso patriota judeu, líder de um movimento de resistência contra os romanos, pelo que foi crucificado; outros alegam que Cristo sobreviveu à cruz, viveu em Roma e morreu na Índia. Argumentos convincentes sugerem que o Jesus histórico foi realmente Apolônio de Tiana, o grande mestre espiritual que há mil e novecentos anos errou pelo mundo então conhecido, fez milagres, curou doentes e ressuscitou mortos, a quem os imperadores construíram templos e adoraram como a um Deus[19].

Voltaire disse: "Se Deus não existisse, o homem o inventaria"[20]. Talvez o cristianismo seja um mito necessário à evolução do homem durante esta Idade Píscea perdida! Negar Cristo não é negar Deus; a nossa concepção de Deus transcende sua humanização na Terra numa gloriosa expansão que abrange todos os seres sensíveis em todos os mundos de todos os reinos de todos os universos[21]. A doce imagem de Cristo oculta um mistério além da nossa compreensão, a humanidade no limiar do espaço sobe em espiral para uma nova oitava de evolução; a alma inquisitiva do homem ergue-se acima dos credos dogmáticos de ontem para a religião cósmica de amanhã.

Capítulo dois

EM BUSCA DOS SERES EXTRATERRESTRES

A ciência, como a religião, refuta os astronautas e enquanto muitos cientistas especulam sobre planetas habitados a anos-luz de distância, a maioria hesita em admitir seres em qualquer outra parte do nosso sistema solar e ridiculariza a descida de seres extraterrestres na Terra. Como a Igreja, a ciência oficial arroga-se presunções que não podem ser provadas: a crença fundamental do cientista é que a natureza do universo e sua evolução podem ser descobertas pelo homem com o mesmo método científico que transformou o nosso mundo moderno. A ciência supõe um universo espaço-tempo composto de massa e energia, e governado por leis imutáveis. Essa concepção seria contestada pelos santos, operadores de milagres, que vêem a Criação como uma manifestação de Deus, ou pelos adeptos da magia, que consideram o universo uma grande mente. Os nossos ocultistas evocam fenômenos psíquicos e supõem a existência de super-homens nas estrelas que manipulam forças além do nosso conhecimento. A ciência com todos os seus instrumentos maravilhosos percebe apenas uma estreita fresta do universo real; só Deus pode conhecer sua própria Criação.

Hoje a ciência teórica mergulha em profundezas tão esotéricas como a religião, expandindo-se em uma área da ignorância cada vez maior, enquanto a religião se fecha na verdade interior que transcende a discussão. A antiga afirmação orgulhosa da ciência de que conhece a realidade

dissolve-se num sonho[22]. O sólido átomo desaparece em centenas de partículas, vibrações de energia que beiram o pensamento puro. A ciência não pode conhecer o mundo real; os físicos não podem ver o eléctron; o astrônomo vê as estrelas não como elas existem agora, mas como eram há milhões de anos. A teoria da relatividade de Einstein não está inteiramente provada, o princípio da incerteza parece introduzir na física os problemas religiosos de destino versus livre-arbítrio; há uma crescente reação contra a teoria da evolução de Darwin; em vez do desenvolvimento gradual através de idades sem conta, parece que ocorreram mutações súbitas através de cataclismos e mudanças nos raios cósmicos. Alguns pensadores sugerem que o homem não é indígena da nossa Terra, mas que chegou aqui há muitos milênios, vindo de outro planeta[23].

O raciocínio científico baseia-se na lógica dedutiva e intuitiva, segundo a metodologia científica dos gregos. Recentemente Goedel provou aos matemáticos com clareza magistral que a lógica dedutiva tem de ser incompleta, uma vez que é possível fazer legitimamente perguntas sem respostas aparentes, e a lógica dedutiva procura generalizar uma teoria partindo de fatos que não podem ser inteiramente verdadeiros, uma vez que não pode incluir completamente o futuro nem provas além da sua experiência. A lógica não é digna de confiança. Muitas descobertas fundamentais são feitas por inventores práticos desembaraçados do treino científico. Simon Newcomb provou conclusivamente que máquinas mais pesadas que o ar não podiam voar[24]. E, enquanto ele teorizava brilhantemente, William e Orville Wright construíam seu aeroplano, o *Kitty Hawk*, e voavam nele. Muitas grandes invenções nasceram por acaso, por pura sorte ou súbita intuição, desafiando a lógica, inspiradas por fontes ocultas ou pela mente subconsciente do homem. Se o homem não pode conhecer-se a si mesmo, como pode conhecer o universo?

Os cientistas consideram que suas experiências têm lugar em um sistema isolado cuja evolução, dominada pelo princípio de Carnot, tende ao equilíbrio termodinâmico no estado final de entropia; Giorgio Piccardi, professor de geofísica em Florença, provou em uma brilhante série de experiências que a metodologia da pesquisa baseada

nas condições iniciais é falsa[25]. Ensaios químicos efetuados com estrita precisão, dia após dia, ano após ano, mostraram que os resultados variam surpreendentemente de acordo com os fenômenos solares e os campos de força extraterrenos; a Terra gira em volta do Sol, que se desloca através do espaço no sentido da constelação de Sagitário[26]. A Terra, pois, desloca-se em uma trajetória espiral, atravessando linhas de força criadas pela Via-Láctea, cujo campo galáctico em movimento é influenciado por toda a matéria e energia móveis do universo. Cada ser humano é uma concreção de energia elétrica. Um homem pode influenciar uma estrela, que influencia o homem. Isso não é ocultismo, astrologia ou misticismo; toda a experiência, toda a paixão humana se efetua contra o fundo de todo o universo. Toda a Criação está em constante mudança; a nossa Terra e tudo o que nela existe são influenciados por forças cósmicas, cujas intensidades totais não podemos medir, mas cujas variações alteram resultados preconcebidos, tanto no mundo da matéria como em nossas mentes.

A ciência, como a religião, tem dado muito à humanidade; seu domínio e manipulação do mundo físico tem revolucionado as vidas dos homens para o bem ou para o mal; o método científico é a glória do intelecto humano. Devemos reconhecer que ao considerarmos os seres extraterrestres no presente e no passado estamos lidando com fenômenos fora da experiência da ciência e da religião geocêntricas; a apreciação de ambas essas disciplinas poderá trazer esclarecimentos, mas a revelação só pode vir do espaço. Embora a ciência ortodoxa, mesmerizada por seus espectroscópios, negue a existência de seres em outros planetas solares, os cientistas compreendem que, uma vez que todas as estrelas parecem compor-se dos mesmos noventa e dois elementos básicos da nossa própria Terra, é provável que existam formas de vida através de todo o universo. Alguns astrônomos crêem que os planetas são produtos derivados da criação das estrelas, resultado da concreção de átomos nascidos da energia cósmica. A lenta velocidade angular do nosso Sol dizem que é devida à sua família de planetas, porque na nossa própria galáxia deve haver milhões de sóis como o nosso e mais ou menos da mesma idade, a maioria deles provavelmente com plane-

tas[27]. Os biológos declaram que a vida aparece onde quer que as condições favoreçam o seu desenvolvimento e consideram a própria vida como um fenômeno eletroquímico e não um fenômeno espiritual. A atmosfera primeva da Terra consistia em amônia, nitrogênio e hidrogênio, com um pouco de oxigênio e bióxido de carbono a altas temperaturas, carregada de tempestades elétricas que sintetizavam aminoácidos no mar, os quais evoluíam para substâncias orgânicas cujas células se reproduziam, produzindo através de idades sem conta as miríades de formas de vida atual. Essa evolução deve ocorrer em todos os planetas semelhantes à Terra; enquanto os habitantes de alguns devem viver em uma idade da pedra, os povos de outros mundos podem ter atingido uma tecnologia muito superior à nossa.

Através de sua história a nossa Terra tem sido bombardeada por chuvas de pedras do céu, a maioria das quais se inflama e reduz a pó na atmosfera superior; alguns sideritos compostos de ferro e níquel, juncam o fundo do oceano, outros aerólitos não metálicos, estão muitas vezes misturados com rochas terrestres; em raras ocasiões gigantescos meteoros têm produzido imensas crateras em todo o mundo. Em 1836 o químico Berzelius analisou pedras caídas na França e ficou espantado de verificar que a substância carbônica continha considerável quantidade de água, muito surpreendente numa matéria do espaço. Mais tarde Berthelot examinou fragmentos do meteorito Orgueil, de 1864, e encontrou substâncias orgânicas. As sugestões de que tais descobertas evidenciavam vida extraterrestre foram ridicularizadas pelos astrônomos, os quais argumentaram que, visto que a ciência acreditava não poder existir vida no espaço, por conseguinte não existia vida no espaço. Em 1961, motivados pela pesquisa espacial em curso, o Professor Nagy e seus colegas reexaminaram fragmentos do meteorito Orgueil e verificaram que sua microestrutura era de origem viva, contendo hidrocarbonetos, que mais tarde analisaram como complicadas cadeias de substâncias graxas e até hormônios sexuais, análogos, mas não completamente idênticos aos do metabolismo terrestre[28]. A análise de meteoritos em museus de todo o mundo acusou diversos vestígios minúsculos, mas

inconfundíveis, de compostos orgânicos. Esses meteoritos podem ser fragmentos do suposto planeta Maldek[29], entre Marte e Júpiter, que se acredita ter explodido desfazendo-se em asteróides; essas chuvas meteoríticas devem cair em Marte, em Vênus e na nossa Lua. Em tempos idos as estrelas cadentes tinham significação fálica, as pessoas acreditavam que elas inseminavam a Terra recumbida. Isso pode ser que seja verdade. Pode ser que a vida seja levada nas correntes espaciais de planeta para planeta. Os nossos cientistas concordam agora com os antigos em que deve existir vida em toda parte.

Os nossos maiores telescópios ópticos não são poderosos o bastante para distinguir se existem quaisquer planetas em volta de Alfa Centauri, a estrela mais próxima, a quatro anos-luz de distância, e até recentemente tal detecção parecia impossível. Os radioastrônomos observaram perturbações nos sinais do Sol quando os planetas Júpiter e Saturno ocupavam certas posições, sugerindo que periodicamente sua gravitação exercia maior influência sobre a radiação do Sol. Perturbações periódicas nas emanações de outras estrelas não binárias sugeriram um fenômeno semelhante e há uma certeza razoável de que a estrela de Barnard, distante seis anos-luz, tem uma companheira invisível e que a Tau Ceti, distante onze anos-luz, também tem planetas. Os astronautas russos acreditam que os lampejos de luz laser da estrela Cygnus 61, em 1894 e 1908 foram respostas a um aparente sinal da Terra, na realidade a erupção do Krakatoa, em 1883. As estrelas giram rapidamente ao tempo de sua criação; depois, em certo momento diminuem de velocidade, exaurida sua energia pelos planetas acompanhantes. A observação infere que para saber se uma estrela tem planetas basta apenas medir a velocidade de sua rotação; a oscilação no movimento de uma estrela pode agora ser considerada prova de companheiros planetários não detectados.

Os biologistas provam que a substância fundamental de todas as formas de vida é o ácido desoxirribonucléico, ADN, cuja molécula espiralada contém em código toda a informação da hereditariedade encadeada como um fio de contas. Esse polímero compõe-se de açúcar, ácido fosfórico e bases nitrogenosas. A descoberta do ADN em outros plane-

tas seria geralmente aceita como prova de vida. A Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço da América, mantendo seu programa para o primeiro desembarque do homem na Lua e sondas para Marte e Vênus, está realizando pesquisas intensivas para descobrir vida no espaço. Uma técnica notável de espectroscopia de absorção poderia detectar a presença de base nitrogenosa e por conseguinte vida em amostras de solo; por isso os americanos inventaram o sistema multivador de detecção de vida, um laboratório biológico em miniatura, com meio quilo de peso apenas, que pode efetuar quinze experiências separadas. Ao pousar num planeta são sopradas amostras de solo através do multivador, são injetados solventes em câmaras de reação, lâmpadas fluorescentes acendem-se em seqüência, é medida a fluorescência e as medidas são telemetradas para a Terra para decifração. O microscópio Vidicon transmitirá fotografias de microrganismos da superfície de um planeta; Gulliver, uma sonda bioquímica de radioisótopo com a forma de um pequeno cone, desenrola três fios de quinze metros recobertos por uma susbtância viscosa, depois enrola-os de volta para dentro de um caldo de cultura. Em quatro horas os organismos vivos devem começar a crescer, produzindo aumento do gás radiativo; a radiatividade é então registrada por um contador Geiger cuja informação é imediatamente transmitida de volta à Terra[30].

Os aminoácidos, componentes das proteínas, quando aquecidos a vapor, podem ser detectados por meio de espectrometria. Os exobiologistas da ANAE (NASA) tencionam depositar espectrômetros miniaturizados em massa na superfície dum planeta, os quais constatarão o espectro de qualquer molécula biológica e o transmitirão de volta à Terra. Dizem eles que essa experiência poderá detectar uma forma de vida não conhecida por nós. Outro dispositivo engenhoso é uma Armadilha Wolf (do nome de seu inventor, Professor Wolf Vishniac). Consiste essa chamada armadilha num tubo destinado a sugar poeira por meio de vácuo, poeira que será imersa num meio de cultura. Se crescerem bactérias, elas produzirão uma mudança na intensidade da luz em uma célula fotoelétrica, cuja variação de sinais será transmitida para a Terra. Uma nova possibilidade é o lançamento dum espectrofotômetro

ultravioleta para comparar as cores dos espectros das proteínas e dos peptídios para estabelecer a presença de moléculas orgânicas; espera-se também detectar organismos vivos no espaço por meio de cromatografia gasosa. Os cientistas propõem-se usar uma mistura de luciferina e lucifran, extraídas dos vagalumes, cujo brilho é produzido por sua reação com ATP (trifosfato de adenosina), que se encontra em todas as células vivas. Quando a mistura entrar em contato com qualquer quantidade de ATP, as substâncias químicas brilharão e o resultado transmitido para a Terra será interpretado como encontro com células vivas. Essas técnicas notáveis mostram que a Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço reconhece a possibilidade de vida extraterrestre e utiliza todos os artifícios da ciência para provar sua existência.

O astrônomo russo Joseph Shklovsky, após brilhante análise da nossa galáxia, supõe que, se a distância entre duas civilizações for de cerca de dez anos-luz, só três estrelas, a Epsilon Eridani, a Tau Ceti e a Epsilon Indus têm probabilidade de possuir seres inteligentes capazes de se comunicarem conosco. Os americanos, escutando na freqüência de hidrogênio de mil quatrocentos e vinte megaciclos, afirmam que receberam fortes impulsos dessas estrelas. O professor americano Robert N. Bracewell apóia Shklovsky e produziu gráficos mostrando que, na suposição de que uma civilização tecnológica dure dez mil anos, dentro dum raio de mil anos-luz deve haver cerca de cinqüenta mil civilizações. A essa distância os sinais de rádio seriam demasiado fracos para detecção, e sugere-se que foguetes com radiossondas a uma velocidade de cento e sessenta mil quilômetros por segundo poderiam em alguns séculos aproximar-se de civilizações distantes, emitir sinais, registrar e reenviar sinais recebidos e talvez televisionar para outros mundos um mapa dos céus onde a sonda se originou[31].

No começo de abril de 1964 os russos lançaram sua Sonda 1 com destino desconhecido e em abril de 1965 Gennady Sholomitsky anunciou que tinham descoberto uma nova civilização a milhões de quilômetros de distância no espaço. Emissões de radioondas de uma fonte misteriosa conhecida por CTA-102 seguem um padrão regular

de lampejos a cada cem dias, sugerindo controle por seres inteligentes. Os radioastrônomos de Jordrell Bank mostram-se céticos e atribuem as pulsações a uma quásar mas o Dr. Nikolai Kardashev sustenta que as emissões são extremamente pequenas e devem ser de origem inteligente. Cientistas de Moscou consideram esta a descoberta mais notável da radioastronomia. Esses sinais lembram as pulsações do espaço recebidas por Tesla e Marconi no princípio do século.

Os milhares, talvez milhões de civilizações da nossa galáxia certamente anunciarão sua existência a estrelas do seu perímetro como o nosso próprio Sol e provavelmente enviarão radiossondas para explorar o nosso sistema solar. Há cerca de trinta anos Stormer e Van der Pol detectaram ecos anormais, repetições de sinais da Terra vários minutos depois de sua emissão; Bracewell acredita que eram repetidos por uma sonda automática extraterrestre a milhões de quilômetros de distância.

Shklovsky acha que é possível que inteligências supremas modifiquem as próprias estrelas. Declara ele que algumas estrelas da rara série espectral S revelam vagos vestígios de tecnécio, que não se encontra naturalmente na Terra, pois é um pó branco-prateado produzido num reator nuclear. O período de vida do tecnécio radiativo é de apenas duzentos mil anos e é difícil compreender como possa existir em estrelas com milhares de milhões de anos de idade. Shklovsky pergunta se super-homens não terão manufaturado milhões de toneladas de tecnécio e impregnado com ele a atmosfera de algumas estrelas para manifestarem ao universo vigilante a realidade de inteligência no espaço. Uma empresa tão fantástica é de assombrar mas quem sabe que tecnologia os super-homens não possuem[32]? Os russos perguntam-se se as grandes inteligências cósmicas não serão na realidade engenheiros estelares, capazes de modificar e controlar o desenvolvimento de estrelas e com incríveis raios laser fazê-las explodir como supernovas.

A prova de seres inteligentes no nosso próprio sistema solar pode existir nas luas de Marte[33]: Fobos, a nove mil e trezentos quilômetros do centro de Marte, e Deimos, a vinte e quatro mil quilômetros, estão mais perto de seu planeta do que qualquer dos satélites naturais conhecidos.

Shklovsky nota que os únicos corpos celestes do sistema solar que se movem em volta dum planeta mais rápido do que este gira sobre seu eixo são Fobos e os satélites artificiais da Terra; acentua que Fobos, com um diâmetro de dezesseis quilômetros, e Deimos, com oito quilômetros, parecem objetos pequenos demais para um sistema planetário; nenhum dos dois tem a clássica cor vermelha de Marte; a aceleração da rotação de Fobos sugere retardamento na atmosfera marciana e final queda no planeta, como acontecerá com os nossos próprios satélites artificiais. A densidade das luas é demasiado pequena para satélites naturais e sugere cascas ocas de aço, com uma espessura de oito centímetros apenas, segundo cálculos de André Avignon. A ausência de peso no espaço tornaria a construção de tais luas artificiais tecnicamente possível. Shklovsky sugere que Fobos e Deimos são monumentos de alguma raça marciana de eras passadas girando em volta dum planeta morto, como os nossos próprios satélites poderão ficar girando em volta da Terra depois que perecer o último homem. Fotografias tiradas pela sonda espacial americana Mariner IV sugerem que a superfície de Marte é deserta, sem os famosos canais. Pelo menos uma foto revelou uma construção quadrangular, que encoraja a crença na possibilidade de inteligência em Marte.

Embora os cientistas se mostrem céticos, supostas comunicações de seres espaciais com pessoas supra-sensíveis na Terra insistem em que gente como nós habita não só os planetas em volta do nosso próprio Sol mas também outros mundos em volta de incontáveis estrelas. O universo inteiro palpita de vida.

O maior impedimento para a aceitação de seres extraterrestres é a ignorância da realidade pelo homem. Cada homem é o centro de seu próprio universo particular conhecido por seus cinco sentidos, sintetizado numa mente condicionada pela educação e pela experiência. O universo dum homem é a quintessência de seus próprios pensamentos; alguns intuitivos tentam humildemente transcender seu ponto de vista egocêntrico aspirando a ver o universo pelos olhos do Criador, mas verificam que não podem escapar à prisão do eu e reduzem Deus à sua própria imagem. Como todos os homens têm faculdades sensoriais semelhan-

tes e em qualquer momento da história são condicionados por padrões de cultura semelhantes, segue-se que a experiência geral produz concordância comum quanto à aparente natureza do universo, cuja aparência muda de acordo com o novo conhecimento. A nossa cosmologia atual difere enormemente da Terra chata e das esferas celestes concêntricas pressupostas por Ptolomeu mas daqui a dois mil anos a nossa própria concepção de um universo finito em expansão pode parecer ridícula.

É natural para o homem limitar o universo à prova de suas próprias percepções sensoriais ampliadas por instrumentos engenhosos e negar a realidade a domínios fora de sua percepção imediata. A observação restrita pode ser equiparada à atitude mental rígida; algumas pessoas acham os fenômenos ocultos inaceitáveis para a ciência, entretanto durante milhares de anos tem-se acumulado uma vasta literatura dedicada à descrição de dimensões e estados de existência fora do conhecimento normal.

A afirmação dos ocultistas de que existem mundos invisíveis em reinos astrais e planos etéreos habitados por devas, fadas e os chamados mortos foi por muito tempo ridicularizada pelas pessoas comuns que acreditavam no senso comum e pelos cientistas materialistas, mesmerizados por seus próprios instrumentos. O estudo dos átomos insubstanciais, a descoberta de dezenas de partículas subatômicas, o novo estado da matéria conhecido como plasma e a maior consciência dos campos vibratórios revolucionaram a concepção científica da matéria, aproximando-a dos ensinamentos dos antigos filósofos herméticos e dos iogues do Tibete. Os físicos agora admitem que o que denominamos universo físico é apenas o espectro de vibrações apreendidas pelos nossos sentidos físicos; é lógico supor que podem existir freqüências de matéria além da nossa tangibilidade, exatamente tão reais como essas estrelas escuras que não podemos ver. Pode existir matéria em oitavas co-espacialmente umas dentro das outras; dentro da nossa própria Terra podem interpenetrar-se outros mundos habitados por seres quentes e apaixonados que podem manifestar-se aos nossos sentidos como aparições ou, inversamente, seres terrenos podem por acaso desaparecer em outra dimensão. O fato é que os ocultistas afir-

mam existir outro mundo co-espacial da Terra, um mundo cuja capital é Sambalá, uma gloriosa cidade eterna coexistente com o nosso deserto de Gobi; alguns adeptos dessa teoria afirmam que visitam esse reino em seu corpo astral.

Os ensinamentos dos ocultistas outrora escarnecidos são hoje levados avante por pesquisadores ultramodernos, os paracientistas[34] que afirmam ter contato com seres da Vênus etérea que gozam duma civilização maravilhosa muito superior à nossa. É interessante notar que a *Doutrina Secreta* e essa obra profunda que é *Oahspe*[35] falam de seres etéreos descendo em naves de fogo de seu plano para o nosso próprio plano material há muitos e muitos milhares de anos. A filosofia hermética ensinava que com o tempo a nossa própria Terra seria espiritualizada por vibrações cada vez mais sutis, passando da nossa atual oitava grosseira a um plano etéreo e ficando cada vez mais requintada até a absorção por Deus.

Alguns paracientistas de fronteira acreditam que os aparecimentos e desaparecimentos de UFOs são manifestações de astronaves de mundos invisíveis, cujos comandantes têm o poder de retardar suas freqüências físicas para se materializarem diante de nós. Alguns supra-sensíveis afirmam possuírem a capacidade de viajar em seus corpos etéreos e falam de aventuras inspiradoras em mundos além da percepção normal.

A realidade de planetas etéreos assusta as nossas mentes condicionadas ao plano materialista; entretanto a sua aceitação explicaria facilmente muitos fenômenos ocultos, episódios maravilhosos da Bíblia e da literatura religiosa bem como muitas estranhas manifestações na história que nos intrigam. Talvez alguns dos deuses do passado de fato "descessem" à Terra vindos do "céu", essas paragens interiores dentro do nosso universo físico.

Até há pouco tempo os físicos acreditavam que Deus, quando criou o universo, decidiu solenemente construir seus átomos com um núcleo de prótons carregados positivamente e nêutrons não carregados em volta do qual giravam eléctrons carregados negativamente, criando um universo positivo habitado por gente positiva — as nossas positivas pessoas. Por que Deus havia de mostrar tal pre-

dileção pelo positivo, quando toda a Criação, segundo parece, funciona no equilíbrio dos opostos, a dualidade do bem e do mal, do certo e do errado, da luz e da escuridão? Isso incomodava certos filósofos, que raciocinavam que, pelo princípio fundamental universal da simetria, devia existir um universo negativo, espelho do nosso próprio universo. Essa suposição fantástica parecia ser uma das maluquices mais levianas da ciência, como a levitação e a quadratura do círculo, e era reprovada pela Igreja. Acusar Deus de criar um universo canhoto era indubitavelmente um pecado mortal.

Em 1957 Madame Wu, sem a inibição da nossa teologia cristã, congelou cobalto radiativo e surpreendeu-se ao verificar que seus elétrons emitiam anti-simetricamente em relação à direção prevista; dois sino-americanos, T. D. Lee e C. N. Yang, mais tarde descobriram que a rotação de certos eléctrons era assimétrica em relação à matéria convencional, sugerindo desse modo a existência de matéria negativa em relação à nossa, como se fosse por assim dizer o seu reflexo em um espelho[36]. Novas pesquisas dos raios cósmicos e partículas acelerados em cíclotrons, revelaram antiprótons, antinêutrons, eléctrons positivos ou posítrons, sugerindo antimatéria paralela. No momento da Criação provavelmente uma partícula de matéria positiva e uma partícula de antimatéria entraram em coexistência e foram imediatamente repelidas pela antigravidade, pois estes opostos ao se tocarem aniquilam-se, mergulhando no vazio primevo. Para que a totalidade da Criação seja uniforme, cada átomo de matéria positiva deve ser equilibrado por um átomo equivalente de antimatéria, do contrário a Criação seria desequilibrada e tal desequilíbrio levaria à sua destruição, além de ferir o nosso senso inato de harmonia. No universo de antimatéria as nossas leis de física seriam às avessas; a antigravidade faria as maçãs "caírem" para cima, anticélulas fabricariam anti-homens e fabulosas antimulheres.

Alguns astrônomos atualmente conjeturam que algumas das galáxias que enfeitam os céus poderão ser de antimatéria, e suas colisões com galáxias positivas poderão ser o que causa aquelas explosões de energia que partem do espaço. Os físicos estão correndo para isolar a antimatéria, e o vencedor poderá fazer uma antibomba que acabará com tudo.

Mas em 1966 esse princípio de simetria foi seriamente contestado. Um grupo de físicos em Brookhaven, Long Island, sob a direção do Dr. Paolo Franzini, com sua mulher, Dra. Juliet Lee-Franzini, o Dr. Charles Balty e o Dr. Lawrence Kirsch, analisaram meio milhão de fotografias de colisões atômicas dentro dum tanque de hidrogênio pesado líquido. Quando uma partícula chamada méson eta decai sob um processo eletromagnético, eles verificaram diferenças inesperadas nas velocidades das partículas positivas e negativas. Os fundamentos matemáticos da física moderna baseada na teoria da relatividade e na mecânica quântica estão agora abertos à discussão. O nosso universo parece estranhamente torto[37].

Em 1964 os americanos descobriram que as observações do méson K pareciam indicar a direção em que o tempo voa. O Dr. F. R. Stannard, físico do University College, de Londres, sugere no número de *Nature* de agosto de 1966 que é possível que estejamos rodeados por outro universo, invisível, onde o tempo corre para trás. O nosso universo aparentemente enviesado pode ser equilibrado por outro governado pelas mesmas leis físicas, mas no qual o tempo é invertido; a totalidade da Criação seria assim simétrica, em conclusão. Essa teoria pressupõe um universo faustiano completamente isolado do nosso; um homem faustiano poderia passar através de nós, podem existir galáxias faustianas no céu que parecem absorver a luz em vez de emiti-la. Do nosso ponto de vista os habitantes faustianos pareceriam viver de diante para trás, ficando mais jovens em direção ao seu nascimento; tais seres pareceriam estar viajando por assim dizer, do nosso futuro para trás. A interação desses universos complementares pode ser sugerida pelo comportamento peculiar dos mésons K; estes decaem rapidamente em outras partículas mas a proporção parece viver muito mais tempo do que deveriam viver. Teoriza-se que alguns mésons K dão um salto de tempo para o universo faustiano, onde ficam mais jovens, depois saltam de novo para trás. Outra partícula esquiva, o *quark* (partícula elementar da matéria), hipoteca um novo nível de realidade com idéias estranhas

de espaço e tempo, mesmo de causalidade. Na Índia fotografias mostraram que um raio cósmico neutrino atingindo um núcleo atômico na rocha formava não um méson mas dois, sugerindo que tinha sido produzido não apenas um muon mas também um boson, que logo decaía em outro muon; os físicos, agora com seus formidáveis aceleradores, esperam tremendos desenvolvimentos que levem ao controle da gravidade. Essas concepções esotéricas confundem o nosso entendimento. Entretanto, os extraterrestres, com suas tecnologias adiantadas, provavelmente possuíram técnicas nucleares além da nossa imaginação.

Alguns pesquisadores afirmam que os UFOs vêm não de outros planetas mas da nossa própria Terra. A ciência ridiculariza as pretensões de que a nossa Terra é oca[38] mas há quem afirme que aberturas existentes no pólo Norte e no pólo Sul dão acesso à fantástica civilização de Agharta, muitos quilômetros abaixo da superfície, povoada por lemurianos e atlantes cujos continentes pereceram há milênios. Dizem que esses subterrâneos chegam à nossa superfície por túneis secretos e para observarem o nosso mundo também de discos voadores; agora estão mais preocupados do que nunca com as nossas bombas de hidrogênio, que poderão destruir-nos e destruirão a eles também. Essa teoria poderá parecer estranha para o padrão de pensamento a que estamos condicionados enquanto não recordarmos as lendas gregas dos ciclopes e suas oficinas subterrâneas, onde eles fabricavam armas maravilhosas para a guerra entre os deuses e os gigantes e também as histórias medievais de intrusos de uma terra sombria, os ensinamentos rosacruzes sobre lemurianos que viviam sob o monte Shasta, na Califórnia, e o mistério de Shaver sobre uma suposta comunicação de super-homens do interior da Terra. A descoberta que fez o Almirante Byrd, de uma região sem gelo, com montanhas, florestas, lagos e rios onde aparentemente se entrava por uma abertura no pólo Norte, parece indicar a existência de um mundo subterrâneo. O aumento do interesse pela Antártica e pelos UFOs que foram vistos mergulhar nas profundezas do mar sugere a existência de outros reinos fascinantes dentro do nosso mundo surpreendente[39].

Alguns matemáticos insinuam seriamente que os UFOs

são, na realidade, máquinas do tempo da nossa própria Terra, vindos de muitos milhares de anos no futuro. O nosso conceito minkovskiano do universo aceito, do seu espaço-tempo governado pelas teorias da relatividade de Einstein, é contestado pelos modelos complexos de Kurt Goedel, que, embora compatíveis com a relatividade geral, não obstante pressupõem a existência do futuro com linhas de tempo "abertas" e "fechadas", permitindo a volta de seres vivos do futuro.

Seja qual for a dimensão em que os astronautas se originem, as lendas de todos os países parecem mostrar que desde há milhares de anos seres dotados de sabedoria transcendente têm intervindo nos negócios humanos. O homem pode aprender muito com as estrelas, mais que com a história. O que foi será novamente; o futuro está no passado. O segredo do destino do homem pode ser encontrado no antigo Oriente.

Capítulo três

DEUSES ESPACIAIS DA ÍNDIA ANTIGA

Os povos da antiguidade imaginavam que suas civilizações começaram no Oriente e maravilhavam-se com aquelas terras encantadas do levante onde imperadores governavam em áureo esplendor, escravas se tornavam rainhas, santos homens realizavam milagres e entre cujas multidões através das idades se encarnavam aqueles divinos salvadores para ensinar à humanidade o amor de Deus. Ainda hoje, no nosso século XX materialista, apesar da nossa decantada ciência e do nosso ceticismo, sentimos nossas almas empolgadas pelo fabuloso Oriente e sentimos aquele verniz de sofisticação que vela o mistério imemorial do próprio homem.

As mais antigas fontes de sabedoria do mundo devem estar na Índia, cujos iniciados há muito tempo sondaram os segredos do céu, a história da Terra, as profundezas da alma do homem, e formularam aqueles sublimes pensamentos que iluminaram os magos da Babilônia, inspiraram os filósofos gregos e exerceram sua sublime influência sobre as religiões do Ocidente. Quando os árias invadiram a Índia vindos de sua terra desconhecida no norte e por volta de 2000 a.C. subjugaram os restos duma civilização cuja origem remontava aos próprios deuses, há milênios sem conta, herdaram aquelas tradições ocultas da Lemúria e da Atlântida que falavam de intercâmbio cósmico com mestres do espaço. Séculos mais tarde, ondas de árias de pele clara migraram das planícies superpovoadas do Gan-

ges e ladeando o Himalaia espraiaram-se para o norte até a Pérsia, para o oeste até a Grécia e a Gália, trazendo sua cultura e seus deuses e o sânscrito, a língua da civilização, raiz da língua que falamos atualmente. Se homens do espaço desceram na Terra em eras passadas como sugerem lendas amplamente difundidas, esses deuses do céu certamente dominaram a Índia antiga[40].

Enquanto os cientistas dão à nossa Terra quatro mil e quinhentos milhões de anos e os paleontologistas desenterram crânios humanos de um milhão de anos, os historiadores restringem a civilização a seis milênios, imaginando que por enormes espaços de tempo os homens viveram no limbo duma Idade da Pedra, em uma civilização suspensa, até que o destino subitamente arrancou o *Homo sapiens* da escuridão para a luz; os arqueólogos de vez em quando descobrem artefatos que as técnicas do carbono 14 e do potássio-argônio datam de incrível antiguidade, mas na ausência de registros contemporâneos essas relíquias são postas de lado. Os teólogos pregam que Deus criou o homem para louvar suas maravilhas e vagamente acusam o Criador de esperar milhões incontáveis de anos enquanto se divertia a observar idades geológicas de brontossauros se banhando à toa nos pântanos antes de colocar seus bonecos neste palco terreno. Se Deus realmente esperou uma tal imensidade de tempo antes de criar o homem, seremos tão importantes aos seus olhos como os insetos que criou primeiro e que continuarão infestando o nosso planeta muito depois que o último ser humano se tiver dissolvido em pó? A falta de documentos escritos da distante antiguidade impede de fato o estudo científico, que obedece à sua própria disciplina de fatos, mas a pobreza de provas diretas sujeitas a exames atentos não refuta inteiramente a existência de civilizações antiqüíssimas[41]. Tróia ficou perdida durante três milênios até Schliemann desenterrar a coroa de Helena, o rosto que lançou ao mar mil navios e queimou as torres altíssimas de Ílion. A Babilônia de Nabucodonosor, rei dos reis, deixou um monte de entulho sob o lodo da Mesopotâmia, a bela Pompéia perdeu-se para a história até que foi desenterrada pela pá. Quem sabe que cidades afundadas, outrora cheias de vida, apodrecem no fundo do oceano, que populosas metrópoles

jazem engolidas pelas areias do deserto? Daqui a dez mil anos pode ser que homens das cavernas saiam de seus abrigos subterrâneos perto do Tâmisa para construir uma nova Londres, inteiramente ignorantes de sua própria capital reduzida a poeira por bombas nucleares. Os historiadores futuros poderão pôr em dúvida a existência da nossa orgulhosa civilização, e do nosso século XX talvez não reste mais nada que adulteradas lembranças folclóricas de máquinas voadoras e guerras aéreas com armas fantásticas que assombrarão os nossos descendentes através de séculos de escuridão, até que a cultura humana ascenda novamente. Só os adeptos da Ciência Secreta preservariam em seus ensinamentos ocultistas tradições da nossa era perdida[42].

A evolução do limo do mar até o homem pensante, pregada por Darwin e todos os seus discípulos, encontra provas impressionantes na história natural e é aceita pelos cientistas em geral, mas o fato de não se ter encontrado o "elo perdido" depois de um século de busca leva-nos hoje a especular se o homem não teria sido criado à imagem de Deus, como sugerem as Escrituras[43], ou seja, se a nossa Terra não teria sido colonizada por seres de outros planetas, talvez das estrelas. No fim dos tempos os habitantes da Terra poderão povoar outros mundos, pois o destino da vida é povoar todo o universo como o líquen subindo pelas rochas nuas. Os iogues falam de uma cadeia de mundos com ondas de vida passando de um planeta para outro, e a biologia extraterrestre torna isso crível. O tempo no nosso universo é apenas relativo; parece não haver razão lógica para a nossa Terra não ter sido habitada pela primeira vez por colonos de outros mundos há milhões de anos. Se o Império Planetário se dissolveu e devido a um cataclismo cósmico cessou a comunicação com o mundo pai, os colonos isolados na Terra teriam ficado entregues a si mesmos para evoluírem por conta própria, com apenas uma vaga lembrança folclórica de sua origem cósmica. Essa especulação não é ficção científica, mas é digna de pensamento sério. Fotografias tiradas pela sonda espacial americana Mariner IV sugerem que Marte talvez não seja habitado, embora existam ainda controvérsias a respeito dos marcianos. Ao fim deste século grupos de homens e mulheres poderão desembarcar lá. Se a profetizada guerra

de bombas de hidrogênio devastar a nossa Terra, os colonos isolados em Marte se acasalarão para sobreviverem, deixando descendentes que povoarão o planeta. Teria sido assim a origem do homem na Terra?

Os Livros Sagrados de Dzyan ensinam que os primeiros homens na Terra eram filhos dos homens celestes ou pitris, que significa pais, antepassados lunares que desceram à Terra vindos da Lua, a qual exerce, segundo se acredita, uma sutil influência psíquica e física sobre o nosso mundo. Dizem que esses relatos antiqüíssimos são a fonte dos livros sagrados da China, da Índia, do Egito e de Israel; dizem tradições que o texto, escrito na língua sacerdotal secreta, chamada senzar, foi ditado aos atlantes por seres divinos, provavelmente astronautas. As estâncias descrevem a evolução do homem desde a primeira raça até a nossa quinta raça, parando na morte de Crisna, há cerca de cinco mil anos. Essa doutrina dos senhores da chama dirigindo os assuntos humanos e dos filhos da sabedoria enviados da Lua, despida de sua significação oculta, poderá ser uma lembrança folclórica truncada dos venusianos que primeiro desembarcaram na Lua e depois colonizaram a Terra. Os gnani iogues acreditam que a primeira e a segunda raças-troncos ocuparam países tropicais que agora estão cobertos de gelo nos pólos Norte e Sul, embora a doutrina secreta situe a segunda raça nos Hiperbóreos, a Terra da Primavera cantada pelos gregos, que se acreditava ficar no noroeste da Europa. A terceira raça, de lemurianos, que viveu há cerca de dezoito milhões de anos[44] (cronologia ridicularizada pelos cientistas ignorantes da ciência oculta), habitava uma vasta área que compreendia grande parte dos atuais oceanos Índico e Pacífico, inclusive a Australásia[45].

O crânio neandertalóide de um homínida, meio macaco, meio homem, desenterrado em Broken Hill, na África do Sul, parecia ter um buraco de bala num lado; o lado oposto do crânio parecia ter sido esfacelado pela saída da bala[46]. Em 1962 paleontólogos russos descobriram na Yukusia, região do nordeste da Sibéria, um bisonte de tempos pré-históricos, perfeitamente conservado, o qual tinha na testa um buraco circular que os cientistas acreditaram ter sido produzido por um projétil de alguma arma

de fogo semelhante às nossas próprias armas. Na opinião do Professor Konstantin Flerov, o bisonte não podia ter sido usado como alvo por um caçador moderno, pois o animal não morrera do ferimento: o exame mostrou que o ferimento curou. Quem o alvejou[47]?

Os lemurianos durante "milhões" de anos fizeram um vasto progresso material, e dizem que construíam aeronaves utilizando forças que nós não descobrimos; parece provável que houvesse intercâmbio com planetas interiores, particularmente com Vênus. Muitos lemurianos esclarecidos, advertidos do cataclismo que destruiu Mu, migraram para o continente da Atlântida. O *Livro de Dzyan* descreve as dinastias divinas da primitiva Atlântida declarando que os "reis da luz" ocupavam "tronos celestes"[48], descrição adequada para um ser extraterrestre em uma nave espacial. Os atlantes também atingiram uma civilização extremamente brilhante, pervertida pela magia negra e por volta de 9 000 a.C. (alguns ocultistas interpretam a data como 900 000 a.C.) este continente por sua vez foi engolfado pelo mar, segundo a narração de Platão no *Timeu*. Dzyan declara que os "grandes reis do rosto deslumbrante" enviaram seus veículos (Viwan) para salvar os escolhidos da Atlântida, sugerindo que esses iniciados foram transladados para Vênus. Essa tradição foi o que provavelmente inspirou as profecias do Novo Testamento de que no Dia do Juízo o céu se abrirá e o Filho do Homem aparecerá com seus anjos para salvar seus filhos da Terra condenada; sem dúvida, uma memória racial da intervenção celeste na queda da Atlântida.

Muitos dos lemurianos fugiram para os cumes das montanhas que depois da convulsão se tornaram as ilhas do Pacífico; gerações posteriores migraram para uma nova terra que tinha surgido do mar ao norte[49]. A epopéia hindu *Ramáiana* declara que os primeiros homens da Índia foram maias que deixaram a Lemúria e posteriormente se fixaram no Decã, conquistando por fim todo o subcontinente[50].

As mais antigas tradições asiáticas falam de um vasto mar interior há muito tempo, no norte do Himalaia, no centro do qual havia uma ilha[51] de maravilhas, governada pelos filhos de Deus, os elvins, possivelmente astronautas

que controlavam os elementos, exerciam domínio sobre a terra, a água, o ar e o fogo e possuíam uma ciência psíquica que revelavam a iniciados escolhidos. O conhecimento desse arcano pode ter sido um eco da sabedoria cósmica dos planetas, cujos fragmentos durante milênios sem conta foram preservados na ciência mutilada dos mágicos que previam o tempo, dos feiticeiros e dos xamãs de todo o mundo que persistem em confundir os nossos cientistas atualmente.

A mitologia indiana acreditava que a Terra era o centro de uma série de esferas concêntricas correspondentes à Lua, ao Sol, a Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Os hindus conheciam um sétimo planeta, que pode ter sido Urano, redescoberto por Herschel em 1781 da nossa era; suas intricadas observações dos planetas e estrelas distantes resultaram na fixação do calendário, na invenção do zodíaco, no cálculo da precessão dos equinócios e na predição de eclipses milhares de anos antes dos babilônios que herdaram as ciências deles, sugerindo que os antigos astrônomos da Índia possuíam instrumentos ópticos perdidos para os seus descendentes ou receberam os seus conhecimentos de astronautas. Além do céu havia as esferas dos santos, dos filhos de Brama e das divindades, todas contidas em uma concha cósmica. Em volta desta havia camadas de água por sua vez rodeadas de fogo, ar, a mente, tudo contido em Brama, infinito, além do espaço e do tempo. Esse sistema de esferas foi transmitido aos gregos, inspirou os epiciclos de Ptolomeu, formou a cosmogonia de Dante, da Igreja e dos sábios medievais e persistiu até as descobertas revolucionárias de Copérnico e dos nossos astrônomos modernos.

A mais antiga arte da astrologia praticada desde uma antiguidade distante, parece provar que as primeiras civilizações possuíam uma ciência em muitos respeitos mais adiantada do que a nossa moderna astronomia, que deve ter-se desenvolvido através de milênios precedentes provando a evolução cultural do homem através de vastos espaços de tempo ou então essa sabedoria recôndita deve ter sido trazida à Terra por astronautas. Os antigos viam o universo como um pensamento supremo, uma criação de fluido mental que se cristalizava nos corpos celestes, nos

fenômenos da natureza e no próprio homem; toda a Criação através de todos os planos visíveis e invisíveis era contida na mente do Criador, no sonho de Brama. Os astrólogos acreditavam que cada estrela emitia raios poderosos que influenciavam a mente do homem — de modo menos fantasioso nossos radioastrônomos medem a radiação eletromagnética de estrelas visíveis e invisíveis. Quando um homem nascia aquelas constelações determinadas imprimiam um certo padrão no seu cérebro como o programa em um computador, o qual iria dirigir a tendência básica de sua vida como o código dos cromossomos e seus genes molda seu corpo físico ou como as instruções gravadas num míssil o "prendem" infalivelmente ao seu alvo, seja ele Marte ou Moscou. Os primeiros povos da Índia, como os tibetanos, acreditavam que a alma que reencarna realmente escolhe a hora e o lugar de seu nascimento quando as influências estelares prognosticam a futura experiência que o indivíduo precisa para as suas novas lições na escola de treinamento da Terra[52].

A ciência esotérica que inspirou essa crença pressupõe uma inteligência do mais alto nível, superior à mente mediana da atualidade, que vê as estrelas como convenientes lâmpadas no céu e ridiculariza os horóscopos, confundindo as tolices escritas pelos colunistas dos jornais com a verdadeira ciência da astrologia. Os anais da velha astrologia hindu mostram seus horóscopos romantizados com mais fantasia do que fatos, mas a arte dos astrólogos assim mesmo revela resquícios de alguma antiga ciência[53], uma ciência psíquica universal de grande antiguidade que transcende muito a nossa[54]. Só agora a física ultramoderna com sua fissão dos átomos e sua pesquisa sobre as últimas partículas, está chegando à conclusão de que a chamada matéria sólida é apenas manifestação de um pensamento supremo. Os radioastrônomos estão registrando emissões de estrelas visíveis e invisíveis que afetam seus receptores e essas ondas de rádio e suas freqüências mais sutis devem gravar-se indelevelmente na mente subconsciente do homem. As extraordinárias pesquisas do Professor Giorgio Piccardi, da Universidade de Florença, sobre a química cósmica, provam que os campos de energia do espaço modificam a matéria física nas experiências químicas e

exercem uma poderosa influência sobre as células vivas do cérebro e do corpo, fato de que há muito suspeitavam os psiquiatras.

Se nossos próprios cientistas de reconhecido gênio em resultado de estudos empíricos se estão voltando para o cosmos e se perguntam se as radiações planetárias não afetarão a matéria e o homem, ambos concreções de energia, os iniciados de tempos antigos que levaram a astrologia a tal refinamento matemático e filosófico devem ter desenvolvido uma superciência que lhes permitiria conquistar o espaço, controlar os elementos, desafiar a gravidade, voar mais rápido que a luz, agir como deuses, como astronautas! A astrologia, mesmo na forma tristemente aviltada como é praticada atualmente, as provas de origem milenar de seres de sabedoria transcendente, os homens do espaço, os heróis das epopéias indianas, a penetração do nosso novo conhecimento, tudo dá às lendas hindus maravilhosa significação; suas revelações tornam-se verdadeiras.

A literatura mais antiga do mundo é provavelmente o *Rig-Veda,* que significa "conhecimento em verso", compreendendo dez mil invocações aos deuses, escritas em sânscrito por volta de 1500 a.C.[55] embora certos dados astronômicos do texto sugiram 4000 a.C. e a mitologia represente personificações de deuses em um naturalismo de imensa antiguidade, registrando acontecimentos celestes de muitos milhares de anos antes[56]. Sanscritistas como o Dr. Max Müller concordam em que os *Vedas* são muito mais antigos do que Homero e formam a verdadeira teogonia da raça ariana; em comparação, a cosmogonia e a teogonia de Hesíodo e do *Genesis* parecem imagens toscas da sublimidade védica. Os primeiros árias eram um povo alegre e brincalhão como os primeiros gregos, adorando a natureza e as estrelas, conscientes da maravilha da vida. Só muitos séculos depois suas almas simples despertaram para os problemas religiosos da existência humana. Ao que parece, viviam em inocência natural como Adão e Eva antes de provarem a maçã do conhecimento e se tornarem conscientes de si mesmos.

O *Rig-Veda* canta o culto da natureza com vários deuses mas o refinamento de seu pensamento revela uma penetração mística que transcende muito a cultura não-

sofisticada dos árias e deve emanar de uma civilização muito mais antiga ou dos deuses, isto é, dos astronautas. Em linguagem poética os *Vedas* pregam um monismo total, o Deus único que paira sobre os muitos. A essência universal, o Absoluto, sonhando a existência do universo por um período finito de tempo de cento e cinqüenta e quatro milhões de milhões de anos segundo se dizia, era Brama, que sustentava cada estrela e cada átomo; o Pai dos Deuses, um ser pessoal, era Dyaus-Pitar (Deva-Deus, Pitar-Pai), helenizado para Zeus-Pater, em latim Júpiter, o Pai do Céu, adorado sob vários nomes pelos celtas, os egípcios, os babilônios, os mexicanos, os chineses e os povos nativos de todo o mundo. O céu era um reino físico no firmamento embora o pensamento esotérico geralmente o supusesse composto de vibrações etéreas mais sutis do que a matéria terrestre. O Pai do Céu ("Pai nosso que estais no céu", no nosso pai-nosso) era provavelmente um rei espacial de algum planeta adiantado do nosso próprio sistema solar, um pontinho infinitesimal de todo o universo imaginado por Deus, o Brama Absoluto. Dyaus-Pitar governou toda a Terra numa idade de ouro; os hindus como os japoneses, os egípcios e os romanos acreditavam que as primeiras dinastias da Terra foram divinas.

O *Rig-Veda* descreve Dyaus como "um touro rubro e berrando para baixo", evocando os touros alados de Babilônia e Nínive, que para as mentes dum povo agrário de natureza simples possivelmente simbolizava poderosas espaçonaves. Dyaus é também comparado a "um corcel negro recoberto de pérolas"[57], uma alusão ao céu estrelado que lembra Pégaso, o cavalo alado dos gregos em que Belerofonte fez guerras aéreas, também simbolismo de seres espaciais. Um poema refere-se a "Dyaus sorrindo através das nuvens"; em sânscrito clássico a palavra que significa sorriso é relacionada com "brancura deslumbrante" e "relâmpago". Esse lirismo poderia simbolizar uma espaçonave brilhante dardejando através dos céus[58].

Um deus mais poderoso da mitologia pré-indiana mencionado nos *Vedas,* Varuna, era relacionado com corpos celestes do firmamento; ele controlava a Lua, as estrelas e o vôo das aves e tinha autoridade moral sobre os homens mas nos poemas posteriores foi suplantado pelo deus-guer-

reiro Indra. Parece existir uma notável semelhança com as lendas gregas; "Varuna", que significa "o céu abrangido", era Ouranos (Urano), suplantado por Indra, isto é, Saturno (Cronos). A comparação é reforçada pelo fato de que mais tarde Indra foi destronado e exilado em correntes e de acordo com Ovídio, Saturno foi usurpado por Zeus (Júpiter) e aprisionado na Grã-Bretanha. Talvez possamos interpretar isso como simbolizando a dominação da nossa Terra em idades passadas por sucessivos invasores do espaço, como sugerem as idades de Ouro, Prata e Ferro dos poetas clássicos.

Indra tornou-se o deus das batalhas a dardejar pelo céu num carro aéreo com a velocidade do pensamento puxado por corcéis[59] com crinas de ouro e pele brilhante; ele fazia guerra aos asuras (não-deuses) e destruiu suas cidades com raios como bombas nucleares, lembrando a guerra entre os deuses e os gigantes descrita nas mitologias grega e céltica, sugerindo conflito entre homens espaciais, talvez contra a Terra.

Em suas batalhas Indra era ajudado pelos maruts[60], ou deuses da tempestade, representados como jovens guerreiros que rodavam em carros dourados, empunhavam raios e corriam como os ventos. Associado a Indra havia Vayu, deus do vento, que disparava através do céu mais rápido do que a luz em uma carruagem brilhante puxada por uma parelha de cavalos rubros com olhos como o Sol. Savitri, o deus do Sol, era transportado por rápidos corcéis que atravessavam os céus e irradiavam inspiração para os homens. Visnu atravessava os três mundos com três passadas[61] e Puxan, "o melhor piloto do ar" cortava o vazio com ofuscante rapidez a serviço de outra divindade solar, Surya. No Konarak, Índia, encontram-se algumas das mais belas esculturas das oito rodas descritas como um transporte da deusa do Sol, Surya, para o céu. Os deuses mais freqüentemente invocados eram os dois asvins[62], que guiavam um carro fulvo, brilhante como ouro polido, armado de raios; algumas vezes eles "flutuavam por sobre o oceano conservando-se fora da água" em um veículo estranhamente descrito como "tricolunar, triangular e tricíclico, bem construído", no qual salvaram Bhujya do mar num navio que veio do espaço. Os asvins, filhos do céu,

eram eternamente jovens, saltando para o Sol no piscar de um olho, acompanhados da bela Surya; os dois muitas vezes desciam à Terra para livrar pessoas de dificuldades e agiam como médicos divinos. Os efeitos dos dois asvins e sua popularidade geral tornam-nos idênticos aos dióscoros gregos, Castor e Pólux, a São Miguel e São Jorge, cavaleiros celestes que vinham em auxílio dos homens. Esses seres celestiais invocados pelos *Vedas* residiam no firmamento, não como espíritos insubstanciais mas como espaçonautas reais dum planeta próximo, que desciam em suas espaçonaves rutilantes e privavam com os povos da velha Índia.

Os hinos do *Rig-Veda* exaltam seres celestiais menores que ocasionalmente desciam à Terra para amar ou fazer guerra, exatamente como os deuses e deusas da Grécia. Os gandarvas, segundo o Visnu Purana, eram seguidores de Indra, o rei da Tempestade; derrotaram os nagas, os homens-serpentes da Lemúria, apoderaram-se de suas jóias e usurparam seu reino no Decão; sua pátria nas regiões espaciais sobrevive na expressão "cidade dos gandarvas", um dos sinônimos de "miragem" em sânscrito. As apsaras, tentadoras esposas dos deuses, eram ninfas sedutoras das "águas" do espaço. Os poetas indianos pintavam as apsaras sorrindo para seus bem-amados no mais alto dos céus; belas e voluptuosas, essas ninfas aéreas eram amantes dos gandarvas e constituíam as recompensas que o céu da Índia oferecia aos heróis que caíam em combate, tal como as huris no paraíso seduziam os muçulmanos fanáticos fiéis de Maomé. Às vezes uma apsara descia à Terra e enamorava-se de um homem mortal, como Urvasi, que, de acordo com o Satapatha Brahmana, desposou seu amante terreno, Pururavas, deu-lhe um filho e depois voltou ao céu. Esse romance constituiu o tema de *Vikramarvasi* ou *Urvasi conquistada pelo valor,* brilhante e pungente peça do dramaturgo clássico do século V, Kalidasa[63]. Ficamos perplexos ao ler na crônica medieval *De nugis curialium,* de Walter de Mapes[64], a respeito do patriota saxão Edric, o Bravo, que em 1070 d.C. se enamorou de uma linda donzela do espaço com quem se casou e que apresentou na corte de Guilherme, o Conquistador; o filho deles, Alnodus, tornou-se famoso por sua

sabedoria e piedade. Infelizmente, a esposa espacial desapareceu no céu, deixando Edric inconsolável, ao contrário de Urvasi, que posteriormente voltou para o marido e viveu feliz com ele. Recordamos os "súcubos", "demônios" femininos da Idade Média, que seduziam homens mortais, e as arrebatadoras mulheres espaciais como Aura Rhanes, que encantou Truman Bethuram[65] na América. Quem sabe se as apsaras não eram mulheres reais de outros planetas que desposavam heróis da Índia antiga? O *Rig-Veda* menciona uma raça de sacerdotes chamados bhrigus, a quem Matarisvan deu o fogo secreto roubado do céu. Essa versão indiana de Prometeu sugere, com outras lendas semelhantes da Grécia, um conflito de âmbito mundial na antiguidade distante entre os povos da Terra e os homens do espaço.

Olhados com a nossa percepção moderna, os maravilhosos hinos dos *Vedas* revelam uma notável afinidade com aquelas manifestações do céu que nos empolgam atualmente.

Capítulo quatro

HERÓIS ESPACIAIS DA ÍNDIA ANTIGA

Contando com mágica fantasia as aventuras de Rama em busca de Sita, sua mulher, raptada, o *Ramáiana* empolgou o povo da Índia durante milhares de anos; gerações de contadores de histórias itinerantes recitavam seus vinte e quatro mil versos para auditórios maravilhados, cativados pelo brilhante panorama do passado fantástico, as paixões de amor heróico, as tragédias da vingança, as batalhas aéreas entre deuses e demônios, efetuadas com bombas nucleares; a glória de nobres feitos, a empolgante poesia da vida, a filosofia do destino e da morte. Essas histórias maravilhosas foram narradas pelo sábio Narada ao historiador Valmiki, que encadeou os pitorescos incidentes num fascinante poema épico salpicado de pérolas de sabedoria, cuja perene inspiração anima os indianos atualmente. Alguns eruditos datam o *Ramáiana* de antes de 500 a.C., outros de antes de 5000 a.C., embora, como as histórias foram contadas por menestréis através dos tempos, os acontecimentos devam ter ocorrido numa antiguidade distante.

Rama, filho de Dasaratha, rei de Ayodha (Oudh), no norte da Índia, estava casado com a casta Sita, ainda hoje ídolo das mulheres indianas. O rei dispunha-se a nomear Rama seu herdeiro, quando a rainha o persuadiu a nomear, em vez dele, seu outro filho, Bharata, e a banir Rama por catorze anos. Rama vivia feliz com Sita na floresta de Dandaka; quando o rei morreu, Bharata nobre-

mente ofereceu o trono a Rama, que o recusou, consagrando-se a uma cruzada contra os gigantes e demônios que infestavam a floresta. O chefe gigante Ravana arrebatou Sita para a ilha de Lanka (Ceilão), onde foi encontrada por Hanuman, senhor dos macacos, amigo de Rama. Rama e seus seguidores, ajudados por Hanuman, com suas hordas de macacos, invadiram Lanka pelo ar. Rama duelou com Ravana no céu em carros celestes e destruiu-o com mísseis aniquiladores para reconquistar Sita. Posta em dúvida a sua fidelidade, Sita purificou-se pelo ordálio do fogo e voltou com Rama para Ayodha, onde os dois governaram numa gloriosa idade de ouro.

Em sua maravilhosa tradução (inglesa) do *Ramáiana*[66] Romesh Dutt descreve o pai de Rama, o Rei Dasaratha, como "originário de antiga raça solar" descendente de reis do Sol, seres celestiais, que governaram a Índia, título ainda hoje conferido ao micado do Japão. Enquanto Rama e Laksman estavam na floresta caçando um gamo encantado, Ravana apoderou-se de Sita desamparada.

Sentou-a no seu carro celeste puxado por velozes ju-
[mentos alados
Da cor e brilho do ouro, rápidos como os corcéis
[celestes de Indra,
Depois elevou o carro celeste por cima da colina e
[do vale do bosque.
Como uma serpente nas garras de uma águia, Sita
[contorcia-se, gemendo dolorosamente.

Durante o vôo foram atacados por Jatayu numa "ave" gigante como um avião de caça.

O gigante Ravana aprisionou Sita em sua fortaleza no Ceilão. Hanuman voou através do estreito até a ilha e deu a Sita um testemunho de Rama que comandando um grande exército e ajudado pelos seres celestiais, lançou um assalto aéreo contra a cidadela.

O bravo Matali dirigia o carro de guerra como raio
[solar, puxado por corcéis,
Para onde o honrado e justo Rama procurava o ini-
[migo em fatal refrega.

Ele deu ao sublime Rama brilhantes armas celestiais.
Quando o justo luta os deuses assistem os honrados
[e valentes.
"Toma este carro" disse Matali, "que os deuses pro-
[pícios te fornecem;
Toma Rama, estes corcéis celestiais, monta o carro
[de ouro de Indra."

Ravana em seu carro de guerra e Rama em seu carro celeste empenharam-se num duelo épico, uma luta furiosa e demorada. Os ventos silenciaram em mudo terror e o próprio Sol empalideceu.

A luta continuou dúbia, até que Rama em sua ira
Brandiu a mortífera arma de Brama, flamejante de
[fogo celeste,
Arma que a Santa Angostya tinha dado ao seu herói,
Alada como o dardo de fogo de Indra, fatal como o
[raio do céu.
Envolto em fumaça e relâmpagos partindo do arco
[cintado
Ela trespassou o coração de ferro de Ravana e pros-
[trou o herói sem vida.
Bênçãos do céu brilhante choveram sobre o filho de
[Raghni.
"Campeão dos honrados e justos! Tua tarefa está
[concluída!"

Depois da purificação de Sita nas chamas, Rama levou-a para casa num carro aéreo, um carro enorme de dois andares, lindamente pintado, munido de janelas e adornado de bandeiras e flâmulas e tendo vários compartimentos para os passageiros e a tripulação. O veículo emitia um som melodioso ouvido em terra.

"Vê, meu amor!" exclamou Rama quando no carro,
[Pushpa voador.
Tirado por cisnes, os exilados de volta à pátria dei-
[xaram o campo de batalha.

O feliz casal reunido, voou do Ceilão através da Índia e por cima do Ganges de volta a Ayodha; Rama ia dando uma descrição pitoresca da histórica paisagem de colinas e rios que deslizavam rapidamente embaixo.

Voando pelo éter sem nuvens vinha o carro Pushpa
[de Rama
E então milhares de vozes jucundas gritaram o alegre
[nome de Rama.
Cisnes prateados por ordem de Rama desceram sua-
[vemente do ar
E o carro pousou em terra... carro de flores divi-
[namente belo.

(Para os mortais maravilhados as astronaves brilhantes ao sol deviam parecer cisnes de prata.)

A suspeita de que Sita teria cedido à sedução de Ravana obcecava Rama. E exilou sua mulher para a floresta, onde ela encontrou um eremitério e deu à luz dois meninos gêmeos. Anos mais tarde Rama descobriu-a e aos filhos e torturado pelo remorso implorou-lhe que voltasse a Ayodha e provasse sua virtude.

Deuses e espíritos e imortais esplêndidos vieram
[àquela real Yajna,
Homens de todas as raças e nações, reis e chefes de
[nobre fama.
Sita viu os esplendorosos seres celestiais, os monarcas
[vindos de longe.
Viu seu real senhor e marido, resplendente como
[astro do céu.

A inabalável fidelidade de Sita, em meio à mais negra suspeita e às mais duras tribulações fazem dela ainda hoje a inspiração das mulheres indianas, que durante séculos têm seguido submissamente o seu abnegado exemplo.

Profundamente desgostosa Sita não pleiteou sua causa alegando inocência mas pediu à Mãe Terra que a aliviasse do fardo da vida.

Então a Terra se fendeu e abriu como as folhas se
[abrem desvendando a flor,
E de dentro subiu um tronco de ouro sustentado
[por nagas cobertos de jóias.

Rama continuou vivo, mais solitário do que nunca. Teve uma conferência secreta com um mensageiro celeste (pensamos nos profetas bíblicos encontrando-se com o "Senhor"). Seu irmão Laksman inadvertidamente interveio e, como castigo, perdeu a vida. Anos mais tarde Rama deixou Ayodha e entrou no céu. Pode ser que tenha sido trasladado para o céu como Elias.

O *Drona Parva,* p. 171, regozija-se dizendo que quando Rama governou seu reino os rixis, os deuses e os homens viviam todos juntos na Terra; o mundo tornou-se extremamente belo. Rama (e provavelmente seus descendentes) governou em seu reino durante onze mil anos. Nessa época andavam pela nossa Terra seres celestes de outros planetas, segundo se menciona em textos egípcios e gregos.

O nome de Rama é abençoado através da Índia. Gandhi, assassinado, morreu invocando "Rama!" Todos os outonos a história de Rama e Sita é representada em festivais de dez dias através de toda a Índia.

Há uma notável semelhança entre o *Ramáiana* e a *Ilíada,* ambas as epopéias contam a história de um marido em busca de sua mulher seqüestrada cujo rapto causa guerras ferozes e ateia fogo ao mundo. Os heróis são inspirados pelos deuses, que intervêm nos negócios humanos e dirigem o destino dos homens. Intriga-nos saber que ambos, o *Ramáiana* e a *Ilíada,* têm uma fascinante afinidade com um poema épico encontrado em antigos textos ugaríticos em Ras Shamra, onde por volta do décimo quarto século antes de Cristo um herói semítico, o Rei Kret (que sugere a Creta minóica), perde a noiva para um inimigo e assalta a cidade deste para reavê-la. Talvez a civilização há milhares de anos fosse mundial; essa epopéia encontrada em muitos países sobre um príncipe e sua noiva seqüestrada, que provocam uma guerra e a destruição de uma grande cidade, parece ter uma origem histórica comum[67].

A maravilhosa epopéia do *Ramáiana,* inspiração da maior literatura clássica do mundo, intriga-nos principalmente na atualidade por suas freqüentes alusões a veículos aéreos e bombas aniquiladoras, que nós consideramos serem invenções do nosso próprio século XX, impossíveis no passado distante. Os estudiosos da literatura sânscrita não tardam a fazer uma revisão das suas idéias preconcebidas e descobrem que os heróis da antiga Índia estavam aparentemente equipados com aviação e mísseis mais sofisticados do que os nossos atualmente. O capítulo 31 do *Samaranganasutradhara*[68], atribuído ao Rei Bhojadira, do século XI, contém descrições de aeronaves notáveis, como a máquina-elefante, a máquina-ave-de-madeira que viajava no céu, a máquina vimana-de-madeira que voava no ar, a máquina-porteiro, a máquina-soldado, etc., denotando diferentes tipos de aeronaves para diferentes fins. O poeta não havia descrito os métodos para construir as máquinas; "qualquer pessoa não iniciada na arte de construir máquinas causará transtornos". Uma maneira bastante eufêmica de falar!

Ramachandra Dikshitar[69], em seu fascinante livro *War in ancient India (A guerra na Índia antiga),* traduz o *Samar* como dizendo que estas máquinas podiam atacar objetivos visíveis e invisíveis, subindo, cruzando milhares de léguas em diferentes direções na atmosfera e subindo mesmo até as regiões solares e estelares. "O carro aéreo é feito de madeira leve, parecendo uma grande ave, com corpo durável e bem formado e tendo mercúrio dentro e fogo no fundo. Tem duas asas resplendentes e é impelido pelo ar. Voa nas regiões atmosféricas por grandes distâncias e leva várias pessoas com ele. A construção interior parece o céu criado pelo próprio Brama. Também são usados na construção dessas máquinas ferro, cobre, chumbo e outros metais." Apesar de sua aparente simplicidade, o *Samar* acentua que essas vimanas custavam muito caro para fazer e eram privilégio exclusivo dos aristocratas, que se empenhavam em duelos celestes. Hoje relacionamos essas aeronaves com os homens do espaço.

As mais fantásticas histórias de guerra no ar com armas fabulosas, que transcendem a nossa própria ficção científica atual, são narradas no *Maabárata,* um maravi-

lhoso poema de duzentos mil versos, oito vezes o tamanho da *Ilíada* e a *Odisséia* juntas, um verdadeiro mundo na literatura. Esta epopéia relativa à Guerra de Bharata, no norte da Índia, ocorrida por volta de 1400 a.C., pinta em cores esplendorosas uma grande e nobre civilização, onde reis e sacerdotes, príncipes e filósofos, guerreiros e lindas mulheres se misturavam numa brilhante sociedade, talvez o período mais resplendente de toda a história. Os inúmeros incidentes, de duelos nos céus a assaltos de cidades, conselhos de guerra a roubo de gado, torneios a casamentos malfadados, eram contados oralmente, a princípio, por menestréis ambulantes, com toda a magia do Oriente, até que séculos mais tarde foram gravados naqueles estranhos símbolos sânscritos, vindo a formar um tesouro inesgotável que inspirou os indianos por milhares de anos e ainda hoje domina a sua cultura. A brilhante caracterização do nobre Príncipe Arjuna, a sua incomparável noiva Draupadi, o deus Crisna, a multidão de seres celestes e cavaleiros guerreiros, transcende as bucólicas criações de Homero, e o brilhante cortejo é entremeado de personagens humanas, cujas quedas da sublimidade no desespero são reveladas com uma penetração inexcedida pelo gênio em nosso mundo ocidental. A transmudar as aventuras marciais e as paixões intensas vêm as sublimes doutrinas do *Bhagavad Gita,* com sua incalculável influência sobre os filósofos gregos e os grandes pensadores do Ocidente. Hoje estamos mais intrigados com as aeronaves e as armas maravilhosas que sugerem alguma ciência secreta inspirada por seres vindos do espaço.

O *Maabárata* descreve a guerra de dezoito dias entre Duryodhana, chefe dos curus, e seu primo, Yudhisthir, chefe dos vizinhos pandus, tribos do alto Ganges, que se diz ter ocorrido catorze séculos antes de Cristo. Dentro dessa narrativa há uma fantástica coleção de lendas, histórias de deuses e reis, e extensas dissertações sobre religião, filosofia, costumes sociais, misturadas com empolgantes descrições de batalhas e ternas histórias de amor, que tornam a obra uma verdadeira quintessência da cultura indiana. As dissertações entre o herói Arjuna e o Senhor Crisna, quando o guerreiro hesita em combater o seu parente, formam o sublime *Bhagavad Gita (A canção do*

Senhor), onde Crisna revela o sentido do universo, a sabedoria de Brama e o dever dos homens, expondo a religião dos hindus.

É difícil acreditar que essa sublime epopéia retrate de fato a civilização de 1400 a.C. quando os árias nômades estavam desembocando pelos desfiladeiros setentrionais para invadir a planície indiana, uma época talvez contemporânea de Moisés. Em *Os filhos de Mu (The children of Mu)*[70], Churchward afirma que o *Maabárata* compreende histórias dos anais dos tempos referentes a épocas de vinte mil anos antes de Cristo, que talvez coincidam com a Idade de Ouro, quando Urano, um astronauta, governava o mundo, e era exaltada por Ovídio e pelos poetas clássicos. A guerra no ar evoca as lendas gregas e a guerra celeste entre os deuses e os homens descrita na *Teogonia* de Hesíodo.

Madame H. P. Blavatsky, na *Doutrina secreta,* insiste em que o *Maabárata* se refere à luta histórica entre os suryavansas (adoradores do Sol) e os indavansas (adoradores da Lua), um conflito de grande significação esotérica, que as pessoas menos inclinadas ao ocultismo poderão talvez interpretar como uma luta entre duas raças de seres extraterrestres vindos do espaço.

Em sua excelentíssima tradução do sânscrito, Romesh Dutt descreve que pretendentes de toda a Índia contenderam pela mão de Draupadi, princesa de Panchala.

E os deuses em carros transportados em nuvens vie-
[ram ver o belo espetáculo,
Brilhantes adityas em seu esplendor, maruts no carro
[móvel.
Brilhantes imortais alegremente apinhados viam o es-
[petáculo de beleza sem par,
Flores celestiais descendo suavemente enchiam o ar
[de perfume.
Deslumbrantes carros celestes em grande número
[atravessavam o céu sem nuvens,
O ar enchia-se com o som de tambores e flautas,
[harpas e tamborins.
(Livro I, capítulo 4)

Yudihisthir convocou uma assembléia para proclamar a sua supremacia sobre todos os reis da Índia antiga.

Brilhantes imortais vestidos de luz solar atravessavam
[o céu líquido
E seus carros deslumbrantes correndo em nuvens
[pousavam nas altas torres.
Oferendas de ida, adja e homa contentavam os Bri-
[lhantes no Alto,
Bramas satisfeitos com presentes caros enchiam o céu
[com suas bênçãos.
(Livro III, capítulo 2)

E ele viu neles seres encarnados do céu
E no Crisna de olhos de loto o Altíssimo nas Alturas.
(Livro III, capítulo 3)

Em sua paixão pelo jogo Yudihisthir empenhou o seu reino, os irmãos, a si mesmo e depois a bela Draupadi, perdeu tudo para o seu ciumento inimigo Duryodhana e partiu para o exílio. Seu usurpador, Duryodhana, desentendeu-se com os gandharvas, seres celestes, e caiu prisioneiro. Os irmãos pandavas salvaram-no de seus captores aéreos. Após doze anos de penitência, Yudihisthir comandou um exército para reconquistar seu trono ajudado por Arjuna e Crisna.

Devas em seus carros sobre nuvens e gandharvas no
[céu
Olhavam do alto com mudo espanto os chefes
[humanos.
(Livro VIII, capítulo 2)

O famoso general de Duryodhana, Bhisma, rechaçou todos os ataques.

Em vão também os irmãos pandavas caíam sobre o
[incomparável Bhisma,
Nem os deuses no céu nem os guerreiros terrestres
[podiam vencer o inigualável Bhisma.
(Livro VIII, capítulo 8)

Por fim, Duryodhana foi morto e Bhisma morreu. Yudihisthir, coroado rei, realizou o antigo rito hindu do sacrifício do cavalo para afirmar o seu reinado; assistiram à festa seres celestiais e príncipes de toda a Índia.

Devas e rixis olhavam os festejos, os meigos gandhar-
[vas cantavam,
Apsarasas como raios de sol deslizavam pelo gramado
[verde.

Yudihisthir triunfante, recebeu homenagens de deuses e homens.

E está no meio de seus irmãos, deslumbrante de ale-
[gria, puro e alto,
Como o próprio Indra, cercado pelos habitantes do
[céu.

A batalha entre Arjuna e os gigantes rakchasas subiu das planícies da Índia até os céus. O *Samsaptakabadha Parva*, p. 88, descreve Arjuna e Crisna em um carro.

...extremamente resplendente como um carro celeste. Ó rei, na batalha entre os deuses e os asuras nos velhos tempos, ele executava um movimento circular, para a frente, para trás, e diversas outras espécies de movimento... O filho de Pandu soprou sua prodigiosa buzina de concha, Devadotta. E depois disparou a arma chamada Tashtva, isto é, capaz de matar grandes formações de inimigos de uma só vez.

O *Drona Parva*[71], p. 661, comenta:

Na terrível batalha aqueles dardos, ó rei, como os próprios raios do Sol, em um momento cobriram todos os quadrantes em volta, o céu e as tropas. Inúmeras bolas de ferro também, ó rei, apareceram depois como resplendentes luminárias no firmamento claro. Shataghnis, alguns equipados com quatro, outros com duas rodas, e inúmeras clavas e discos com

bordas agudas como navalhas e resplendentes como o Sol apareceram lá também.

A descrição adapta-se a uma frota de espaçonaves no céu.

Em linguagem poética o *Drona Parva*, p. 497, descreve uma aparente espaçonave do seguinte modo:

Vendo aquela montanha como uma massa de antimônio com inúmeras armas caindo dela, o filho de Drona não se impressionou de modo algum. Invocou a arma Vajra. O príncipe das montanhas, atingido por essa arma, foi rapidamente destruído. Depois este rakchasa, transformando-se numa massa de nuvens azuis no firmamento, coberta por um arco-íris, começou a despejar furiosamente sobre o filho de Drona nessa batalha, uma chuva espessa de pedras e rochas. Depois, o mais notável de todos os homens, conhecedor de armas, isto é, Ashwatthaman, apontando a arma Vayarya, destruiu aquela nuvem azul que tinha subido no firmamento.

Esta narrativa um tanto truncada sugere um bombardeio por espaçonaves, uma das quais foi destruída por um míssil terra-ar.

Um tronco sem cabeça e uma clava apareceram na
[face do Sol.
(Drona Parva, p. 209)

Os estudiosos dos UFOs devem ficar impressionados com esta semelhança com os prodígios vistos sobre a Roma antiga[72], registrados por Tito Lívio e Júlio Obsequens.

A referência a armas fantásticas no *Maabárata* não mais evoca ridículo mas assume intenso interesse para as nossas mentes do século XX, assombradas pelas bombas nucleares. O *Bhisma Parva*, p. 44, descrevendo o conflito entre Arjuna e Bhisma, declara que o inimigo invocou uma arma celeste semelhante ao fogo em fulgor e energia. Chandra Roy, em sua magistral tradução, nota: "Esta Brama-danda, que quer dizer Vara de Brama, é infinita-

mente mais poderosa até mesmo do que o raio de Indra. Este último pode ferir somente uma vez, mas a primeira pode atingir países inteiros e raças inteiras de geração em geração". Durante milhares de anos os eruditos achavam tratar-se de uma ficção do poeta; de repente somos chocados pela sinistra semelhança com a nossa bomba de hidrogênio, cujas radiações provocam mutações em gerações ainda por nascer.

Arjuna e seus contemporâneos pareciam possuir um arsenal de variadas e sofisticadas armas nucleares, iguais e talvez superiores aos mísseis dos americanos e russos atualmente. O *Badha Parva,* p. 97, menciona a arma Vaisnava, que conferia invisibilidade, capaz de destruir todos os deuses e todos os mundos. O *Drona Parva,* p. 383, refere-se a uma "clara" aniquiladora ou míssil.

> *Envolvido por eles (os arqueiros), ó Bharata, Bhisma, lutando e soltando um rugido leonino, apanhou e arremessou contra eles com grande força uma terrível maça destruidora de fileiras hostis. Essa maça de força adamantina, arremessada como o trovão de Indra pelo próprio Indra, esmagou, ó rei, os teus soldados na batalha. E pareceu encher, ó rei, toda a Terra com um ruído alto. E, ardendo em esplendor, aquela maça feroz incutiu medo em teus filhos. Vendo aquela maça de impetuosa corrida e dotada de relâmpagos correr para eles, teus guerreiros fugiram soltando gritos de terror. E ao ouvirem o som incrível, ó Senhor, daquela terrível clava, muitos homens tombaram onde estavam e muitos guerreiros de carros também caíram de seus carros.*

A guerra atômica com os defensores tentando em vão lançar antimísseis para conter os foguetes nucleares surpreende-nos por sua estranha semelhança com as guerras futuras, quando as capitais da nossa Terra poderão ser varridas por bombas de antimatéria lançadas de satélites espaciais. O *Drona Parva,* p. 592, descreve:

> *Numa ocasião assaltado por Valadeva, Jarasandha tomado de cólera, lançou para destruir-nos uma clava capaz de matar todas as criaturas. Dotada do esplendor do fogo aquela clava correu para nós dividindo o céu (a Criação) como a risca na cabeça que parte as tranças duma mulher e com a impetuosidade do trovão, arremessado por Shukra. Vendo aquela maça correndo assim para nós, o filho de Rohimi arremessou a arma chamada Sthunakarma para frustrá-la. Com a força destruída pela energia da arma de Valadeva, essa clava caiu na Terra abrindo-a (com seu poder) e fazendo as próprias montanhas tremerem.*

Descrições de "fender a Terra" evocam ensinamentos ocultistas sobre a destruição do décimo planeta, Maldek[73], entre Marte e Júpiter, por seus habitantes malvados, transformando-o nos fragmentos que chamamos asteróides.

Uma narrativa fantástica é dada no *Drona Parva,* p. 690, relativa à destruição de três "cidades" no céu, possivelmente imensas naves-bases, que alguns ocultistas acreditam patrulhar o espaço atualmente.

> *Antigamente os valentes asuras tinham no céu três cidades. Cada uma dessas cidades era excelente e grande. Uma era feita de ferro, outra de prata e uma terceira de ouro. A cidade de ouro pertencia a Kamaloksha, a cidade de prata a Tarakaksha e a terceira, feita de ferro, tinha Viyunmalin por senhor... Quando entretanto as três cidades se encontraram no firmamento, o Senhor Mahadeva atravessou-as com aquele terrível dardo seu que consistia em três nós. Os danavas eram incapazes de olhar para aquele dardo inspirado pelo fogo Yuga e composto de Visnu e Soma.*

Provavelmente eram utilizados mísseis seletivos como a arma Narayana, chamada "chamuscador de inimigos", contra as tropas no campo de batalha. A última palavra em armas era a Agneya, que lembra a Mash-mak da Atlântida e que se dizia utilizar alguma força sideral, misericordiosamente não descoberta por nós atualmente. O *Drona Parva,* p. 677, mantém-nos fascinados.

O valente Ashwatthaman, então, mantendo-se resolutamente no seu carro, tocou a água e invocou a arma Agneya, a que os próprios deuses não podiam resistir. Apontando contra todos os seus inimigos visíveis e invisíveis, o filho do preceptor, aquele matador de heróis hostis, inspirou com mantras uma lança ardente com o fulgor de um fogo sem fumaça e despediu-a para todos os lados, cheio de raiva. Densas nuvens de setas partiram então dela no céu. Dotadas de chamas ardentes, aquelas setas envolveram Parthie por todos os lados. Caíram meteoros em fogo do firmamento. Uma espessa escuridão envolveu subitamente a hoste (pandava). Todos os quadrantes em redor também foram envolvidos por essa escuridão. Rakchasas e vichochas, encolhendo-se uns contra os outros, soltavam gritos ferozes. Ventos nefastos começaram a soprar. O próprio Sol não mais dava calor. De todos os lados crocitavam corvos ferozmente. Rugiam nuvens do céu chovendo sangue. As aves, as feras, as vacas, manis de altos votos e outras almas sob completo controle ficaram extremamente inquietos. Os próprios elementos pareciam estar perturbados. O Sol parecia girar em seu eixo. O universo crestado por calores parecia estar com febre. Os elefantes e as alimárias da terra, chamuscados pela energia daquela arma, corriam aterrados, arfando ruidosamente e desejosos de proteção contra a terrível força. Tendo a própria água sido aquecida também as criaturas que viviam nesse elemento, ó Bharata, ficaram extremamente inquietas e pareciam queimar. De todos os pontos do quadrante, cardiais e colaterais do firmamento e da própria Terra, caíam chuvas de setas penetrantes e agudas e desciam com a impetuosidade de Garuda (espaçonave?) *no vento. Feridos e queimados por aquelas setas de Ashwatthaman todas dotadas da impetuosidade do trovão, os guerreiros hostis tombavam como árvores queimadas por um incêndio avassalador.*

Elefantes enormes queimados por essa arma caíam na Terra em toda parte, soltando gritos ferozes tão altos como os das nuvens. Outros enormes elefantes, chamuscados pelo fogo, corriam para aqui e para lá, berrando aterrados, como no meio dum incêndio de floresta. Os corcéis, ó rei, e os carros também queimados pela energia dessa arma pareciam, ó Senhor, como as copas de árvores queimadas num incêndio de floresta. Milhares de carros caíam para todos os lados. De fato, ó Bharata, parecia que o divino Senhor Agni queimava a hoste (pandava) naquela batalha como o fogo de Somvarta destruindo tudo no fim da Yuga. (Fogo celestial destruindo a civilização ao fim duma idade do mundo.)

Poderia essa maravilhosa descrição duma explosão semelhante à explosão nuclear, feita por um indiano simples há milhares de anos, ser suplantada pelos nossos repórteres científicos atuais? Essa empolgante narrativa em palavras simples faz-nos lembrar os testemunhos visuais da gente de Hiroxima. Essa história tem todo o cunho da verdade; não pode ser fantasiosa ficção científica; há muito tempo, na torturada história do nosso mundo, essa terrível catástrofe deve ter acontecido.

Essa guerra fantástica deve ter deixado perplexo Chandra Roy, ao traduzir o *Drona Parva* nos dias pacatos de 1888, quando as batalhas eram vencidas por cargas de cavalaria e heróis agitando bandeiras; hoje nós compreendemos demasiado bem os titânicos horrores da guerra atômica. Recordando os cinco anos de esforços dos maiores cientistas da América e da Grã-Bretanha, apoiados por uma imensa técnica industrial, que foram necessários para manufaturar a bomba primitiva que devastou Hiroxima, ficamos naturalmente um pouco céticos ante a sugestão de que os guerreiros da Índia há milênios pudessem manejar armas nucleares de força colossal; fora uma ciência adiantada que eles implicam, o lançamento de tais mísseis exige intricados sistemas de orientação eletrônica e as mais complexas defesas, e a perfeição dum míssil antimíssil vem frustrando os nossos cientistas de gênio atuais. A história convencional nega qualquer tecnologia desenvolvida aos povos da antiguidade, que se acredita viveram numa cultura estática durante milhares de anos, em comunidades

agrícolas à espera de que James Watt despertasse um dia e inventasse a máquina a vapor.

Já novas técnicas estão reduzindo os custos de fabricação; a atrasada China tem bombas de hidrogênio, a Indonésia e Israel ameaçam seguir seu exemplo e prometem-nos que em breve qualquer comunidade empreendedora munida de um estojo de "faça com as suas próprias mãos" estará em condições de fazer bombas suficientes para mandar seus vizinhos pelos ares. A existência de bombas nucleares na antiga Índia pressupõe que esse período sucedeu uma civilização avançada milhares de anos, possivelmente a Lemúria e a Atlântida descritas pelos ocultistas.

Suponhamos que a ciência na antiguidade se desenvolvesse com técnicas diferentes da nossa física atual. A arma Agneya que desbaratou as hostes dos pandavas na velha Índia evoca a destruição de Sodoma e Gomorra[74], o aniquilamento do exército de Senaqueribe[75] que cercava Pelúsio (?) em 670 a.C. (?) e o fogo do céu que destruiu o Castelo de Vortigern na Grã-Bretanha no século V[76]. O homem sofreu outras Hiroximas há muito tempo; a humanidade sempre aprende o bastante para cometer os mesmos erros lamentáveis.

O Prometeu indiano, Matarisvan, roubou o Agni oculto, o fogo secreto, do céu[77]. Quem sabe se os indianos não aprenderam suas técnicas nucleares com os homens do espaço?

O *Ramáiana* e o *Maabárata,* escritos há tantos milênios, mostram que nossos remotos antepassados não eram bárbaros mas viviam e amavam numa alegre e brilhante cultura[78], com uma compreensão dos mistérios cósmicos que transcendia a nossa. Talvez no passado distante possamos discernir o nosso futuro. Dentro de poucas décadas pode ser que a nossa Terra seja favorecida novamente por espaçonautas, os deuses da velha Índia.

Capítulo cinco

HISTÓRIAS ESPACIAIS EM SÂNSCRITO

Lendas de todos os países do mundo descrevem um convívio de seres celestes do firmamento com os povos da Terra na antiguidade. A gente simples da Grécia e de Israel adorava os espaçonautas como deuses, com temerosa superstição mas a mil e quinhentos quilômetros de distância, na Índia, os sofisticados nobres tratavam os visitantes como iguais, não se deixando atemorizar por seus hóspedes celestes. A literatura sânscrita deliciava-se com fascinantes histórias da rivalidade entre deuses e mortais pelo amor de alguma donzela sedutora; galantes do mundo superior desciam à Terra e punham cerco a alguma orgulhosa beldade, envolvendo-se em façanhas amorosas que transcendiam a grosseira concupiscência de Zeus seduzindo as mulheres da Grécia. Os heróis subiam aos céus em carros celestes e empenhavam-se em duelos aéreos, atacando seus rivais com dardos explosivos ou aniquilando exércitos com bombas nucleares. Essas encantadoras histórias da velha Índia, mais fascinantes do que a nossa própria ficção científica, falavam de uma terra quente e pitoresca de cultura, com uma sociedade esplendorosa, onde príncipes e poetas, santos e patifes, místicos e mágicos viviam com um entusiasmo como não houve igual até que o brilhante Renascimento despertou para a vida o gênio da Itália. Naqueles exóticos reinos do Himalaia os espaçonautas sentiam-se em casa, em uma sofisticação que nunca poderiam encontrar na rígida austeridade do Pelo-

poneso ou na orgulhosa intolerância da Palestina. As histórias sânscritas brilham de humanismo e humor destilados em fascinante poesia, pintando uma sociedade jovial e culta de milênios de idade sem dúvida inspirada por alguma maravilhosa e resplendente civilização das estrelas.

Os poetas e contadores de histórias pareciam impressionados com as histórias que contavam; à sua maneira simples eles comparavam as aeronaves com as aves e animais que conheciam melhor, chamando a uma aeronave o cavalo voador exatamente como muitos séculos mais tarde os peles-vermelhas viam uma locomotiva como um cavalo de ferro. Subishmanya montava um pavão, Brama um cisne, Visnu e Crisna voavam através dos céus na ave gigantesca chamada Garuda. Os ocultistas ensinam que essa criatura monstruosa, meio homem meio ave, a fênix indiana, o homem-leão ou esfinge egípcio, é um simbolismo esotérico do templo solar e cíclico. Nós insistimos: Garuda não seria uma espaçonave? O asura (não-deus) chamado Maya tinha um carro de ouro animado com quatro fortes rodas e com uma circunferência de doze mil cúbitos, que possuía o maravilhoso poder de voar à vontade para qualquer lugar. Dikshitar[79] declara que esse carro era equipado com várias armas e ostentava enormes estandartes na batalha entre os devas e os asuras na qual Maya se distinguiu; consta que vários guerreiros voavam em aves. O *Drona Parva,* p. 145 narra:

> *Sem arco e sem carro, mas com o olhar atento para o seu dever como guerreiro, o belo Abhinanya tomando de uma espada e de um escudo pulou para o céu. Denotando grande força e grande atividade e descrevendo a trajetória chamada Krucika e outras, o filho de Arjuna corria ferozmente através do céu como o príncipe das criaturas aladas (Garuda).*

O *Badha Parva,* p. 546 referindo-se à batalha entre Rama e os rakchasas declara:

> *Teu filho, Dasaratha, avançou contra aquele poderoso guerreiro de carro, Prativindhya, que avançava (contra Drona) queimando seus inimigos na batalha.*

> *O encontro que teve lugar entre eles ó rei, parecia tão belo como o de Mercúrio e Vênus no firmamento sem nuvens.*

Essa citação é particularmente fascinante porque revela que os antigos indianos conheciam Mercúrio e Vênus e algum possível conflito entre eles, conhecimento que nós tendemos a relacionar apenas com os gregos.

O Rei Satrugit foi presenteado por um brama, Gogava, com um cavalo chamado Kirvelaya, que o transportava a qualquer lugar da Terra, lembrando o herói grego Belerofonte e seu cavalo alado Pégaso.

O monge budista Gunavarman[80] no século IV d.C., afirmou que tinha voado do Ceilão a Java para converter o rei desta ilha à sabedoria do "modo dos oito caminhos". No dia anterior à sua chegada a mãe do rei sonhou que um grande mestre tinha descido do céu numa nave voadora. Quando a aurora iluminou a Terra, Gunavarman chegou; julgado um mensageiro dos deuses foi tratado com imenso respeito. Todos os espectadores se maravilharam de ver uma nave brilhante deslizar do alto e pousar sem o menor som. Outra játaca falava de um rei de Benares que possuía um veículo recoberto de jóias que voava; o dramaturgo Bhavabhuti escreveu no quinto século da nossa era a respeito de um veículo voador usado para trabalho em geral na comunidade pelos funcionários do conselho local. Em seu livro notável, *War in ancient India (A guerra na Índia antiga),* Ramachandra Dikshitar recorda que no *Vikramarvastya (Drona,* p. 176), o Rei Puruvravas viajou num carro aéreo para salvar Urvasi em perseguição ao danava que a raptara.

Referências curiosas a viagens aéreas aparecem no *Budhasvamin Brihat Katha Shlokasamgraha*[81], um romance sânscrito escrito na bela escritura antiga dum tipo bem conhecido no Nepal do século XII, reprodução dum manuscrito muito antigo. Este foi traduzido para o francês por Felix Lacote em 1908.

O tirano Mahasena, rei do povo avanti, no norte da Índia, governava em Uijayani, uma cidade rodeada de fossos tão largos como o mar, uma cidade imensa como

as montanhas. O rei foi deposto por seu filho mais velho, Gopala, que um dia ouviu por acaso...

...um homem queixando-se a sua amante de que ela o atormenta. A amante sugere que ele mate o marido dela, as leis são desprezadas, ébrio de apetite de poder o filho matou o rei, seu pai.

Gopala que tinha levado uma vida desregrada até então, decidiu tornar-se um asceta e abdicou em favor de seu irmão mais jovem, Palche, que depois de um longo reinado deixou o governo para seu sobrinho Avantwardhava. Um dia Avantwardhava enamorou-se de uma moça que viu num balanço em uma árvore, a seguir o elefante dele correu descontrolado e foi ajoelhar-se aos pés da donzela que tinha roubado o coração do jovem rei.

Ela era Surasamanjari, filha de Upalastaka, chefe dos matangos. Avantwardha casou com Surasamanjari. Ela disse que na realidade seu pai era Siddhamatanjavidya, que a tinha prometido a um vilão chamado Ippioha. "Um dia, quando meu pai viajava no ar com sua coroa de chamas, rodeado por enxames de abelhas amarelas de pólen, foi encantado pelo vento." O rei foi amaldiçoado por Narada, que estava à margem do Ganges, mas a praga seria levantada quando sua filha se casasse com o filho de Gopala. Ela disse que o rei dos vidyaharas e outros seres celestes estabeleciam como regra que um rei, mesmo errado, não devia ser perturbado quando está no seu harém. Ippioha, fervendo em raiva raptou a moça. Uns eremitas, pondo os olhos no céu, viram vir um ser divino com espada e escudo resplendente na luz. O ser divino desceu pelo caminho dos ventos e pôs Ippioha a ferros.

O ser divino disse: "Desde Haravashanadotta, rei dos vidyaharas, eu sou teu servo dedicado. Sou chamado Divaskavadeva. Quando atravessava os ares do Himavit, no monte Malaya, ao passar sobre os avantis vi o sandala que fugia raptando o rei e sua esposa... Lutei com ele e o venci. Levei-o ao cakravartim (imperador) que o interrogou e o envia para a Corte de Justiça de Kashyupe... Ele virá ver-nos amanhã com suas esposas".

Depois desse discurso de Divaskavadeva, os rixis banharam-se em lágrimas de alegria e acharam a noite longa. De manhã no céu sem nuvens os ascetas ouviram um ruído fragoroso que enchia a atmosfera. "Que é isso?" perguntaram ao ser aéreo. "É o ruído dos tambores dos viajantes aéreos que estão fechados no seio dos carros e soam como o trovão. Aqui vem o nosso senhor, o rei dos reis dos vidyaharas, com a tempestade de tambores rugindo pelos caminhos do céu. Vejam!" Como uma manada de nuvens que o arco-íris ilumina enchendo todos os espaços do firmamento, um bando de carros esplendorosos de jóias apareceu aos ascetas a distância, chegando do céu. Os carros desceram, o de Shakravatan parou à porta do eremitério, os outros nas gargantas, nas encostas e nos topos das montanhas. O carro do rei supremo dos vidyaharas tinha a forma de uma flor de lótus e era ornamentado com vinte e seis pétalas feitas de rubi. Ele próprio estava em pé no meio do pericarpo, formado por uma esmeralda, e nas pétalas estavam suas esposas maravilhosamente vestidas.

No julgamento na corte diante dos seres celestiais, Ippioha alegou que Surasamanjari lhe tinha sido prometida, o Rei Upalastaka disse que isso era de fato verdade, mas que Ippioha tinha renunciado a ela dizendo que era filho dum homem amaldiçoado (por Narada, no Ganges). Ele então a tinha prometido ao rei dos avantis. Kacyopa, então, condenou Ippioha a ir até Benares para mergulhar os cadáveres no Ganges, residindo no cemitério, vestindo os andrajos dos criminosos e vivendo de esmolas. Ao fim de um ano seria libertado da praga.

Por fim acorreu gente por todos os meios a Ujyayami. Até velhos, cegos e recém-chegados, almas simples e crianças, ansiosos por dar com o filho do rei dos vatsas, e a floresta do eremitério encheu-se com a multidão alegre.

Essa história encantadora fala dos tempos em que a gente do espaço convivia com os homens em mútuo prazer. O "ruído de tambores dos viajantes aéreos" faz-nos lembrar aviões hoje rompendo a barreira do som; a comparação das espaçonaves com jóias faz lembrar o profeta Ezequiel, que descreveu seus visitantes em carros de pedras preciosas; o julgamento na presença dos seres celestiais evoca os deuses dos dramaturgos gregos que julgavam os homens.

O *Brihat Katha* continua com uma história maravilhosa que nos lembra hoje a ficção científica, embora o escritor sânscrito a contasse como verdadeira.

> *O Rei Padmavit e a Rainha Vasavadotta desejavam enormemente ter um filho, e finalmente ela ficou grávida. Um dia, quando ela pensava ansiosamente sobre o acontecimento vindouro, sua sogra contou-lhe que quando ela mesma estava grávida, um dia encontrava-se no terraço do palácio olhando o céu, quando uma "ave" desceu e a levou pelo ar e a colocou numa terra distante. O pássaro ia devorá-la, mas foi salva por dois jovens rixis. Eram esguios, um círculo luminoso espalhava-lhes uma luz dourada nos membros, sua tranças eram de uma beleza deslumbrante. Disseram-lhe: "Rainha, não tenha medo. Este é o eremitério de Vasistha, situado num lugar puro ao pé do monte Oriental". Aí ela deu à luz Odayana. Quando cresceu, Odayana deixou o eremitério e viajou. Num lago cheio de lótus e toda a espécie de aves viu jovens que não tinham forma humana se divertindo. Fechou os olhos e eles o levaram para a morada do povo-serpente, sem Sol, sem Lua, sem planetas nem constelações ou estrelas, mas o esplendor de aventurinas e pedras lunares dissipava a escuridão. Na cidade não havia velhice, nem doença, nem deformidade física ou moral, mas palácios deliciosos e nesse esplendor havia som de címbalos. Era a Cidade das Serpentes, Bhavagata, onde moravam seres que viviam numa calpa. Com relutância Odayana teve de partir e eles o acompanharam de volta ao cimo do lago.*

Os adeptos da teoria da terra oca diriam que Odayana foi trasladado a essa maravilhosa civilização de Agharta[82], que dizem existir centenas de quilômetros abaixo dos nossos pés. O "povo-serpente"[83] é conhecido esotericamente como uma raça não humana de seres maravilhosos com imensa sabedoria cósmica; é interessante verificar que eles eram conhecidos, ao que parece, dos escritores da velha Índia.

A mitologia grega abunda em histórias de deuses que desciam à Terra para seduzir alguma mulher apetitosa. O *Brihat*, Livro Quinto, p. 179, conta-nos:

> *Em Mathura, Manorama, esposa do poderoso Rei Ujrasena, passeava no belo jardim de sua casa para respirar o perfume das kadambas. "Ela estava no primeiro dia de seu mês." Um dánava chamado Drumba estava passando no ar, a beleza do jardim chamou-lhe a atenção, viu Manorama lá e, por espírito de malícia, tomou a forma de Ujrasena (seu marido), uniu-se a ela e imediatamente ela sentiu que estava grávida.*

O *Brihat Katha*, p. 190-199, adiante dá uma informação mais direta sobre aviação:

> *Então Padmavit explicou que Vasavadotta desejava subir num carro aéreo e desse modo visitar toda a Terra. "As esposas dos servos do rei tinham exatamente o mesmo desejo. Eu disse a mesma coisa a todas elas. Pendurem um balanço em varas longas, subam nele, depois balancem-se no ar para frente e para trás. Outros meios de satisfazê-las seus maridos não conhecem! Se* ela *tem desejo de viajar no ar, que se contente da mesma maneira!" Todos riram. "Deixe de brincadeira!", disse Rumanavat, "e vamos à questão!" "Que adianta sonhar com isso?", disse Yongandharayame. "Trata-se apenas dum trabalho de artesãos." Rumanavat convocou os carpinteiros e mandou-lhes que fabricassem sem demora uma máquina que se movesse no ar. Eles saíram dali e o corpo de artesãos teve uma conferência demorada, depois*

procuraram Rumanavat novamente e balbuciaram aterrados: "Nós conhecemos quatro espécies de máquinas: máquinas de água, máquinas de pedra, máquinas de pó e as feitas de muitas peças. Quanto a máquinas voadoras os yavanas (os gregos) conhecem-nas mas nós nunca tivemos oportunidade de ver nenhuma".

Então um brama falou dum carpinteiro chamado Pukrasaka a quem seu rei havia falado de Vicvita, que tinha montado um galo mecânico. Os embaixadores estrangeiros disseram: "Não devemos revelar nunca a ninguém, artesão ou qualquer outro, o segredo das máquinas aéreas, difíceis de adquirir por qualquer um que não seja grego". Rumanavat disse que o rei estava tentando arrancar dele o segredo das máquinas voadoras que era seu dever esconder como os usurários escondiam seus tesouros. Os artesãos podiam ser postos a ferros, chicoteados, torturados que não revelariam o segredo.

De repente apareceu um estranho e pediu a Rumanavat os materiais necessários e fez um carro voador com a forma de Garuda ornado de flores de mandara.

A rainha e o marido viajaram no ar em volta da Terra e voltaram à cidade dos avantis.

Num maravilhoso dia de primavera a rainha deu à luz um filho.

Os povos da Índia antiga consideravam todos os ocidentais procedentes do Mediterrâneo "iavanas" ou gregos, exatamente como os árabes, séculos depois, chamavam aos cruzados "francos", fosse qual fosse seu país de origem. Provavelmente usavam a palavra "yavana" para indicar qualquer pessoa de pele mais clara, mesmo um espaçonauta. Quem era aquele "estranho" que apareceu a Rumanavat e construiu aquele carro aéreo? Seria um homem do espaço?

Mais referências a iavanas e suas máquinas voadoras eram feitas no *Harscha Charita*[84] de Bana, um vatsyayenas bramânico que viveu em Thanesar no norte da Índia no começo do século VII d.C. O romance histórico de Bana

tomou seu próprio rei Shri Harscha como herói e baseou-se num acontecimento real do reinado dele. Um viajante budista chinês, Hinan Throng, visitou a corte de Shri Harscha por volta de 630 d.C. e deixou uma vívida narrativa dessa visita. A fascinante obra do próprio Bana fornece um maravilhoso quadro da Índia do século VII.

A brilhante tradução de E. B. Cowell e F. W. Thomas descreve as vicissitudes de Harscha, seus amores, ascetismo, traições, batalhas, até que se torna rei. Imediatamente jurou vingança contra o rei de Ganda e ordenou ao seu comandante de elefantes, Sandagupta, que mobilizasse suas forças. Sandagupta fez-lhe uma longa descrição de desastres devidos a erros cometidos pelo descuido, a qual, embora não tenha importância particular para caso dos astronautas, é, sem dúvida, de salutar interesse, como a maioria das histórias da velha Índia.

Sandagupta respondeu: "...Ponha de lado, pois, essa confiança universal tão agradável aos hábitos de sua própria terra e nascida da franqueza inata de espírito. Freqüentemente chegam aos ouvidos de Vossa Majestade notícias de desastres devidos a erros por falta de cuidado. Em Gadmavati houve a queda do herdeiro de Najasena para a casa dos nagas, cuja política foi publicada por uma ave sarika. Em Sravasti apagou-se a glória de Sutavarman, cujo segredo foi ouvido por um papagaio. Em Mittikarati palavras ditas no sono foram a morte de Suvanaranda.

"A sorte de um rei yavana foi decidida pelo guarda do seu carro de guerra de ouro, que leu as letras dum documento refletidas em seu elmo precioso. A golpes de espada o exército de Viduratha retalhou o avarento Mathura quando cavava tesouros na calada da noite. Vatsapati quando se divertia na floresta dos elefantes foi aprisionado pelos soldados de Prahasena que saíram da barriga dum elefante de mentira (cavalo de Tróia?). Sumitri, filho de Wjnimita, gostando muito de teatro, foi atacado por Mitradeva no meio dos atores e com uma cimitarra separado da cabeça como uma haste de lótus. Sharabha, rei de Asmaka, gostava muito de música de instrumentos

de corda, e seus inimigos disfarçados de estudantes de música cortaram-lhe a cabeça com facas afiadas escondidas no espaço entre a vina e a cabaça acústica. Um general de baixo nascimento, Prispantri, assassinou seu tolo senhor maurya Brihadratha, numa revista de todo o exército que Prispantri organizou com o pretexto de manifestar o poder do senhor. Kaakavarma, curioso de maravilhas, foi arrebatado, ninguém sabe para onde, em um carro aéreo artificial feito por um yavana condenado à morte."

Essa história sânscrita de um rei arrebatado num carro aéreo lembra a história do Cavalo Encantado das *Mil e uma noites*. Seria um rapto para outro planeta ou o primeiro acidente aéreo registrado na história?

Sandagupta continuou a deprimir o Rei Harscha com descrições de infortúnios; elas poderão ter pouca relação com os astronautas mas essas fascinantes histórias talvez devam ser ressuscitadas do negligenciado sânscrito e apresentadas hoje para esclarecimento dos nossos leitores modernos. É possível que também aprendamos com estes incidentes da velha Índia.

"O filho de Susumaya foi, por instância de seu ministro Vasudeva, privado da vida por uma filha da escrava de Devabhuti, disfarçada como sua rainha. Por meio de uma mina no monte Dodhama, animado pelo tinido de argolas das pernas de numerosas mulheres, o rei de Maghadha, que tinha a mania de grutas de tesouros, foi levado pelos ministros do rei de Makabo para a terra deles. Kumavasene, príncipe de Pannytha, irmão mais jovem de Prodyota, tendo a mania de histórias sobre venda de carne humana, foi assassinado na festa de Mahakabe pelo vampiro Tabajongha. Por meio de drogas cujas virtudes tinham sido celebradas por muitos indivíduos diferentes, alguns pretensos médicos causaram atrofia em Ganyapati, filho do rei de Vidaha, que era louco pelo elixir da vida. Confiando em mulheres, o kalinga Bhorasena encontrou a morte às mãos de seu irmão Virasena, que secretamente encontrou acesso à parede dos apo-

sentos da Primeira Rainha. Deitando-se em um colchão no leito de sua mãe, um filho de Dodhra, senhor dos karusas, causou a morte de seu pai, que tencionava ungir outro filho. Bandrakaba, senhor dos sokones, sendo muito ligado ao seu camareiro, foi com seu ministro privado da vida por um emissário de Sudsoka. A vida de Pusnava, rei de Cammidi, amante da caça, foi sorvida enquanto ele estripava rinocerontes dos soldados do senhor de Campas, escondidos num alto canavial. Arrebatado por seu entusiasmo pelos trovadores, o bobo de Markhari, Ksatravarman, foi abatido por bardos, emissários de seu inimigo, aos gritos de "Vitória!" Na cidade de seu inimigo, o rei dos sakos, quando cortejava a mulher de outro, foi chacinado por Cantragupta, escondido na roupa de sua amante. Os erros de homens descuidados causados por mulheres têm chegado suficientemente aos ouvidos do meu senhor. Assim, para garantir a sucessão de seu filho, Suprabha com mosquitos envenenados matou Mahasena, rei de Kachi, amante de guloseimas. Rotnavati, fingindo um frenesi de amor, matou o vitorioso Jarutha de Ayodhya com um espelho que tinha uma borda afiada como navalha. Dhaki, apaixonada por um irmão mais jovem, empregou contra Devasena lótus cujo suco fora tocado com pó envenenado. Uma rainha ciumenta matou Randideva de Vranti com uma argola de tornozelo cravejada que emitia uma infecção de pó mágico; Vindumati matou o Visnu Vidmatha com um punhal escondido nas tranças do cabelo; Hamasavati, o rei de Sauviva, Virasena, com um ornamento de cinto que tinha veneno no interior; Pauravi, o senhor Somaka de Paurava, fazendo-o beber um gole de vinho envenenado, tendo ela besuntado sua própria boca com um antídoto invisível."

Assim ele falou, e partiu para executar a ordem de seu senhor.

Sem se deixar impressionar com o triste relatório, Harscha levou o seu exército e derrotou o rei de Ganda.

Essas histórias maravilhosas da velha Índia, que tanto

fazem lembrar o Renascimento italiano e a geração dos Bórgia, poderiam dar enredos para os dramaturgos de hoje e inspirar nos nossos *scripts* de televisão um brilho muito necessário.

Os deuses da antiga Grécia folgavam em amorosos prazeres com qualquer beldade, casada ou solteira, que caísse sob seus olhos concupiscentes; por vezes parece que essas mesmas deidades celestes iam divertir-se também sobre a Índia antiga. O *Boital Pachis* ou *As vinte e cinco histórias de um duende*, traduzido do hindi por J. Platts[85], fala de Hariswami, que era "tão belo como Cupido, igualava Brihaspati em seu conhecimento dos tratados científicos e religiosos e era tão rico como Kuvera". Casou com [illegible] a filha de um brâmane, chamada Levenyavata, e a levou para casa.

> *Em suma, numa noite na estação quente estavam ambos dormindo pesadamente no teto plano duma casa de verão. O véu da mulher escorregou-lhe do rosto quando um semideus estava passando em um carro pelo ar. Vendo por acaso a mulher, o semideus baixou o carro, colocou-a nele assim mesmo adormecida e fugiu com ela. Depois de algum tempo, o brâmane acordou também e eis que sua mulher não estava (ao seu lado). Ficou alarmado e desceu e procurou-a através da casa. Não a encontrando lá, saiu e procurou-a pelas ruas e vielas da cidade, mas não a encontrou. Então começou a dizer consigo mesmo: "Quem a terá levado e aonde terá ido?" A dor foi-lhe fatal. Depois de muito sofrimento, comeu arroz que tinha sido envenenado por uma serpente e morreu.*

A desgraça deste homem, não sei por quê, não nos causa pena. Sentimos que qualquer homem que durma com sua mulher em cima dum telhado plano, com astronaves passando por cima, merece perdê-la. A moral para nós atualmente, nesta era de UFOs, é dormir dentro de casa.

As vinte e cinco histórias de um vetala[86], escritas no século VII d.C., falam de um carpinteiro que construiu um carro aéreo camuflado, como uma enorme ave que permitiu a um moço salvar sua noiva do harém dum rei poderoso.

As histórias do *Panchatantra*[87], escritas no sânscrito da velha Índia, têm sido contadas por contadores de histórias itinerantes por gerações através do mundo. Esses romances mágicos de reinos de maravilha inspiraram o *Asno de ouro*, de Apuleio, as fabulosas *Mil e uma noites*, o cavaleiro *Gesta Romanorum*, o picante *Decamerão*, de Boccaccio, as fábulas de La Fontaine e aqueles deliciosos contos de Grimm e Hans Andersen que nos fascinam até hoje. Aquelas histórias de fadas que encantam a nossa meninice ainda evocam um mundo de magia que sentimos deve ser a verdadeira realidade além da nossa percepção limitada, talvez naquelas regiões transcendentes onde seres maravilhosos manipulam as forças secretas do universo; alguns mitologistas acreditam que os duendes foram antigos deuses; hoje nós os confundimos com astronautas.

A história de *O tecelão como Visnu*, maravilhosamente traduzida por Alfred Williams, conta que no país dos gangas, em uma cidade chamada Pundravardhaanam, um jovem tecelão e um carpinteiro, vestindo as suas melhores roupas, passeavam pelo meio da multidão em meio a uma grande festa. Sentada em frente duma janela superior do palácio real, viram a princesa, cuja beleza sem igual trespassou o coração do tecelão. Tão apaixonado ficou este, que seu amigo, o carpinteiro, lhe fez uma máquina maravilhosa com a forma e as cores de uma ave, modelada de acordo com a divina Garuda, para que ele pudesse chegar à princesa, que dormia sozinha em sua sacada. O tecelão tomou banho, vestiu a sua melhor roupa, perfumou o hálito e subiu com sua máquina. A princesa sozinha em sua sacada suspirava para a lua quando viu o tecelão na forma de Visnu em uma enorme ave que vinha do céu.

O tecelão disse à donzela que acreditava que ele era Visnu, que ela havia sido sua esposa anterior e que eles podiam casar-se sob as estrelas. Todas as noites ele visitava a princesa e quando a aurora iluminava os seus amores, dizia-lhe um adeus carinhoso e subia para o céu. Um dia o rei descobriu o segredo da princesa e jurou mandar matar o amante; a princesa então revelou-lhe que estava sendo

cortejada pelo próprio Visnu. O rei e a rainha ficaram encantados de saber que o deus estava tendo amores com sua filha, e o rei gabou-se de que com Visnu como genro conquistaria a Terra. Assim encorajado, desafiou o poderoso Vikramasena, rei do Sul, e recusou-se a pagar-lhe seu tributo usual. Vikramasena invadiu o país com um grande exército de elefantes, e então o rei pediu a sua filha que dissesse ao bendito Visnu para aniquilar o inimigo. O tecelão prometeu assim fazer e o rei encantado jurou que quem quer que matasse Vikramasena ficaria com todos os imensos tesouros dele.

A princípio, o tecelão ficou alarmado ante a perspectiva de batalha, mas a vida sem a sua bem-amada princesa era morte, e decidiu desafiar Vikramasena, que, afinal de contas, talvez imaginasse que ele era o verdadeiro Visnu.

No céu o deus Visnu, que generosamente havia observado divertido aquela impostura, subitamente compreendeu que sua imagem sofreria muito se o tecelão, julgado Visnu, fosse morto por mortais. Entrou no corpo do tecelão, subiu no pássaro e arremessou o seu disco contra Vikramasena, cortando-o em dois. O exército invasor rendeu-se em pânico. O inspirado tecelão reclamou todas as possessões do rei derrotado e na vitória mostrou verdadeira nobreza de alma. O rei prestou-lhe as mais altas homenagens, todo o povo se regozijou muito, e o tecelão e a princesa viveram felizes para sempre.

Se um entusiasta dos UFOs hoje personificasse um astronauta, será que algum louro venusiano viria em seu socorro? Talvez devêssemos tentar.

Outra história divertida do *Panchatantra* conta que o rei exilado Putraka obteve um par de botas mágicas e voou com elas alto por cima de cidades, rios e cumes de montanhas para vencer seus inimigos.

Cientistas de muitos países estudam hoje os velhos textos sânscritos minuciosamente para redescobrir segredos do vôo espacial. Maharshi Bharadwja fez uma tradução extraordinária intitulada *Aeronáutica,* descrita como *Um manuscrito do passado pré-histórico,* que contém dados fascinantes, quase incríveis, nos seguintes extratos-amostras

publicados pela Academia Internacional de Pesquisa Sânscrita, Misore, Índia.

Em confronto com versos sânscritos, estas são as curiosas interpretações que nos assombram.

Neste livro descreve-se em oito fascinantes capítulos a arte de fabricar vários tipos de aeroplanos para viajar suave e confortavelmente pelo céu, como uma força unificada para o universo, que contribuirá para o bem-estar da humanidade. O que pode mover-se por sua própria força como um pássaro, em terra, na água ou no ar, é chamado "vimana". O que pode viajar no céu, de lugar para lugar, de país para país, ou de globo para globo, é chamado "vimana" pelo cientista de aeronáutica.

O segredo de construir aeroplanos que não quebrem, que não possam ser cortados, que não peguem fogo e que não possam ser destruídos. O segredo de fazer aviões imóveis. O segredo de fazer aviões invisíveis. O segredo de ouvir conversas e outros sons em aviões inimigos. O segredo de receber fotografias do interior de aviões inimigos. O segredo de verificar a direção da aproximação de aviões inimigos. O segredo de fazer pessoas em aviões inimigos perderem a consciência. O segredo de destruir aviões inimigos.

Assim como o nosso corpo, quando completo em todos os seus membros, pode realizar todas as coisas, um aeroplano deve ser completo em todas as suas partes a fim de ser eficaz. A começar pelo espelho fotográfico embaixo, um aeroplano deve ter trinta e uma partes. O piloto deve ser munido de diferentes materiais de roupa, de acordo com as diferenças de estação, como é prescrito por Agnimitra.

Três variedades de comida devem ser dadas aos pilotos, variando com as estações do ano, segundo o Kalpa-Sastra. *Vinte e cinco espécies de veneno que aparecem nas estações são destruídos pelas mudanças de regime alimentar acima. A comida é de quatro formas: grão cozido, mingau, massa, pão e essência. Todas elas são sadias e contribuem para a formação do organismo.*

Os metais adequados para aeroplanos leves e absorventes do calor são de dezesseis espécies, de acordo com Sownaka. Grandes sábios declaram que esses dezesseis metais são bons para a construção de aviões.

Não se trata aqui de ficção científica ou de segredos do Comando Aéreo Americano; essas "revelações" são extratos dos clássicos sânscritos, escritos na bela e fascinante escrita que se usava há muitos milhares de anos. Tais revelações não sugerem uma tecnologia, aerodinâmica, eletrônica, engenharia, metalurgia, comunicações, medicina espacial, tudo séculos à frente das nossas[88]?

O grande gramático sânscrito Panini, que viveu por volta de 400 d.C., escreveu segundo dizem, uma fascinante obra intitulada *As viagens de Panini* na qual descreve visitas que fez a planetas interiores, afirmando que os seres extraterrestres freqüentemente levavam iniciados em passeios a Mercúrio e Vênus. Não parece Adamski? George lia sânscrito? É faceto talvez ridicularizar Adamski, porque fenômenos atualmente vistos por cosmonautas tendem a consubstanciar as afirmações dele de que viajou numa astronave[89]; igualmente o sábio Panini pode ter dito a verdade a uma posteridade incrédula. Algumas décadas antes, em 312 d.C.[90], Constantino e todo o seu exército viram no céu, quando marchavam para Roma, uma cruz de fogo, aparentemente uma espaçonave, confirmando que seres extraterrestres visitavam a nossa Terra naquele século; além disso, as ruínas dum velho templo em Borobodura, Java, que datam daquele período, contêm afrescos que mostram o que parecem ser astronautas e símbolos astronômicos que sugerem visitantes de Vênus.

Conquanto a nossa civilização ocidental seja baseada nas culturas grega e judaica, raramente nos damos conta de que os gregos e os judeus derivaram muitos de seus conceitos fundamentais da velha Índia, especialmente depois que a invasão de Alexandre, o Grande, em 327 a.C. promoveu comércio e cultura entre a Índia e o Oriente Médio. Por esse tempo, de acordo com Tito Lívio, quando os espaçonautas visitavam Roma certamente observavam também outras partes da Terra. Frank Edwards[91], investigador americano dos UFOs, escreve que dois discos prateados brilhantes cuspindo fogo em redor pelas bordas, mergulharam repetidamente sobre as colunas gregas que desciam os desfiladeiros para o Punjab, apontando cavalos e elefantes e voltando de novo para o céu. Esse incidente não pode ser confirmado pelas histórias contemporâneas de Arriano, Ptolomeu, Megástenes ou Estrabão mas apresenta uma notável semelhança com aqueles escudos flamejantes dos céus que em 776 d.C. salvaram os cavaleiros de Carlos Magno em Sigiburg dos saxões que os sitiavam, tão vividamente descritos nos *Annales Laurissenses,* na *Patrologiae* de Migne, *Saeculum IX*.

Kananda e os gnani iogues especulavam sobre o átomo quinhentos anos antes de Demócrito; Arybatha, no sexto século antes de Cristo, ensinava sobre a rotação da Terra; os princípios da medicina, da botânica e da química foram estabelecidos já em 1300 a.C. na Índia e a astronomia data de remota antiguidade.

A criação do *Genesis* parece uma versão primitiva dos profundos ensinamentos dos *Dias e noites de Brama;* a história de Noé, um eco de Vaivasvata, que Visnu avisou para construir um navio para a enchente próxima; a origem da cabala judaica e de vários acontecimentos da Bíblia pode ser encontrada nas escrituras hindus, escritas muitos séculos antes.

Em mentes condicionadas por milhares de anos de cristianismo as vidas e doutrinas de Crisna e Buda lançam tanta dúvida sobre a historicidade de Jesus, que nos atrevemos a perguntar se toda a lenda cristã não será apenas um plágio do hinduísmo[92] e do budismo. Essa aparente blasfêmia fere todos os nossos sentimentos: duvidar da realidade de Jesus parece um pecado mortal mas se estudarmos honestamente os ensinamentos de Crisna, helenizado para Chrestos e daí Cristo, e compararmos os dogmas fundamentais do nascimento da Virgem, os milagres, a morte ritualística numa árvore ou na cruz, a imortalidade, surpreendemo-nos especulando se Cristo não seria um mito baseado no Crisna histórico anterior. Alguns intuitivos afirmam que as doutrinas hindus foram trazidas da Índia por aquele maravilhoso asceta que foi Apolônio de Tiana, que se diz ter sido o homem que adoramos como Jesus.

Essa controvérsia deixa-nos confusos atualmente. Talvez devamos transigir e voltar nossos estudos para o inspirado Apolônio e seu jovem companheiro Damis andando pelas estreitas ruas de Táxila, ansiosos por aprenderem a VERDADE dos lábios dos sábios indianos que provavelmente herdaram sua sabedoria dos astronautas.

Muitos eruditos acreditam que a velha Índia foi a fonte não só da civilização, das artes e das ciências mas também de todas as grandes religiões da antiguidade. Alguns orientalistas sugerem que os *Vedas* refletem influência estrangeira da mais remota antiguidade. Os ocultistas afirmam que a cultura da Índia se originou no continente submerso da Lemúria; e isso pode ser verdade mas o que compreendemos hoje sobre o universo habitado levanos a perguntar se os mestres da Índia não teriam descido das estrelas.

As lendas mais primitivas falam da primeira dinastia de seres divinos da Índia, a raça do Sol, que reinou em Ayodha (hoje Oudh); a segunda, raça da Lua, que reinou em Pruyag (Allahabad); uma curiosa semelhança com as dinastias divinas do Egito relacionadas por Maneton e com os deuses da Idade de Ouro da Grécia cantados por Hesíodo e Ovídio, concordando tudo com a antiga dominação da Terra por super-homens do Espaço.

As provas sobre o passado remoto são de fato escassas e confusas mas o físico soviético M. Agrest declarou recentemente que na famosa gruta de Bohistan há inscrições que mostram a Terra e Vênus unidos por uma seta[93]. Quem sabe que revelações não virão a ser encontradas pelos arqueólogos ao desenterrarem as misteriosas ruínas de Mohenjo Daro e Harappa[94]? Aparecerá alguma "pedra de Roseta" para lançar uma luz deslumbrante sobre os astronautas na Índia antiga?

Examinando esses fascinantes clássicos hindus com suas tradições de máquinas voadoras, bombas fantásticas e heróis maravilhosos à luz do nosso moderno conhecimento do espaço, sentimos com crescente emoção que a Índia antiga foi governada por espaçonautas.

Capítulo seis

ASTRONAUTAS NO TIBETE

O glorioso Sol enchia a Terra de esplendor inspirando nos gigantes a alegria de viver, a emoção de gozar a beleza deste mundo maravilhoso, vivendo quase para sempre como os deuses áureos do céu. Os raios de sol dançavam nas pequeninas ondas que lambiam o litoral tibetano e acariciavam as multidões que se divertiam na praia; crianças brincavam e patinhavam no mar e paravam para olhar com olhos espantados quando um vimana brilhante descia do céu em direção às torres de Lassa, a cidade celestial cujos templos translúcidos e parques floridos lembravam aos venusianos seu próprio e belo planeta. Jovens namorados saltavam em alegre abandono ao som de música conjurada do ar; alguns olhavam mudamente seus companheiros perdidos no doce mistério do amor enquanto seus amigos palravam alegremente sobre feriados passados nas florestas do pólo Sul, escalando aquelas montanhas cobertas de neve da Atlântida ou até dando um pulo até Proserpina, o planeta recém-descoberto além de Plutão, cujas feiticeiras sedutoras prometiam tentadoras delícias. Mulheres em trajes exóticos combinando com sua disposição de ânimo exibiam a beleza do corpo e da alma; com feminina satisfação bisbilhotavam sobre o último escândalo que despertava a curiosidade dos alegres tibetanos. Talor, o jovem sumo sacerdote cujo gênio fantástico mas rebelde assombrava até os mais insignes cientistas daquela ilha asiática tinha materializado, trazida dos

páramos etéreos, uma donzela loura que tencionava desposar. As damas protestavam com indignação: noivas das estrelas poderiam ser bem-vindas talvez, mas uma demônia do mundo astral constituía uma competição desleal, especialmente se seu rosto era realmente mais belo do que o Sol e seus olhos mais mágicos do que a Lua. Seu encanto vivaz estava seduzindo o viril sumo sacerdote, perversamente imune a todas as beldades do Tibete. Algumas damas defendiam-no. Depois de milênios de paz, os homens estavam entediados; o espaço não mais os empolgava; o nosso planeta parecia como qualquer outro; a telepatia com os animais revelou-se decepcionante; o próprio sexo estava perdendo o seu sabor; aquela demônia trazia novas idéias; suas estranhas e empolgantes revelações do mundo etéreo revolucionariam a vida na Terra; o futuro brilhava de promessa.

Num rochedo próximo alguns gigantes louros escutavam Yellus, o psicocientista cujas feições de bronze denotavam uma preocupação incomum nos alegres tibetanos. Ele estava explicando que os astrônomos de Saturno tinham detectado um corpo celeste que se aproximava do sistema solar; os observadores acreditavam que o intruso era um asteróide errante mas os supra-sensíveis juravam que era um míssil de Sírio, cujos senhores dirigiam os destinos da Terra. O homem tinha chegado ao fim duma idade do mundo; era chegado o tempo de as almas humanas espiralarem para uma nova oitava de evolução; a civilização tinha que ser destruída para que subisse de novo para o esplendor. Os gigantes mostravam-se incrédulos; o Sol brilhava, a Terra folgava; Zeus, seu rei divino, salvaria seu povo; todos contudo se lembravam de que os profetas previam a destruição para esse século.

As premonições logo se confirmaram. Todas as nações da Terra se mobilizaram para resistir ao choque. Foram perfurados abrigos nas montanhas e abastecidos de provisões e equipamento para os poucos que sobrevivessem. Os iniciados esconderam cápsulas de tempo com a antiga sabedoria para as gerações ainda não nascidas; frotas espaciais de Vênus salvaram os escolhidos; alguns cientistas, em submarinos nucleares, procuraram refúgio no mar, mas quando o terrível asteróide encheu o céu sua

atração gravitacional ameaçou despedaçar a própria Terra.

Os chefes da defesa do mundo aconselharam Zeus a comandar uma armada espacial para desintegrar com mísseis nucleares o monstro que se aproximava a grande velocidade, mas o terrível asteróide fundiu os aparelhos eletrônicos de navegação e a maior parte da frota foi destruída.

Tempestades elétricas convulsionaram a atmosfera, cortando os fornecimentos de energia e as comunicações de rádio e inutilizando toda a aviação. As florestas incendiavam-se espontaneamente, ventos titânicos arrasavam cidades inteiras, os oceanos fervendo varriam o mundo de pólo a pólo, os vulcões vomitavam enchentes de lava, sepultando aldeias e cidades em fogo. Abismos enormes abriam-se e fechavam-se, as montanhas tremiam e aluíam nas profundezas, e o ar carregado de fumaça e pó sufocava os homens e os animais. O asteróide ardente bateu no noroeste, deslocando o eixo da Terra e impelindo-a a oscilar pelo espaço. Mantos densos de fumaça e poeira cobriam o Sol e gases mefíticos poluíam a atmosfera; a maioria das criaturas que ainda viviam morreram asfixiadas.

Meses depois alguns magros sobreviventes saíram lentamente de suas cavernas e depararam assombrados com uma desolação aterradora, e o choque desse espetáculo encheu suas mentes feridas de fantasia. As terras tinham-se tornado mares, os mares tinham-se tornado terras; o velho mundo familiar havia desaparecido. A Terra apresentava-se selvagem e crua como no dia da Criação. Os solitários gigantes que ficaram no Tibete estremeceram subitamente com frio; quando finalmente o Sol vermelho apareceu através do nevoeiro, sua luz carmesim revelou uma paisagem fantástica: os mares acolhedores tinham-se evaporado; a ilha celestial elevara-se até um altíssimo planalto no meio das nuvens, cercado por grandes picos de montanhas; os orgulhosos edifícios de Lassa jaziam por terra, espalhados no lodo.

Os desolados sobreviventes imploraram aos deuses que ajudassem a Terra novamente; alguns seres extraterrestres desceram em suas naves de luz para ensinar civi-

lização ao homem. As gerações famintas lutando desesperadamente pela vida em condições selvagens, lembravam a Idade de Ouro de seus antepassados como um sonho vago e só alguns iniciados solitários preservavam a sabedoria antiga do passado; o mundo deveria sofrer por muitos milênios antes que o homem ascendesse a novo esplendor.

Os livros sagrados de Dzyan referem-se aos lhas, que "circulam dirigindo seus carros em volta de seu senhor, o Olho Único", uma curiosa descrição que sugere o Olho de Horo, o símbolo egípcio de um espaçonauta. Uma estância ocultista descreve que "as chamas vieram, fogos com fagulhas, os lhas do alto (dragões de sabedoria) lutaram com homens-cabras e homens com cabeça de cão e homens com corpo de peixe", lembrando Oannes, o babilônio, meio peixe, meio homem, um ser extraterrestre com um traje espacial. Esse estranho simbolismo pode ser alguma lembrança fragmentária da conhecida guerra nos céus entre os deuses e os gigantes. Os lhas, antigos "espíritos" asiáticos, construíram a cidade celestial chamada Lassa[95], provavelmente naquela ilha lendária da Ásia central habitada pelos filhos de Deus que faziam magias, dominando a Terra e o céu com prodígios. Os tibetanos acreditam que antes de aparecer o Himalaia, a terra deles era plana e fértil, rodeada por mar[96] e povoada por sobreviventes do continente submerso de Mu, império do Sol. O Himalaia provavelmente não se elevou desde a crosta da Terra, mas foram os mares que se afastaram, deixando as montanhas com o Tibete lá no alto, exatamente como na América do Sul o antigo porto de mar de Tiahuanaco ficou encalhado a milhares de metros de altura nos recém-aparecidos Andes. As tradições tibetanas afirmam que o Vazio deu nascimento a um Ovo maravilhoso que, rompendo-se, produziu o espaço, o fogo, o oceano, as montanhas e o próprio homem. Essa estranha concepção pode ser uma lembrança confusa do renascimento do mundo destruído em conseqüência de alguma catástrofe cósmica.

A história tibetana é velada por mitos e lendas. O primeiro rei, Shipuye, foi seguido por sete khris (tronos) celestes de dois tengs (altos) superiores, análogos às dinastias divinas do Vietnam, da Índia, da China, do Japão,

do Egito e da Grécia. A esses governantes sucederam seis lags (bons) médios, oito des (monarcas mundanos) terrenos, quatro tsans (reis poderosos) inferiores, semelhantes talvez à Idade dos Heróis que existe na memória da maioria dos países. O primeiro soberano histórico, Nami Sontson, levou no século VII os exércitos tibetanos em campanhas vitoriosas da China até a Pérsia[97].

A religião original do Tibete, o culto bon, é um animismo universal no qual as estrelas e as pedras, as árvores e os rios possuem espíritos guardiães, propiciados por sacrifícios para que não influenciem os seres humanos[98]. Os deuses, quando irritados, enviam tempestades de granizo e pragas, mas podem ser induzidos a abençoar o mundo com sol e fertilidade. O céu está intimamente ligado à Terra; os espíritos descem para renascer passando pelas almas dos mortos, que sobem para o reino astral. Os senhores da luz fazem guerra eterna aos poderes das trevas como nas teologias semíticas; esse conflito comum à maioria das religiões pode ser alguma espiritualização da guerra dos céus levada a efeito por deuses ou espaçonautas. As vidas dos tibetanos são regidas por presságios que lançam sombras maléficas que só podem ser evitadas pelo exorcismo dos lamas, o girar das rodas de rezar[99] ou o agitar de bandeiras de oração. A ciência moderna e o cristianismo formal desprezam as crenças bons como superstições primitivas, embora muitas sejam compartilhadas pela Igreja Católica; mas a sua comparação com cultos nativos em todo o mundo sugere que todas poderão ser restos adulterados de uma ciência universal de longínqua antiguidade, provavelmente trazida à Terra por mestres do espaço. Estudo recente de partículas subatômicas, revelações de espiritualistas e pesquisas para cientistas sobre matéria etérea sugerem a coexistência de reinos invisíveis povoados por seres de matéria mais sutil do que nós, que podem intrometer-se no nosso plano da Terra e produzir fenômenos estranhos, há muito conhecidos pelos bons do Tibete e pelos cultos antigos de todo o mundo. Embora a religião oficial do Tibete seja[100] o budismo, com sua sublime mensagem de compaixão por todas as criaturas sensíveis, os lamas reconhecem muitos deuses e deusas benéficos e malignos que governam cada detalhe da vida cotidiana, ado-

rados no intricado ritual formulado nos textos tântricos. Todos os tibetanos crêem em reinos transcendentais dos quais avataras, bodhisattvas, voltam para ensinar a humanidade sobre a peregrinação até a união com Deus. A grande alma, Chenrezi[101], encarna como dalai-lama; o próximo salvador, Senhor Maitreya, espera no céu Tushita preparando-se para descer à Terra[102].

Até a invasão dos comunistas chineses o Tibete era geralmente considerado uma terra de magia e mistério, governada por um deus, onde os lamas desenvolviam poderes sobrenaturais praticando uma feitiçaria que confundia a nossa ciência lógica. Uns poucos europeus têm vivido entre os mágicos tibetanos e dão impressionados testemunhos de fenômenos espantosos que desafiam as nossas leis da física. Madame Alexandra David-Neel[103], uma inspirada estudiosa do ocultismo, fala da materialização de formas de pensamento em pessoas ou coisas, homens que correm mais do que cavalos, eremitas nus que se aquecem entre as neves da montanha, comunicação telepática através de vastas distâncias, transmigração de almas, transferência do eu etéreo, viagem astral, comunicação com os chamados mortos, cadáveres que dançam, conflitos com demônios e muitas outras fantasias inacreditáveis, mas confirmadas por outros observadores dignos de confiança. O famoso erudito Dr. W. Y. Evans-Wentz[104] devotou sua vida ao estudo do iogue tibetano e às doutrinas secretas, revelando um vasto campo de conhecimentos esotéricos completamente estranhos aos nossos padrões de conhecimento convencionais; outros pesquisadores comprovam a levitação, a animação suspensa por iogues enterrados vivos, profecias exatas e muitos outros prodígios desconhecidos para o nosso cético mundo ocidental. É salutar verificar que pesquisadores de vanguarda em parapsicologia, precognição, telepatia, ocultismo e até físicos nucleares estão transmudando o nosso mundo materialista em um mundo de estudos esotéricos, aproximando-se pouco a pouco do psiquismo há muito praticado pelos lamas tibetanos[105]. A antiga sabedoria do Tibete deve ter sido herdada de alguma civilização perdida do passado ou ensinada por espaçonautas dum planeta adiantado.

A vasta literatura do Tibete quase não é conhecida

no Ocidente; o total dos arquivos das lamaserias deve rivalizar com a Biblioteca do Vaticano. O *Kanjur* compreende mil e oitenta e três obras diferentes, o *Tanjur* consiste em duzentos e vinte e cinco volumes in-fólio pesando cada um de dois quilos a dois quilos e meio, o *Btaam-Hgym* é uma compilação de obras literárias tibetanas em duzentos e vinte e cinco volumes[106] que tratam de literatura, ciência, astronomia e cerimônias tântricas. Há mil e quinhentos anos os monges tibetanos vêm estudando a alma humana, o céu e os reinos invisíveis em volta de nós[107]; muitos desses eruditos devem ter sido homens de gênio, com milênios de tradição e experiência, que devem, sem dúvida, ter descoberto muitas facetas deste espantoso universo além da nossa percepção. *O Bardö Thödol*[108], muitas vezes comparado ao *Livro dos mortos* egípcio, descreve a vida depois da morte, os julgamentos da alma nos mundos astrais e o processo de renascimento com uma penetração espiritual que transcende as nossas filosofias ocidentais. Acredita-se que, como nos textos sânscritos da velha Índia, estes antigos livros do Tibete poderão em algum lugar explicar os segredos da antigravidade, da teleportação, da psicocinesia e de forças siderais além do nosso conhecimento; devem conter, sem dúvida, fascinantes informes sobre os espaçonautas não revelados ao Ocidente. Alguns pesquisadores acham que a existência destes registros antigos com seus maravilhosos segredos de tecnologias arcanas foram o que na verdade induziu a invasão chinesa do Tibete, uma afirmação um tanto extravagante talvez, mas uma preocupação que não seria sensato excluir inteiramente. O desenvolvimento inesperadamente rápido da bomba de hidrogênio pelos chineses prova seu terrível potencial em ciência nuclear, que poderia ter sido ampliado por conhecimento colhido no velho Tibete.

Os contos populares do Tibete comprazem-se no sobrenatural comum a todos os países do mundo. Uma história muito conhecida trata dum rapaz com a cabeça deformada, que se casou com a filha do rei dos duendes, que morava entre os deuses no céu, mas de vez em quando descia à Terra sob a forma de um pato branco. A filha viveu com o jovem por nove anos, e então de repente voltou ao céu. Cheio de angústia, o desconsolado marido

errou por toda parte à procura da esposa desaparecida; um dia salvou um grifo sagrado de um dragão e em recompensa foi levado ao céu, onde encontrou sua esposa. Os deuses ficaram tão comovidos com o mútuo amor dos dois, que finalmente permitiram que a esposa celeste descesse e vivesse feliz com seu marido mortal na Terra[109]. Uma história idêntica é contada no *Sudhana Avadana*, sobre uma moça celeste, Manohara, capturada com uma corrente mágica pela caçadora Philoka quando se banhava com suas companheiras num lago; sua beleza despertou a paixão do Príncipe Sudhana, e Manohara tornou-se esposa dele. Anos mais tarde ela voltou ao seu próprio povo entre os "espíritos", seguida de seu devotado marido, que, depois de severas provas, foi finalmente reunido à esposa para sempre. Um tema semelhante lembra os mitos dos "cavaleiros do cisne" na Idade Média, que provavelmente inspiraram o *Lohengrin* de Wagner e o popular *Lago dos cisnes* de Tchaikovsky. Essas histórias sugerem que há séculos atrás as pessoas acreditavam nas relações com outros mundos com a mesma credulidade que hoje concedemos aos astronautas.

Um pitoresco conto tibetano descreve Sudarsoma, a cidade dos trinta e três deuses no céu, que media dois mil e quinhentos *yojanas** de comprimento e outros tantos de largura, tinha sete fileiras de muros de ouro de vinte e dois yojanas de altura, com novecentas e noventa e nove portas, cada uma guardada por quinhentos yakahas de vestes azuis e cotas de malha, armados de arcos e flechas. A arquitetura reluzia de ouro, prata, berilo e cristal; árvores dos desejos floriam indumentária azul, vermelha, amarela e branca; os deuses imaginavam qualquer roupa que desejassem e as árvores obsequiosamente a produziam; uma explicação fantasiosa talvez da materialização das formas de pensamento, que alguns clarividentes atualmente alegam ser o processo de manufatura usado pelos mestres em planetas adiantados. O Rei Mandhotar, depois de conquistar todo o mundo, subiu a esta cidade celestial e compartilhou o trono de Indra, até que a ambição o levou a aspirar ao domínio do céu e da Terra. Uma tal arrogância

* *O* yojana *equivale a aproximadamente oito quilômetros.*

os ofendidos deuses não podiam permitir, e ele foi arrojado para baixo e morreu. Enquanto Mandhotar estava no céu, a cidade celestial foi atacada pelos asuras; os carros de guerra dos deuses e dos asuras chocaram-se em batalha aérea; o rei venceu-os a todos e repeliu o inimigo de volta à sua própria fortaleza distante, no espaço. Os tibetanos acreditavam que os deuses habitavam no cume do monte Meru, onde um dia era igual a cem anos na Terra; como os deuses viviam milhares de anos celestiais sua idade equivalia a trinta e seis milhões de anos dos homens. Uma idade muito, muito longa, mas um momento apenas no universo infinito. A morte chega finalmente, mesmo para os deuses[110]!

A *Epopéia de Gesar de Ling*[111], um longo poema cavalheiresco mágico, é a *Ilíada* da Ásia central, do nível do *Ramáiana* e da *Eneida* de Virgílio. Gesar, algumas vezes identificado como Kuan-ti, deus da guerra dos imperadores mandchus, viveu, segundo dizem, no Tibete oriental, entre os séculos VII e VIII, embora suas fabulosas aventuras provavelmente mencionem incidentes das lendas populares antigas. O guru Rimpoche, o precioso mestre espiritual do Tibete, conhecido por seu nome sânscrito de Padma Sambhava, persuadiu um deus a encarnar como o herói Gesar de Ling, a fim de destruir os reis-demônios que estavam pervertendo a Terra com maldade e atacando o povo bom do Tibete.

Padma Sambhava viajava através das nuvens num cavalo alado. Depois de uma visita ao jovem Gesar, "fechou-se em sua tenda maravilhosa e lentamente subiu para o céu; por alguns momentos a luz que o rodeava traçou um caminho luminoso entre as nuvens, depois dissolveu-se na distância". Sem dúvida, uma bela descrição de um UFO! O Mestre confiou a Gesar um "dorje" mágico, ou vara Vril, para abrir o palácio subterrâneo que continha tesouros; nas batalhas de Gesar contra os demônios, Padma Sambhava aparecia no céu rodeado de numerosos deuses e duendes, que agitavam bandeiras, portavam sombrinhas e espargiam flores e arroz sobre o vencedor. Isso lembra os festejos depois da vitória de Rama sobre Ravana tão brilhantemente descrita no *Ramáiana*. Nessa campanha fantástica Gesar empregou armas mágicas, varas de invisi-

bilidade, conjurou aparições, montou cavalos alados, usou bonecos encantados, ajudado pelos celestiais e seus belos dakinis numa epopéia maravilhosa e divertida que transcendia muito a nossa fria ficção científica atual. As fabulosas façanhas de Gesar de Ling no Tibete do século VII assombram-nos por sua sofisticação e extravagância exótica, transportando-nos além do platô gelado do Himalaia até um país de maravilhas, de deuses e demônios, feiticeiros e duendes, lançando seus sortilégios em espantoso encantamento, onde as leis físicas são mantidas em maravilhosa suspensão, as dimensões transcendem o espaço e o tempo, talvez mesmo o universo real, sugerindo a maravilhosa tecnologia que atribuímos aos astronautas.

Os misteriosos rastros nas neves do Himalaia, atribuídos aos iétis, ou abomináveis homens da neve, podem ser na realidade causados pela radiação de astronaves como a aeroforma oval brilhante vista no alto, por cima dos cumes, pelo explorador Nicholas Roerich, em 1921[112], e o objeto de prata luzente quilômetros acima do Everest, observado pelo escalador F. S. Smythe durante sua expedição de 1933.

O discutido lama Lobsang Rampa, filho dum nobre tibetano, cujas revelações confundem e embaraçam todos os peritos em Tibete, afirma que o Tibete é visitado por discos voadores há milhares de anos[113]; ele os viu no céu e no solo e conta uma história extremamente divertida de uma viagem de um deles que rivaliza com Adamski[114]. Escrevendo em 1957, antes do primeiro Sputnik, este curioso lama descreveu o brilhante panorama do espaço incrustado de estrelas e a aparência da Terra exatamente como os futuros cosmonautas. Adamski! Lobsang Rampa! Que dizer?

O Tibete será a pátria dos deuses?

Capítulo sete

ASTRONAUTAS NA VELHA CHINA

Acredita-se que os chineses herdaram sua civilização original do antigo império dos uigures, a maior colônia dos filhos do Sol, da perdida Lemúria[115]. Há tradições que afirmam que os antigos ideais lemurianos ainda constituíam a base política e filosófica da cultura chinesa por volta de 2000 a.C.: a veneração de sua pátria original submersa milênios antes, evoluiu para o culto dos antepassados, codificado e adotado como religião do Estado pelo Imperador Yao no ano de 1550 a.C.

Os registros mais antigos dizem que nos tempos mais distantes a China foi governada durante dezoito mil anos por uma raça de reis divinos, de acordo com o manuscrito *Tchi,* um fascinante paralelo com revelações semelhantes a respeito da Índia, do Japão, do Egito e da Grécia, feitas no *Ramáiana,* no *Kojiki,* na *História* de Maneton e na *Teogonia* de Hesíodo. O clássico *Huai-nan-tzu* (capítulo 8) descreve uma idade idílica, quando os homens e os animais viviam em paz e beleza num jardim do éden, o corpo e a alma unidos na harmonia cósmica; o clima era benévolo, não havia calamidades naturais, "os planetas não se desviavam de suas órbitas", a ofensa e o crime eram desconhecidos, a Terra e a humanidade prosperavam[116]. Mais tarde os homens caíram em desgraça e encheram o mundo de discórdia. Os "espíritos" desciam freqüentemente para o meio dos homens e ensinavam-lhes sabedoria divina, depois a humanidade degenerou em concupiscência

e perversões. O *Shan-hai-Ching* (Livro Sétimo) menciona uma raça humana turbulenta dotada de asas, chamada miao, que por volta de 2400 a.C. perdeu o poder de voar e depois de se desavir com o "Senhor do Alto" foi exilada.

O *Shoo-King* (Quarta Parte, capítulo 27, p. 291), referindo-se à quarta raça matriz (os atlantes), declara:

> *Quando os mao-tse (aquela raça antediluviana pervertida que se retirou em tempos antigos para as grutas rochosas e cujos descendentes se diz que ainda se encontram nas vizinhanças de Cantão), de acordo com antigos documentos nossos, devido aos engodos de Tchy-Yeoo perturbavam toda a Terra, esta encheu-se de bandidos. — O Senhor Chang-ty (um rei da dinastia divina) viu que seu povo tinha perdido os últimos vestígios de virtude. Depois ordenou a Tchang e Lhy (dois dhyan chohans inferiores) que cortassem toda a comunicação entre o céu e a Terra. Desde então não houve mais "subida e descida"*[117].

Os miaos, como os nove lis antes deles, fomentavam nova rebelião, e o imperador pediu aos descendentes de Tchang e Lhy que sufocassem a desordem. Dizem que "Tchang levantou o céu e Lhy baixou a Terra" e cessou a comunicação entre o céu e a Terra[118].

No *Kuo-yiu* o Rei Chao, de Chu (500 a.C.), perguntou se essa comunicação teria sido mesmo cortada, se os mortais não poderiam ainda subir ao céu. Seus conselheiros igualmente confusos apresentaram a interpretação mais tarde proposta pelos nossos teólogos no Ocidente e vagamente sugeriram que os "espíritos", como os "anjos", eram entidades desencarnadas, embora realmente o contexto desses textos chineses, como a Bíblia, sugira que esses visitantes dos céus eram sem dúvida astronautas.

Os estudiosos de mitologia imediatamente reconheceram a história familiar, repetida em tradições da maioria dos países do mundo, de que em tempos muito antigos a Terra foi governada por seres do espaço em uma maravilhosa Idade de Ouro; a humanidade rebelou-se, nosso planeta foi assolado por catástrofes, e os reis do espaço voltaram às estrelas, deixando que o homem construísse

novamente sua civilização. Há milhares de anos havia, ao que parece, constante comunicação entre a Terra e outros mundos; agora restam apenas vagas memórias disso, que as nossas mentes condicionadas não querem aceitar.

Como acontece com a maioria dos povos antigos, a cronologia chinesa é conjetural e extremamente confusa. Quase todas as crônicas antigas foram destruídas por ordem do Imperador Che Hwang-te em 213 a.C.[119] como no Ocidente, alguns séculos depois, a maioria dos inestimáveis documentos do passado foram queimados por imperadores romanos megalomaníacos e cristãos fanáticos, imitados no século XVII pelos fanáticos sacerdotes espanhóis, no México, que sistematicamente destruíram os arquivos inapreciáveis dos astecas. A perda quase total dos registros da antiguidade nunca poderá ser substituída pela arqueologia; as revelações de fontes ocultas são desdenhadas pela mente científica moderna, que interpreta as descobertas desenterradas pela pá de acordo com as suas próprias idéias condicionadas; de modo que é muitíssimo duvidoso que a Idade de Ouro dos deuses possa algum dia ser reconstituída, a não ser pelas lendas e as epopéias antigas. A inesperada descoberta dos pergaminhos do mar Morto já está influenciando fundamentalmente a nossa concepção de cristianismo; talvez algum futuro Champollion encontre alguma pedra de Roseta da perdida Atlântida ou decifre alguma inscrição no deserto de Gobi e revolucione o nosso conhecimento do passado.

Alguns sinólogos indagam se os chineses não teriam se originado na Acádia[120] e tentam mostrar uma possível afinidade deles com os antigos babilônicos, o que não surpreende muito, pois há provas de migrações em massa através da Europa e da Ásia milênios atrás, causadas talvez por catástrofes que abalaram o mundo. Alguns filósofos afirmam que o sumeriano era a única língua aglutinante do antigo Oriente Médio, pertencendo neste aspecto ao mesmo grupo da chinesa; o silabário chinês ainda hoje é baseado em signos fundamentalmente semelhantes aos pictogramas usados pelos sumerianos.

A Bíblia, o Talmude e as lendas babilônicas sugerem o desembarque de astronautas no Oriente Médio alguns séculos antes de Cristo; de modo que é provável que eles

tenham visitado a China também. Os próprios chineses acreditam vagamente que houve uma idade de magia seguida de uma idade heróica, o que concorda com as tradições clássicas de uma Idade de Ouro, depois uma era de guerras e calamidades que degenerou até a barbárie mundial, que pouco a pouco foi ascendendo para uma civilização muito inferior à maravilhosa cultura do passado. Os primeiros testemunhos escritos encontram-se em textos gravados em osso e concha de tartaruga procedentes de Honan, atribuídos à Dinastia Shang-Yin, por volta de 1700 a.C.[121]; a escrita revela uma tal elegância e habilidade técnica que é certamente o resultado de uma evolução de muitos séculos. Inscrições em requintados vasos de bronze desenterrados em Anyang, trezentos e poucos quilômetros ao sul de Peiping, sugerem uma civilização altamente desenvolvida, possivelmente em 2000 a.C. talvez até anterior[122]. Os primeiros textos datados, entretanto, remontam apenas ao Imperador Wu Ting no século XIV a.C. de modo que os registros chineses seguros datam apenas de três milênios atrás e por conseguinte não ajudam muito para estudar o passado remoto.

O chinês antigo acreditava em astrologia, a qual ensinava que as influências das estrelas afetavam a psique humana e motivavam acontecimentos terrestres. Recentes descobertas feitas pelos sputniks e por físicos especializados em raios cósmicos provam que o nosso universo parece ser um vasto campo de radiação e o Professor Piccardi, de Florença, demonstra convincentemente, em experiências químicas delicadíssimas, que as variações nas sutis tensões espaciais enquanto o nosso sistema solar se desloca através do espaço, exercem uma influência perceptível aqui na Terra. A muito ridicularizada astrologia dos antigos parece ser resto de uma vasta ciência psíquica de âmbito mundial ensinada pelos astronautas. Na China como na antiga Roma, os homens observavam os prodígios no céu com temor. Uma estrela cadente era temida como mau agouro. Consta que por volta de 2000 a.C., um imperador chinês mandou matar dois dos seus principais astrônomos por não terem predito um eclipse do sol: que rei se importaria hoje[123]?

A astronomia chinesa em tempos antigos era assom-

brosamente precisa, em particular no que dizia respeito à fixação do calendário; existiam calendários desde as dinastias Hsia, Yin e Chu do segundo milênio a.C., provavelmente antes. O Professor Tung-Stso-pin numa comunicação às Nações Unidas em 1951 afirma que a Dinastia Shang (1700-1100 a.C., possivelmente anterior) usava o calendário misto lunar-solar de Ssu-Fen, cujo mês consistia em vinte e nove ou trinta dias, com uma extensão exata de 29,5305106 dias, aproximando-se do nosso cálculo moderno de 29,530585 dias. O ano consistia em 365,25 dias, concordando quase exatamente com o nosso[124]. Em tempos muito antigos o dia intercalar era colocado no fim do ano, mais tarde foram inseridos sete dias intercalares em cada período de dezenove anos para conciliar o ano solar de trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto com o ano "comum" de trezentos e sessenta e cinco dias. Este período de dezenove anos, quando o Sol e a Lua ocupavam quase o mesmo lugar no zodíaco como acontecia no começo do período, não se conheceu no Ocidente até que foi descoberto por Meton, que o descreveu num livro intitulado *Enneades Caterides*. Esse Ciclo de Meton foi adotado pelos atenienses em 432 a.C. e gravado em letras de ouro nas paredes do Templo de Minerva. Diodoro Sículo disse que um deus visitava a Grã-Bretanha a cada dezenove anos, dançava e depois voltava às estrelas. Talvez em sua viagem periódica esse astronauta parasse na China?

Um osso oracular desenterrado em Anyang tem uma inscrição que consigna um eclipse da Lua "no décimo quinto dia do duodécimo mês do vigésimo nono ano do Rei Wu-Ting", isto é, em 23 de novembro de 1311 a.C. "Na Dinastia Chou, no ano trigésimo oitavo do Imperador Shang Ti-hsin (1137 a.C.), o soberano Chou, Chou-wen-wang, ordenou o oferecimento de um sacrifício porque o eclipse não aconteceu no dia certo, ocorrendo no dia dezesseis do mês, de acordo com o calendário e não no dia quinze." O fato de os astrônomos chineses há mais de três mil anos, poderem prognosticar eclipses com tal precisão sugere sem dúvida um conhecimento técnico adiantado, desenvolvido através de muitos milênios ou talvez ensinado por seres extraterrestres.

Uns textos surpreendentes da Dinastia Chou referen-

tes ao ano 2346 a.C., consignam o aparecimento de dez sóis no céu, que lembram ao mesmo tempo os sóis extras sobre a antiga Roma mencionados por Júlio Obsequens, os prodígios celestes mencionados na Idade Média por Matthew of Paris[125] e visões semelhantes comunicadas por estudiosos de UFOs atualmente. Os manuscritos antigos *Chuang-tzu* (cap. 2), *Liu-Shi, Ch'un-ch'iu* (cap. 22, 5) e *Hua-non-tzu* (cap. 8) provavelmente escritos séculos mais tarde, contavam vividamente que a Terra, no reinado do Imperador Yao, foi afligida por terríveis calamidades: calor intenso ressecou a terra, as colheitas morreram, tempestades terríveis açoitaram as cidades e o campo, os mares agitavam-se em maremotos e ferviam, inundando os campos, enormes monstros rondavam pela terra fazendo devastações, a humanidade temia o Dia do Juízo, o fim de uma idade do mundo[126].

O Imperador Yao consultou seus sacerdotes e sábios, que, como de costume, quando mais se precisava deles, não ajudaram muito, e então, desesperado, chamou o seu arqueiro divino Tzu-yu, que era capaz de voar no ar e vivia apenas de flores, uma curiosa afinidade com esses astronautas de hoje, que dizem viverem de frutas e sementes de girassol. Esse herói imediatamente derrubou com suas flechas os nove sóis falsos, tendo o cuidado de deixar o verdadeiro brilhando sobre as loucuras da humanidade; matou também todos os dragões e salvou a Terra em geral para uma humanidade ingrata.

A empresa cavaleiresca de Tzu-yu não impressionou a esposa dele, Heng-O. Enquanto o marido matava dragões e, sem dúvida, salvava donzelas em apuros, ela tomou uma pílula antigravidade e voou para a Lua, que achou luminosa e fria como gelo. A única vegetação que havia lá era a caneleira. Arrostando o desconforto, ficou lá. Ao voltar de sua cruzada, Tzu-yu, muitas vezes conhecido como Shen I, o arqueiro divino, demonstrando conhecimento de ciência espacial, comeu um bolo mágico para neutralizar o calor, montou numa ave encantada e voou para o céu, onde gozou de ventura. De repente, lembrando-se de sua mulher, voou para a Lua num raio de luz. Heng-O mostrou pouco entusiasmo por ver seu marido errante, que construiu para ela uma casa de caneleiras, que não

a alegrou, e Tzu-yu voltou para o Sol, construiu um palácio maravilhoso e viveu lá em bem-aventurança[127]. Esta lenda poderá perpetuar as teorias de que o Sol e a Lua eram habitados; uma crença partilhada milhares de anos mais tarde pelo astrônomo Sir William Herschel, que achava que o Sol era frio, teoria esposada seriamente por alguns revolucionários da atualidade.

É difícil interpretar esta história de Tzu-yu satisfatoriamente. Muitos mitos têm vários substratos de verdade; por vezes no decorrer do tempo a memória racial funde alguns incidentes separados em um só e apresenta uma história fragmentária difícil de desemaranhar. Os dez sóis podem ser uma explicação fantasiosa para explicar o calor fantástico que crestou a Terra, e o herói lendário derrubando nove deles, uma invenção ingênua para explicar como o cataclismo foi evitado. Hoje, se algum intruso celeste ameaçasse a Terra, os nossos próprios "arqueiros" lançariam mísseis nucleares para abatê-lo. O conceito de mais de um sol no céu era claramente aceitável para o pensamento chinês antigo e isso leva à suposição de que os discos celestes mencionados no velho Egito e em Roma também visitaram a China. As lendas polinésias, siberianas e dos peles-vermelhas falam de vários sóis queimando a Terra, que algum guerreiro ou animal mais tarde destruiu. Os gregos acusam Faetonte de guiar mal o carro do Sol e incendiar países inteiros; há provas geológicas e históricas que sugerem que há quatro ou cinco mil anos um cataclismo cósmico qualquer realmente ameaçou o nosso planeta. Essa devastação da China foi possivelmente a mesma catástrofe que atingiu os Hiperbóreos, as Terras do Ocidente mencionada pelos clássicos gregos[128].

Divindades do Sol e da Lua eram adoradas como parte da religião do Estado, suas mudanças de cor e os eclipses eram temidos como sinais de infortúnio. Como os egípcios, os chineses rendiam veneração supersticiosa a Tien-Kou, Sírio, o Cão; talvez a ciência secreta dos sacerdotes ensinasse que Sírio era habitada por grandes almas guardiãs do Sistema Solar, como acreditam alguns suprasensíveis atualmente. O famoso texto *Hsio-hsiao-chieng*, um calendário para agricultores que mostra as doze lunações no quarto século a.C. foi mais tarde incorporado ao

capítulo 47 do *To-tai-Li-chi*. Este compreendia o catálogo estelar mais primitivo extraído dos *Shih-Shen, Kan-Te* e *Wu-hsien,* hoje perdidos. No século VIII a.C. o astrônomo Ch'u-t'-Hsi-Tu em sua obra *Kai-yuan-chang-ching,* mencionou observações feitas no século IV a.C. que levaram à construção de um catálogo estelar contendo mil, quatrocentas e sessenta e quatro estrelas divididas em duzentas e oitenta e quatro constelações. O capítulo sobre astronomia ("T'ien-Kuan' ") no *Shih-chi* de Ssuma-Chien, por volta de 90 a.C., contém uma lista de constelações e descreve os movimentos e conjunções celestes e dá interpretações de fenômenos incomuns. No século I a.C. o *Shan-shu-wei-kao* propôs a teoria de que a Terra se deslocava trinta mil lis para o oeste depois do solstício de inverno e trinta mil lis para o leste depois do solstício de verão, ficando parada apenas nos equinócios[129]. Acreditava-se que todas as estrelas eram possuídas por "espíritos", uns benéficos outros malévolos, que influenciavam o homem para o bem ou para o mal; estranhamente, os nossos astrônomos modernos hoje ensinam que há vida em inúmeros planetas e os nossos entusiastas dos UFOs estão ansiosamente à espera dos "espíritos" das estrelas. A crença em influências das estrelas, partilhada por todos os povos da antiguidade, pode constituir os restos de alguma ciência cósmica dos astronautas versados no conhecimento das emanações da radiação e das tensões elétricas de que está carregado o espaço. Os chineses conheciam Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, que tinham cores características. Esses planetas influenciavam os acontecimentos terrestres e eram pátrias de deuses.

Nas escavações de Anyang foram descobertos notáveis astrolábios de bronze que mostram como os antigos chineses cartografavam as estrelas. Por volta de 175 a.C. Chou-li atribuiu a primeira observação do solstício de verão ao Duque de Chou já no século XIX a.C.; em 20 a.C. Liu-Hsiang mencionou em seu *Wu-ching-t'ung* que as verdadeiras causas dos eclipses do Sol eram conhecidas já no quarto século a.C.; o mesmo astrônomo em 7 a.C. publicou o calendário "Sou-t'ung" baseado num ciclo de cento e trinta e cinco meses, contendo vinte e três eclipses. A explosão duma supernova registrada em 134 a.C. foi também observada na Grécia por Hiparco, inspirando-o a compilar seu catálogo estelar preservado por Ptolomeu. Os astrônomos chineses registraram suas observações com meticulosos detalhes, mostrando a posição exata, o tempo, a duração, o brilho e a cor dos fenômenos, tudo catalogado com método científico. Reconhece-se em geral que as listas de estrelas dos chineses são as mais precisas que chegaram até nós vindas da antiguidade. O *Chi-nitzu* do século IV a.C. mostrou que os chineses também faziam meticulosas observações de meteoros, fenômenos incomuns, inundações e secas. Parece que os astrônomos da antiga China herdaram notáveis técnicas matemáticas e de observação de milênios de desenvolvimento ou as receberam de seres extraterrenos.

A literatura chinesa não se gaba de uma grande epopéia nacional como o *Ramáiana* ou a *Ilíada* para inspirar o orgulho dos homens, míseros mortais aquecidos ao brilho do divino imperador, filho do céu, que denota de fato origem do alto. Os chineses acreditavam que seu imperador tirava seus poderes do deus do pólo Norte Celeste; por isso o trono do imperador e os templos do Sol estavam sempre voltados para o sul enquanto os súditos os olhavam para o norte. É interessante notar que essa veneração da Estrela Polar também encontrada no Egito antigo, pode ter alguma relação com a nossa crença moderna de que as astronaves que nos visitam agora aparentemente vêm do norte pela abertura polar existente nos cinturões de radiação de Van Allen. Como os siberianos nativos, os chineses adoravam a constelação da Ursa Maior, de cuja direção aparentemente vinham os astronautas.

Os mitos da China não são tão dramáticos como as histórias clássicas da Índia ou da Grécia; seus personagens carecem das paixões heróicas de Rama e Apolo, principalmente porque durante a longa Dinastia Chou (1027-221 a.C.) os chineses, com seu espírito prático, tenderam a racionalizar seus deuses, resumindo os seus super-homens na figura convencional de seu próprio imperador. Os eruditos treinados nos preceitos humanísticos de Confúcio despiram as velhas histórias do sobrenatural e apresentaram-nas em termos sociais do cotidiano, exatamente como qualquer marxista que reescrevesse a Bíblia hoje

omitiria Deus e apresentaria o "Livro" como as lutas de classe dos judeus. As lendas populares imortalizaram pessoas de interesse local e elevaram-nas à categoria de deuses, exatamente como no Ocidente certos tipos foram canonizados como santos. É difícil, pois, identificar muitas das inúmeras divindades chinesas como astronautas do céu.

Os nossos astrônomos atuais, que rejeitam a teoria da criação contínua para a expansão do universo desde a explosão do átomo primevo infinitamente denso, poderão encontrar algum dúbio encorajamento na velha crença chinesa de Panku, nascido de um ovo e criando o céu e a Terra do caos, mito que, como sua narrativa do Dilúvio, os chineses provavelmente tomaram emprestado aos indianos e aos babilônios. Os filósofos taoístas e budistas especularam mais e ensinaram que o universo se originou do espírito, o conhecido do desconhecido, conclusão que a nossa ciência aceita.

As lendas do *Feng-shen-yen-i* falam de uma Idade de Maravilha há quatro mil anos, narrada como fantasias de ficção científica em termos fora da nossa experiência, mais parecidas com as batalhas aéreas do *Maabárata*. Facções rivais lutavam pelo domínio da China ajudadas por seres celestiais, que tomavam partido exatamente como os deuses que apoiaram os gregos ou os troianos durante o cerco de Tróia. Em termos modernos nós poderíamos imaginar os marcianos apoiando os americanos e os venusianos aconselhando os russos em qualquer conflito futuro; essa perspectiva pode não ser tão inteiramente fantástica como parece; a consciência do advento das astronaves, atualmente vindas de pelo menos dois planetas, torna a interferência extraterrestre em nossas políticas partidárias da Terra uma fascinante possibilidade. Os nossos escritores de ficção científica, que com sua brilhante imaginação desenvolvem as espantosas invenções científicas que estão transformando o mundo, veriam suas fantasias futuristas eclipsadas pela encantadora magia das velhas histórias chinesas.

Os deuses brandiam armas maravilhosas, mais sofisticadas do que os nossos armamentos modernos atualmente. No-Cha usou o seu bracelete céu-e-terra para derrotar Feng-Lin, que em vão mergulhou numa cortina de fumaça protetora; mais tarde o herói, em sua roda-de-vento-de-

fogo, venceu Chang-Kuei-Fong, chamando em seu auxílio hostes de dragões voadores de prata. Weng-Chung vergastou Chi'ih com um chicote mágico, mas foi derrotado por um irresistível espelho yin-yang que irradiava alguma espécie de força mortífera. As guerras eram feitas com a tecnologia que nós atribuímos aos astronautas; os combatentes emitiam raios deslumbrantes de luz, soltavam gases venenosos, lançavam dragões de fogo e globos de chamas, disparavam dardos relampejantes e raios; praticavam a guerra biológica lançando cápsulas de micróbios de umbrelas celestes; protegiam-se com véus de invisibilidade e aparentemente possuíam detecção — radar capaz de ver e ouvir objetos a centenas de léguas de distância —, tecnologia quase idêntica ao arsenal descrito nos versos sânscritos do *Maabárata*[130].

Os antigos chineses anteciparam-se aos nossos químicos modernos na composição de pílulas que conferiam imortalidade, tabletes de rejuvenescimento que davam eterna juventude; outras drogas produziam um estado de hibernação com o corpo em animação suspensa, que a nossa medicina espacial espera descobrir para imobilizar os nossos cosmonautas em viagens de anos para as estrelas. Diz-se que os antigos alquimistas produziram uma pílula para anular os efeitos da gravidade, pós que transformavam água de arroz em vinho e incenso que restaurava magicamente a vista das pessoas. Tais compostos bioquímicos, com efeitos maravilhosos, são também mencionados nos clássicos sânscritos. É difícil crer que uma primitiva comunidade agrícola pudesse adquirir conhecimento farmacêutico maior que o dos nossos químicos atuais; essas drogas maravilhosas não sugerem alguma ciência transcendente, possivelmente de astronautas?

A China escolheu como seu emblema nacional o Dragão, um símbolo de profunda significação. Em tempos antediluvianos, durante a época da Atlântida, o céu à noite apresentava-se diferente; o pólo do céu era a Alpha-Draconis da constelação de Draco, não a nossa atual estrela polar na Ursa Menor; os astronautas, seres celestiais com sabedoria transcendente, que desciam das estrelas para ensinar a humanidade, eram conhecidos pelos antigos como os dragões ou povo-serpente. As serpentes eram adoradas

pelos lemurianos e os atlantes como simbolizando a sabedoria divina; milênios depois essa adoração degenerou em cultos da serpente entre povos nativos de todo o mundo. Por alguma inversão paradoxal do pensamento, possivelmente por uma interpretação teológica errada da serpente do jardim do éden, a serpente passou a ser associada a Satanás e tornou-se emblema do mal. Os pórticos de alguns templos neolíticos eram constituídos de colunatas serpenteantes; da Babilônia ao Japão encontram-se desenhos de dragões de fogo em tijolos cozidos e tecidos de seda, e serpentes de fogo foram mencionadas por profetas na Bíblia e eram veneradas no México antigo. Tradições galesas afirmam que nos tempos do culto do Sol, no reinado de Prydain, filho de Aedd, o Grande, os filhos da deusa Keridwen foram levados por dragões para a pátria deles nos céus. Iniciados do Egito e da Índia relacionavam o Rei Dragão com Saturno, pai dos deuses; ele tinha alguma conexão mística com o Rei Artur e a religião dos celtas.

Mais do que qualquer outra nação os chineses fizeram do dragão um símbolo de sua civilização; eles acreditavam que o Dragão Celestial era o pai de sua primeira dinastia de imperadores divinos; o emblema pictórico do dragão influenciou intimamente essa original e fascinante arte chinesa e na consciência popular o dragão era considerado inspirador de beneficência divina para com seus filhos nesta Terra do Sol.

Os zoólogos duvidam que os dragões tenham jamais existido; o dentado pterodáctilo de há muitos milhões de anos parece aproximar-se do nosso conceito dum dragão voador, mas nenhuma dessas terríveis aves sobreviveu até os tempos históricos. Até mesmo a nossa gente culta de hoje acha difícil imaginar algo que nunca viu; todos nós podemos descrever um aeroplano a contento geral mas poderíamos concordar com uma descrição qualquer se ele não tivesse sido inventado? Histórias da antiguidade em todo o mundo concordam entre si misteriosamente na descrição de dragões com hálito de fogo que percorriam a terra, o mar e o céu. Nenhum povo dá descrições tão pitorescas, mesmo desenhos de dragões, como os chineses. Os textos antigos descrevem monstros fantásticos, com o corpo coberto de escamas como armadura, olhos lançando

relâmpagos, as fauces vomitando chamas; as grandes feras subiam rugindo nos ventos para os céus, mergulhavam nas profundezas do oceano, seu hálito de fogo reduzia cidades a cinzas; algumas vezes um dragão raptava uma donzela e levava-a para o seu covil nas nuvens[131]. Não nos faz isto lembrar aquelas terríveis histórias de UFOs contadas por aterrados camponeses da América do Sul atualmente?

Os reis dragões tinham poderes sobrenaturais, praticavam mesmerismo e telepatia, eram invulneráveis a armas mortais, viviam e amavam em eterna juventude. Dizia-se que moravam em palácios encantados no fundo do mar mas todos deviam obediência ao seu Senhor nas estrelas. Subiam rugindo para o céu como luzes chamejantes em meio a ventos fortes que causavam tempestades que faziam a própria Terra rugir. Os mares podiam significar as "águas do espaço", embora devamos lembrar que segundo consta, muitas astronaves mergulham para bases nas profundezas do nosso próprio oceano. Os deuses viajavam em dragões assim também imperadores e santos homens. Yu, fundador da Dinastia dos Heróis, tinha uma carruagem puxada por dois dragões; o Imperador Yoan dizia-se filho do Dragão Vermelho. Fantasmas com chapéus azuis apareciam às vezes em dragões. As almas dos mortos eram transportadas para o céu pelos deuses alados. Dizem que um dragão compareceu ao nascimento de Confúcio. Poderiam os chineses analfabetos da antiguidade imaginar um dragão, poderia seu conceito permear sua consciência, inspirar sua religião e arte, marcar sua vida cotidiana se esse "objeto voador" nunca tivesse existido[132]?

Para os estudiosos dos UFOs desses tempos antigos as descrições de dragões de fogo voadores, vistos com os nossos olhos modernos, parecem estranhamente familiares; a fantasia dissolve-se e o pitoresco dragão materializa-se, tornando-se uma nave espacial. Os textos da antiga China falam com maravilhosa fantasia de UFOs cortando os céus, mergulhando nos mares, aterrando camponeses, incendiando fortificações, crestando campos, raptando gente ou desembarcando seres divinos para inspirar a humanidade. Imediatamente nos recordamos do objeto voador luminoso que em 4 de novembro de 1957 pairou sobre o forte brasileiro de Itaipu[133] e paralisou soldados e circuitos elé-

tricos com raios de calor, das numerosas pessoas cujo desaparecimento misterioso sugere raptos celestes e de Orthon, o venusiano que falou com Adamski. Os seres celestiais, os dragões, filhos do Sol, os espíritos da velha China eram sem dúvida naves espaciais.

As referências históricas a visões chinesas são escassas. Esse pesquisador erudito que é Yusuke J. Matsumura declara no vol. I, n.º 2 de *Brothers,* o fascinante magazine de Cosmic Brotherhood Association (Associação da Fraternidade Cósmica):

> *Vocês podem encontrar também o registro de uma espécie na* Enciclopédia Wen Hien Tsung Kwao, *editada pela Companhia Editora Ma Tsuanling, onde se diz que uma substância como de cometa foi vista durante dois meses na era do primeiro Han, no ano 12 a.C. Há outra roda de chamas comunicada ao jeito chinês no* Picture dictionary of foreign affairs, *compilado em 1932. Diz o registro que as rodas eram ligadas ao coche no ângulo de graus para o lado da direção do movimento, de maneira muito diferente das rodas das carruagens ordinárias. Uma energia* sui generis *é sugerida no quadro. Diz-se que uma espécie de veículo chamado Kiryao, existente na era de Yin, era um aparelho em forma de animal sarapintado de branco, com crinas vermelhas, olhos de ouro e a cabeça parecida com a de um galo. Dizem que se um homem viajar no seu lombo viverá mil anos.* O livro das montanhas e dos mares, *uma das famosas histórias míticas chinesas, diz que um andrógino que tinha apenas um braço e três olhos viajou no vento num veículo voador até países distantes*[134].

Uma xilografia chinesa de Tu Shu tsi Chang representa a carruagem volante de Kijung.

Acreditava-se que o imperador chinês era descendente do Deus Sol; nas crises Gengis Khan orava ao Sol pedindo ajuda; durante séculos o Império Mongol adorou o Sol. Consta que alguns primitivos cristãos acreditavam que Cristo era um ser celestial do Sol; uma crença semelhante era alimentada pelos chineses, que provavelmente

no início adoravam seres maravilhosos procedentes do Sol e não o Sol físico propriamente. Yusuke J. Matsumura recorda:

> *Na Índia um sol personificado era chamado um deus de ouro, enquanto os clássicos chineses* Shi-Chi *e* Han-Shu *têm uma descrição do "homem celeste cor de ouro", do qual se tinha ouvido falar havia já quinhentos anos, entre a idade de Han e a de Tang. É muito significativo que eles tenham usado não a palavra "deus", mas "homem celeste cor de ouro".*

As histórias da velha China estão repletas de magia, as lendas sugerem seres estranhos maravilhosos com uma ciência maravilhosa, vivendo e amando e partilhando sua sabedoria com os filhos do Sol de olhos oblíquos.

Capítulo oito

ASTRONAUTAS NO ANTIGO JAPÃO

Os sorridentes japoneses comprazem-se na crença de que seus primeiros antepassados vieram da "habitação dos deuses" e adoram seu micado como descendente direto de Amaterasu, a brilhante deusa do Sol, soberana das altas planícies do céu. Conscientes de sua origem divina, os filhos dos deuses desenvolveram sua exótica cultura em esplêndido isolamento. Hoje, sob essa espantosa ocidentalização que está transformando o Japão, o espírito do Bushido, uma fidalguia peculiar ao país, continua inspirando-lhes superioridade sobre os mortais inferiores do mundo. Estes filhos do Sol poderão não conquistar nunca o domínio militar, porém mais do que qualquer outra raça eles sentem em suas almas afinidade com os seres celestes, superiores aos plebeus da Terra, e no segredo de seus corações se imaginam astronautas.

Tradições antigas ensinam que há muitos milhares de anos as ilhas do Japão formavam uma colônia distante da Lemúria[135], o Império do Sol. Os primeiros colonos, uma raça de pele branca, trouxeram [illegible] da pátria uma civilização altamente desenvolvida, que preservou a cultura lemuriana básica até o advento dos europeus há apenas um século. A bandeira japonesa, o Sol Nascente, ainda simboliza o sagrado emblema da submersa Lemúria. Como os hindus, os chineses e os egípcios, os japoneses também se gabam de doze dinastias de reis divinos que

reinaram dezoito mil anos, sugerindo dominação de astronautas.

Os etnólogos concordam em que os primeiros antepassados dos japoneses foram os yamatos[136] de pele branca, que venceram os aborígenes neolíticos, os cabeludos ainos, uma raça primitiva decadente que hoje está quase extinta. Milênios de cruzamentos com os mongóis de pele amarela, malares salientes e olhos oblíquos produziram essa mutação característica que hoje chamamos japoneses, embora um surpreendente número deles pareça quase europeu. A análise lingüística arrisca a sugestão de que a língua japonesa tem afinidades com a babilônia e que a escrita ideográfica se parece exatamente com a assíria, levando a especular sobre a Torre de Babel e as tribos perdidas de Israel. Sobreviventes de algum grande cataclismo no Oriente Médio há três ou quatro mil anos atravessaram a Ásia Central e desceram os longos rios siberianos até aquelas fragrantes ilhas da costa da China; outros caucasianos e semitas seguiram pela Índia, a Malásia e o Pacífico. Chegou a alegar-se até que Jesus sobreviveu à cruz e morreu no norte do Japão, o que foi sugerido por uma curiosa seita cristã existente séculos antes de os missionários portugueses aportarem lá. Os túmulos antigos às vezes contêm relíquias características dos maias do México, o que não é de surpreender muito, pois deve ter havido alguma comunicação com o continente americano. Claro que nesta altura é difícil apresentar fatos concretos, mas os testemunhos acumulados tendem a apoiar a conclusão de que há uns três mil anos, na era de Salomão, de Tróia, do *Maabárata* na Índia, do Rei Bladud na Grã-Bretanha, o Japão formava parte de uma cultura de âmbito mundial, regida e inspirada por homens do espaço.

Escavações de antigos dólmens e montes tumulares mostram que durante o terceiro milênio antes de Cristo os yamatos gozaram de uma cultura requintada, ostentando maestria em cerâmica delicada, resplendentes armaduras e armas de bronze e ferro trabalhadas com habilidade técnica, espelhos artísticos e jóias magníficas que rivalizavam com os tesouros contemporâneos do Egito da Nona Dinastia. Na Grã-Bretanha o Sol não iluminava

ainda nenhum Stonehenge; um milhar de anos decorreria antes que a beleza de Helena lançasse ao mar um milhar de navios para queimar as altíssimas torres de Tróia; perto da cidade de Ur, na Caldéia, Abraão guardava seus rebanhos e falava com "Deus", com Jeová, que deveria inspirar seu filho Israel e os filhos de Israel através de quarenta séculos de sofrimento. Enquanto os "anjos" (astronautas?) salvavam Lot da Sodoma e Gomorra que destruíram, falavam com Moisés e os profetas, os yamatos na sua ilha da flor de cerejeira, continuando a civilização da Lemúria, o perdido Império do Sol, devem ter acolhido bem esses homens das estrelas.

Nos túmulos pré-históricos encontram-se "haniwa", figuras de barro de uma curiosa gente pequenina. Essas estatuetas de terracota, chamadas Jomon Dogus, têm rostos de nobreza caucasiana, não de mongóis orientais. Os arqueólogos acreditaram a princípio que eram substitutos rituais de sacrifício humano, porém mais tarde, sua semelhança com os célebres "marcianos" das pinturas rupestres de Tassili, no Saara, com os duvidosos petróglifos de uma caverna próxima de Ferghana, no Usbequistão[137], e com as estatuetas astecas do antigo México, sugerem que esses homenzinhos usavam trajes espaciais e capacetes como Oannes, que, de acordo com Beroso, foi quem ensinou o povo da Babilônia. Supondo que tais inscrições neolíticas tenham sido representações do Deus Sol, é possível igualmente que fossem representações de astronautas. O brilhante investigador japonês Yusuke J. Matsumura e seus sábios colegas da Associação da Fraternidade Cósmica de Yokohama fizeram um estudo profundo das estatuetas Jomon, comunicado no vol. 2, n.os 1-4, de sua revista *Brothers*[138]. Isao Washio, num estudo convincente, nota que na área de Tohuku as estátuas pareciam usar "óculos de sol", as encontradas na Prefeitura de Aomori aparentemente tinham capacetes e trajes de mergulhador, muito parecidos com os trajes usados pelos cosmonautas americanos atualmente. Yusuke J. Matsumura comparou essas estatuetas com as pinturas rupestres e entalhes encontrados em Fukuoka, Kyushu, Hokkaido e em muitas outras partes do Japão. Informes semelhantes foram dados pelo notável investigador soviético Dr. Alexander Kasantzev,

que insistiu em que "criaturas altamente adiantadas de Marte visitaram a Terra muitas vezes até hoje".

As provas de visitantes do espaço na antiguidade podem estar bem diante dos nossos olhos mas algum curioso arrevesamento nos nossos padrões de pensamento frustra seu reconhecimento; assim também os cientistas, com a mente condicionada não podem aceitar as naves espaciais tão claramente vistas por seus próprios olhos. Num túmulo de Chip-San nos subúrbios da cidade de Yamaga, Kumamoto, Prefeitura de Kyushu, uma pintura em parede de cerca de 2000 a.C. mostra um antigo rei japonês com as mãos erguidas num gesto de boas-vindas para sete discos solares semelhantes aos dos murais pré-históricos encontrados na Etrúria, na Índia e no Irã. Outra gravura em Izumizaki, Fukushima, mostra sete pessoas segurando as mãos umas das outras num grande círculo olhando para o céu e evocando o aparecimento de discos voadores. Os arqueólogos supunham que tais cenas eram simbólicas do culto solar mas a nova compreensão atual do extraterrestrialismo sugere que esses resplendentes orbes representam naves espaciais, revolucionando assim a nossa concepção do passado. A própria palavra "Chip-San" na língua pré-aino significava segundo dizem, "o lugar onde o Sol desceu".

Informe da Divisão de Pesquisa Científica da AFC, em *Brothers,* vol. 2, n.os 1-4:

> *A baía de Yatshshiro-kai em Kyushu, Japão, é chamada mar de Shiranuhi-kai ou mar do Fogo Desconhecido desde tempos antigos e um fogo misterioso que nunca foi compreendido aparece lá num dia determinado ou perto do romper do dia 1.º de agosto, pelo velho calendário.*

A pesquisa moderna sugere que esse "fogo desconhecido" deve ser um fogo magnético acendido do espaço e que é completamente controlado pelos discos voadores e tem relação com aquelas rodas de fogo que vêm visitando a nossa Terra através da história.

Num estudo especial dos discos solares, alados e sem asas, Yusuke J. Matsumura faz uma comparação convincente com os discos solares do antigo Egito, do Irã e de Israel, provando aparentemente que os discos representavam não o Sol mas os discos voadores. É curioso notar que os discos solares encontrados nos túmulos antigos tinham uma semelhança extraordinária com os símbolos circulares das forças aéreas do mundo atualmente, uma coincidência verdadeiramente profética. O Dr. Yoshiyuki Tange declara em *Brothers,* vol. 2, n.os 1-4:

> *Verificou-se que aquelas marcas do Sol traçadas no interior dos antigos túmulos de Kyushu são o símbolo dos discos voadores há milhares de anos. Entrementes, uma lenda do povo aino em Hokkaido diz que Okikurumi-kamui (antigo deus aino) desceu dos céus e pousou em Haiopira, Hokkaido, a bordo de um brilhante shinta (berço aino) no qual descobrimos a mesma marca do Sol. Ele ensinou a maneira justa de vida ao povo aino e destruiu o deus do mal; era um irmão do espaço que veio do espaço exterior a bordo de um disco voador chamado shinta pelo povo aino naqueles tempos.*

A Associação da Fraternidade Cósmica (AFC) de Yokohama dá uma interpretação revolucionária dos círculos de pedra encontrados em todo o mundo.

> *Como se pode ver nas ruínas de figuras de círculos duplos e triplos no chão encontradas na cidade de Kawagoe, Prefeitura de Saitama, no Japão, ou em Glatley, Little Cursus, Dorchester, Inglaterra; e Stonehenge, também na Inglaterra ou no círculo de pedra de Oyu, na Prefeitura de Akita, no Japão, o CÍRCULO e o ESPAÇO estão intimamente relacionados um com o outro.*

A literatura mais primitiva do Japão, o *Kojiki*[139], ou *Relação de assuntos antigos,* escrita em caracteres japoneses arcaicos, baseada em histórias multi-seculares preservadas por bardos e recitadores públicos, foi composta em 712 d.C. por um imaginoso camareiro da corte, Hiyeda-

No-Are, um homem de memória maravilhosa e inventiva infinita. Ele ditou uma confusão de mitos e lendas a um nobre chamado O-No-Yasumaro, que dedicou sua obra-prima à formidável Imperatriz Gemmyo. Pouco depois, em 720 d.C., as mesmas tradições foram revistas e reescritas em chinês clássico, a língua dos eruditos, em trinta livros conhecidos como *Nihongi* pelo Príncipe Toneri e Yasumara-Futo-No-Ason, e a obra, convenientemente dedicada à imperatriz, provava a toda a posteridade sua descendência divina de Amaterasu, deusa do Sol.

Os japoneses guardam como tesouros preciosos essas velhas crônicas, mas nós no Ocidente não nos impressionamos com elas. Imaginem a nossa cultura ocidental sem quaisquer registros escritos até o século VIII, a era de Carlos Magno! Sem Bíblia, sem Homero, sem Ésquilo, sem Aristóteles, sem Virgílio, sem Cícero, sem Plínio, sem nenhum daqueles filósofos clássicos que modelaram as nossas artes, a nossa ciência, a nossa política, a nossa civilização! A glória da Grécia, o esplendor de Roma, seriam apenas um sonho, uma lembrança obcecante, meio esquecida como a Atlântida. Os antigos túmulos do Japão não revelam hieróglifos, nenhuma pedra de Roseta como a que desvendou as maravilhas do Egito, o solo do Japão não encobre tabuinhas de barro como aquela biblioteca cuneiforme que descreve os feitos dos assírios; devem ter surgido e caído civilizações de que não resta memória. Quantos grandes reis, quantos grandes filósofos e nobres damas de beleza viveram e amaram no velho Nipon! Que batalhas sangrentas não devem ter manchado seu solo ensolarado, cujos fantasmas pararam para uma breve hora de vida e depois desapareceram nos corredores poeirentos do tempo para nunca mais voltarem? Aos japoneses atuais a antiguidade não deixa nenhum legado que se compare à nossa herança da Grécia e de Roma, não lhes vem nenhuma revelação de Deus que rivalize com o nosso cristianismo, nenhuma palavra de filósofo para imitar nossa democracia; os escritos do Japão remontam apenas a doze séculos, para a mente japonesa o mundo antigo permanece um reino de mito.

Os japoneses podem responder que a literatura mais antiga da Inglaterra aparentemente data da mesma época

que a deles, com o *Beowulf* e as *Histórias* de Bede; todo o mundo se esquece de que os druidas da Grã-Bretanha tinham, ao que consta, guardados manuscritos de séculos de idade e escritura ogam na grande Biblioteca de Rangor, destruída em 607 d.C.[140], quando o arcebispo e seus monges foram massacrados pelos saxões, com encorajamento de Roma, segundo se pretende. Os geólogos acreditam que a nossa Terra tem cerca de quatro bilhões e quinhentos milhões de anos de idade, os paleontólogos atualmente atribuem ao homem uma existência de vinte milhões de anos: parece provável que comunidades civilizadas habitassem as ilhas floridas do Japão há muitos milhares de anos. Os iogues falam de quatro raças matrizes antes da nossa; tradições de todas as nações indicam a existência de ciclos repetidos de humanidade destruídos por cataclismos; depois a humanidade renascida espirala para cima na cadeia de evolução periodicamente detida por novas catástrofes, prelúdios de renascimento ainda mais alto. Embora basicamente verdadeira, essa progressão cósmica é retardada por uma regressão temporária na evolução, pois alguns dos nossos povos primitivos da África e da América atualmente parecem ser descendentes degenerados de grandes nações cuja civilização milênios atrás transcendeu a nossa atual: a ciência fragmentária dos feiticeiros e dos profetas do tempo parece que são restos de uma ciência psíquica muito à frente do nosso século XX.

Se a nossa civilização for destruída por alguma guerra nuclear, todos os livros do mundo poderão desaparecer no cataclismo, e cinco mil anos depois do nosso arrogante século nada mais restará que algumas lembranças raciais truncadas que falarão de antepassados que usaram mal as forças existentes dentro do átomo e causaram a própria destruição. Hoje olhamos perplexos as inscrições dos etruscos, os hieróglifos do México, a escritura "A" linear de Cnossos, os curiosos símbolos de Mohenjo-Daro; talvez brevemente os arqueólogos descubram pictogramas do velho Japão que algum computador poderá interpretar para alumiar um maravilhoso panorama do passado!

Os mitos japoneses do *Kojiki* foram indubitavelmente modificados pela predominante influência chinesa, pois essas tradições de idades anteriores foram compiladas para

glorificar a dinastia reinante e promover a unidade nacional. O *Nihongi* ou *Crônicas do Japão* pouco depois interpolou-lhe elementos puramente chineses e uma vaga cronologia mas a proximidade do Japão e da China continental torna quase certo que os dois países compartilharam experiências semelhantes com astronautas. As fontes contribuintes foram o *Kogushui* ou *Respingos de histórias antigas,* compilado em 807 d.C. suplementado pelo *Norito,* liturgias muito antigas, coligidas em 927 d.C. no *Engi-Shiki* ou *Cerimônias do período Engi.* Material secundário de interesse particular foram os *Fudoki* ou *Notícias provinciais* iniciados em 713 d.C., que comentavam as lendas e o folclore das regiões em pitoresca profusão; o tempero literário e romântico era acrescentado pelo *Manyoshu,* uma coletânea de poesias feita no século VIII contendo poemas recitados centenas de anos antes. Todas as fontes se combinam para fornecer a fascinante mas confusa mitologia do Japão.

O *Kojiki* diz que no princípio existia o caos na forma de um ovo que continha todos os germes da Criação; uma semelhança notável com a nossa própria teoria cosmológica da expansão do universo desde o superátomo original. Na Planície do Alto Céu nasceram as divindades Senhor-do-Augusto-Centro-do-Céu, a Sublime-Augusta-Maravilhosa-Divindade-Produtora e a Divina-Maravilhosa-Divindade-Produtora e depois dessa trindade sagrada apareceram várias divindades celestes. De um rebento de caniço que nasceu quando a Terra era jovem e vogava como uma água-viva nasceram mais divindades. As divindades celestes ordenaram a Izanagi e Izanami que ficassem juntos na ponte flutuante do céu (uma astronave?) para mergulharem uma preciosa lança na salmoura caótica que eles mexeram até que o líquido coalhou e engrossou, e gotas de salmoura recaindo no oceano condensaram-se na ilha de Onogoro. Izanagi e Izanami desceram na ilha tornando-a o centro da Terra e erigiram um augusto-pilar-celestial e um palácio-de-oito-braças. O casal celestial anelava por unir-se para produzir gente para a sua ilha mas com grande embaraço para ambos verificaram que ignoravam a deliciosa arte das relações sexuais, o que não é de surpreender porque o método natural ainda não

tinha sido tentado. Um pouco frustradas as duas divindades viram uma levandisca sacudindo a cabeça e a cauda para baixo e para cima e isso inspirou Izanagi e Izanami a inventarem os prazeres da relação sexual, para delícia dos futuros amantes. Os dois copularam incessantemente, produzindo numerosas divindades e também ilhas, mares e montanhas, até fogo. O nascimento do Deus do Fogo queimou de tal modo as partes da Augusta Fêmea que Izanami morreu, deixando a Izanagi a triste tarefa de criar sozinho. Do olho esquerdo de Izanagi nasceu a Deusa Sol, Amaterasu, o Brilho do Céu, do olho direito o Deus da Lua, Tsuki-Yami, do nariz Susanowo, o Macho Impetuoso.

Izanagi fez Amaterasu soberana da Planície do Alto Céu e deu a Susanowo o domínio sobre o mar. O Macho Impetuoso desapontado, exigiu conhecer sua mãe Izanami na Distância Inferior e quando o pai lhe recusou permissão e o baniu, Susanowo subiu ao céu para dizer um tumultuoso adeus a sua irmã. Alarmada com sua ruidosa aproximação, Amaterasu tomou de seu arco com setas de ponta de sol e a vista da encantadora amazona despertou emoções românticas no Macho Impetuoso, que cordialmente sugeriu que fizessem um juramento de evitar discórdia e gastassem suas energias unindo-se na agradável tarefa de procriar a posteridade. A sugestão agradou a Amaterasu, que deu nascimento a mais divindades. Mas o comportamento do Macho Impetuoso ficou pior: pisoteou e destruiu a divisão nítida dos campos de arroz do céu, atulhou os fossos de irrigação e poluiu o palácio real com excremento. Por fim, o violento deus esfolou um potro pintado celeste, que caiu para trás abrindo um buraco no telhado do palácio sobre as mulheres que teciam as vestimentas celestiais, fazendo as lançadeiras feri-las fatalmente nas partes e causando suas mortes. Susanowo foi censurado pelo alto conselho dos deuses, multado pesadamente e foram-lhe arrancadas as unhas dos pés e das mãos e jogadas embaixo, na Coréia; depois ele atravessou para Izumo a caminho de mais desventuras. A deusa do Sol ofendida, retirou-se para uma gruta deixando o mundo entregue à escuridão e ao desastre até que finalmente as outras divindades um tanto alarmadas, a sedu-

ziram com um espelho induzindo-a a sair e assim a luz voltou à Planície do Alto Céu e à Terra da Flor de Cerejeira, embaixo. Essa divertida história é a versão japonesa da guerra do céu entre os deuses e o subseqüente cataclismo na Terra; uma descrição muito mais agradável do que o horrendo conflito nos céus pintado pelos chineses[141].

Nessa idade mitológica dos deuses o Japão era conhecido como Toyo-ashi-hara-no-chio-aki-no-mizuho-no-kuni, Terra-de-Férteis-Planícies-de-Caniços, De-Colheitas-Fartas-e-Espigas-de-Arroz-Plenas[142]. Durante séculos o país foi chamado Yamato — a província onde o primeiro imperador, Jimmu, construiu sua capital em 660 a.C. O ideograma chinês "Wa", que representava "Yamato" também significava "anão", e por isso em 670 d.C. os japoneses pediram aos chineses que se referissem ao seu país como "Nipon" ou "Nihon", "Origem do Sol" ou "Lugar do Sol Nascente". Os chineses e os coreanos interpretaram os signos que representavam "Nihon" como "Jih-pen" mais tarde ocidentalizado para "Japão", ainda simbolizando a crença japonesa fundamental de sua origem celestial no Sol, que nós hoje traduzimos como descendentes de astronautas.

Susanowo, o "deus caído" banido do céu por sua impetuosidade, salvou uma princesa de um dragão de oito cabeças e oito caudas, construiu um belo palácio em Suga Izuma, casou com ela e teve muitos filhos; outras divindades desceram à Terra e se uniram com as filhas dos homens, confirmando tradições semelhantes de união celestial com mortais mencionadas no *Genesis,* no sânscrito e nos clássicos gregos. O filho mais famoso de Susanowo chamado Okuninushu, tornou-se soberano da Terra, ofendendo os deuses no céu, desprezando a sua autoridade e seguindo seus próprios planos de império. Os deuses ofendidos com essa rebelião, enviaram cá embaixo várias divindades para restaurar a sua soberania, sem sucesso; esses emissários foram vencidos pelos insurretos na Terra. Finalmente, a deusa do Sol em Takama-gaharo, a Planície do Alto Céu, ordenou a seu neto Ninigi-no-Mikoto que tomasse posse da Terra-das-Planícies-de-Caniços e restaurasse o governo celestial. O Príncipe Ninigi e Ame-no-

Koyana, antepassado das famílias cortesãs, levado na ponte flutuante do céu (uma nave espacial?) desceu no pico de Takachiho, de Hyuga, em Kyushu, em frente da terra de Kara (Coréia). Consigo Ninigi trouxe da parte de Amaterasu, a deusa do Sol, a espada, o espelho e a jóia, os três símbolos da soberania. Rapidamente conquistou as regiões em volta e estabeleceu no Japão o governo da dinastia divina.

Uma fascinante narração da descida dos seres celestiais em naves espaciais para conquistar a Terra, abandonada à iniqüidade e ao pecado, é dada no *Nihongi*[143] ou *Crônicas do Japão* dos tempos mais remotos até 697 d.C. Esta brilhante tradução de W.G. Aston, Livro Primeiro, p. 110, parece vagamente semelhante ao *Genesis,* à *Teogonia* de Hesíodo e ao conflito entre os deuses e os mortais no *Maabárata.*

Em 667 a.C. o *Nihongi* descreve o Imperador Kami-Yamato-Ihare-Biko:

> *Quando chegou à idade de quarenta e cinco anos ele (o imperador) falou aos seus filhos mais velhos e aos filhos deles dizendo: "Desde tempos antigos as nossas divindades celestiais Taka-mi-musuli-no-Mikoto e Oho-hiru-me-no-Mikoto apontando para esta Terra-de-Belas-Espigas-de-Arroz-da-Fértil-Planície-de-Juncos deu-a ao nosso antepassado celeste Hiko-ho-no-ninigi-no-Mikoto. Então Hiko-ho-no-ninigi-no-Mikoto abrindo a barreira do céu e cortando uma passagem nas nuvens, percorreu rapidamente a sua rota sobre-humana até que parou. Nesse tempo o mundo estava entregue à desolação geral. Nessa tristeza, por conseguinte, ele promoveu a justiça e desse modo governou esta costa ocidental (Kyushu). Nossos antepassados imperiais e nosso pai imperial como deuses, como sábios, acumularam felicidade e amealharam glória. Muitos anos se passaram. Da data em que nosso antepassado celestial desceu até agora são passados mais de 1792470 anos. Mas as regiões remotas ainda não gozam as bênçãos do governo imperial. Permite-se que cada cidade tenha seu senhor e cada aldeia seu chefe, que cada um por si mesmo*

faça divisão de território e pratique a agressão e conflito mútuos.

"Agora eu ouvi o Velho do Mar (Shiho-Tsutsuno-Ogi) dizer que no leste há uma bela terra cercada de montanhas por todos os lados. Além disso há o Um que desceu lá viajando num barco de rocha celestial. Eu creio que esta terra será indubitavelmente adequada para a extensão da tarefa celestial (isto é, para maior expansão do poder imperial) a fim de que sua glória encha o universo. É sem dúvida o centro do mundo. A pessoa que baixou lá, creio, foi Nigihoye-lu' (significa 'Sol-Rápido-Suave'). Por que não havíamos de ir para lá e fazer dela a nossa capital?"

Todos os príncipes imperiais responderam e disseram: "A verdade disso é manifesta. Esse pensamento está constantemente presente em nossas mentes também. Vamos para lá rapidamente". Ocorreu isso no ano Kinoye Tora (51.º) do Grande Ano.

A afirmação de que antepassados celestiais desceram dos céus num barco de balanço celestial há perto de dois milhões de anos por certo divertirá os cientistas que acreditam que a civilização foi desenvolvida pelo próprio homem há uns poucos milhares de anos, mas a descida de astronautas em remota antiguidade é confirmada por ensinamentos ocultos, pelos livros sagrados de Dzyan e por lendas em todo o mundo.

Antes de Ninigi partir para a Terra foi-lhe dito que nas encruzilhadas do céu havia uma divindade estranha cujo nariz tinha sete mãos de comprimento e em cuja boca e traseiro brilhava uma luz. Esta estranha descrição pode referir-se a um ser celestial em uma astronave de outra galáxia, pois nenhum dos deuses sabia nada a respeito dele. A deusa Uzume-hime abordou o estranho, que disse que seu nome era Saruto-hiko; também ele tencionava pousar na terra do Japão e ofereceu-se para fazer para a deusa uma ponte volante ou barco-ave-celeste.

O bisneto do Príncipe Ninigi, o Imperador Immu, invadiu Naniwa (Osaca) para conquistar Yamato mas a princípio foi repelido pelos Tsuchi-gumo, as "aranhas da Terra", os aborígines originais, os cabeludos ainos, não

descendentes dos deuses. Depois da conquista final o imperador subiu a uma montanha e olhando para o belo cenário exclamou: *"Umashi kunizo Akitan-no-toname-suru ni nitari!"* ("Belo país! Parece libélulas copulando!") De modo que para os homens do espaço olhando para baixo o Japão devia ser "Akitsushima" — "Terra da Libélula"[144].

Os japoneses acreditam que em 660 a.C. as divindades celestiais vieram em auxílio do Imperador Jimmu para vencer seus inimigos, fazendo lembrar aqueles gêmeos celestiais, Castor e Pólux, que em 498 a.C. ajudaram os romanos a derrotar os tusculanos junto ao lago Regillus[145]. O apoio das divindades a Jimmu esteve longe de ser decisivo, pois a história acrescenta que o imperador convidou oito "aranhas da Terra" para um banquete e mandou assassiná-las antes de poder completar a conquista.

Em 9 a.C. de acordo com Yusuke J. Matsumura[146] "os aborígines japoneses chamados kumaso prosperavam em Kyushu, excedendo a Dinastia Yamato em influência, quando, em 10 de fevereiro, apareceram no céu nove sóis que causaram muito caos na Terra e a Dinastia Yamato foi lançada em grande confusão. Foi isso no décimo ano do Imperador Suinin. Esses nove sóis, ou discos solares, como os antigos os chamavam, eram discos voadores".

Os nove sóis sobre o Japão em 9 a.C. são como os dez sóis sobre a China em 2346 a.C., quando nove foram abatidos pelo "divino arqueiro" Tzu-yu. Em ambas as ocasiões a Terra foi presa de discórdia; o aparecimento dos nove "discos" em 9 a.C. foi considerado pelos aborígines, que adoravam os discos solares, um sinal de descontentamento celestial contra a Dinastia Yamato pela escravização mental e física que impunha aos seus súditos.

O *Nihongi*, Livro Primeiro, p. 226, declara, por volta de 200 d.C.:

Além disso havia na aldeia de Notorita um homem chamado Hshiro-Kuma-Washi (Águia Cervejeira Pena Branca). Era um indivíduo extremamente forte e tinha asas no corpo, de modo que podia voar e subir no ar. Por isso não obedecia às ordens imperiais e geralmente saqueava as pessoas.

Nem o divino Leonardo da Vinci conseguiu resolver o problema do vôo humano. Seria aquele homem um astronauta?

Durante os primeiros séculos, quando os "anjos" andavam ajudando o Rei Artur e Merlin e, mais tarde, São Patrício e São Germano em suas lutas com os saxões que invadiam a Grã-Bretanha, do outro lado do mundo os deuses assistiam os japoneses. Por volta de 220 d.C. a famosa Imperatriz Jingo invadiu a Coréia, e as divindades foram antes e depois da expedição. O rei de Silla (Coréia) foi vencido por esses invasores divinos e imediatamente se submeteu.

Uma curiosa referência a um parente astronauta em 460 d.C. aparece no *Nihongi,* Livro Primeiro, p. 342.

> *Quarta primavera, segundo mês. O imperador (Oho-Hatsuse-Waka-Taka) (*Nota: *"Hatsuse" é um lugar em Yamato, "Waka-taka" significa "jovem, bravo") foi caçar com arcos e flechas no monte Katsuraki. De repente apareceu um homem alto, que se aproximou e ficou parado no vale vermelho. No semblante e no porte ele se parecia com o imperador. O imperador sabia que ele era um deus e, por conseguinte, passou a interrogá-lo dizendo: "De que lugar és, Senhor?" O homem alto respondeu e disse: "Sou um deus de homens visíveis (isto é, um deus que assumiu forma mortal). Dize-me tu primeiro teu nome principesco e depois eu por minha vez te informarei do meu". O imperador respondeu e disse: "Nós somos os Waka-taka-no-Mikoto". O homem alto, a seguir, deu seu nome dizendo: "Teu servo é o deus Hito-Koto-Mushi" (literalmente, "senhor de uma palavra". A divindade que dissipa com uma palavra o mal e com uma palavra o bem). Finalmente ele lhe fez companhia na diversão da caça. Perseguiram um veado e cada um cedeu ao outro o privilégio de atirar a flecha. Galoparam, lado a lado, usando um com o outro linguagem respeitosa como na companhia de gênios. Então o sol se pôs e a caçada terminou. O deus escoltou o imperador e acompanhou-o até a água de*

> *Kume. Desta vez o povo dizia: "Um imperador de grande virtude!"*

Não evoca esta história os seres celestiais da antiga Índia, os deuses e mortais da Grécia, os anjos e reis do Velho Testamento? Não são ecos vagos desses encontros amáveis entre astronautas e seus "contatos" de que se fala hoje?

Essa visitação em 460 d.C. foi mencionada novamente cerca de cem anos mais tarde no *Nihongi,* em 556 d.C., durante o reinado do Imperador Ame-Kuni-Oshi-Hiroki-Hiro-Niha.

> *O ministro Soga disse: "Antigamente, no reino do Imperador Oho-hatsuse, teu país estava sendo atacado pela Koryö (Coréia) e encontrava-se numa posição tão crítica como uma pilha de ovos. Diante disso, o imperador ordenou reverentemente ao ministro da religião xintoísta que se aconselhasse com os deuses. E então o sacerdote, por inspiração divina, respondeu e disse: 'Se, depois de humilde prece ao Deus Fundador da Terra (Oho-namochi-no-Kami), tu fores em auxílio do soberano que é ameaçado de destruição, certamente haverá tranqüilidade para o Estado e paz para o povo'. Fez-se a prece ao deus, foi prestado o auxílio, e a paz foi assegurada. Ora, o deus que originalmente fundou o país é o deus que desceu do céu e estabeleceu este Estado no período em que o céu e a Terra foram separados, e quando as árvores e as ervas tinham fala. Recentemente foi informado de que o teu país deixou de adorá-lo. Mas se te arrependeres agora de teus erros anteriores, se construíres um santuário ao deus e fizeres sacrifício em honra de seu divino espírito, teu país prosperará. Não deves esquecer isto".*

O comentador do Tau-chö aqui cita a seguinte declaração curiosa da obra chamada *Sei-to-ki:*

> *"No reinado do Imperador Kwammu (782-806 d.C.) nós (os japoneses) e a Coréia tínhamos escritos*

da mesma espécie. O imperador não gostando disso queimou-os e disse: 'Estes escritos falam do deus que fundou o país e não mencionam os deuses nossos antepassados'. Mas possivelmente isto apenas se refere à lenda de Tan-kun, que o Tongkom *dá como segue: 'Na Região Oriental (Coréia) no princípio não havia chefe. Então houve um homem divino que desceu debaixo dum sândalo e o povo da terra estabeleceu-o como seu senhor. Era chamado Tan-kun (Senhor do Sândalo) e o país recebeu o nome de Choson (que quer dizer frescor). Foi no reinado do imperador chinês Tong-Yao (2357-2258 a.C.) no ano Mon-Shen. A capital no princípio foi Phyong-yong, que depois se chamou Pek-ok (a colina branca). No oitavo ano (1317 a.C.) do reinado de Wu-Ting, da Dinastia Shang, ele entrou no monte Asatai e tornou-se um deus'.*

Acreditava-se que esses seres divinos tinham vivido mil anos na Coréia, e depois, segundo parece, trasladaram-se para o céu. Isso nos faz lembrar o misterioso Conde de St.-Germain que dizem ter visitado a Terra durante vários séculos voltando periodicamente ao planeta Vênus. Que dizer...?

O único deus estelar mencionado nos mitos japoneses é Kagase-Wo, descrito como um rebelde vencido, possivelmente referindo-se um tanto vagamente a algum conflito no espaço. É despojado dos títulos de kami (divindade) e mikoto (augusto) acrescentados aos nomes de outros deuses. As únicas mencionadas no *Kojiki* ou *Nihongi* são Vênus, Marte, Júpiter, as Plêiades e a estrela Alpha Lyrae, esta última relacionada com uma lenda chinesa.

O *Nihongi,* Livro Segundo, p. 122, surpreende-nos com a história de um extraordinário menino-prodígio nascido no décimo dia do quarto mês de 593 d.C. durante o reinado da Imperatriz Toyo-Mike-Koshiki-yo-Hime.

O príncipe da casa imperial Mumayodo-no-Toyo-Sumi foi nomeado príncipe imperial. Ele tinha o controle geral do governo e foram-lhe confiados todos os

detalhes da administração. Era o segundo filho do Imperador Tochi-bane-no-Toyo-hi. A imperatriz-consorte, título da mãe dele, era a princesa imperal Anahohe-Hashito. A imperatriz-consorte no dia em que ia dar à luz deu volta ao recinto proibido inspecionando os diversos serviços. Quando chegou à seção dos cavalos e acabava de chegar à porta do estábulo deu-o subitamente à luz sem esforço. Ele falou logo que nasceu e tornou-se tão sábio quando cresceu, que era capaz de acompanhar os processos legais de dez homens ao mesmo tempo e julgá-los sem erro. Sabia de antemão o que ia acontecer. Além disso aprendeu a doutrina interior (budismo) com um sacerdote coreano chamado Hye-Cha e estudou os clássicos de fora (clássicos chineses) com um doutor chamado Hok-ka. Em ambos esses ramos de estudo ele se tornou perfeitamente proficiente. O imperador, seu pai, amava-o e fê-lo ocupar o salão superior, o sul do palácio. Por isso, era intitulado Sênior Príncipe Kamu-tou-miya-Mumaya-do-Toyo-tomini (Nobre Filho da Imperatriz Toyo do Palácio Superior e da Porta do Estábulo).

Embora esse nome fosse talvez adequado, o príncipe deve, sem dúvida, ter precisado de toda a sua serena filosofia para tolerar semelhante título!

619 d.C.: Um objeto brilhante como uma figura humana foi visto por cima do rio Gamo, no Japão central.

(*Brothers,* vol. 3, n.º 1)

Como os romanos, os maias e os chineses, os antigos japoneses tinham um respeito supersticioso pelos prodígios da Terra e do céu que os adivinhos prognosticavam como anunciando acontecimentos fatídicos.

650 d.C.. De acordo com o *Nihongi,* Livro Segundo, p. 241, o Imperador Ame-Yorudzu-Toyo-Lu declarou:

Quando um governante sábio aparece no mundo e governa, o império é suscetível a ele e manifesta

augúrios favoráveis. Nos tempos antigos durante o reinado de Changwong, da Dinastia Chou, um governante da Terra Ocidental (China) e novamente no tempo de Ming-Ti, da Dinastia Han, foram vistos faisões brancos. Na nossa terra do Japão durante o reinado do Imperador Hamuto um corvo branco fez o ninho no palácio. No tempo do Imperador Ohosazaki (Ojinn Tenno, 271 d.C.) um cavalo-dragão apareceu no ocidente.

O cavalo-dragão tinha asas na cabeça, atravessava a água sem afundar e aparecia quando um soberano ilustre ocupava o trono. Este pode ter sido um UFO mas é mais provável que tenha sido um cometa como "uma estrela longa" vista no sul em 634 d.C., durante o reinado do Imperador Okinaga-Tohashi-hi-Hiro-Nuka, que o povo chamou estrela-vassoura. Três anos mais tarde, em 634 d.C. o *Nihongi,* Livro Segundo, p. 168, informou:

Uma grande estrela flutuou de leste para oeste e houve um ruído como de um trovão. A gente desse tempo disse que era o som da estrela cadente. Outros disseram que era trovão da terra. Então o sacerdote budista Bin disse: "Não é a estrela cadente mas o Cão Celestial, o som de cujo ladrido é como o trovão".

Uma semana depois houve um eclipse do Sol.

O sábio sacerdote Bin foi sem dúvida enganado por *Os clássicos das montanhas e dos mares,* um livro chinês muito antigo que dizia:

Na montanha da Porta do Céu há um cão vermelho chamado Cão Celestial. Seu lustro voa através do céu e, flutuando assim, torna-se uma estrela de muitas varas de comprimento. É rápida como o vento. Sua voz é como o trovão e seu fulgor como o relâmpago.

Essa descrição sugere uma astronave em forma de charuto!

O Cão Celestial era Sírio, mas essa referência clássica

a uma estrela que flutuava, se alongava, tinha brilho vermelho, movia-se rapidamente, soava como trovão e emitia radiação lembra as grandes naves-bases vistas alto nos nossos céus atualmente.

Um comentário no *Nihongi* declara:

O Cão Celestial ou Tengu da superstição japonesa moderna é uma criatura alada de forma humana, com nariz extremamente longo, que freqüenta os cumes das montanhas e outros lugares ocultos.

Os estudiosos dos UFOs imediatamente reconhecem a semelhança desta aparição com os astronautas mencionados nos clássicos que dizem que andam atualmente assustando camponeses na França, na América e no Brasil. Nos tempos bíblicos as naves espaciais pousavam entre as montanhas aonde os "anjos" chamavam Moisés e os profetas para receberem revelações divinas; a maioria dos países tem pelo menos uma montanha sagrada associada às manifestações dos deuses.

O "nariz extremamente longo" da "criatura alada com forma humana" referia-se sem dúvida a algum capacete com aparelho respiratório, pois para alguns seres extraterrestres a nossa atmosfera oxigenada pode ser venenosa; lembramo-nos de Oannes, um ser com corpo de peixe que, segundo Beroso ensinou aos babilônios as artes da civilização; sua semelhança com um peixe provavelmente indicava que o estranho usava um traje espacial, talvez um daqueles "trajes pressurizados" dos Jomon Dogu reproduzidos nas várias estatuetas encontradas em todo o Japão. Visto que a criatura alada de nariz comprido deu nascimento a uma superstição, é de supor que suas manifestações nas montanhas do Japão não fossem infreqüentes através de vários séculos, mostrando que observavam regularmente os filhos do Sol.

Em novembro de 1837 d.C. "um intruso, um monstro de poder sobre-humano, impossível de pegar assombrava os caminhos de Middlesex, na Inglaterra. De acordo com J. Vyner em seu fascinante artigo na *Flying Saucer Review,* de maio-junho de 1961:

O intruso era alto, esguio e possante. Tinha nariz proeminente e dedos ossudos com imensa força, semelhantes a garras. Era incrivelmente ágil. Usava uma longa capa esvoaçante do tipo usado pelos freqüentadores de ópera, os militares e os atores ambulantes. Na cabeça usava um capacete alto aparentemente de metal. Sob a capa tinha trajes justos de um material luzente como oleado ou malha de metal. Tinha uma lâmpada adaptada ao peito. Mais estranho que tudo: a criatura tinha as orelhas cortadas ou pontudas como as de um animal.

O velho Duque de Wellington que havia derrotado Napoleão em Waterloo, armou-se com um par de pistolas e no verdadeiro estilo da caça à raposa partiu para tocaiar aquele salteador de estrada que saltava por cima de sebes e casas com a maior facilidade; mas depois de alguns meses ameaçando os honestos cavalheiros da região e aterrando as mulheres com olhos como bolas de fogo vermelhas, a aparição desvaneceu-se para reaparecer em 1880, 1948 e 1953 na América.

Talvez a criatura alada dos antigos clássicos japoneses se tivesse cansado do Japão e viesse procurar os subúrbios mais fascinantes do Ocidente.

638 d.C.. *No dia 26 do primeiro mês da primavera uma estrela comprida apareceu no noroeste. O sacerdote Bin disse que era uma estrela-vassoura. Quando ela apareceu houve fome.*

O astrólogo Bin provavelmente viu um cometa. O *Nihongi,* Livro Segundo, p. 169, delicia os futuros estudiosos de UFOs registrando em

640 d.C.. *No dia 7 do segundo mês da primavera, uma estrela entrou na Lua.*

642 d.C.. *No outono, nono dia, sétimo mês, durante o reinado da Imperatriz Ame-Toyo-Tokaro-Ikashi-hi-Tarashi-Hime uma estrela hóspede entrou na Lua.*

A história chinesa refere que a entrada de Vênus na Lua era olhada pelos adivinhos como anúncio de mortalidade entre o povo. É significativo que Vênus fosse a única estrela adorada pelos astecas no México; adoravam-na com grande veneração e a ela ofereciam em sacrifício os corações sangrentos dos cativos. A associação de Vênus com malevolência para com a Terra pode ter sido alguma memória racial da guerra com invasores desse belo planeta mencionada nos clássicos gregos e sânscritos.

Os japoneses acreditavam em demônios semelhantes aos asuras ou "deuses rebeldes" descritos no *Rig Veda;* os gandharvas (guerreiros celestiais), Garudha (o monstruoso "homem-pássaro"), a nave celeste de Indra e seres aéreos semelhantes àqueles "orgulhosos demônios em navio de vidro" mencionados no *Orlando furioso,* Canto I, estância 8, de Ariosto, poeta do Renascimento italiano. O *Nihongi,* Livro Segundo, p. 272, menciona:

661 d.C.: *No outono, primeiro dia do oitavo mês. O príncipe imperial acompanhando os restos mortais da imperatriz voltou até o Palácio de Ihase. Nessa tarde, no topo do monte Asakura estava um demônio (ou "espírito") com um grande chapéu olhando para baixo para as cerimônias fúnebres. Todo o mundo soltou exclamações de espanto.*

Essa manifestação faz recordar o ano de 1099 d.C. quando os cruzados estavam sitiando Jerusalém. Matthew of Paris em sua *Historia Anglorum* escreveu que um resplandecente cavaleiro, que agitava um escudo brilhante, apareceu subitamente no monte das Oliveiras e acenou para os desanimados cruzados para que atacassem novamente. Os estudiosos de UFOs imediatamente se hão de lembrar do espantoso incidente ocorrido em 26 de junho de 1959 na Nova Guiné, quando o Reverendo William Boot Gill[147], missionário anglicano, viu um enorme disco com dois pares de pernas apontando diagonalmente para baixo e quatro homens na "coberta" acenaram para ele. 661 d.C. no Japão, 1099 d.C. em Jerusalém, 1959 d.C. na Nova Guiné! Estarão estes amáveis astronautas sempre a nos observar?

Três anos depois desta visão no Japão, em 664 d.C.

segundo a *História eclesiástica* de Bede, Livro Quarto, capítulo 7[148], uma luz do céu brilhou sobre as freiras no cemitério do Mosteiro de Barking, às margens do Tâmisa; em seguida passando para o outro lado, brilhou sobre os monges e depois retirou-se para o céu.

11 de agosto de 671 d.C.: *Um objeto flamejante foi visto voando para o norte de muitos países no Japão um ano antes da guerra dos Jinshim.*

1.º de outubro de 679 d.C.: *Matéria semelhante a algodão ("cabelo de anjo") de cinco a seis pés de comprimento caiu sobre Naniwa, nome anterior de Osaca, e foi levada pelo vento para vários lugares.* (*Brothers*, vol. 3, n.º 1)

O século VII parece que presenciou atividades de UFOs em todo o mundo. As luzes celestiais mencionadas pelos anglo-saxões apareceram sobre o Japão. Os compiladores do *Nihongi* anteciparam-se ao nosso Charles Frost[149] e citaram muitos fenômenos fascinantes.

680 d.C.: *Décimo primeiro mês, primeiro dia. Houve um eclipse do Sol. No terceiro dia houve um brilho a leste desde a hora do Cão até a hora do Rato (das oito da noite até a meia-noite).*

681 d.C.: *Nono mês, décimo sexto dia. Apareceu um cometa, no décimo sétimo dia o planeta Marte entrou na Lua.*

682 d.C.: *Sexto mês, terceiro dia. Os hóspedes da Coréia foram recebidos em Tsukushi. Nesta tarde ao crepúsculo uma grande estrela passou de leste para oeste.*

682 d.C.: *Oitavo mês, décimo primeiro dia. Apareceu uma coisa com a forma como de uma bandeira batismal budista e de cor de chama. Flutuou através do vazio em direção ao norte e foi vista por todas as províncias. Alguns dizem que mergulhou no mar ao largo de Koshi. Neste dia um vapor branco subiu da montanha Oriental com quatro braças de tamanho.*

No décimo segundo dia houve um grande terremoto.

Um dia depois o vice-rei de Tsukushi deu parte de um pardal com três pernas. No décimo sétimo dia houve outro terremoto. Neste dia houve um arco-íris bem no meio do céu e oposto ao Sol.

É digno de nota que Julio Obsequens, em *Prodigiorum libellus*, menciona luzes brilhantes sobre a antiga Roma antes da ocorrência de terremotos, e desde 1927 os observadores têm notado UFOs no céu pouco antes da atividade vulcânica, confirmando informes de supostos astronautas de que suas astronaves controlam o campo magnético da Terra e mostram grande preocupação com zonas aparentemente fracas na nossa crosta terrestre.

684 d.C.: *Outono, sétimo mês, vigésimo terceiro dia. Um cometa apareceu no noroeste com mais de dez pés de comprimento.*

684 d.C.: *Décimo primeiro mês, vigésimo primeiro dia. Ao escurecer sete estrelas derivaram juntas para o nordeste e afundaram.*

Décimo primeiro mês, vigésimo terceiro dia. Ao pôr do sol uma estrela do tamanho dum pote caiu no setor do leste. À hora do Cão (sete-nove da noite) as constelações ficaram completamente desordenadas e caíam estrelas como chuva.

Décimo primeiro mês. Durante este mês houve uma estrela que subiu no zênite e continuou acompanhando as Plêiades até o fim do mês, quando desapareceu.

692 d.C.: *Outono. Sétimo mês, vigésimo oitavo dia. Reinado do Imperador Tokama-No-Hara-Hiro-No-Hime. O carro imperial voltou ao palácio. Esta noite Marte e Júpiter aproximaram-se e afastaram-se um do outro quatro vezes o espaço de um passo, brilhando e desaparecendo alternadamente.*

As visões relatadas no *Nihongi* continuaram através da Idade Média até os tempos modernos. A Associação da Fraternidade Cósmica de Yokohama relaciona pelo menos setenta fenômenos celestes extraordinários de 858 a 1832 d.C. Nos séculos XIX e XX essas visitações mis-

teriosas aumentaram, até que hoje os serenos céus do Japão parecem povoados de astronaves. Pessoas supra-sensíveis afirmam terem comunicação cordial com seres extraterrestres, como seus antepassados da antiguidade.

As *Notícias históricas* do Japão contam que o Imperador Hwang, desejando fazer descer um dragão e viajar no seu lombo, primeiro reuniu cobre, metal relacionado com o planeta Vênus, em uma montanha e fundiu uma trípode. Imediatamente um dragão voou do alto para ele; depois de o monarca ter usado o "deus" como aeronave, setenta de seus súditos voaram nele também[150].

O xinto, ou kami-no michi, a maneira dos deuses, permeia praticamente todos os aspectos da vida japonesa, embora o budismo, particularmente a doutrina zen, influencie profundamente as artes e as ciências, inspirando todos os buscadores da verdade[151]. Há muitos milhares de deuses no xintoísmo, que abrange o culto dos antepassados e o culto dos espíritos da natureza, tornando a mente japonesa receptiva para a existência de vida através do universo, de habitantes de outras dimensões e de astronautas das estrelas. O sistema xinto tem afinidades notáveis com o druidismo da Grã-Bretanha antiga. Os japoneses, como os celtas, acreditavam na santidade dos seres reais ancestrais, reminiscências da Idade de Ouro dos reis do espaço. Hoje mesmo a maioria dos japoneses ainda venera seu micado como descendente de Amaterasu, deusa do Sol.

Atualmente os japoneses veneram o seu glorioso passado e através de sua Associação da Fraternidade Cósmica estão planejando o futuro áureo, quando o ensolarado Japão conduzirá toda a humanidade novamente a uma maravilhosa amizade com os nossos irmãos do espaço.

Capítulo nove

REIS ESPACIAIS NO ANTIGO EGITO

Egito! Terra de maravilha, mistério e magia. Durante séculos sem conta as vastas pirâmides, a inescrutável esfinge, aqueles imponentes templos ao longo do Nilo têm dominado as mentes dos homens, evocando com sua grandeza silenciosa os ecos duma antiguidade grandiosa, a presença de orgulhosos imortais, aquela Idade de Ouro dos deuses em que a Terra era jovem. Essas ruínas colossais dum passado remotíssimo intrometem-se no nosso mundo presente como símbolos de alguma raça galáctica; sua aura de poder e força espiritual irradiam uma mensagem que os homens não podem ler; erguem-se ali solitárias, em alheio isolamento, dominando os areais além do espaço e do tempo, à espera de que o homem se erga até a compreensão. Essa impressionante majestade revela uma raça de seres maior e mais nobre que transcende o homem mortal — os seres celestiais que ensinaram a civilização à Terra, os astronautas das estrelas.

Hoje o nosso mundo sofisticado perdeu o seu senso de deslumbramento, aquela divina expectativa da alma que transmuda as frias relíquias do passado em vida quente e apaixonada. O nosso século XX sem alma, condicionado pela ciência e pelo socialismo a apreciar a nossa era com todos os seus defeitos, como o cume mais alto do esforço humano, zomba da antiguidade como desolada ignorância, esquecendo que a verdadeira civilização amadurece dentro da alma e não por meio de superbombas. Nós, que cerca-

mos a Lua de foguetes e desafiamos as estrelas, desprezamos os sábios do passado. Mas suponhamos que os segredos do antigo Egito contenham alguma maravilhosa revelação que transforme o futuro do homem. Suponhamos que os conceitos convencionais estejam errados. O nosso mundo clama por compaixão. Devemos procurar inspiração nas estrelas?

Os poucos milênios que imaginamos que marcam a história do homem sobre a Terra são determinados pelos vários objetos descobertos pelos arqueólogos, datados pelo radiocarbono, o potássio-argônio ou outras técnicas e confirmados por testemunhos contemporâneos, se alguns existem; sobre as vastas eras de evolução humana pregada pelos paleontologistas nada se sabe. Os cientistas hoje admitem que as civilizações de outros planetas não são síncronas com a nossa. Em alguns sistemas estelares as pessoas podem estar milhares, até milhões de anos mais adiantadas do que nós. É possível que em idades passadas alguns astronautas que andassem explorando a nossa beira da galáxia tenham desembarcado na Terra e, obedientes à lei cósmica, tenham ensinado ao homem primitivo os rudimentos da cultura; talvez tenham governado como reis, partindo depois para semearem as sementes da civilização em outras partes. Essa hipótese não é absolutamente ficção científica, pois nos séculos vindouros é intenção dos cosmonautas futuros espalhar as duvidosas bênçãos da Terra por todas as estrelas visíveis.

Os egiptólogos têm dedicado suas vidas a estudar as areias do Nilo; arqueólogos de gênio, submetendo seus achados à percepção erudita, têm revelado um brilhante panorama do Egito antigo, o esplendor dos faraós, a sabedoria dos sacerdotes, a maravilhosa herança legada à Grécia e a Roma, que está influenciando profundamente a nossa civilização atualmente. A decifração da pedra de Roseta, por Champollion, iluminou um mundo perdido. Sir Flinders Petrie com sua pá desenterrou história; sábios de uma dezena de países pacientemente ressuscitaram um quadro vívido de sete mil anos de civilização. Sete mil anos! Heródoto escreveu que os egípcios se consideravam os mais antigos da humanidade. Que aconteceu no Egito antes da história?

Tradições ocultas conservam conhecimento esotérico transmitido por incontáveis adeptos desde a mais remota antiguidade, que ilumina vastas épocas da evolução do homem muito além do âmbito limitado da arqueologia fatual. Essas revelações, porém, não servem para a ciência, que deve seguir sua própria metodologia rígida de fatos, experiência e prova; mas, a não ser que ponhamos de lado a maioria dos pensadores verdadeiramente grandes do passado como vazios sonhadores, só porque adotaram um padrão de pensamento diferente do nosso, teremos que dar algum crédito aos ensinamentos dessas tradições ocultas, especialmente quando é extremamente improvável que venham a ser encontradas, algum dia, quaisquer provas escritas dos tempos remotos.

O historiador atualmente acha difícil compreender o nosso próprio século perturbado; olha com justo ceticismo a sabedoria dos místicos fora da disciplina racional; deve, porém, lembrar-se de que em idades vindouras o nosso mundo moderno poderá ter-se tornado tão pouco conhecido como a perdida Atlântida, e esta é uma possibilidade aterradoramente real. Se uma guerra nuclear ou cataclismo cósmico assolasse a nossa Terra hoje, os incêndios, as inundações e os terremotos poderiam destruir todos os documentos escritos, reduzir a pó os mais imponentes edifícios e aturdir as mentes dos homens, obliterando todas as suas lembranças da catástrofe; os poucos sobreviventes mergulhariam na barbárie, na luta frenética pela sobrevivência num mundo destroçado, demasiado chocados para meditarem sobre os horrores do passado. Quando os futuros sábios se dedicassem a estudar o nosso século XX talvez não restasse mais nada da nossa orgulhosa cultura. Tróia desapareceu da história; os professores clássicos juravam que a cidade de Príamo era um sonho de Homero, até que o ingênuo Schliemann desenterrou o diadema precioso de Helena; Pompéia e Herculano, sepultadas pelas cinzas do Vesúvio que sufocaram o erudito Almirante Plínio em 79 d.C., durante dezoito séculos foram apenas lendas. Quem sabe se em eras futuras as nossas grandes metrópoles não serão apenas um mito? Daqui a dez mil anos os arqueólogos, na ausência de artefatos, poderão negar que algum dia existimos; a única memória da nossa

era tempestuosa poderá encontrar-se na ciência dos adeptos. É errado ridicularizar as velhas tradições; a ciência devia levá-las em conta.

A ciência secreta ensina que há dez mil anos os lemurianos, terceira raça tronco da humanidade, migravam de seu continente submerso através da Índia para formar colônias no alto Nilo; a cronologia torna-se confusa. Beroso afirma que um rei governou Babilônia quatrocentos e trinta e dois mil anos antes do dilúvio; se assim foi, um monarca contemporâneo deve ter reinado no Egito, afirmação que podemos aceitar ou rejeitar.

O próximo grande ciclo da humanidade evoluiu na Atlântida, um continente-ilha existente no oceano Atlântico há mais de duzentos mil anos. Poucos assuntos têm despertado tanta exaltação como a Atlântida — a não ser talvez os discos voadores! Cerca de dois mil livros já foram escritos provando sua existência e quase outros tantos refutando-a; os crescentes conhecimentos de geologia e climatologia sugerem que mais cedo ou mais tarde a ciência aceitará a verdade da Atlântida submersa, como aceitará a dos UFOs que nos freqüentam atualmente.

Sob a benéfica orientação dos iniciados em ciência solar procedentes de Vênus, os atlantes atingiram uma civilização maravilhosa que teve seu zênite há cerca de noventa mil anos, baseada numa ciência psíquica que controlava forças etéreas. Os adeptos adquiriram poderes mentais supranormais, conjurando a ajuda de elementais de outras dimensões. Com seus mestres do espaço os atlantes aprenderam o culto do Sol, a adoração do logos solar do qual o Sol visível é apenas um símbolo. Acreditavam na vida depois da morte, na reencarnação da alma, na carne através da cadeia de mundos para atingir a perfeição na harmonia com Deus, que sonhava o universo vivo. Os cientistas dominavam um poder chamado vril que causava a levitação; manejavam uma força sideral titânica que produzia aquelas explosões aniquiladoras tão vividamente descritas milênios depois pelo *Maabárata*. Os primeiros soberanos, reis divinos do espaço, promoveram intercâmbio entre os planetas. Provavelmente havia comunicação com seres maravilhosos de Sírio, que tanto fascínio místico exercia sobre os povos do mundo antigo. A Terra poderia ser um

posto avançado da Federação Galáctica, como sugere o conhecimento recôndito de alguns iniciados.

Os astrônomos ficam muitas vezes espantados quando suas descobertas recentes parecem ter sido feitas antes por antigos povos primitivos que não possuíam os nossos telescópios modernos. Não podendo atribuir tal conhecimento à observação direta, tendem a desprezar o fato como não científico, especialmente se não parece haver nenhuma explicação lógica. Jean Servier, professor de etnologia em Montpellier, chama a atenção para os dogons dos rochedos de Bondiagara, no Máli, na África, que há muito sabem que Sírio tem dois satélites e conhecem a periodicidade de cada um; dizem eles que o companheiro íntimo da estrela é composto de um metal chamado sogolu, mais brilhante do que o ferro, e que um grão dessa substância "pesa tanto como quinhentas e oitenta cargas de jumento". Essa crença poderá ser ridicularizada a princípio como superstição, mas então astrônomos lembram-se de que em 1862 Alvan G. Clark, usando um refrator de dezoito polegadas, descobriu uma companheira de Sírio com uma aparente densidade de cinqüenta vezes o peso da água. Uma caixa de fósforos dessa matéria pesaria uma tonelada. Os físicos explicam essa como a sugestão de que os átomos do sogolu seriam destituídos de eléctrons e seus núcleos comprimidos uns contra os outros — uma explicação plausível não provada. Os nossos astrônomos hoje concordam com um segundo satélite de Sírio, mas, ao contrário dos dogons, não determinaram sua órbita. Os iniciados do Sudão veneram Sírio como o progenitor do nosso sistema solar, confirmando a maioria da ciência oculta antiga. A tribo dos shilluks da África do Sul sempre chamou Urano[152] "Três Estrelas", um planeta com duas luas; entretanto até a sua redescoberta por Rerschel em 13 de março de 1781, Urano era desconhecido para os astrônomos modernos. Os tuaregues do deserto do Saara partilham de uma série de lendas mundiais concernentes a Orion e às Plêiades. Um conhecimento tão profundo das estrelas, transmitido por gerações de povos primitivos através de milhares de anos, só pode ter sido obtido por astrônomos em alguma civilização há muito desaparecida como a Atlântida, ou por astronautas.

Os atlantes rebelaram-se contra os soberanos do espa-

ço, que voltaram às estrelas — possivelmente a guerra titânica entre os deuses dos gigantes revelada nas lendas gregas e no *Ramáiana.* Milhares de anos de atividade vulcânica desfizeram o continente em ilhas que afundaram no mar. Prevendo a destruição final muitos atlantes emigraram para o leste até o vale do Nilo ou para oeste até a América, construindo colônias à feição da sua pátria. As semelhanças culturais particularmente na arquitetura, na metalurgia e nas crenças religiosas entre os egípcios e os astecas sugerem origem comum na Atlântida. Mais tarde em vãs tentativas para evitarem seu destino, os sacerdotes perverteram a ciência psíquica transformando-a em magia negra e os reis empreenderam a invasão marítima dos países do Mediterrâneo e do norte da África e foram finalmente derrotados pela heróica Atenas. Por volta de 11000 a.C. a última grande ilha de Poseidon foi destruída por uma erupção vulcânica; a orgulhosa Atlântida mergulhou no oceano e pouco depois era apenas uma vaga recordação alimentada por muitos crentes mas desprezada pela crença oficial, que não pôde encontrar provas. Há tradições ocultas de que astronautas de Vênus desceram à Terra para salvar os iniciados escolhidos da destruição. Essa salvação parece perpetuada nos ensinamentos cristãos dos "anjos do Senhor" que descerão do céu para salvar os justos no Dia do Juízo, que as escrituras descrevem vividamente como as chamas e inundações que destruíram a perversa Atlântida[153].

Poucos testemunhos desse continente perdido ficaram para a posteridade. A Atlântida foi mencionada no *Livro de Dzyan,* escrito originalmente em senzar, mais tarde traduzido para o chinês, o tibetano e o sânscrito. O testemunho mais valioso da Atlântida preservado por Platão no *Timeu,* declara que seu famoso antepassado, Sólon, visitou o Egito por volta de 590 a.C. e conversando sobre a antiguidade com sacerdotes de Saís, no delta do Nilo, foi-lhe dito por um sacerdote muito velho que em tempos antigos

> *...o Atlântico era navegável desde uma ilha situada a oeste do estreito a que vós chamais as Colunas de Hércules; a ilha era maior do que a Líbia e a Ásia juntas... Ora, a ilha era chamada Atlântida e era o centro de um grande e maravilhoso império que tinha o domínio sobre outras partes do continente e além disso sujeitava partes da Líbia até o Egito e da Europa até a Tirrênia.*

O sacerdote contou como o vasto poderio dos atlantes tentou subjugar o Egito e a Grécia mas os atenienses e seus aliados derrotaram os invasores e libertaram os povos conquistados.

> *Mas depois ocorreram violentos terremotos e inundações e num só dia e noite de chuva todos os seus homens belicosos afundaram de uma vez na terra e a ilha da Atlântida da mesma maneira desapareceu sob o mar.*

Sólon escreveu *Atlantikos,* um poema inacabado, provavelmente baseado nos escritos egípcios sobre a Atlântida mas infelizmente esse poema se perdeu e se perderam também os escritos egípcios; mas quem sabe que documentos poderão ser desenterrados das areias do Nilo? Os iniciados acreditam que os atlantes depositaram cápsulas de tempo detalhando sua história e que quando o mundo estiver preparado esses segredos serão desvendados. Essa idéia parece ficção científica mas quantas verdades cósmicas têm sido reveladas ao homem neste século! A prova da Atlântida poderá ser encontrada no Egito[154].

A civilização numa antiguidade fantasticamente remota é desdenhada pelos egiptólogos, que estabelecem a cronologia fazendo cálculos estimativos baseados em listas dinásticas de reis encontradas em inscrições, baseando-se em alguma data fixada na história babilônica contemporânea ou no ciclo sótico — um período de mil e quatrocentos e sessenta anos, a coincidência do nascimento de Sírio e do primeiro dia do calendário civil. O estabelecimento das idades dos objetos orgânicos como madeira e osso é efetuado medindo-se seu conteúdo de radiocarbono 14, a idade da cerâmica é estabelecida pelo método de termoluminescência, que determina a quantidade de luz emitida pela argila quando aquecida. Essa luz tem impor-

tância em sua idade. Mas até os grandes peritos diferem. Petrie[155] datou a Primeira Dinastia de Menés a partir de 4777 a.C., Breasted a partir de 3400 a.C., algumas autoridades sugerem 2850 a.C., os egiptólogos reconhecem culturas pré-dinásticas da Idade da Pedra estabelecidas com base na cerâmica e nos sílexes encontrados em antigos túmulos, que variam em requinte do período gerzeano superior ao primitivo período tasiano[156]; o começo dos tempos neolíticos é vagamente calculado em cinco ou seis mil anos a.C., que parece ser apenas ontem em comparação com os vinte milhões de anos a.C. atribuídos pelo Dr. L. S. B. Leaky[157] aos fragmentos fossilizados da mandíbula do *Kenya Pithecus africanus* encontrados em janeiro de 1967 no Quênia.

É improvável que os egiptólogos estendam seu conhecimento muito mais para trás, pois o estabelecimento das datas pelo radiocarbono vai apenas até uns trinta mil anos a.C.; as areias profundas tornam o estabelecimento das datas pelos métodos geológicos praticamente impossível. Conquanto devamos honrar os dedicados egiptólogos por suas brilhantes descobertas, devemos reconhecer a limitação da arqueologia no estabelecimento da antiguidade remota e considerar os escassos recursos que nos foram deixados na literatura e nas lendas.

A mais antiga e mais fascinante descrição do antigo Egito foi preservada por Heródoto[158], nascido de uma família nobre de Halicarnasso em 484 a.C. Para escapar ao tirano da cidade exilou-se e em 443 a.C. partiu do Pireu em suas épicas viagens aos citas, no mar Negro, à Síria, à Babilônia e passou algum tempo no Egito explorando o Nilo para o sul até as primeiras cataratas perto de Elefantina. Seu objetivo principal era imortalizar o conflito entre a Grécia e a Pérsia mas dotado de verdadeiro instinto de jornalista, discorre de modo fascinante sobre as nações da antiguidade, dando-nos uma narrativa cativante, vívida e pitoresca, tão atual hoje como quando foi escrita há dois mil e quatrocentos anos. Heródoto, o "pai da história", relatou tais maravilhas que os eruditos incrédulos o alcunharam o "pai das mentiras" mas a arqueologia e a pesquisa modernas cada vez mais estão provando que ele foi um paciente e honesto repórter. Esse maravilhoso diário de viagem repleto de anedotas pessoais, curiosidades e jóias da intelectualidade dos países que visitou, foi escrito com tal humor e arte narrativa que quando Heródoto leu sua obra para os gregos reunidos em Olímpia o jovem Tucídides se comoveu até as lágrimas e se inspirou para escrever a sua própria e grande *História*.

A arguta observação de Heródoto e seu estilo gracioso deliciam-nos ainda hoje. Escrevendo sobre os egípcios, Livro Segundo, capítulo 35, ele diz:

> *Os homens carregam suas cargas à cabeça, as mulheres aos ombros. E as mulheres mijam em pé, mas os homens mijam sentados. Procuram conforto em suas casas mas comem fora, nas ruas, dizendo que as coisas que são necessárias mas vergonhosas devem ser feitas em segredo mas que as coisas que não são vergonhosas devem ser feitas em público... Amassam o pão com os pés e o barro com as mãos. Outras nações deixam seus órgãos genitais como eram ao nascer, salvo as que aprenderam com os egípcios, mas os egípcios circuncidam-se. O homem usa duas peças de roupa, mas a mulher usa apenas uma.*

No Livro Segundo, capítulo 2, Heródoto declara:

> *Ora, até que Psamético reinou sobre eles, os egípcios acreditavam que eram os mais antigos de todos os homens.*

Adiante, no Livro Segundo, capítulo 43:

> *Mas Hércules é um deus muito antigo dos egípcios; pois dizem que decorreram dezessete mil anos até o tempo em que Amasis começou a reinar, desde que os doze deuses, dos quais afirmam que Hércules era um, nasceram dos oito.*

Heródoto ficou evidentemente impressionado com a antiguidade dos egípcios, pois continuou a investigar rigorosamente, escrevendo no Livro Segundo, capítulo 142:

Até aqui falei com base na autoridade dos egípcios e seus sacerdotes. E eles me mostraram que houve trezentas e quarenta e uma gerações de homens desde o primeiro rei até este último, o sacerdote de Héfaistos. Tal, dizem eles, foi o número de seus reis e seus sumos sacerdotes durante este intervalo. Ora, três gerações perfazem cem anos. E, nas quarenta e uma gerações que ainda restam em acréscimo às trezentas, há mil e trezentos e quarenta anos. Assim, em onze mil e trezentos e quarenta anos eles disseram que nenhum deus sob a forma de homem foi rei; nem falaram de qualquer coisa semelhante antes ou depois entre os que foram reis do Egito mais tarde. (Ora, em todo este tempo disseram que o Sol se desviou de seu curso normal quatro vezes e que nascia onde agora se põe e se punha onde agora nasce, mas que nada no Egito foi alterado por isso, nem no tocante ao rio, nem no tocante aos frutos da terra, nem relativamente a doenças ou mortes.

Nos onze mil anos anteriores a Heródoto o eixo da nossa Terra deslocou-se consideravelmente quatro vezes, duas vezes parecendo que o Sol nascia no oeste; tal movimento na crosta da terra confirmando antigas tradições hindus, deve ter causado catástrofes em todo o mundo. Provavelmente só o orgulho nacional fez os egípcios jurarem que seu país não foi afetado; a destruição e o caos causados pelas catástrofes certamente explicam a falta de testemunhos de civilizações no passado remoto.

Heródoto refere que alguns anos antes os sacerdotes de Tebas mostraram a outro grego, o historiador Hecateu, trezentas e quarenta e cinco estátuas de madeira colossais, que Heródoto viu com os próprios olhos. Eram todas de sumos sacerdotes, pais e filhos em sucessão ininterrupta. Esses piromis eram

...nobres e bons, porém muito afastados dos deuses, mas eles disseram que no tempo anterior a esses homens os soberanos do Egito eram deuses que habitavam no meio da humanidade. E o último deles que reinou sobre o Egito foi Horo, filho de Osíris,

que os gregos chamam Apolo e reinou sobre o Egito depois de derrubar Tifon.

Compreendendo que os imensos períodos de tempo que ele cita podem ser postos em dúvida, Heródoto cita os sacerdotes egípcios acrescentando:

Ora, Osíris é Dionísio na língua grega... O próprio Dionísio, o mais jovem deles, calculam que tinha quinze mil anos de idade no tempo do Rei Amasis. Essas coisas os egípcios dizem saber com certeza porque sempre contaram os anos e mantiveram registros escritos.

A extrema antiguidade dos deuses-reis do Egito é confirmada por Maneton, nascido em cerca de 300 a.C. em Sebenito, na margem ocidental da seção de Damieta do Nilo. Subiu à dignidade de sumo sacerdote do templo de Heliópolis. Heródoto, no Livro Segundo, capítulo 3, escreve: "Pois dizem que os homens de Heliópolis são os mais sábios dos egípcios". Todo o mundo antigo reconhecia Heliópolis como uma grande sede de saber e a universidade do Egito. No famoso templo Maneton deve ter tido à sua disposição documentos de todas as espécies, papiros, tabuinhas hieroglíficas, esculturas murais e inúmeras inscrições e sobretudo talvez o conselho de seus sábios colegas, instruídos nas tradições de milênios. Maneton familiarizado também com as novas filosofias e os ensinamentos científicos dos gregos, era pessoa especialmente indicada para escrever a *História,* com tão abundante material e críticos eruditos à sua disposição. Escreveu a história dele em grego para esclarecimento dos eruditos, durante o reinado do primeiro Ptolomeu, Filadelfo. Continha um relato das diferentes dinastias dos reis do Egito compilado de documentos genuínos. Apoiado por tal cultura, Maneton deve ter escrito sem dúvida com a maior precisão. Infelizmente para a posteridade a obra perdeu-se com todas as suas fontes e provavelmente pereceu nas chamas quando Júlio César incendiou acidentalmente a grande biblioteca de Alexandria; destruída por imperadores romanos megalomaníacos ou queimada por cristãos faná-

ticos e pelos árabes em 642 d.C., de sua valiosa obra apenas uns poucos extratos foram conservados nas obras de Júlio Africano e Eusébio.

Os fragmentos existentes da *Aegyptica* de Maneton declaram:

> *O primeiro homem (ou deus) no Egito é Héfaistos, que é também famoso entre os egípcios como o descobridor do fogo. O filho dele, Hélio (o Sol), teve por sucessor Sosis e depois seguem-no sucessivamente Cronos, Osíris, Tifon irmão de Osíris e finalmente Horo, filho de Osíris e Ísis. Eles foram os primeiros a governar o Egito. Depois o reinado passou de um para outro em uma sucessão ininterrupta até Bydis, através de treze mil e novecentos anos. Depois dos deuses reinaram semideuses durante mil e duzentos e cinqüenta e cinco anos e novamente outra linhagem de reis governou por mil e oitocentos e dezessete anos, depois mais trinta reis de Mênfis, reinando por mil e setecentos e noventa anos e a seguir novamente dez reis desta, reinando por trezentos e cinqüenta anos. Seguiu-se então o governo dos "espíritos dos mortos" por cinco mil e oitocentos e treze anos.*

Pode ser que os "astronautas" fossem olhados como "espíritos dos mortos"[159]?

Em Tebas, cidade de Amon, orgulhosa capital do Egito dos faraós, o Nilo ainda sonha com a antiga glória suspirando por aquelas auroras em que os sacerdotes de vestes brancas cantavam hinos a Rá, o Deus Sol que dourava a terra de luz. Na margem leste erguem-se as solitárias colunatas de Ramsés II, símbolos mudos do passado; onze quilômetros a oeste fica o Vale dos Reis, lugar dos túmulos reais cujos tesouros foram saqueados há muito tempo, com a única exceção do de Tutancâmon, cujo esplendor dourado revelou as maravilhas do velho Egito. Entre as muitas ruínas ao longo do rio bordado de palmeiras ergue-se o bem conservado templo de Hator, a deusa do amor, em Denderá, um santuário dos mistérios de Osíris ensinados pelos adeptos desde a mais remota antiguidade; essa ciência secreta inspirou a maioria dos grandes filósofos

e resiste por trás da nossa civilização materialista atual.

No teto do templo de Denderá estava entalhado um zodíaco, ou dia celeste, tão notável que o teto original foi removido e reerguido em Paris e substituído por uma cópia[160]. Os signos do zodíaco reproduzem uma configuração das estrelas noventa mil anos antes de Cristo, pois os símbolos astrológicos de acordo com a precessão dos equinócios denotam a passagem de três e meio grandes anos, cada um com vinte e cinco mil e oitocentos anos, isto é, noventa mil anos decorreram desde que foi fixado este "relógio das estrelas". O templo original há muito tempo que está reduzido a cinzas, mas esse zodíaco único foi copiado por iniciados ansiosos por preservarem esse testemunho do passado. Tal antiguidade assombra os nossos espíritos modernos, condicionados a limitar a civilização a uns poucos milênios mas zodíacos semelhantes em templos do norte da Índia e em tabuinhas de barro encontradas na Caldéia, confirmam este símbolo dos tempos da Atlântida, dos filhos do Sol que colonizaram o Egito.

No século VI d.C. Simplício escreveu que tinha ouvido dizer que os egípcios haviam feito observações astronômicas ininterruptamente durante seiscentos e trinta mil anos mas mesmo que quisesse dizer meses, ainda assim seriam cinqüenta e dois mil e quinhentos anos. Diógenes Laércio datou os cálculos astronômicos dos egípcios de quarenta e oito mil e oitocentos e sessenta e três anos antes de Alexandre, o Grande e Marciano Capella declarou que os egípcios tinham estudado as estrelas secretamente durante quarenta mil anos antes de revelarem seu conhecimento ao mundo.

Os soberanos pré-dinásticos foram aparentemente confirmados pelo papiro de Turim e a pedra de Palermo.

Panodoro, monge egípcio, escreveu por volta de 400 a.C.:

> *Desde a criação de Adão até Enoc e o ano cósmico geral de 1282 o número de dias não era conhecido nem em mês nem em ano, mas os E-gregori ("guardas", "anjos") desceram à Terra no ano cósmico geral de 1000, comunicaram-se com os homens e ensinaram-lhes que as órbitas das duas luminárias*

marcadas pelos doze signos do zodíaco se compunham de trezentas e sessenta partes.

Beroso, por volta de 250 a.C., dá detalhes de seis dinastias ou seis deuses, confirmados também pela *Crônica* de Mabolas, que afirmou ter tido a ajuda dos sábios Sotates e Palaefoto, no terceiro e quarto séculos antes de Cristo[161]. A mesma fonte declarou que na Vigésima Quarta Dinastia, durante o reinado de Bocchoris, 721-715 a.C., um "cordeiro" falando com voz humana profetizou a conquista e escravização do Egito pela Assíria e a remoção de seus deuses para Nínive; sessenta anos depois, aproximadamente, Assurbanípal e suas hordas saquearam Tebas. Bocchoris foi poupado a esse desastre, pois Maneton acrescenta: "Sabacan, tendo levado Bocchoris cativo, queimou-o vivo".

O extraordinário "cordeiro" tinha na cabeça, segundo diziam, uma serpente "alada" de quatro cúbitos de comprimento. As "serpentes aladas" dos astecas, acredita-se hoje, eram astronaves. As tradições dizem que nesse distante oitavo século a.C. o rei romano Numa Pompílio praticava artes mágicas e conversava com os deuses. Teria sido o "cordeiro falante" que advertiu o malfadado Bocchoris o "deus" que falava com Numa e Elias? Seria um astronauta?

Syncello escreveu:

> *Entre os egípcios há uma certa tabuinha chamada* Crônica *que contém trinta dinastias e cento e treze descendentes, abrangendo o longo período de trinta e seis mil e quinhentos e vinte e cinco anos. A primeira série de príncipes foi a dos auritae, a segunda foi a dos mestroens, a terceira a dos egípcios. A* Crônica *diz o seguinte:*
>
> *"A Héfaistos não é atribuído nenhum tempo, pois é, ao que parece, noite e dia. Hélios, filho de Héfaistos, reinou três miríades de anos. Depois Cronos e as outras doze divindades reinaram três mil e novecentos e oitenta e quatro anos; a seguir, em ordem, vêm os semideuses, em número de oito, que reinaram duzentos e dezessete anos[162]".*

Sanchoniathon, um escritor fenício da antiguidade compôs uma história em língua fenícia centenas de anos antes de Cristo. A obra foi traduzida para o grego por Philo Byblos em cerca de 80 d.C.; a história perdeu-se, restando apenas fragmentos preservados por Eusébio no primeiro livro de sua obra *Praeparatio evangelica.* Sanchoniathon escreveu:

> *Contemporâneo destes (Taautus-Tor-Tot-Hermes) foi um Elianu, que corresponde a Hipsisto ("o Altíssimo"), e sua mulher Beruth, e residiam perto de Byblos, de quem foi gerado Epigeno ou Autichton que depois chamaram Urano (Céu)...*

Depois segue uma descrição da guerra entre Urano e seu filho Cronos. Ajudado pela magia de Hermes, Cronos venceu Urano e também seu irmão Atlas, uma notável semelhança com as bem conhecidas lendas gregas[163].

A referência a Hipsisto ("o Altíssimo") equivale a Eloim e sugere astronautas.

Heródoto, Maneton, Beroso, Panodoro, Syncello, Sanchoniathon e quem sabe quantos mais escribas veneráveis, cujos escritos pereceram nas chamas há muito tempo, confirmam essas maravilhosas histórias de outras terras do outro lado do mundo. Lembramos o *Ramáiana* da Índia, o *Shoo King* da China, o *Nihongi* do Japão; poetas de todos esses países escreveram quadros esplêndidos de maravilhosos imortais guerreando e amando na Terra e no céu, e de suas dinastias divinas governando a humanidade numa idade de ouro. A milhares de quilômetros de distância as areias do Nilo expelem suas pedras, papiros e pergaminhos falando de dinastias de reis-deuses que governaram o velho Egito. Porque a pá não desenterra nenhum rei espacial, atrever-se-á algum arqueólogo a negar sua existência? Os nossos paleontólogos que lidam com ossos poderão medir a sabedoria pela metade de um crânio e dois dentes molares? Os historiadores do Egito, como os cronistas de outros países, concordam em que seus primeiros reis foram seres maravilhosos das estrelas.

O faraó era adorado como o filho de Horo, descendente de Rá, o Deus Sol. A religião egípcia ensinava que

o faraó era Deus; toda a Terra e todo o povo lhe pertenciam porque ele era o doador da fertilidade, o preservador de tudo.

Uma inscrição da Décima Segunda Dinastia declara:

Adorai o rei! Entronizai-o nos vossos corações!
Ele torna o Egito verde mais do que um grande Nilo.
[Ele é vida.
Ele é aquele que cria tudo o que é, o genitor
Que faz a humanidade existir[164].

O povo cria que o faraó era um ser divino, nascido num plano mais elevado e descido à Terra para governar suas humildes pessoas[165]. Ibn Aharon, com notável compreensão, revela que o ritual da corte obrigava o faraó, em seus atos pessoais, a agir como um deus e a alimentar-se e realizar suas funções naturais em segredo, como se sua gloriosa pessoa vivesse na perfeição.

Quem eram aqueles reis-deuses do antigo Egito? Não seriam astronautas?

Capítulo dez

DEUSES ESPACIAIS NO ANTIGO EGITO

Os antigos egípcios acreditavam no "primeiro tempo", um tempo em que os deuses realmente viviam na Terra em uma idade de ouro, de amor e justiça universais. O próprio faraó era reconhecido como um deus. Por milhares de anos o país floresceu como uma teocracia, com sua política, artes, ciência e medicina completamente dominadas pelos sacerdotes. O egípcio mediano, condicionado pela religião, sentia toda a sua existência, na vida terrena e depois da morte, controlada por dezenas de deuses no juízo divino, cada um governando algum aspecto da peregrinação cósmica do homem. Esse confuso panteão de divindades parece ter-se acumulado relativamente tarde na cultura egípcia. A razão é que muitas vezes deuses locais assumiam preeminência nacional ou personalidades e lendas assumiam realidade, como se dá com as personagens das nossas novelas de televisão atualmente. A mente egípcia, incapaz de pensamento abstrato, sentia-se obrigada a adorar formas animais que representavam diferentes qualidades dos deuses, os quais eram por sua vez manifestações de um deus supremo, além da compreensão do homem[166]. Plutarco, em *De Iside et Osiride*, revela que os famosos mistérios egípcios continham a verdade atrás das fábulas e mitos do culto popular e, de grau em grau, em seus ritos secretos, levavam os iniciados à luz cósmica.

A primeira religião do Egito parece ter sido a adoração do Pai-Terra e da Mãe-Céu, uma curiosa inversão de

Mãe-Terra e Pai-Céu, elemento fundamental que contém a sugestão de reis espaciais comum à maioria das religiões do mundo antigo; mais tarde a Mãe Universal deu à luz o Deus Sol, Rá, que era olhado pelos egípcios como o criador e soberano do mundo. Este simbolismo de mãe e filho é mantido até o dia de hoje nas divindades da Virgem Maria e de Jesus Cristo. Em sua forma esotérica mais pura o cristianismo perpetua a religião atlântica e egípcia do Sol.

Há muitos milhares de anos, quando toda a nossa Terra era governada por reis espaciais vassalos dum suserano planetário possivelmente de Vênus, os extraterrestres deviam adorar os grandes espíritos que residiam no Sol; os iluminados compreenderiam que mesmo esses seres maravilhosos eram subordinados à Alma Transcendente que dominava a galáxia, que por sua vez era apoucada pelo inefável esplendor das emanações ainda maiores do Absoluto. O egípcio comum, como todos os homens comuns não versados no mistério cósmico, devia adorar o Sol físico como fonte do calor e da luz e venerar os reis espaciais como divinos. Depois que os extraterrestres partiram da Terra, as gerações posteriores, guardando memórias raciais confusas do passado, fundiram o Sol e os reis espaciais em Horo, imortalizado em lendas cuja fantasia sintetiza uma história meio esquecida. Com brilhante penétração os mitólogos reduziram os mitos egípcios a sistemas religiosos propostos por teólogos de gênio em doutrinas sutis que honram muito o intelecto humano mas, como todos esses grandes sábios estavam condicionados a crer que a vida existia apenas na Terra, sua interpretação da religião antiga trouxe apenas lampejos de luz. O nosso novo conhecimento do universo habitado e dos astronautas que visitaram o nosso planeta em idades passadas revitaliza agora as velhas lendas, comunicando-lhes nova maravilha e sintetiza as antigas crenças em brilhante iluminação ligando o glorioso passado a um futuro esplendoroso.

O grande egiptólogo Sir Wallis Budge declara em seu comentário do *Livro dos mortos*[167]:

> *Por uma série de passagens extraídas de textos de todos os períodos torna-se evidente que a forma sob a qual Deus se manifestou ao homem na Terra foi o Sol, que os egípcios chamavam Rá e que todos os outros deuses e deusas eram formas dele.*

É surpreendente que apenas fragmentos da vida, sofrimento, morte e ressurreição de Osíris se encontrem em textos egípcios e que a única história coerente seja dada em *De Iside et Osiride* de Plutarco. Plutarco diz que a deusa Nut foi amada por Geb, e da união dos dois nasceu Osíris. Nut era identificada pelos gregos como Réia, filha de Urano; Geb era o Cronos grego (Saturno romano). O simbolismo das lendas gregas e da *Teogonia* de Hesíodo sugere que Urano e Cronos representam dinastias sucessivas de reis espaciais. Urano foi destronado por Cronos que mais tarde foi derrotado por Zeus (Júpiter) e aprisionado na Grã-Bretanha. Osíris, "neto" de Urano e "filho" de Cronos foi provavelmente um astronauta. Dizem que na antiga língua egípcia Os-Iride significava "boca da íris"[168] ou "a voz da luz", o que provavelmente podia ser relacionado com um ser transcendente de uma nave espacial; há aqui uma curiosa semelhança com o Ormuzde (Ahura-Mazda) dos persas, que pode ser considerado um deus celeste ou astronauta.

Osíris apareceu como herói tutelar que ensinou a civilização aos egípcios e depois viajou por muitas outras terras para civilizar outros povos, sugerindo uma cultura mundial em tempos muito antigos com comunicação entre a Terra e outros planetas[169]. Na ausência dele sua esposa Ísis (Selene em grego), deusa da Lua, ou Hera (Juno), esposa de Zeus (Júpiter), governou o Egito em grande prosperidade. Quando Osíris voltou seu ciumento irmão Set (Tifon em grego) induziu-o a deitar-se num cofre e o jogou ao Nilo. O cofre desceu flutuando pelo rio e foi dar em Biblos, na Síria. Ísis pranteando seu marido encontrou o cofre e devolveu-o ao Egito, partindo depois à procura do filho Horo. Enquanto isso Set descobria o corpo e despedaçava o cadáver de Osíris em catorze pedaços, que enterrou em várias partes do Egito. Profundamente aflita Ísis reuniu esses fragmentos e em cada lugar construiu um templo. Osíris venceu a morte e tornou-se rei do mundo dos espíritos. Essa ressurreição de Osíris foi

a inspiração da crença egípcia na vida depois da morte proclamada em seus ritos e textos fúnebres. O simbolismo do rei mortal ficou associado à magia do crescimento da semente e da vida da planta e veio relacionar-se também com o culto de Tamuz, Adônis e Jesus Cristo.

Horo, identificado com o grego Apolo, originalmente uma figura totalmente distinta do Horo filho de Osíris, era um deus solar cujo emblema desde os tempos mais primitivos era o falcão. "Hor", na língua egípcia antiga, soava como uma palavra que significava "céu"; o símbolo hieroglífico de Deus parecia um falcão no seu poleiro[170]. Esse simbolismo sugere um visitante espacial cuja astronave para o egípcio ingênuo pareceria um falcão. Nos textos das pirâmides Har Wer, ou Horo, o Antigo, empenhava-se em batalhas intermináveis com Set; inscrições posteriores referiam-se ao conflito como sendo entre Horo, filho vingador de Osíris, e o maligno Set.

Há lendas que afirmam que, quando Ra-Harakhte governava o Alto Egito, ordenou a seu filho Horo que vencesse os inimigos que o assaltavam. Horo, com a forma de um disco alado, voou no céu e derrotou as forças malignas de Set. Horo-Behutet, o grande deus celestial, era geralmente representado como um disco solar alado; cenas de batalha esculpidas no templo de Edfu mostram Horo como um enorme falcão comandando o exército de Ra-Harakhte em campanha contra as hordas de Set. Em suas batalhas, Horo recebia auxílio de Tot, que tinha cabeça de íbis, possivelmente simbolismo de um astronauta que inventava armas mágicas. O conflito entre Horo e Set parece reminiscência da guerra celeste da mitologia hindu, em que Rama derrota o maligno Ravana com bombas devastadoras. Em Saís Horo aparecia como um grande disco brilhante, com asas ou radiante plumagem, acompanhado das deusas Nekhbet e Uazet sob a forma de serpentes coroadas, simbolismo sugestivo de naves espaciais.

Alguns buscadores da verdade têm feito um estudo profundíssimo dos rolos de papiros colocados nos túmulos egípcios entre os joelhos do morto, e encontraram uma notável semelhança entre as crenças egípcias e as doutrinas atribuídas ao cristianismo milhares de anos mais tarde. Huhi, o Pai do Céu, título de Atum-Ra, parece ser o Ihuh

cristão ou Jeová; Rá, o Espírito Sagrado, é Deus o Espírito Santo. Iu ou Horo, a manifestação do Filho de Deus, é Jesus, o Filho de Deus manifesto. O Messu ou menino egípcio, que vem sempre, tornou-se o Menino messiânico hebreu. Ísis era a Virgem Mãe de Iu ou Horo, Maria a Virgem Mãe de Jesus. Osíris suplicou que o enterrassem rapidamente, Jesus suplica que sua morte seja efetuada rapidamente. Anuo, o precursor de Horo, Anup, o Batizador, tornou-se João, o precursor de Jesus Cristo, João Batista. Horo era conhecido como o Menino Gracioso, o Pescador, o Cordeiro, o Lírio, a Palavra Feita Carne, o Krst, a Palavra Feita Verdade e veio para cumprir a Lei, Horo era o Elo. Jesus era o Menino Cheio de Graça, o Pescador, o Cordeiro, era simbolizado pelo Lírio, Jesus era a Palavra Feita Carne, Jesus, o Cristo, o Autor da Palavra, Jesus veio para cumprir a Lei, Jesus era o Traço de União[171]. Uma comparação assim entre Horo e Jesus exige um estudo atento e desapaixonado; há tanto no Velho Testamento, na verdade em toda a Bíblia, que se presta à discussão! Os pergaminhos do mar Morto lançam dúvida sobre muito do que nos foi ensinado; talvez as origens do mistério de Cristo devam ser encontradas no *Livro dos mortos,* que provavelmente foi inspirado por antigas doutrinas hindus originalmente derivadas do culto ao Sol da Atlântida e da Lemúria.

Esculturas de Carnac e Tebas representam discos solares cercados de serpentes ou "espíritos"; discos alados de madeira cobertos de ouro brilhante eram colocados acima das portas dos templos como símbolos poderosos. Um disco semelhante, com asas, entre os assírios e no Irã representava o grande Ahura-Mazda; os querubins que expulsaram Adão e Eva do jardim do éden eram provavelmente discos voadores, não anjos. Do outro lado do mundo o emblema do inca era um grande disco de ouro, símbolo do culto solar mundial.

Um curioso símbolo das lendas egípcias era o Olho Divino. Atum, o criador, enviou seu Olho para salvar seu filho Shu, deus do ar, e Lefnut, sua esposa-irmã; quando a humanidade conspirava contra Rá, ele arremessava seu Olho Divino contra seus inimigos; numa ocasião o Olho extraviou-se e Rá foi obrigado a enviar seu mágico Tot

para trazê-lo de volta; outra lenda conta que o Olho fugiu do Egito para a Núbia e foi trazido de volta por Anhur, que significa "porta-céu". A deusa Hator algumas vezes identificada com a estrela Sept, Sothis ou Sírio porém mais freqüentemente afim de Vênus-Afrodite, por ordem de Rá tomou a forma do Olho Divino e fez guerra à humanidade; matou tantos homens que Rá temeu que a humanidade inteira perecesse e derramou sete mil jarros de cerveja nos campos. Hator parou para admirar seu belo reflexo na cerveja, depois matou a sede, embriagou-se e abandonou a chacina. O Olho de Horo causou imensa devastação entre as forças de Set, que em certo tempo se apoderou dele mas foi logo reconquistado por Horo. O Olho veio a ser identificado com o Uréu, víbora simbólica da serpente divina, o talismã que os reis usavam sobre a fronte[172].

Os egiptólogos ficam confusos quanto ao significado do Olho Divino; alguns identificam o Olho de Rá como o Sol e o Olho de Horo como a estrela matutina, Vênus, outros argumentam que os Olhos se referem à Lua. Os estudiosos dos UFOs imediatamente reconhecem no Olho um disco voador, uma nave espacial que para os egípcios simples devia parecer o olho de um deus no céu. As mitologias hindu, japonesa, grega e céltica, todas falam de batalhas celestes de seres divinos em discos ou "olhos" que associam às lendas egípcias que descrevem a guerra no céu. O "Uréu" ou "serpente divina" lembra as "serpentes de fogo" de Israel, as "serpentes de penas" do México e os "dragões com hálito de fogo" da China, possivelmente simbolismo de naves espaciais.

O deus mais fascinante do velho Egito é, sem dúvida, Tot[173], que apesar de sua cabeça de ave, para o nosso científico século XX deve parecer o mais humano. Tot identificado com Hermes, mensageiro dos deuses (chamado pelos gregos Hermes Trimegisto — "três vezes muito grande" — e identificado com o planeta Mercúrio), dado como filho de Rá, acreditava-se ser a inteligência divina que criou o universo pelo simples som da sua voz. Essa concepção profunda coincide com a tradição hindu de Brama pronunciando o som sagrado AUM e com as doutrinas judaicas de Deus pronunciando o Verbo. Esse pensamento antiqüíssimo seria a suma da nossa própria ciência ultramoderna, que afirma que todo o universo e suas inúmeras dimensões de matéria são uma manifestação de infinitas vibrações. Tot era o deus da terra, do mar e do céu, inventor de todas as artes e ciências, senhor da magia, padroeiro da literatura, escriba dos deuses, inventor dos hieróglifos, autor de livros mágicos, fundador da geometria, da astronomia, da medicina, da música e da matemática, mestre dos mistérios ocultos, cronista da história, escrivão dos juízes dos mortos. As tradições ocultas ensinam que Tot era um atlante que ajudou a construir a grande pirâmide na qual guardou tabuinhas de ciência e armas mágicas. Dizia-se que modelou e manobrava o Olho de Horo; era senhor da Lua. Seria um extraterrestre que pousou ali?

O historiador fenício Sanchoniathon escreveu[174]:

> *O deus Taauto (Tot) inventou também para Cronos a insígnia de seu poder real com quatro olhos nas partes da frente e nas partes de trás, dois deles se fechando no sono e com quatro asas nos ombros, duas no ato de voar e duas repousando como em descanso. E esse símbolo queria dizer que Cronos enquanto dormia estava vigilante e repousava enquanto estava acordado. E da mesma maneira com respeito às asas, que enquanto repousava estava voando mas descansava enquanto voava! Mas os outros deuses tinham apenas duas asas nos ombros para indicar que voavam sob o controle de Cronos, que tinha também duas asas na cabeça; uma para a parte mais dirigente da mente e outra para o senso.*

Essa confusão parece a impressão embaralhada que um pastor ignorante teria de uma astronave com astronautas voando para um lado e para outro na Terra, talvez com foguetes ou motores antigravitacionais na frente, no alto. Sanchoniathon, provavelmente repetindo alguma história mutilada do passado, achou-se escrevendo ficção científica sem conhecer ciência e conhecendo pouca ficção. Sua narrativa fantástica compara-se com descrições semelhantes dadas por Ezequiel e existentes em lendas nativas em todo o mundo.

Através da história humana Tot[175] tem sido venerado

pelos estudiosos das artes secretas, os mágicos, os alquimistas, os maçons e todos os praticantes de ciência oculta como o supremo arquiteto do universo que transcende o homem mortal. Hoje, em nossa era científica, nós dissipamos a aura de maravilha e vemos Tot com olhos amigos como um supercientista. Esperamos que daqui a milhares de anos algum homem sofra uma mutação e se torne uma inteligência suprema com domínio de imenso conhecimento. Enquanto isso somos tentados a acreditar que na nossa própria galáxia talvez existam agora mesmo seres maravilhosos de grande sabedoria, evoluídos através de milênios de civilização em algum planeta adiantado. Um visitante assim poderá ter descido na Terra com os reis espaciais e ensinado a humanidade. Em décadas recentes G. I. Joe tornou-se um termo genérico para designar os soldados americanos que alegremente esbanjavam as maravilhas do Ocidente na Europa, no Japão e agora no Vietnam. Seria Tot, descendo dos céus para trazer sabedoria à humanidade, um nome coletivo para astronautas? Nós amamos esse super-homem do antigo Egito; em nossos sonhos secretos também aspiramos a nos tornar Tot, deus da sabedoria.

Amon, muitas vezes identificado com Zeus, era uma divindade tribal local de Tebas, muito depois da Idade de Ouro dos reis espaciais, pouco importante até cerca de 2100 a.C., quando aparecem as primeiras menções de um santuário dedicado a ele. Sob o governo estrangeiro dos hicsos Amon foi eclipsado, mas, quando os príncipes de Tebas reuniram o povo egípcio para expulsar os invasores, sua cidade elevou-se ao domínio político e religioso, que os sacerdotes procuraram preservar impondo a adoração de seu deus em todo o país e erigindo magníficos templos em seu nome ao longo do Nilo. Simbolizado a princípio como um ganso, Amon humanizou-se usando na cabeça duas plumas; tornou-se patrono de poderosos faraós, que tomaram seu nome, depois os sacerdotes identificaram-no com Rá, o antigo Deus Sol, e gradualmente ele se tornou rei de todos os deuses. O nome Amon significa "oculto", e foi identificado com o ar, depois com o deus universal. Como os judeus, no fundo os egípcios eram monoteístas, acreditando num só deus, sendo todas as divindades menores na realidade, como no Japão, aspectos do espírito supremo. Aquenaton opôs-se à associação de Amon com Rá e purificou a religião retornando ao ideal de Aton, o disco solar, o alto conceito espiritual estimado pelos antigos reis espaciais. Quando essa heresia foi esmagada, o poder de Amon subiu e baixou com o destino do Egito imperial. Parece impossível ver Amon, o deus universal, realmente como um rei espacial, pois seu desenvolvimento não ocorreu antes dos tempos históricos; mas sua concepção original como uma ave, milhares de anos antes, talvez denote alguma relação com o espaço. O poder de Amon era teológico e político; a religião popular preferia os velhos deuses.

Os egípcios consideravam as espaçonaves como barcos do Sol navegando através do céu, simbolismo de significação universal, pois encontram-se gravuras de barcos solares na Irlanda, na Bretanha, na Suécia e em outros lugares pré-históricos. O barco de Rá emergia no leste e viajava diariamente através dos céus para o oeste. Representações em paredes de templos mostram navios do Sol contra constelações de estrelas, sugerindo astronaves de origem específica; muitas vezes os murais representam uma tripulação de deuses capitaneados pelo próprio Horo. Os egiptologistas sempre supuseram que o disco do Sol se referia ao próprio sol, mas o disco do Sol muitas vezes aparece acima do navio, que navega embaixo como uma espaçonave. Tradições antigas afirmam que os construtores da grande pirâmide enterraram um barco solar, uma nave espacial, perto do edifício. Os israelitas acreditavam que os astronautas eram "anjos", mensageiros de Deus em uma terra maravilhosa no céu chamada paraíso, os povos da Europa cristã chamavam-lhes "espíritos" ou "demônios", e o Imperador Carlos Magno promulgou leis severas contra cidadãos que tivessem relações com encantadores do céu. Para os egípcios simples esses gloriosos visitantes deviam provavelmente parecer imortais vindos de reinos de maravilha, talvez as almas reencarnadas dos mortos. Quando o faraó morria esperava-se que navegasse para o outro mundo, para ressuscitar em meio àquela companhia celestial na Terra do Sol, e por isso os túmulos continham pinturas de barcos solares tripulados pelos deuses trans-

portando o próprio faraó[176]. Os teólogos e moralistas introduziram o julgamento dos mortos quando a alma do defunto era pesada por Anúbis na presença de Tot, representando cenas do paraíso e do purgatório; a alma ou *ka* aparecia como um homem vivo, na verdade como um brilhante espaçonauta. Essa interpretação pode ser acaloradamente contestada, mas o nosso conhecimento de astronautas nos tempos antigos em muitos países torna essa suposição tão válida como a conclusão dos egiptólogos ignorantes de astronaves.

Os mais antigos textos religiosos do mundo compreendem o antigo *Teu-Nu-Pert-Em-Hru* egípcio, conhecido como *Livro dos mortos*. Essa antiga coleção de hinos, ladainhas, encantações e palavras de poder mágico descreve a jornada do espírito recém-chegado ao mundo subterrâneo através das regiões infernais de tormento até a sala de julgamento, onde seu coração é pesado numa grande balança por Anúbis; Tot é o escriba e estão presentes quarenta e dois juízes dos mortos. O *Livro dos mortos* não era "o livro" no mesmo sentido da Bíblia e não era olhado pelos egípcios com a mesma veneração literal com que os judeus olhavam a Bíblia, segundo eles escrita ou inspirada por Deus.

Nenhum único exemplar do *Livro dos mortos* continha toda a obra, de modo que é impossível datar o original. Os papiros mais antigos consistiam em um ou mais dos diferentes papiros de Ani, Hunefer, Kerasher, Netchamet e Nu, da Décima Oitava Dinastia, de cerca de 1500 a.C. embora algumas seções estivessem inscritas em tampas de ataúdes e em monumentos das primeiras dinastias e alguns capítulos aparecessem mais tarde. O *Livro dos mortos* egípcio apresenta semelhança com o *Bardo Thödol*, *Livro dos mortos* tibetano, de imensa antiguidade. Ambas as obras têm muito em comum e revelam crenças transcendentes de um mundo espiritual estranho à nossa própria era material, e foram provavelmente inspirados por seres de sublime sabedoria há muitos milênios.

O distinto tradutor Sir Wallis Budge declarou que a pátria, a origem e a primeira história dessa coleção de velhos textos religiosos são desconhecidas para nós; o grande egiptólogo francês Maspero declarou que a religião e

os textos eram muito mais velhos do que a Primeira Dinastia de Menés, de cerca de 5000 a.C.; o erudito alemão Ermam dizia maravilhado que essa antiga literatura era sem dúvida alguma muito mais antiga do que os mais antigos monumentos e pertencia à mais remota pré-história. Os cantos e orações foram transmitidos oralmente por muitos milhares de anos; alguns textos em escrita hierática foram inscritos em caixões nas primeiras dinastias e mais tarde vários papiros escritos em belos e fascinantes hieróglifos foram escondidos entre os panos de linho que envolviam as múmias como "livros-guias" para os defuntos no mundo subterrâneo[177].

Os adeptos ensinam que os hieróglifos têm sentido esotérico e sentido exotérico, uma significação secreta para os iniciados e uma combinação convencional para os não instruídos, como hoje palavras e expressões comuns podem ter um significado especial para os membros das irmandades maçônicas. Os egípcios que não eram sacerdotes e os estrangeiros, mesmo no zênite do império, achavam difícil a tradução dos hieróglifos e o fato é que nós mesmos mal conseguimos compreender o palavreado dos nossos sacerdotes e cientistas e muito menos ainda talvez o dos nossos políticos. Dizem que por volta de 400 d.C. se perdeu completamente a arte de ler os hieróglifos. Durante perto de quinze séculos esses fascinantes pictogramas constituíram um mistério tão tantalizante como a escrita dos etruscos. Se não fosse a invasão do Egito por Napoleão, talvez continuassem a desafiar-nos até hoje e a história dos faraós permaneceria um livro fechado. Os soldados franceses encontraram a pedra de Roseta com inscrições idênticas em hieróglifos em demótico e em grego. Em 1822 Jean François Champollion[178] decifrou os hieróglifos e pelo antigo copta os egiptólogos finalmente deduziram a antiga língua dos egípcios, uma façanha filológica verdadeiramente maravilhosa. Hoje, que mal conseguimos decifrar o inglês de Chaucer e somos completamente incapazes de compreender o anglo-saxão, compreendemos as extraordinárias mutações sofridas pela língua. Cícero dificilmente teria lido o latim da Idade Média e sua mente lógica e sóbria ficaria confusa diante da loquacidade latina usada hoje em nossos grandiloqüentes concílios

vaticanos. As inscrições egípcias abarcaram cinco milênios. Teria Cleópatra compreendido a linguagem do polígamo Ramsés ou de Quéops, suposto construtor da grande pirâmide? Sabe-se que nos tempos antigos os egípcios do Delta não compreendiam a língua dos egípcios de Elefantina. Entre os egiptólogos há homens de gênio que o mundo honra, mas certamente o seu maior lingüista, condicionado pelo nosso século XX, dificilmente poderá afinar com o padrão de pensamento de há vários milhares de anos. Parece evidente que nem mesmo os escribas das dinastias do Médio Império que copiavam os escritos faziam idéia da interpretação precisa de textos já antigos para eles. Os tradutores modernos apenas podem aproximar-se do sentido literal de um papiro; ignorantes dos mistérios egípcios, não podem adivinhar o seu sentido oculto. Ao estudar o *Livro dos mortos*, pois, devemos ler nas entrelinhas, especular sobre o que poderiam significar os símbolos milenares daquele mundo perdido.

Certos capítulos do *Livro dos mortos* são atribuídos a Tot, a quem os gregos chamavam Hermes, e são geralmente classificados como literatura hermética. O *Livro dos mortos* indicava a ressurreição, mais tarde ensinada por Jesus, e era comum colocar um exemplar no caixão ou preso entre as pernas da múmia. O papiro de Turim, da Vigésima Sexta Dinastia, declara que o capítulo mais antigo foi encontrado por Herutatef, filho de Quéops (Khufu), por volta de 5000 a.C., durante uma inspeção dos templos. Dizia-se que o Príncipe Herutatef fora um homem muito sábio, cuja linguagem era difícil de entender.

Um grande adepto fez maravilhas no Egito há sete mil anos. De acordo com o papiro Westcar:

> *Herutatef informou seu pai Khufu da existência de um homem de cento e dez anos de idade que vivia na cidade de Tettet-Seneferu; ele era capaz de reunir ao corpo uma cabeça que tivesse sido decepada, possuía influência sobre o leão e conhecia os mistérios de Tot. Por ordem de Khufu, Herutatef levou-lhe o sábio de barco, e à sua chegada o rei ordenou que cortassem a cabeça de um prisioneiro para que Tettet tornasse a colocá-la no lugar. Tendo pedido para ser dispensado de praticar esse ato num homem, foi trazido um ganso ao qual cortaram a cabeça, que foi colocada de um lado da sala, tendo sido o corpo posto no outro lado. O sábio disse certas palavras poderosas e o ganso levantou-se e começou a caminhar e a cabeça também começou a mover-se na direção do corpo; quando a cabeça se uniu novamente ao corpo, a ave levantou-se e grasnou.* (Ver *Die Märchen des Papyrus Westcar*, de Erman[179].)

Nem mesmo os sacerdotes em seu duelo de mágica com Moisés tentaram tal façanha. Se a história é verdadeira e os egípcios acreditavam que era, esses maravilhosos poderes seriam dignos de qualquer astronauta.

Para os egípcios antigos ignorantes da tecnologia aérea, uma espaçonave brilhante no céu olhava para baixo como o Olho de Horo ou de Rá, o Deus Sol. O papiro de Ani, redigido por um escriba real em Tebas por volta de 1450 a.C., e que é parte do *Livro dos mortos*, foi copiado (ou antes, mal copiado, pois o texto parece ter muitos erros graves) de assentamentos antigos, eles próprios provavelmente versões inexatas de fontes antiqüíssimas redigidas em metáforas arcaicas cujo verdadeiro sentido se tinha perdido há muito. Os tradutores do século passado, homens de gênio sem dúvida, mas desconhecedores de aeronáutica, ficaram evidentemente confusos diante de certas passagens e as traduções que fizeram devem ter sido completamente diferentes do sentido da história original numa antiguidade remota, especialmente quando esses sábios teóricos ignoravam totalmente a possibilidade de visitações de seres extraterrestres que intervinham no antigo Egito. Evidentemente é quase impossível para qualquer pessoa, hoje, mesmo com a nossa afinidade moderna com os espaçonautas da pré-história, adivinhar o sentido exato destes exasperantes hieróglifos, mas uma vez ou outra podemos ver através do simbolismo e reconhecer fascinantes similaridades com textos sagrados de todo o mundo que falam da guerra no céu.

O papiro de Ani, traduzido por Sir Wallis Budge, no capítulo 18 descreve "O combate de dois guerreiros", Horo e Set. Amsu, o deus solar mais antigo, diz:

Foi o Olho Direito de Rá que partiu contra (Set) quando (72) ele o enviou; Tot levanta a nuvem de pêlo e traz o Olho (73) vivo e são e salvo e sem defeito para seu senhor.

Nas linhas de 86 a 99 Ani refere-se a "sete brilhantes" e "sagrados, que estão atrás de Osíris... são eles que estão atrás da Coxa no céu setentrional". Brugsch em *Astronomische und Astrologische Inchriften* p. 123, declara que "Coxa era o nome egípcio da constelação da Ursa Maior". O antigo escriba egípcio declara assim claramente que os celestiais desciam de uma fonte específica no céu, a constelação da Ursa Maior. Hoje os observadores algumas vezes dizem que os UFOS se originam muitas vezes do lado da Estrela Polar entrando pelas aberturas existentes no cinturão de Van Allen sobre o pólo Norte. Alguns dos "brilhantes" são mencionados com os antigos nomes egípcios interpretados como "Ele não dá sua chama", "Ele entra em sua casa", "O que tem dois olhos vermelhos", "Rosto resplandescente indo e vindo", "O que vê de noite e conduz de dia". Esses termos coincidem com a maioria das descrições de pessoas antigas e modernas que disseram ter visto astronaves atravessando o céu.

Os reis da luz partiram em cólera. Os pecados dos homens tornaram-se tão negros que a Terra treme em sua grande agonia... Os assentos azuis permanecem vazios. Quem dos marrons, quem dos vermelhos, ou mesmo dentre os negros (raças) pode ocupar os assentos dos bem-aventurados, os assentos do conhecimento e da misericórdia?

Essa citação de *Tongshatchi Sangye Songye* ou *Anais dos trinta e cinco budas de confissão* comenta a estância 12 do *Livro secreto de Dzyan,* escrito em senzar, língua sacerdotal conhecida na antiguidade remota pelos iniciados de todo o mundo, dedicada aos filhos da luz por seres divinos há milênios. Madame H. P. Blavatsky na *Doutrina secreta* declara que "os reis da luz" é o nome dado em todos os escritos antigos às dinastias divinas. Os "assentos azuis" são traduzidos como "tronos celestiais" em certos

documentos. Hoje nós podemos considerar "os reis da luz" seres avançados de outros planetas e os "tronos celestiais" espaçonaves.

Os atlantes ensinaram aeronáutica, *vimana fidya* (a arte de voar em veículos aéreos) e sua mais valiosa ciência das virtudes ocultas das pedras preciosas e outras, da química ou antes, alquimia, da mineralogia, da geologia, da física e da astronomia aos proto-egípcios do vale do Nilo. Madame Blavatsky perguntava-se se a história do êxodo dos israelitas e as hostes do faraó afogadas no mar Vermelho não seria realmente uma versão das tradições atlânticas mencionadas no comentário de Dzyan.

... E o "grande rei do rosto deslumbrante", o chefe de todos os rostos amarelos, ficou triste vendo os pecados dos de rosto negro... Mandou seus veículos aéreos (vimanas) a todos os chefes-irmãos com homens piedosos dentro dizendo: "Preparai-vos! Levantai-vos, ó homens da boa lei, e atravessai a terra enquanto (ainda) está seca".

Esse notável comentário refere-se aos "senhores dos fogos", munidos de armas de fogo mágicas, "senhores do Olho Escuro", versados em conhecimento mágico, elementais, monstros mecânicos que falavam e avisavam de qualquer aproximação de perigo, provavelmente robôs equipados com radar e sonar. Os deuses solares destruíram os mágicos maus em tremendas inundações, os filhos dos homens dirigidos pelos filhos da sabedoria escaparam; muitos trouxeram sua maravilhosa civilização para a terra do Nilo.

A tantalizante referência à guerra no céu e na terra, análoga talvez a descrições semelhantes nas lendas indianas, chinesas e gregas, é dada no papiro de Ani, capítulo 17, seção 112. Ela sugere a intervenção de uma espaçonave durante uma batalha em Annu mais tarde conhecida como On ou Heliópolis, a cerca de oito quilômetros do moderno Cairo; o grande colégio religioso de On ensinava a adoração de Horo e Rá, o Deus Sol.

(12) Quanto à luta (?) junto da árvore Pérsea perto de Annu refere-se aos filhos da revolta impotente quando se exerce justiça neles pelo que fizeram. Quanto a (as palavras) "essa noite da batalha" refere-se à incursão (dos filhos da revolta impotente) na parte oriental do céu, em conseqüência da qual estourou uma batalha no céu e em toda a Terra.

Ó tu, que estás no Ovo (isto é, Rá), que brilhas desde teu disco e sobes no teu horizonte e brilhas de fato como ouro acima do céu, como quem não há ninguém entre os deuses, que navegas por sobre os pilares de Shu (o éter), que emites rajadas de fogo da boca (que tornas as duas terras brilhantes com teu fulgor, liberta) os fiéis adoradores do deus cujas formas são ocultas, cujas sobrancelhas são como os dois braços da balança na noite do ajuste de contas da destruição.

Os hieróglifos do papiro de Ani representam Rá e Horo como aves com cabeça humana, o que pode ser interpretado como significando espaçonautas.

Essa descrição de um ser celestial numa brilhante nave espacial cortando os céus bombardeando exércitos com fogo, lembra aqueles "escudos" flamejantes mencionados nos *Annales Laurissenses* que no ano de 776 d.C. derrotaram os saxões que cercavam os francos em Sigiburg[180].

O mesmo capítulo 17 continua:

(112)... Eu conheço o ser, Matchet (o opressor) que está entre eles na casa de Osíris lançando raios de luz do (seu) Olho, mas ele mesmo é invisível. Ele anda em redor do céu vestido com as chamas de sua boca, comandando Hapi (terras do Nilo) mas conservando-se invisível... Eu vôo como um falcão. Eu grasno como um ganso. Eu mato sempre, como a própria dessa serpente Nehebka...

(140)... Tu vives de acordo com a tua vontade, tu és Uatchit, a senhora da chama (141), o mal assalta aqueles que se voltam contra ti...(145) Uatchit, a senhora das chamas, é o Olho de Rá...

As antigas estâncias de Dzyan honram os "senhores da chama", os *Vedas* sânscritos mencionam "senhores de luz", o *Livro dos mortos* egípcio louva a "senhora da chama". Isso não sugere seres extraterrestres com armas de raios laser dominando a nossa Terra na distante antiguidade?

No *Livro dos mortos* são feitas várias referências aos "brilhantes", possivelmente seres maravilhosos das estrelas; a Bíblia os chamaria "anjos do Senhor".

Vede, ó seres brilhantes, ó homens de Deus... Osíris. Ani é vitorioso sobre seus inimigos nos céus em cima e (na Terra) embaixo, na presença dos divinos soberanos de todos os deuses e deusas. (Capítulos 134, 15/17.)

Falo com os adeptos dos deuses. Falo com o Disco. Falo com os seres brilhantes. (Capítulos 124, 17.)

Eu sou um daqueles seres brilhantes que vivem em raios de luz. (Capítulo 78, 14.)

Os santos soberanos dos pilones têm a forma de seres brilhantes. (Capítulo 5.)

O *Livro dos mortos* fala vividamente sobre visitantes celestiais nos quatro quadrantes do céu que lembram os vivos relatos da Associação da Fraternidade Cósmica, descrevendo aquelas visões extraordinárias sobre o Japão atualmente.

Salve, belo poder, belo guia do céu setentrional! Salve, ó tu que vais pelo céu, tu, o piloto do mundo, tu, belo guia do céu ocidental! Salve, ó ser brilhante que vives no templo onde estão os deuses em forma visível, belo guia do céu oriental! Salve, tu, que moras no templo dos seres de rosto brilhante, belo guia do céu meridional. (Capítulo 148, 1/6.)

Essa descrição lírica daquelas espaçonaves brilhantes mostra que aparentemente elas visitavam o Egito muitas vezes para causarem tal impressão na mente do povo. Aquelas almas simples das margens do Nilo contempla-

vam com alegria aquelas naves maravilhosas que brilhavam no céu azul, e suas alegres saudações mostram que eles acolhiam os celestiais como amigos; a longa experiência ensinou-lhes que os estranhos do céu lhes levavam benevolência. Quando o infortúnio ou a necessidade afligia os egípcios, era natural que eles implorassem o auxílio do céu e invocassem aqueles deuses com muitas orações graves e lisonjeiras para que viessem em seu auxílio, que é exatamente o que fazemos hoje. Não levantamos os olhos para o alto e suplicamos "pai nosso que estás no céu" para que nossas preces sejam atendidas?

Contrastamos esta evocação estática dos egípcios aos espaçonautas com as leis selvagens promulgadas por Carlos Magno[181] contra os "demônios" e todos aqueles que se comunicassem com eles. Entretanto, quem somos nós para comentar? Se seres extraterrestres em suas naves maravilhosas pousassem em nosso louco mundo materialista atualmente, nossos políticos, nossos sacerdotes, nossos cientistas não tentariam roubar os segredos deles e depois matá-los?

Mas o céu em cima do Nilo não foi sempre sereno. Alguns versículos ardentes do *Livro dos mortos* lembram a "guerra nos céus" como é descrita nos clássicos chineses, com discos solares dardejando raios de luz contra dragões de fogo, batalhas no ar, em terra e sob o mar.

> *Estirada no flanco da montanha dorme a grande serpente com cento e oitenta pés de comprimento e cinqüenta pés de largura; sua barriga é adornada com sílexes e pedras cintilantes. Agora eu sei o nome da serpente da montanha. Vede, é "a que mora nas chamas". Depois de navegar em silêncio, Rá lança um olhar à serpente e subitamente sua navegação pára como se o que está escondido em seu barco estivesse de emboscada... Vede-o que mergulha na água e submerge até quarenta pés de profundidade. Ele ataca Set, lançando-lhe seu dardo de aço.* (Capítulo 108[182].)

Essa descrição simples parece feita por algum camponês egípcio que viu o duelo entre duas espaçonaves ou

entre uma espaçonave e algum tanque monstruoso, com raios laser e mísseis teleguiados entre invasores rivais de outros planetas, talvez o conflito entre Saturno e Júpiter cantado pelos poetas clássicos. Recorda-nos as guerras celestes descritas no *Maabárata* e na *Teogonia* de Hesíodo. Em palavras ingênuas como essas algum cule ignorante pode descrever os bombardeiros americanos atacando os tanques comunistas no Vietnam atualmente.

Ao longo dos muitos papiros que perfazem o *Livro dos mortos* estão espalhadas expressões estranhas como: "o antigo em dias", "espírito da luz", "filhos da escuridão", "legiões no céu", "deuses ocultos", "divindade no olho divino", "discos alados", "eu, Horo, sou ontem", "eu sou amanhã", "corro através do espaço e do tempo".

Parece difícil acreditar que essas expressões sejam puros conceitos filosóficos sem qualquer base fatual; mesmo as nossas mentes atuais ditas educadas e sofisticadas, cérebro-lavadas pela televisão e pela publicidade, dificilmente poderiam visualizar símbolos tão esotéricos se os protótipos não existissem. Convencer toda a nação de ignorantes camponeses egípcios de que tais "espíritos" místicos tinham completo domínio sobre suas vidas passadas, presentes e futuras, seria impossível se os celestiais não tivessem realidade. Os "espíritos da luz", os "filhos da escuridão", os "discos alados" eram sem dúvida reais e representavam aqueles seres maravilhosos que desciam à Terra para ensinar a humanidade e que então estavam guerreando entre si naquele conflito do céu mencionado nos clássicos de todo o mundo. Em palavras assim tão comuns um povo simples, sem requintes, descreveria os visitantes dum planeta adiantado, possuidor duma tecnologia completamente fora da experiência da Terra.

Referências a tempo e espaço transcendentes são repletas de significação para nós atualmente. A teoria da relatividade de Einstein, com seu paradoxo da dilatação do tempo, torna possível em teoria, se não na realidade, a viagem estelar através de muitos anos-luz; os ocultistas e estudiosos da física multidimensional acreditam hoje que superinteligências poderiam inventar técnicas para viajar através do tempo tão facilmente como através do espaço.

Os deuses do antigo Egito apresentam questões mais fascinantes para nós do que para aqueles sacerdotes de vestes brancas das margens do Nilo. Nós com nossa compreensão moderna, identificamos as divindades daqueles discos alados como astronautas. Como os egípcios de outrora olhamos os céus e indagamos.

Capítulo onze

A PIRÂMIDE E A ESFINGE

A grande pirâmide, símbolo do Egito antigo, ergue-se exatamente no meio do mapa da Terra e suas arestas divergem apenas alguns minutos dos quatro pontos cardeais. O local deste enorme edifício pode ser mais significativo do que sua espantosa construção. Para estabelecer essa posição focal, seus construtores devem ter observado a Terra do espaço. Fazendo um mapa global, projetado o plano, traçaram em seguida um meridiano através do meio exato da superfície terrestre do nosso planeta e verificaram que dividia exatamente o delta do Nilo. Essa cartografia completamente fora do conhecimento geográfico dos homens dos tempos antigos confinados na Terra, evoca comparação com o extraordinário mapa de Piri-Reis[183] que parece datar dos tempos pré-colombianos e mostrava claramente os contornos das Américas e uma Antártica em perfeita relação com a Europa e a África, provando a existência de mapas possivelmente traçados por gente do espaço. A pirâmide foi provavelmente construída por astronautas ou por iniciados conhecedores da ciência extraterrestre.

Os egiptólogos, que nós honramos com justiça por sua brilhante ressurreição daquela antiga e excêntrica terra de Khem, admitem que a grande pirâmide foi construída por Khufu (Quéops) por volta de 3000 a.C. Heródoto declarou que esse tirânico faraó obrigou cem mil homens a mourejar constantemente durante dez anos para prepa-

rar a estrada de acesso e as câmaras subterrâneas e mais vinte anos para construir a pirâmide propriamente, que originalmente tinha cento e quarenta e seis metros de altura, com cada face triangular oblíqua medindo duzentos e trinta e um metros e cobria uma área de cinqüenta e dois mil e setecentos e noventa e dois metros quadrados. Originalmente um revestimento de pedras polidas cobria as faces da pirâmide, que terminava num ápice de cobre cristalino com significação esotérica relacionada com Vênus[184]. Os raios do Sol deviam incidir nas pedras brilhantes, transformando-as num farol a acenar para os astronautas[185].

Dois milhões e meio de blocos pesando em média duas toneladas e meia cada um, nenhum deles, segundo Heródoto, com menos de nove metros de comprimento, foram arrastados por turmas de escravos das pedreiras da Arábia e das colinas da Líbia, talhados, polidos, adaptados no lugar com tal precisão que as juntas eram quase imperceptíveis. Bunsen acreditava que a pirâmide tinha sido construída por volta de 20000 a.C. e calculou sua vasta massa em seiscentos e cinqüenta e seis mil e oitocentos e oito metros cúbicos, pesando seis milhões e trezentas e dezesseis mil toneladas[186]. Poderia mesmo a mão-de-obra mais dócil com instrumentos primitivos ser organizada de maneira a moldar uma estrutura tão gigantesca? Alguns sábios e excêntricos, relacionando a pirâmide com a Bíblia e o templo de Salomão, têm trabalhado para descobrir alguma mensagem oculta escondida na pedra para a posteridade. A maioria dos homens consegue encontrar o que procura, de modo que não é de surpreender que alguns visionários descubram nesse monte de pedra um apoio para as suas ilusões. Entretanto, algumas das medidas encontradas parecem possuir uma significação que transcende o acaso e a coincidência. A altura da pirâmide é de mil milionésimos a distância da Terra ao Sol e medidas contidas no corpo do edifício, segundo dizem, revelam o raio e o peso da Terra, a extensão do ano solar, a precessão dos equinócios, o valor de pi, isto é, a relação entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. Piramidologistas, com a Bíblia numa mão e a fita métrica na outra, profetizaram a segunda vinda de Cristo e o Dia do Juízo

para 1874, 1914, 1920, 1936 e 1953[187]. É difícil acreditar que os antigos egípcios, por mais atenciosos e bons que fossem, se tivessem submetido a tanto trabalho, sangue, suor e lágrimas amontoando tanta pedra só para avisar o nosso século cético, cinco mil anos depois, de que algum dia o mundo ia terminar. Nós mesmos, brandindo as nossas bombas de hidrogênio, parece que não estamos nos preocupando muito com isso. Por que haviam os egípcios de se preocupar conosco? Até agora os arquitetos têm deduzido errado. Talvez a pirâmide fosse construída por outra razão?

A crença geral de que os antigos egípcios tinham um profundo conhecimento de matemática, geometria e astronomia é fantasticamente errada. Sir Leonard Woolley e Jacquetta Hawkes, em sua fascinante obra *Prehistory and the beginnings of civilization (A pré-história e os primórdios da civilização)*[188], vol. 2, p. 669, declaram:

> *Os babilônios possuíam conhecimentos científicos de álgebra, geometria e aritmética. Os egípcios, ao contrário, não tinham realmente ciência nessas matérias... À força de engenho e com paciência infinita, o egípcio conseguia fazer face a todas as suas necessidades práticas usando meios infantilmente imperfeitos; as fontes de que dispomos não sugerem nada que indique uma ciência avançada e estamos convencidos de que nesse sentido o egípcio era tão descuidado quanto ignorante.*

O papiro Rhind, da Décima Segunda Dinastia, 2000 a.C. descreve o sistema decimal de numeração egípcio: eles eram capazes de efetuar simples operações de multiplicação e divisão e conseguiam manipular frações simples, mas matemática complexa estava acima de seus conhecimentos; ao contrário dos babilônios, eram, segundo parece, incapazes de prognosticar eclipses lunares.

Sir Leonard Woolley acrescenta:

> *Esse método empírico, entretanto, não pode explicar como os egípcios conseguiram calcular corretamente o volume do tronco duma pirâmide de base*

quadrangular, dadas a altura e as medidas da base inferior e superior, a fórmula de cuja operação se encontra no papiro de Moscou; o problema, único na matemática egípcia como nós a conhecemos, dificilmente poderá ser solucionado com base puramente aritmética e pode indicar um empréstimo tomado à álgebra babilônica.

A astronomia egípcia carente de matemática, baseava-se na observação e não na predição. Os sacerdotes eram incapazes de calcular com o menor grau de exatidão as órbitas dos planetas. Por estranho que pareça, os egípcios acreditavam que Mercúrio e Vênus giravam em volta do Sol mas o Sol arrastava-os consigo em volta da Terra. A observação do nascimento helíaco da estrela brilhante Sothis ou Sírio imediatamente antes da data prevista para a enchente do Nilo, levou ao ciclo sótico, isto é, quando o nascimento de Sírio coincidia com o primeiro dia do ano do calendário; esse ciclo sótico compreendia mil e quatrocentos e sessenta anos e foi segundo parece, registrado para 139 d.C. e 1321 a.C., possivelmente para 2781 a.C. e 4241 a.C.

A construção da grande pirâmide evidentemente exigiu grandes conhecimentos matemáticos e astronômicos. Dada a sua ciência elementar, teria sido possível para os egípcios do tempo de Quéops construí-la?

Comentando Quéops, Heródoto não pode deixar de animar a sua *História* com o tempero da bisbilhotice. Informa ele irreverentemente no Livro Segundo, capítulo 126:

> *E Quéops chegou a tal maldade que quando lhe faltou dinheiro pôs sua filha num bordel e estipulou-lhe quanto devia cobrar, se bem que quanto foi eles não me disseram. Ela pedia a soma estipulada pelo pai e resolveu deixar também um monumento seu. Rogava a cada homem que a procurava que lhe desse de presente uma pedra. E com essas pedras disseram-me, foi feita a pirâmide que se ergue no meio das três em frente da grande pirâmide e cada face dela mede pletro e meio.*

De modo pouco convincente Heródoto explica como a pirâmide foi construída em uma série de escalões:

> *Como quer que fosse, as partes superiores da pirâmide foram acabadas primeiro, depois as seguintes e, por fim, as partes do fundo perto do chão. E está gravado na pirâmide, na escritura egípcia, quanto foi gasto em rabanete, cebola e alho para os trabalhadores. E se bem me lembro do que o intérprete me disse lendo a escritura, foram gastos mil e seiscentos talentos de prata.*

Para um historiador "que nunca dizia uma mentira", Heródoto às vezes parece ter-se comportado como um crédulo turista; o que os guias não sabiam evidentemente inventavam, exatamente como seus ensebados descendentes atuais. Heródoto alegremente aceita que tenham começado na ponta da pirâmide e construído de cima para baixo, depois na superfície lisa os publicitários da época escreveram anúncios luminosos de rabanetes e alhos em hieróglifos; com efeito, isto é como acusar Sir Christopher Wren de escrever na cúpula da Catedral de São Paulo anúncios das laranjas de Nell Gwynn! O revestimento exterior esteve adornado de hieróglifos até fins do século XIV da nossa era, mas não havia homem vivo que soubesse lê-los. É provável que tenham contado a Heródoto uma história igualmente pouco digna de crédito relativamente à operação da construção; os árabes acreditavam que a grande pirâmide tinha sido construída por "djins" ou "espíritos"; por estranho que pareça, é provável que eles tivessem razão. Os "espíritos" vieram do espaço!

As nossas céticas mentes modernas acham difícil acreditar que mesmo um faraó megalomaníaco, ditador absoluto, fosse capaz de dedicar trinta longos anos a malgastar a fortuna de seu país na construção de seu próprio túmulo quando o mundo lhe oferecia delícias mais atraentes. Mais duvidoso ainda é que a poderosa classe sacerdotal apoiasse tão sinistro projeto quando com uma fração dessa vasta alvenaria poderiam revestir de templos as duas margens do Nilo. Mesmo um povo dócil que vivia em cabanas de barro se revoltaria contra semelhante extravagância. Nos

tempos pré-históricos foram erigidos edifícios imensos de pedra na Bretanha, na Grécia e no México, em toda parte do mundo mas geralmente tinham algum fim religioso, não eram nunca para satisfazer o capricho de um homem. Nenhum corpo foi encontrado lá; um selo de Khufu que foi deixado lá por acaso não prova que ele construiu a pirâmide. Nas paredes não havia nenhuma inscrição fúnebre; os faraós eram geralmente enterrados no vale dos Reis. Os ocultistas juram que várias câmaras e passagens provam que foi um templo de iniciação, provavelmente datando dos tempos atlânticos[189].

Alguns astrônomos estabeleceram a data da pirâmide pelo longo e escuro corredor da entrada, que apontava para Alfa Draconis, a Estrela Polar, em 2170 a.C.; os astrólogos afirmam que devido à precessão dos equinócios, pode ter sido um ano sideral antes, vinte e cinco mil e oitocentos e sessenta e oito anos, cerca de 28000 a.C.; levando em conta o zodíaco de Denderá os ocultistas sugerem três anos siderais ou seja, 79000 a.C., durante a Idade de Ouro da dinastia divina, os reis espaciais. Um dos livros de Hermes descreve certas pirâmides que se erguiam no litoral, banhadas pelas ondas. Conchas marinhas encontradas na sua base sugerem uma grande inundação, dando plausibilidade à crença de que a pirâmide foi construída antes da submersão da Atlântida[190].

Na *Doutrina secreta,* p. 750, Madame Blavatsky declara em comentário sobre a antiguidade dos egípcios:

> *E contudo há assentamentos que mostram sacerdotes egípcios — iniciados — viajando na direção de noroeste por terra, pelo que se tornou mais tarde o estreito de Gibraltar; dobrando para o norte e viajando através das futuras colônias fenícias do sul da Gália, depois ainda mais para o norte até chegarem a Carnac (Morbihan), virando em seguida para oeste novamente e chegando, ainda viajando por terra, ao promontório noroeste do Novo Continente.*

Pena que tivessem de fazer toda essa viagem a pé! É estranho que não se tenham feito trasladar para oeste numa astronave como Enoc!

Em tempos remotos as ilhas Britânicas ainda estavam unidas ao continente; os povos da antiguidade veneravam a Grã-Bretanha como pátria dos deuses, um resto da perdida Atlântida. Estudiosos da Grã-Bretanha pré-histórica têm observado surpreendentes ligações entre ela e o antigo Egito; dizem que o galês antigo tinha afinidades com a língua dos egípcios; Brinsley le Poer Trench[191], em seu fascinante livro *Men among manking* acentua a influência esotérica egípcia sobre a religião e os templos da Grã-Bretanha antiga, associando particularmente Artur, o "rei-dragão" e o zodíaco de Somerset com o Egito e a Índia. Comyns Beaumont[192] acreditava que a história egípcia e judaica primitiva teve lugar realmente na Grã-Bretanha e não no Oriente Médio, apresentando argumentos mais plausíveis do que parece possível.

Alguns supra-sensíveis hoje afirmam que a grande pirâmide ainda irradia força magnética e que os imensos blocos de pedra foram postos no lugar por levitação por seres extraterrestres que utilizaram antigravidade ou vibrações sônicas[193], talvez a mesma força que movia as astronaves, uma das quais se diz que foi enterrada perto. As tradições sugerem que Tot, o grande mestre do antigo Egito, possivelmente um astronauta, guardou documentos de sabedoria oculta numa câmara secreta a fim de que um dia a sabedoria de outros mundos pudesse vir à luz dentro da grande pirâmide.

Nas areias ao lado das pirâmides, em Gisé, perto do Cairo, está agachada a esfinge, majestosa e contudo remota, como um estranho intruso em nosso planeta, símbolo de alguma super-raça das estrelas. A significação desse grande monumento ainda nos escapa; nós que colocamos espaçonaves na Lua, ainda paramos maravilhados diante desse monstro de pedra e tentamos imaginar em vão os motivos da estranha gente que a construiu. Uma vasta cabeça humana com toucado real ergue-se nove metros acima do corpo de leão com setenta e dois metros de comprimento esculpido em sólida rocha. Suas feições altivas desprezam as mutilações dos homens e olham com sorriso enigmático através do Nilo além do sol nascente, transcendendo espaço e tempo, para o infinito insondável do universo. Sua fisionomia serena brilha com um poder

cósmico, irradiando uma aura que acalma as mentes dos homens, evocando ecos de uma idade protéica, de uma civilização gloriosa e maravilhosa governada pelos deuses. Uma tão grande nobreza dominando as paixões transitórias da humanidade lembra aquelas cabeças colossais da pré-história esculpidas nos picos dos Andes e nos penhascos do Novo México; seus lábios mudos contam a mensagem sem palavras daqueles dias áureos[194] em que a Terra era jovem e todos os homens gozavam a beneficência dos reis espaciais, os mestres vindos do céu.

A esfinge viu em solitário silêncio os atlantes trazerem para a terra de Khem a cultura de seu continente submerso; com seus olhos cavos que vêem os nossos sputniks, presenciou a guerra nos céus entre os deuses e os gigantes; depois o dilúvio engolfou sua forma enorme no oceano até que outro cataclismo cósmico retirou as águas e a deixou encalhada no deserto. Durante séculos esse animal de pedra viu o homem primitivo começar de novo a civilização, depois as areias móveis engoliram-na e esconderam-na da vista e da memória humana. Há seis mil anos, na Quarta Dinastia, o Rei Khafra desenterrou o monstro e garantiu a sua imortalidade inscrevendo o seu cartucho real no lado da esfinge mas as areias ameaçavam enterrá-la novamente. Tutmés IV quando jovem príncipe, um dia por volta de 1450 a.C., cansado de caçar adormeceu entre as grandes patas quando o Deus Sol lhe apareceu em sonho e o concitou a afastar as areias que o cobriam[195]. Em 162 d.C. o Imperador Marco Aurélio olhou com olhar compreensivo e desenterrou a esfinge para que os homens pudessem admirá-la. Mas nos tempos cristãos só seu rosto esbranquiçado batido pelo fogo dos mosquetes turcos espreitava acima da areia... até que no século passado os egiptólogos trouxeram a maior parte dela à luz[196]; mas ainda agora alguma grande tempestade pode enterrá-la para sempre.

Acredita-se que os atlantes adoravam o Sol puramente como representação física do logos solar; quando seus adeptos emigraram para o Nilo, estabeleceram aí a religião do Sol e construíram a grande pirâmide e a esfinge. Dizem os iniciados que essa cabeça humana sobre um corpo de leão simboliza a evolução do homem desde o

animal, o triunfo do espírito humano sobre a besta. Debaixo do monstro devia haver um templo que se comunicava com a grande pirâmide, onde há milênios neófitos de vestes brancas procuravam iniciação nos mistérios da ciência secreta[197]. Milênios mais tarde os sacerdotes egípcios relacionaram a esfinge com Harmachis, um aspecto de Rá, o Deus Sol.

Os astrólogos poderão argumentar que a esfinge com sua cabeça humana sobre um corpo de leão representa o homem na Terra durante a Idade de Leão, quando a precessão dos equinócios impeliu a Terra através da constelação de Leão em cerca de 10000 a.C., embora possa ter sido durante o Leão de alguma grande ronda anterior, em cerca de 85000 a.C. Embora ridicularizada pelos egiptólogos, que não possuem quaisquer dados importantes para crítica, uma tão vasta antiguidade combina com as tradições ocultas da Lemúria e da Atlântida de um império áureo do Sol em todo o mundo. Astronautas de outros planetas provavelmente visitaram a Terra há centenas de milhares de anos e a esfinge pode significar a presença deles por um simbolismo além da nossa compreensão atual.

A velha Índia relacionava a esfinge com Garuda, meio homem, meio ave, o carro celeste dos deuses; os antigos persas identificavam a esfinge com Simorgh, uma ave monstruosa que umas vezes pousava na Terra, outras vezes andava no oceano, enquanto com a cabeça sustentava o céu. Os magos da Babilônia ligavam Simorgh à fênix, a fabulosa ave egípcia que acendendo uma chama se consumia a si mesma depois renascia das chamas, possivelmente um símbolo da renovação da raça humana depois da destruição do mundo. Os povos do Cáucaso acreditavam que o Simorgh alado ou cavalo de doze pernas de Hushenk, mestre lendário que diziam ter construído Babilônia e Ispaã, voou para o norte através do Ártico, para um continente maravilhoso. Um sábio caldeu disse a Cosmos Indicapleustes no século VI d.C.:

As terras em que vivemos são rodeadas pelo oceano, mas além do oceano há outra terra que toca o muro do céu; e nessa terra é que o homem foi cria-

do e viveu no paraíso. Durante o dilúvio Noé foi levado em sua arca para a terra que sua posteridade habita agora[198].

Os adeptos da teoria da Terra Oca concluirão certamente que essa terra fértil além do gelo é o continente que eles dizem existir dentro da própria Terra. Os estudiosos dos UFOs notam que as astronaves parecem vir dos lados do pólo Norte e partir para lá também, provavelmente passando pelas falhas polares dos cinturões de radiação de Van Allen e podem argumentar que esse país fabuloso do norte para onde voaram o Simorgh e o cavalo de doze pernas, era realmente outro planeta.

O Simorgh tornou-se a águia de Júpiter[199] exibida nos estandartes das legiões romanas através do mundo antigo; símbolo de poder divino foi adotada por Bizâncio e tornou-se a divisa heráldica do Santo Império Romano quando, como águia de duas cabeças, foi ostentada pelos Habsburgos da Áustria; e ainda encontra lugar de honra nos brasões das poucas monarquias que restam atualmente. Esfinge, Simorgh, águia. Espaçonave? Seria?

A própria esfinge conjura um mistério mais desnorteante e contudo talvez mais prenhe de humanidade do que nós compreendemos. Algumas pinturas egípcias mostram a esfinge com asas e rosto humano, retrato de reis ou rainhas; pensamos nos famosos touros alados de Nínive e perguntamo-nos se não simbolizarão astronautas. Os sacerdotes egípcios de Saís falaram a Sólon da grande guerra entre os atlantes e Atenas e falaram-lhe da relação entre o Egito e a Grécia; ficamos mais intrigados ainda ao descobrir ambos os países ligados pela esfinge.

A mitologia grega representa a esfinge como um monstro-fêmea, filha de Tifon e da Quimera, ambos monstros com hálito de fogo que devastaram a Ásia Menor até que foram mortos por Zeus e por Belerofonte em batalhas aéreas que sugerem conflito entre astronaves. A esfinge aterrorizava Tebas, na Beócia, a cidade mais célebre da idade mítica da Grécia, considerada a terra natal dos deuses Dionísio e Hércules[200]. A esfinge grega tinha corpo de leão alado, peito e rosto de mulher. Pisandro disse que a esfinge veio para a Grécia da Etiópia, provavelmente

querendo dizer o Egito. A esfinge tebana importunava os viajantes propondo-lhes um enigma para decifrarem, depois devorava todos os que não podiam responder. Um jovem forasteiro chamado Édipo[201], que significa "pés inchados", a quem o oráculo de Delfos dissera que estava destinado a assassinar o pai e praticar incesto com a mãe, na estrada de Tebas brigou com o Rei Laio e matou-o sem saber que era seu pai. Édipo desafiou a Esfinge, que lhe perguntou: "Que criatura anda de quatro de manhã, anda com dois pés ao meio-dia e com três à noite?" "O homem!" respondeu Édipo prontamente. "Na infância ele anda sobre as mãos e os pés, na idade adulta anda ereto e na velhice apóia-se num cajado." Mortificada pela resposta correta a esfinge jogou-se dum rochedo e morreu. Encantados os tebanos nomearam Édipo seu rei e ele se casou com Jocasta, viúva do rei falecido, gerando quatro filhos. Os deuses enviaram uma praga e Édipo soube que tinha assassinado seu pai e casado com sua mãe. Jocasta enforcou-se, Édipo cegou-se e vagueou cego pela Grécia acompanhado de sua filha Antígona, até que as eumênides, deusas da vingança, o levaram da Terra. Ésquilo, Sófocles e Eurípides escreveram peças clássicas sobre essa tragédia; os nossos psicanalistas evocam este complexo de Édipo, tirania da mãe sobre o homem que dizem ser causa de psicoses atualmente.

É uma estranha história esta e muito confusa; poderemos relacioná-la com o antigo Egito e os astronautas?

O profundo erudito Immanuel Velikovsky, com magistral erudição, identifica Édipo com o faraó herético Aquenaton que subiu ao trono em 1375 a.C.[202].

Quem foi Aquenaton, o estranho místico rei-filósofo que há três mil anos estabeleceu na Terra por um breve momento um reino de paz, amor e beleza universais, de adoração do divino Sol, espírito da criação, a religião cósmica do astronauta para a qual a humanidade ainda não está preparada?

O Egito da Décima Oitava Dinastia por volta de 1500 a.C. atingiu o zênite do poder imperial, senhor do mundo civilizado; os tesouros e o tributo da Babilônia, da Assíria, da Palestina, de Creta e da Etiópia em maravilhosa abundância enriqueciam o vale do Nilo. Hatshepsut,

mencionada na Bíblia como a rainha de Sabá, fez uma viagem oficial a Jerusalém para conhecer Salomão em toda a sua glória e voltou de lá encantada com mais do que a sabedoria do rei judeu: seu filho Menelik, dizem, é antepassado de Hailé Selassié, atual imperador da Abissínia*. O sobrinho da rainha, Tutmés III, grande conquistador da antiguidade, fez brilhantes campanhas na Palestina, na Síria e na Núbia para estender a benéfica *Pax Aegyptica* sobre o crescente fértil do Oriente Médio; e os triunfos continuaram com Tutmés IV e Amenotep III. O requinte e a prosperidade trouxeram inevitavelmente a decadência; a religião de Amon, com dois mil anos de idade, tinha perdido sua inspiração, submersa no materialismo. O Egito precisava de uma reforma.

O jovem rei que subiu ao velho trono dos faraós em 1375 a.C. com a idade de quinze anos, mostrou o gênio e a compreensão cósmica de um avatar de Vênus mais do que a imaturidade da juventude. Vivia numa sublimidade espiritual que transcendia a moral mundana da Terra, cometendo o erro de esperar que seus súditos fossem santos em vez de pecadores. Amenotep (Amon repousa) IV era deformado, tinha o crânio alongado, feições ascéticas e delicadas, os olhos de um profeta; tinha o abdômen grande e os membros inferiores inchados; devia sofrer de epilepsia devido às forças psíquicas que carregavam sua alma inquieta. Ele imediatamente substituiu a velha religião politeísta degenerada de Amon pelo culto simples e luminoso de Aton, o deus único simbolizado pelo disco do Sol. Os discípulos da nova idade receberam a mudança de braços abertos, mas uma reforma assim tão iconoclasta imediatamente provocou os sacerdotes fanáticos e transformou o populacho, que preferia as panelas de carne desta vida às fantasias da vida futura. Amenotep mudou seu nome para Aquenaton (Aton está satisfeito) e mudou a capital imperial de No-Amon (A Cidade de Amon-Tebas) para uma nova cidade maravilhosa chamada Akhetaton, que estava fazendo construir com idealismo e

* *Hailé Selassié era imperador da Abissínia na época em que foi escrito este livro. Foi deposto em 12 de setembro de 1974 por um golpe militar. (N. do E.)*

beleza mais abaixo no Nilo, na moderna Tell-el-Amarna. Aquenaton com sua encantadora esposa Nefertiti cujas feições esculturais a tornam a mulher mais admirável da antiguidade e suas sete filhas, viviam nessa cidade do Sol renunciando às tradições mortas da religião, da filosofia e da arte e inaugurando uma idade de ouro de fraternidade cósmica, de compaixão, naturalismo e glorificação da vida universal, o sonho irrealizado daquele futuro filósofo-imperador Marco Aurélio, a esperança de visionários de hoje, a civilização maravilhosa dos astronautas.

As idéias de Aquenaton estavam milênios à frente do seu tempo; o povo não estava preparado para o reino de Deus na Terra. Estará algum dia? Todos os reformadores encontram frustração. Nós hoje somos herdeiros da história. Todos os profetas inspirados do passado pregaram sua mensagem maravilhosa e vejam, o mundo está ameaçado pela bomba de hidrogênio! O grandioso *Hino ao Sol* de Aquenaton saudava Rá-Harakhte como um espírito idealista universal que sustentava todos os homens em toda parte, uma ressurreição da religião solar dos atlantes e dos primitivos egípcios, suplantada mais tarde pelo culto local e então nacionalista de Amon como deus do Egito. O jovem visionário procurou unir toda a humanidade numa religião de sabedoria cósmica que abrangeria do anjo ao inseto, da estrela ao átomo, com um modo de vida que expandiria a consciência do homem sobre o glorioso universo vivo. Mas a natureza humana era então a mesma que é hoje. As tabuinhas de barro desenterradas em El Amarna em 1887, escritas em cuneiforme, na linguagem diplomática dos acades, revelam sinistramente que os hititas e outros povos súditos desprezavam o pacifismo de Aquenaton como fraqueza; freneticamente os governadores egípcios imploravam um auxílio que não chegou e o desmoronamento do império promoveu o descontentamento no Egito. O exército frustrado foi encorajado pelos sacerdotes de Amon descontentes a depor o rei e instalar novamente a capital em Tebas. Deixado em isolamento, Aquenaton foi abandonado por Nefertiti, sua esposa, sua cidade inacabada caiu em ruínas e ele passava os seus dias entregue ao misticismo religioso, comungando com Aton. Em pouco tempo a acumulação de desastres dentro e fora

do país destruiu-lhe a saúde precária. Morreu possivelmente envenenado em 1338 a.C., no décimo sétimo ano de seu reinado, apenas com trinta e dois anos de idade, derrotado na mente e no corpo, mas triunfante na alma[203]. Como algum mestre de outro planeta, Aquenaton trouxe a religião cósmica ao homem e encontrou dolorosa rejeição. Hoje, três milênios depois, nosso mundo conflagrado está começando a perceber além dos credos antagônicos o idealismo prático da filosofia do jovem faraó, o parentesco comum de todos os homens, o culto do deus único no universo vivo, a gloriosa fraternidade de todas as criaturas nas estrelas incontáveis do espaço. Sucedeu a Aquenaton seu genro Smenkhara, seguido do rei-menino Tutancâmon, cujo túmulo com seus deslumbrantes tesouros de ouro fascinou nosso século em 1922. Os vingativos sacerdotes de Amon apagaram toda e qualquer referência a Aton, mas hoje, em nossa era espacial, os ensinamentos de Aquenaton brilham com nova significação.

Que relação pode haver entre este santo faraó Aquenaton, que tentou reformar o mundo, e o trágico Rei Édipo, marido de sua própria mãe? Poderiam essas personagens extraordinárias ser realmente a mesma pessoa em diferentes épocas e em diferentes países? Existe algum mistério mais profundo por trás da imagem de Aquenaton?

Velikovsky afirma com impressionantes argumentos que as esculturas mostram que Aquenaton tinha os membros inchados: Édipo, em grego, significa "pés inchados"; as inscrições sugerem que Aquenaton tomou Tiy, sua mãe, como consorte e gerou filho nela, exatamente como Édipo, que sem o saber casou com sua mãe Jocasta e gerou nela dois filhos e duas filhas. Por mais repugnante que seja o incesto para o nosso século XX, no Egito antigo os faraós consideravam-se uma dinastia divina, de modo que por razões de Estado casavam irmão e irmã para produzir um sucessor, embora houvesse sem dúvida algumas exceções nessa prática. Os egípcios abominavam o casamento entre mãe e filho, embora tolerassem uniões entre pai e filha, privilégio gozado por Ramsés II. Os mitanianos e os antigos persas adoradores de deuses indo-iranianos, acreditavam que a união entre mãe e filho tinha uma alta

significação sagrada. As estreitas relações políticas entre o Egito e Mitani provavelmente trouxeram a influência zaratustriana para a corte egípcia e isso proporciona uma explicação plausível para o casamento de Aquenaton e Tiy, ambos indivíduos dominantes e sem dúvida explica por que sua esposa legal, a bela Nefertiti, o deixou. O corpo de Aquenaton nunca foi encontrado. O túmulo miserável de Tiy sugere seu suicídio, Jocasta enforcou-se. Provas tortuosas implicam que Aquenaton depois sofreu cegueira e peregrinou com sua filha Meritaten, que sofreu morte ignominiosa como a trágica Antígona filha de Édipo, enterrada viva. Aquenaton desapareceu, Édipo foi finalmente removido da Terra pelas eumênides, deusas da vingança.

Como Shakespeare que raramente inventava seus enredos mas transmutava velhas histórias com a magia do gênio, Ésquilo por volta de 500 a.C. tomou histórias antigas para confeccionar suas grandes tragédias. Durante séculos a história do rei egípcio cego e incestuoso deve ter sido cantada por bardos através de muitas terras; Sófocles deu cor local ao drama, transferindo a cena com personagens gregos para Tebas, na Beócia, cidade que por alguma estranha coincidência tinha o mesmo nome que os gregos davam à grande capital de No-Amon, no Nilo. Na imaginação popular o Egito era simbolizado pela esfinge, de modo que Sófocles certamente aproveitou a oportunidade de fazer "bom teatro" fazendo a esfinge apresentar o prólogo de sua nobre trilogia — *Édipo rei, Édipo em Colona* e *Antígona*. Uma explicação espantosa mas, como todo teatrólogo sabe muito bem, perfeitamente possível.

Fora a sua dúbia inspiração para os psiquiatras freudianos, que relação poderá ter esta história de Aquenaton ou Édipo com a nossa presente tese dos astronautas?

Suponhamos que a história oculte um mistério maior do que se imagina?

Os gregos consideravam a esfinge alada filha de Tifon e da Quimera. A mitologia grega descrevia Tifon como um furacão destruidor, um monstro de hálito de fogo que lutou contra os deuses e os homens até que foi subjugado por Zeus com um raio. Gerou as hárpias, descritas por Hesíodo como lindas donzelas aladas que desciam sobre

os homens, embora outros escritores as chamassem aves repugnantes com cabeça de mulher, que emporcalhavam tudo embaixo. A Quimera também era um monstro com hálito de fogo, parte leão e parte dragão, que devastava a Lídia e a Ásia Menor até que foi morta pelo herói Belerofonte em seu cavalo alado, Pégaso. Essas lendas parecem-nos fantásticas enquanto não as consideramos memórias raciais fragmentadas da guerra no céu, quando Tifon e a Quimera são vistos como astronaves. Os gregos consideravam as eumênides também chamadas erínias, com respeitoso terror; eram temidas pelos romanos como as fúrias ou *Dirae,* divindades vingadoras. Os poetas representavam-nas como terríveis donzelas aladas com serpentes entretecidas nos cabelos e sangue gotejando da boca; temidas pelos deuses e pelos homens, puniam a desobediência tanto neste mundo como depois da morte. Essas descrições fantásticas parecem imagens poéticas mas em termos gerais lembram as histórias de terror de astronautas contadas atualmente por camponeses da América do Sul. Poderia Édipo ter sido trasladado para outro mundo numa espaçonave?

Em seu livro notável *Ages in chaos (Idades em caos)* Velikovsky[204] reconstrói a história antiga do *Êxodo* até Aquenaton; começando com as catástrofes narradas no livro do *Êxodo* e no papiro de Ipuwer, sugere a surpreendente teoria de que os egiptólogos duplicaram cerca de seiscentos anos, tornando Hatshepsut contemporânea de Salomão em cerca de 950 a.C. e Aquenaton contemporâneo de Elias em 850 a.C. e não em 1375 a.C., que é a data convencional de Aquenaton. A correlação das cronologias antigas parece extremamente difícil e tão impressionantes são as pesquisas de Velikovsky que seus achados sensacionais são difíceis de rejeitar.

No princípio do século IX a.C. Elias costumava confundir os profetas de Baal fazendo descer fogo do céu; conversava com "anjos" (astronautas) e na presença de Eliseu foi trasladado para o céu, aparentemente numa luminosa astronave. De acordo com o *Segundo livro dos reis,* capítulo 2, versículo 11:

E continuando seu caminho, e caminhando a conversar entre si, eis que um carro de fogo e uns cavalos de fogo os separaram um do outro; e Elias subiu ao céu no meio dum remoinho.

Um século depois Rômulo foi também, segundo se dizia, arrebatado para o céu num remoinho quando julgava no monte Palatino; o *Livro de Enoc* declara que séculos antes Enoc foi levado para o céu por um remoinho.

Se "anjos" ou "astronautas" visitaram Israel certamente devem ter aparecido também no Egito. Considerando que a história convencional do Egito durou quatro mil anos, os documentos são extremamente escassos e o que resta são elogios aos faraós ou louvores aos deuses; a nossa interpretação moderna dos hieróglifos evidentemente expressa a nossa própria conotação dos símbolos usados e é difícil que signifique precisamente o que os escribas queriam dizer. A história do cisma entre Aquenaton e os sacerdotes de Amon, análoga ao debate contemporâneo entre Elias e os sacerdotes de Baal, é deduzida de alguns papiros e murais e corroborada pelas tabuinhas de El Amarna; restam tantas perguntas à espera de resposta! Como a nossa própria Reforma, a reação contra a velha religião estabelecida vinha-se acumulando havia séculos mas o que foi que levou este jovem "Lutero" a derrubar os ídolos de Amon e a restaurar o culto cósmico do Sol, até mesmo a construir uma cidade ideal digna de uma Idade de Ouro? De onde esse real gênio recebeu suas idéias? Sua concepção madura do universo e da relação do homem com o Criador, suas opiniões revolucionárias sobre regime alimentar, filosofia social, harmonia da alma, planejamento urbano, pacifismo internacional, parecem milênios à frente da nossa própria cultura atual. Poderia um simples jovem sem auxílio transformar o padrão de pensamento do Egito, cristalizado através de séculos? "Deus" guiou Moisés; os "anjos" falavam com Elias; seria Aquenaton inspirado por astronautas?

Capítulo doze

O ÊXODO

Sozinho à janela do palácio o velho rei via as estrelas cintilantes se apagarem no oriente; os últimos traços dos relâmpagos cortavam o céu e o trovão morria nas colinas ao ocidente. Depois duma tempestade como nunca se vira, a Terra agitava-se num sono inquieto, esperando o amanhecer. Uma tensão sinistra carregava o ar, as feições orgulhosas do rei crispavam-se, a emoção distendia-lhe o rosto, seus olhos brilhantes lampejavam de cólera mal reprimida. O cenário pacífico de sua terra lá embaixo devia enchê-lo de calma, mas em vez disso seu coração tremia ante a nova calamidade que o dia seguinte poderia trazer. Viria nova praga afligir a Terra? A água transformada em sangue, rãs, piolhos, bexigas, furúnculos, granizo, gafanhotos e três dias de escuridão tinham descido sobre o país, afligindo homens e animais. Que coisa pior poderia acontecer?

O rei franziu a testa, olhando para o acampamento ao norte. Já os capatazes tangiam os escravos para construírem as fortificações contra os bárbaros do leste, aliados deles. Seus supersticiosos súditos culpavam das terríveis calamidades aqueles estrangeiros arrogantes que em poucos séculos se tinham multiplicado a ponto de se tornarem uma ameaça para todo o país: agora a ralé gabava-se de que seu deus poderoso desceria e os livraria da servidão. A ameaça do chefe deles ainda soava nos ouvidos do rei: "Deixa meu povo partir!" O rei suspirou. Poderia ele ex-

pulsar os escravos de que precisava para aumentar os exércitos de seus inimigos? Insultar seus próprios sacerdotes e render-se a um deus estrangeiro qualquer? O rei olhou para o rio largo além, encrespado pela brisa do amanhecer; os anos recuaram da sua fronte, a memória reviveu aquela juventude dourada quando ele e seu irmão colaço, um enjeitado encontrado nos caniços daquele rio, brincavam e riam naquele mesmo palácio, caçavam leões no deserto e guerreavam contra os anões negros do sul. Desde aquele dia aziago em que seu teimoso irmão assassinara um capataz por espancar um escravo e fugira do país para o deserto, os dois nunca mais se tinham encontrado até aquele dia fatídico. Enquanto os deuses o faziam a ele rei do maior país do mundo, seu irmão tornava-se um excelente general, adepto da magia negra, um místico santo e agora os rumores diziam que era favorecido por um deus maravilhoso do céu, envolto em luz. Deuses! A terra era povoada por milhares de deuses; ele mesmo, o rei, era prisioneiro dos sacerdotes. Os deuses ainda visitariam a Terra? Os anais do templo falavam dos círculos de fogo, dos barcos solares vistos por seu grande antepassado, sobre aquele mesmo palácio, duzentos anos antes. Um deus tinha salvo sua vida? A campanha do Oriente! Sorriu sinistramente. No assalto àquela cidade o exército havia sido derrotado e ele, apenas com sua guarda pessoal, fora emboscado pelo inimigo. Quando tudo parecia perdido, um deus apareceu, sua gloriosa presença transformou a derrota em vitória. Os deuses manifestavam-se aos homens. Seu irmão tinha confundido os maiores cientistas. E aquelas pragas? Calamidades? Coincidência? Antes tinha havido pragas. Seu irmão evocava poderes sobrenaturais; com a ajuda de seu cioso deus ele era capaz de destruir a Terra toda. Deviam sofrer os inocentes? Ele podia deixar os escravos estrangeiros voltarem para a sua terra. Mas eles tinham terra própria? Franziu a testa. Ele era o rei. Devia render-se a...?

Uma estrela caiu do céu e pairou em cima; seu brilho fantasmagórico iluminou a terra. Um raio ofuscante cegou o rei, varrendo todos os edifícios embaixo. Quando ele abriu os olhos doídos, o raio brilhante desapareceu da vista. Um horror inominável regelou-lhe a alma. Alguma

coisa tinha acontecido. O universo respirava tragédia. No palácio uma mulher gritou.

De todas as casas saíam gritos de angústia, o sol nasceu sobre uma cena de agonia. O rei tremia, esmagado pela calamidade. Que novo horror teria?... Gemidos de servos. Gritos de soldados. Pragas nos estábulos reais embaixo. Soluços desesperados. Voltou-se e viu sua jovem rainha com o semblante descomposto, apertando ao peito o príncipe herdeiro. O medo trespassou-lhe o coração. Seu filho jazia imóvel. O ar da manhã estava cheio de dor. Todas as famílias choravam. Os primogênitos estavam mortos.

Uma praga cresceu até se transformar num grito, num tumulto que chegava ao céu. O deus desconhecido! Que os estrangeiros partissem antes que todo o povo perecesse. Diante do corpo mudo do filho, o rei curvou-se à vontade de seu povo, à voz de Deus. Em meio à dor deu o consentimento real.

O acampamento dos escravos estava em alvoroço; os estrangeiros regozijavam-se. Ébria de liberdade, a multidão saqueou a cidade aflita e depois, cantando hinos selvagens, homens, mulheres e crianças marcharam atrás de seu chefe para os lados do oriente.

No palácio o rei deu ouvidos aos seus conselheiros: os sacerdotes juravam blasfêmia, os soldados vingança. Dominado por maus presságios, o rei comandou sua cavalaria em rápida perseguição. Encontrando pela frente o mar interior, os escravos viram-se impotentes. Como num sonho, o rei viu o chefe deles, outrora seu irmão bem-amado, erguer o bastão. As águas abriram-se formando muralhas que brilhavam branco e azul ao sol. Com gritos de alegria, a turba atravessou precipitadamente. Os carros pintados precipitaram-se atrás dela em ruidoso triunfo. De repente o chefe baixou o braço. Os muros gigantescos dissolveram-se em ondas e torrentes remoinhantes arrastaram homens e cavalos para as profundezas. O rei olhava em mudo horror. Deus tinha salvo uma nova nação e afogava seu exército.

Uma história assim podia ser ficção científica, uma fábula para moralizar sobre as loucuras do homem. No

nosso bem conhecido livro do *Êxodo,* a história é mais bem contada.

O Egito sofreu um desastre nacional, não houve um lar em todo o país que não chorasse o seu morto assassinado pelo próprio Deus. Os sacerdotes infamados, o exército desonrado, os escravos libertados, as férteis terras do Nilo poluídas por pragas... deve ter sido a maior calamidade que qualquer nação já sofreu. Os anais dum povo civilizado devem deixar um solene réquiem, uma grave narração para advertir as nações futuras do castigo do passado por sua blasfêmia contra o Senhor. Os escribas são mudos. Aqueles hieróglifos pintados louvam os reis, as preces dos sacerdotes, o solene esplendor dos deuses, mas sobre a catástrofe mais chocante ocorrida em sete mil anos o Egito guarda silêncio. Como se o *Êxodo* nunca tivesse acontecido!

Os filhos de Israel deixaram muitos países; diversas ocasiões devem ter entrado no Egito e saído em hostilidade; a narrativa do *Êxodo* parece não ser história real; pode ser magia e mito transmitidos em liturgia hebraica para glorificar Jeová e inspirar o povo judeu. Madame Blavatsky compara o *Êxodo* com as lendas da Atlântida; o profundo erudito Cyrus H. Gordon, em *Before the Bible (Antes da Bíblia),* vê na epopéia do *Êxodo* afinidades com a literatura homérica da Grécia e com a literatura heróica de Ugarit, todas as três compostas pela mesma época. Os egiptólogos, assiriólogos, arqueólogos de renome, homens de ciência que deviam conhecer os fatos, não encontram prova de qualquer espécie sobre o *Êxodo;* no segundo milênio havia muitos séculos que os semitas entravam e saíam do Egito; nenhum texto egípcio se refere à milagrosa libertação mencionada na Bíblia[205].

A opinião profissional dos egiptólogos é sumariada de modo convincente pela Dra. Barbara Metz, ela mesma egiptóloga ilustre, em seu fascinante livro *Temples, tombs and hieroglyphs (Templos, túmulos e hieróglifos),* p. 151:

> *A conexão dos hebreus com o Egito tem sido objeto de longas e fastidiosas discussões entre historiadores; poucos documentos egípcios mencionam sequer Israel e nenhum deles é particularmente informativo a respeito dessa nação ou do povo que a fundou. Não há referência egípcia a Moisés nem a José; nenhum texto contém sequer o mais vago eco do longo cativeiro, que começou com a escravização dos hebreus por um faraó que não conhecia José e terminou com o milagre do Êxodo. Não admira que as teorias sobre os hebreus no Egito variem consideravelmente. Uma escola de pensamento coloca o Êxodo no século XV a.C., outra no século XIII a.C., uma terceira versão afirma que não houve um único êxodo de povos escravizados, mas uma série de pequenos êxodos por assim dizer, que foram fundidos pelas tradições e pelos escritores judeus em um único acontecimento.*

Se aquele gárrulo bisbilhoteiro que foi Heródoto, que sabia tudo sobre todo o mundo, tivesse ouvido alguma coisa a respeito da milagrosa libertação dos judeus do Egito, certamente teria discorrido a respeito com o maior prazer.

Um papiro do profeta egípcio Ipuwer queixava-se duma catástrofe universal quando o rio se transformou em sangue; Nefer-rohu disse que o Sol ficou velado e os homens não podiam ver; Velikovsky associa esses prodígios a testemunhos astronômicos, históricos e geológicos, para sugerir uma colisão entre Marte e Vênus que produziu um cataclismo na Terra, permitindo aos israelitas do Egito aproveitarem a oportunidade para escapar. Alguns cientistas acreditam que há três mil anos a Terra pode ter sido varrida por um cometa cuja cauda de gases venenosos podia ser a causa de muitas das chamadas pragas; a turbulência atmosférica poderia até ter dividido as águas pouco profundas para os israelitas atravessarem. Os fiéis, ainda desprezando a ciência, vêem nisso a "mão de Deus"[206].

Os egiptólogos, como os cientistas, sabem apenas o que sabem; a maioria destes homens ilustres admite que seu conhecimento é limitado pelos fatos que têm diante de si; o desenvolvimento da arqueologia como ciência mostra que os sábios estão sempre dispostos a trocar velhas idéias por teorias novas, apenas aparecem outras provas,

atitude que poucos teólogos adotam. A descoberta de El Amarna lançou luz sobre os tempos de Aquenaton. Quem sabe se algum dia um camponês cavando seu campo não desenterra uma estela hieroglífica com o diário particular de Ramsés II queixando-se de que a sua quadragésima nona lua-de-mel foi estragada pelos israelitas, ou algum beduíno de perto do monte Sinai pode encontrar algumas peles sujas borradas com uns caracteres curiosos que contam a *Vida e amores de Moisés* por sua secretária Míriam. Tolice? Quem sabe? A fantástica descoberta dos pergaminhos do mar Morto não revolucionou a nossa concepção de cristianismo? Se alguma prova real vier à luz confirmando o Êxodo, ninguém ficará mais emocionado do que os egiptólogos; enquanto isso, embora suas sábias opiniões devam ser respeitadas, elas não têm que ser aceitas como fatos finais; apenas uma nova descoberta, e amanhã pode ser tudo mudado. Como, por surpreendente que pareça, a única narrativa do Êxodo se encontra na literatura hebraica, não temos outra alternativa senão estudar a história da Bíblia à luz do conhecimento antigo e moderno e desapaixonadamente escrutar os fatos tantalizantes e confusos que há muitos séculos o mundo vem aceitando como verdade sagrada.

O *Êxodo* descreve o épico duelo entre Moisés, inspirado por Deus, e um faraó tirânico pela libertação do Egito dos israelitas escravizados há três mil anos. Qual foi o cenário do drama? Quem foram os personagens cuja contenda nos emociona ainda hoje?

O livro do *Êxodo* não é um relato fatual e crítico de acontecimentos, história como a escrevemos hoje; os cronistas judeus não pretendiam absolutamente escrever "história" exata; eles estavam principalmente preocupados com a revelação de Deus ao homem através de seu povo escolhido, os filhos de Israel. A tradição diz que o *Pentateuco,* primeiro dos cinco livros da Bíblia, foi escrito por Moisés, embora Filo e Josefo admitam que os capítulos de depois da sua morte foram terminados por Josué. Com todo o respeito pelo sábio Moisés, essa miscelânea de narrativa religiosa em estilo tão empolado não faz justiça à sua grande inteligência; duvidamos que seu mérito literário atraísse qualquer editor atualmente. Os sábios concordam em geral em que o *Êxodo* foi extraído de várias fontes, compreendendo quatro grupos principais; que o texto bíblico atual foi composto possivelmente séculos depois dos supostos acontecimentos. Se pudéssemos projetar-nos duzentos ou trezentos anos à frente e imaginar um grupo de teólogos compilando a história (digamos) de Dunquerque a partir de uma miscelânea de histórias populares e memórias ancestrais, porque todos os documentos da época foram destruídos, talvez em uma guerra nuclear, sem dúvida encontraríamos o aparente "milagre" explicado por um provocante Montgomery recrutando Deus e flagelando o obstinado Hitler para que deixasse a nossa Força Expedicionária Britânica partir. Quando Hitler se arrependeu de ter acedido e lançou a sua Luftwaffe contra nós, Deus derrubou-a do céu. Fantasia, blasfêmia? Quem sabe? Se a nossa civilização for em breve destruída, poderia realmente acontecer no futuro uma conjetura de Dunquerque assim como no nosso *Êxodo*.

Por volta de 1300 a.C. os viris faraós da Décima Nona Dinastia esforçavam-se por reconquistar grande parte do Império Egípcio, perdido pelo pacifismo de Aquenaton, mas seus exércitos viram-se confrontados pela crescente agressão dos hititas que se expandiam para o sul através da Síria e da Palestina. Hordas de semitas, prisioneiros de guerra e refugiados desembocavam no Egito, estabelecendo-se nas férteis terras do Delta, no lugar chamado Gessém. Esses estrangeiros, tolerados pelos pacatos egípcios, não tardaram a despertar ressentimento por sua arrogância dominadora, até que algum faraó se sentiu obrigado a subjugar a ameaça estrangeira que estava arruinando o país. Decretou leis severas, recrutando os asiáticos para a construção de fortificações; alguns desses asiáticos eram israelitas[207].

Quem era o Deus que governava Moisés? O Deus que falava a Moisés da sarça ardente *(Êxodo,* 4, 6) dizia: "Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isac, e o Deus de Jacó". O capítulo 18 do *Genesis* diz que nas planícies de Mamra Abraão "estava assentado à entrada da sua tenda, no maior calor do dia. E tendo levantado os olhos, apareceram-lhe três homens que estavam em pé junto dele". Um dos "homens" Abraão reco-

nheceu como o "Senhor". Ele tinha encontrado o "Senhor" em várias ocasiões, notadamente quando o "Senhor" estabelecera uma "aliança eterna" com Abraão e seus descendentes, prometendo-lhes a terra de Canaã. A pedido de Isac o "Senhor" tinha remediado a infertilidade de sua mulher *(Genesis,* 25) e jurado que sua semente se multiplicaria "como as estrelas no céu", o que eles fizeram em Gessém para terror dos egípcios, que viam seu Estado ameaçado. As manifestações do "Senhor" só ou acompanhado de "anjos" em seu "poder e glória", tinham dominado a vida e a religião dos hebreus; Moisés soube imediatamente que a aparição era Jeová, o Deus de Israel. O hebreu El Shaddai (Deus Todo-Poderoso) lembra o deus sírio Addu (Hadad), mencionado freqüentemente nas tabuinhas de El Amarna mas provavelmente tem mais afinidade com o assírio Shaddu, que significa "montanha", especialmente quando o "Senhor" geralmente aparecia em montanhas, aonde chamava seus profetas. Os textos ugaríticos referem-se a Yawe como um deus mais jovem, filho de El; os sumerianos identificavam-no com Enli, os babilônios com Marduc. A aliança entre Deus e Abraão tem um equivalente na proteção divina que Atena dispensava a Ulisses, Afrodite e Anquises, Istar e Hatusili, de modo que a relação especial pretendida pelos israelitas não era única: a maioria dos países antigos e também muitas nações modernas acreditam ser o "povo escolhido" de Deus[208].

A palavra "deus" evidentemente deve ter pelo menos dois significados distintos. Hoje nós compreendemos que Deus, o Absoluto, sonha a existência de incontáveis universos finitos que se repetem em muitas dimensões paralelas; que coexistem mundos espacialmente em diferentes freqüências de matéria, todos refletidos por universos complementares de antimatéria; e pode haver outras manifestações da Criação além do nosso conhecimento. Certamente ninguém mais sustenta que Deus, o Criador, de algum modo entrou em seu Sonho Cósmico e desceu a um insignificante pontinho de pó em seu vasto universo para se imiscuir nos negócios de um povo nômade e ignorante, para assassinar os inimigos desse povo que ele criou para um fim que ainda não está bem esclarecido! Os israelitas não sabendo nada absolutamente sobre outros mundos,

viam Deus como um ser maravilhoso que descia do céu numa nuvem ou roda de fogo (querubim) exatamente como os indianos, os chineses, os japoneses e os egípcios antigos viam seus próprios deuses descerem em carros de fogo. Hoje nós compreendemos que o Deus de Moisés era um ser extraterrestre que descia à Terra em uma astronave.

Quem era o "novo rei que não conhecia José"? *(Êxodo,* 1,8) Os textos egípcios não fazem referência alguma a José. Muitos semitas eram vendidos para a escravidão no Egito; um deles poderá ter subido a uma alta posição, possivelmente durante o domínio dos hicsos mas não há confirmação egípcia do romance bíblico. Deve ter havido várias incursões de semitas através dos séculos no Egito e provavelmente outros tantos casos de êxodo. Visto que nenhuma inscrição egípcia jamais menciona José, Moisés ou o longo cativeiro, é evidentemente difícil estabelecer a data precisa do Êxodo. Há murais representando semitas construindo as cidades-armazéns de Pitom e Ramsés *(Êxodo,* 1, 11) e por isso conclui-se convencionalmente que o faraó da opressão foi Ramsés II (1292 a.C. a 1225 a.C.). Seu filho Merneptá pode ter sido o faraó da libertação, embora os egiptólogos, não tendo nada para apoiar essa tese, discordem entre si. A verdade verdadeira é que ninguém sabe a data do Êxodo, quem foi o faraó em questão ou se os acontecimentos narrados na Bíblia realmente aconteceram. O notável paradoxo é que enquanto a *História* de Geoffrey de Monmouth que descreve os primeiros reis da Grã-Bretanha é rejeitada como fabulosa, histórias hebréias semelhantes relativas ao mesmo período não só são aceitas como literalmente verdadeiras até o último ponto final, mas por três mil anos constituíram o alicerce das religiões judaica e cristã, tornando-se a base da nossa cultura ocidental.

A invasão dos hicsos e a conquista do Egito por asiáticos algumas centenas de anos antes, levada a efeito através de séculos, fez Ramsés se lembrar da crescente "quinta-coluna" de estrangeiros existente no país e, ao se preparar para a guerra com os avassaladores hititas, internou os israelitas e forçou-os a trabalhar naqueles prodigiosos monumentos que fizeram dele provavelmente o

homem que melhor propaganda recebeu na história. Prendendo agentes inimigos em potencial, Ramsés tomou as mesmas precauções de segurança que todos os países tomam em tempo de guerra, e naturalmente os israelitas não gostaram dessa tirania e exigiram que os libertassem. Se todos os alemães e italianos internados na Inglaterra durante a guerra exigissem ser libertados e repatriados para irem reunir-se às forças inimigas, podemos imaginar qual seria a resposta do governo! Ramsés provavelmente ficou bastante impressionado com o deus de Moisés, Jeová. Não devia ele mesmo sua vida a um deus? Em 1287 a.C. ele tinha marchado para o norte até Cades, a grande fortaleza dos hititas à margem do Orontes, no Líbano. A espionagem deficiente e a estratégia astuciosa do inimigo levaram à derrota o exército egípcio e Ramsés, apenas com a sua guarda pessoal, viu-se cercado por milhares de hititas e cara a cara com a aniquilação. Em seu desespero orou a Amon e, como mais tarde registraram suas inscrições, "ao grito do meu desespero o deus veio a mim rapidamente, tomou-me a mão e deu-me força até que o meu poder se tornou o poder de cem mil homens". Ramsés contra-atacou, por feliz coincidência apareceu uma divisão egípcia no momento crucial, como Blücher em Waterloo, e Ramsés conquistou uma gloriosa vitória. Os hititas, em assentamentos existentes em seus arquivos reais de Boghazkoi, juram que Ramsés sofreu uma derrota esmagadora — o que prova que os *communiqués* de guerra eram tão mentirosos como atualmente. Era moda entre os povos da antiguidade se gabarem da intervenção de um deus, o que nos faz perguntar se isso terá realmente acontecido. Cícero, em *Da natureza dos deuses,* Livro Primeiro, capítulo 2, conta que em 498 a.C. Castor e Pólux intervieram para ajudar os romanos na Batalha do Lago Regillus; Heródoto, Livro Quarto, capítulo 118, e Plutarco, em *Teseu,* afirmam que em 490 a.C., na batalha de Maratona, uma figura sobre-humana foi vista por grande número dos atenienses lutando do lado deles contra os persas. Os *Annales Laurissenses* descrevem "escudos de fogo alados" do céu derrotando os saxões que sitiavam Sigiburb em 776 d.C. Teria Ramsés sido salvo por um astronauta?

Depois da guerra, Ramsés assentou para criar família.

Mesmo na nossa época, em que o índice de nascimentos é espantoso, maravilhamo-nos com a sua espantosa virilidade. As vitórias de Ramsés na cama excederam as obtidas no campo de batalha. Os egiptólogos verificam com espanto e inveja que Ramsés gerou cerca de cem filhos e cinqüenta e nove filhas, muitas das quais ele mesmo desposou, gerando assim os seus próprios netos. Na nossa era de abonos de família, uma empresa tão estimulante resultaria mais proveitosa do que a loteria esportiva. Um homem macho desse calibre não se deixaria atemorizar por Moisés, mesmo com Deus ao seu lado.

Ramsés, apesar do seu exercício sexual — ou graças a ele, talvez — reinou sessenta e sete anos, mais tempo do que a Rainha Vitória, e foi sucedido por seu filho de meia-idade, Merneptá ("amado de Ptá"), que logo se viu confrontado pela invasão líbia do sul. Como seu terrível pai, Merneptá na hora da aflição procurava o conselho dos deuses. Na noite anterior à batalha, Merneptá teve uma visão do deus Ptá, que lhe oferecia uma espada e lhe dizia para espantar o medo. Com Deus ao seu lado Merneptá obteve a esperada vitória[209]. Não é certo se sua aparição foi um astronauta, embora mais ou menos por esse tempo, a algumas centenas de quilômetros de distância, os gregos estivessem pondo cerco a Tróia. Homero canta o auxílio que cada lado recebe dos deuses, que podem ter sido seres extraterrestres. Seria de surpreender que um astronauta deixasse a bela Helena por espaço de meia hora e voasse até o Egito para ajudar Merneptá em apuros? A tradição diz que Helena, depois de indiretamente queimar as torres altíssimas de Ílion, foi arrebatada de Tróia para as terras do Nilo, embora alguns gregos jurem que foi outra beldade com o mesmo nome, a mesma figura e o mesmo rosto, que, por uma estranha coincidência, também tinha deixado seu real marido para fugir com um jovem e fascinante príncipe. Que pena que os gregos não tivessem suplementos dominicais: Ésquilo teria perdido os seus louros para os cronistas atenienses! Se de fato Merneptá foi o faraó daquelas negociações finais com Moisés, ele também devia ter conhecimento direto dos deuses.

Essa grande figura patriarcal universal é velada em mito e mistério; fora das tradições hebraicas não se encon-

tra referência a Moisés em documentos contemporâneos, embora sua vida e palavras tenham muita semelhança com as de outros heróis tutelares da mitologia grega e ugarítica. O nascimento e destino futuro de Moisés foram profetizados ao faraó, que então ordenou a morte de todos os meninos hebreus. Isso é o que informam o Talmude e o historiador Josefo *(Antiguidades,* II-ix), um curioso paralelo com a chacina das crianças por Herodes (São Mateus, 11-16). Para salvar a vida de seu filho, a mãe, Yochabed, filha de Levi, colocou-o numa arca de juncos na beira do rio, onde foi encontrado por Bathia, filha do faraó; ela o adotou e criou como Príncipe Ahmose na corte egípcia. Histórias semelhantes foram contadas a respeito de muitos heróis da antiguidade, notadamente Ciro (Heródoto, 1-110) e Rômulo (Tito Lívio, 1-4). Sargão, o primeiro rei semita da Babilônia, nasceu de uma mulher pobre que o colocou numa cesta de caniços a flutuar no Eufrates, até que foi encontrado e adotado por um jardineiro do palácio real. O nome "Moisés" pode originar-se de "mosi", que significa "nascido", ou de "mashah", "tirado" (das águas), mas alguns eruditos afirmam que é ugarítico. O Dr. George Hunt Williamson, em seu notável livro *Secret places of the lion (Os lugares secretos do leão)*[210], afirma saber que em outras encarnações Moisés foi príncipe reinante da Lemúria, Hamurábi, legislador da Babilônia, José, o rei Davi, Daniel, José, pai de Jesus, Merlin, Montezuma e Joseph Smith, fundador da Igreja Mórmon. Infelizmente, o Dr. Williamson não divulga as fontes de sua divertida revelação nem do suposto entendimento secreto entre Moisés e seu "querido amigo" Ramsés II, cuja grande alma aparentemente encarnou como Amenotep III (pai de Aquenaton), Jônatas, Platão, Felipe, o apóstolo, o Rei Artur da Távola Redonda e Swedenborg. Seria fascinante, embora infrutífero, especular sobre as personalidades mundiais que encarnam Moisés e Ramsés atualmente.

Os ocultistas acreditam que Moisés se tornou o mais inspirado adepto dos mistérios egípcios, iniciado na ciência secreta herdada da Atlântida e da Lemúria, o que o capacitou para o seu futuro papel de guia de Israel. O Talmude[211] declara que, quando tinha apenas três anos de idade, Moisés tirou a coroa real da cabeça do faraó e a

colocou na sua própria cabeça. Como prova da sua intenção foram colocados diante dele dois pratos, um contendo fogo e o outro ouro. Um "anjo" invisível dirigiu a mão dele para o fogo, que ele levou à boca, e desde então ficou lento de fala. Se tivesse pegado o ouro, teria sido morto. Moisés cresceu e tornou-se um belo príncipe, adestrado nas maneiras da corte e na guerra. Trajava vestes reais e era amado pelo povo. Quando tinha dezoito anos, foi visitar o pai e a mãe em Gessém e, vendo um capataz egípcio espancar um hebreu, matou o egípcio e fugiu, indo reunir-se a Kikano, rei da Etiópia, para quem obteve grandes e gloriosas vitórias. O Talmude afirma que os etíopes coroaram Moisés seu rei e lhe deram a viúva de Kikano como esposa; mas Adonith, muito naturalmente, opôs-se a ser esposa "só no nome", e procurou levantar contra Moisés o povo, que o amava muito. Moisés abdicou voluntariamente, mas, com medo de voltar ao Egito, viajou para Madian. Descansando junto dum poço, encontrou aí as sete filhas do pastor Jetro, com quem ele tinha vivido por alguns anos, desposou Séfora, filha de seu hospedeiro, uma curiosa analogia entre outro peregrino mais ou menos da mesma época, Ulisses, que casou com Náusica em circunstâncias mais ou menos semelhantes[212].

Dois anos mais tarde Moisés levou seu rebanho para o Roreb, a montanha de Deus.

> *Apareceu-lhe o anjo de Jeová numa chama de fogo do meio de uma sarça, e Moisés via que a sarça ardia, sem se consumir.* (Êxodo, *3, 2.)*

Da "sarça ardente" a voz de "Deus" advertiu Moisés de que não devia chegar mais perto, depois informou-o de que o "Senhor" tinha ouvido o clamor de seu povo em aflição no Egito, e ordenava a Moisés que fosse ao faraó e exigisse a sua libertação. "Deus" conduziria os filhos de Israel para uma terra onde corriam leite e mel. Através dos séculos os comentadores não têm conseguido dar muito sentido a esse aparecimento de "Deus" dentro de uma sarça ardente que não se consumia; qualquer explicação convencional parecia completamente improvável. Nossa nova experiência com os fenômenos dos discos voadores

imediatamente oferece uma maravilhosa e empolgante explicação interpretada pelos pousos de astronaves comunicados atualmente. Um UFO resplandecente visto através dos ramos de uma árvore seria descrito por pessoas completamente ignorantes como uma "sarça ardente"; seria perigoso chegar muito perto do campo de força da astronave[213]. De acordo com o Talmude, Moisés notou um bordão no jardim madianita e apanhou-o para usá-lo como cajado; pela mais estranha das coincidências, era o mesmo bordão que Adão levara para fora do éden e passara para Abraão, Noé, Isac, José, e agora para Moisés; sugeriu-se tratar-se na realidade da vara Vril, dotada de maravilhosos poderes, usada pelos iniciados nos tempos atlânticos; embora admitindo tratar-se de uma explicação um tanto fantasiosa, uma vara assim poderia realmente produzir os aparentes milagres efetuados por Moisés.

Moisés com sua mulher e filhos voltou ao Egito. É espantoso ler no *Êxodo,* 4, 24, que quando pararam em uma estalagem, o "Senhor" encontrou-se com Moisés e tentou matá-lo! Esse incidente inexplicável demonstra que a narrativa do *Êxodo* dada na Bíblia é um tanto irracional e sem dúvida tende a enfraquecer a plausibilidade de todos os outros acontecimentos fantásticos. Acompanhado de seu irmão mais velho, Aarão, Moisés enfrentou o faraó, que se manteve impassível apesar dos milagres efetuados por Moisés e das nove pragas enviadas pelo "Senhor". À décima praga, que causou a morte dos primogênitos, o faraó cedeu, e os israelitas, carregados com tesouros dos egípcios, fugiram para o leste. Evitando o caminho mais curto ao longo da costa, possivelmente para não passarem pelas fortalezas da fronteira, dobraram para o sul e atravessaram as águas pouco profundas do mar Vermelho, perto de Suez. Acredita-se convencionalmente que ventos fortes tenham separado as águas temporariamente, formando um vau por onde os israelitas passaram; uma súbita tempestade possivelmente açoitou as ondas e alagou os carros egípcios que se debatiam na lama. Uma curiosa lenda diz que o faraó se viu transportado a Nínive, evocando visões duma astronave; provavelmente voltou a pé para casa.

O próprio "Senhor", um poderoso astronauta, que por alguma razão ainda obscura adotou os israelitas, encontrou evidentemente dificuldades práticas para efetuar a libertação. Ele não poderia bombardear Gessém com bombas nucleares, como fizera com Sodoma e Gomorra, matando igualmente egípcios e israelitas; mas o faraó só cederia a uma força irresistível. As pragas sugerem que o "Senhor" tentou alguma forma de guerra química e bacteriológica como a empregada naquelas guerras celestes sobre a China; finalmente decidiu-se pela execução seletiva de alguns egípcios. Os israelitas receberam ordem de pintar os umbrais de suas portas com sangue e comerem apenas certas comidas, e então o "anjo do Senhor" "passaria por eles". Que conexão poderia haver entre "comida" e ser passado por alto pelo anjo vingador? O *Daily Express* de domingo, 16 de abril de 1966, diz que os cientistas da Universidade Cornell, de Nova York, informam que estava sendo testada uma vacina anti-radiação e que podemos estar à beira duma solução sensacional. A vacina feita da planta dum feijão oriental do gênero *Canavalia* já se revelou bem sucedida em camundongos e poderia proteger populações inteiras contra a poeira radiativa dum ataque nuclear. Talvez as restrições do regime alimentar a certas comidas desse aos israelitas imunização contra alguma radiação letal usada pelo "Senhor" para matar egípcios, prova das técnicas químico-biológicas de que os astronautas dispunham. Por mais fantástica que pareça essa teoria, ela não é impossível. No próximo século os nossos cosmonautas, ao desembarcarem em outro planeta, poderão adotar uma tribo amiga e, mais tarde, serem obrigados a libertá-la do cativeiro com armas como as que o "Senhor" usou para libertar os israelitas no Egito.

> *E o Senhor ia adiante deles de dia numa coluna de nuvem, para lhes mostrar o caminho, e de noite numa coluna de fogo para lhes servir de guia num e noutro tempo.* (Êxodo, *13, 21.)*

Muitos observadores hoje, particularmente os sócios da Fraternidade Cósmica de Yokohama, que durante a última década afirmam ter visto várias naves-bases nos céus japoneses, concordam em que as enormes naves opalescentes parecem nuvens e numerosas testemunhas confir-

mam que à noite as astronaves parecem colunas de fogo. O "Senhor" estava aparentemente fazendo uma longa visita à Terra, se bem que não tão longa como os quarenta anos que se diz ter durado a travessia do "deserto" entre o Egito e a Palestina. Seu quartel-general seria provavelmente o "navio-base", um grande "porta-aviões" do qual desceria à Terra em um "disco" ou "nave de esclarecimento". Ele ordenou aos israelitas para "fazerem um santuário a fim de que eu possa morar entre eles". *Êxodo,* 25, o "Senhor" descreve minuciosamente a forma, a construção, a madeira, as cortinas e os ornamentos de ouro, prata e bronze desse tabernáculo onde poderia residir em segredo, escondido do povo. O tabernáculo continha a arca da aliança, construída segundo especificações precisas, um cofre oblongo de madeira seca, recoberto de ouro, que para as nossas mentes científicas atualmente parece ter sido uma caixa isolada carregada de energia eletrostática de alta voltagem, suficientemente poderosa para matar qualquer pessoa que a tocasse; daí se exortarem os fiéis a guardarem uma distância respeitosa, porque o lugar onde pisavam era "santo". Em tempos antigos, os iniciados parece que eram versados em ciência psicoelétrica, provavelmente herdada dos astronautas. Na Grã-Bretanha os druidas usavam forças elétricas como Dis Lanach ("relâmpago dos deuses") e Druis Lanach ("relâmpago dos druidas"), com as quais secavam os inimigos. Numa Pompílio, um rei de Roma antiga, manejava armas mágicas. Na antiga Bagdá foram encontrados "objetos rituais" que, examinados, revelaram ser pilhas voltaicas[214]. Os povos primitivos tinham uma veneração supersticiosa pelo raio; é provável que os sacerdotes de Israel, como feiticeiros em todo o mundo, usassem eletricidade eletrostática, talvez de maneiras não usadas hoje.

Os sacerdotes do mundo antigo desenvolveram uma ciência psicoelétrica diferente da nossa própria ciência e possuíam conhecimentos que os nossos pesquisadores só agora estão descobrindo. O "Senhor", *Êxodo,* 28, deu instruções detalhadas sobre a feitura das vestes e insígnias usadas por Aarão e outros sacerdotes, enumerando as várias jóias de ouro puro que deviam ornamentar o "peitoral do juízo" que continha o urim e o turrim. Esses dois estranhos dispositivos aparentemente permitiam aos sacerdotes falarem com o "Senhor" onde quer que ele pudesse estar no céu[215]. Para os antigos as jóias tinham profunda significação astrológica, de que os nossos cientistas zombavam, até que descobriram as propriedades fantásticas dos semicondutores, transformadores e lasers que estão transformando a eletrônica; agora parece que os cristais de jóias possuem estranhos poderes. Hoje instrumentos microeletrônicos escutam em embaixadas, telemetram informações de satélites, rubis focalizam raios laser com incrível potência e precisão; os urins e turrins eram provavelmente rádios em miniatura como os pequeninos discos que dizem que os astronautas usam atualmente. A mitologia e o folclore abundam em estranhas referências a jóias com influência fatal sobre seus infelizes possuidores. Essa ciência transcendente foi provavelmente transmitida aos iniciados na Terra pelo "Senhor" ou outros mestres do espaço.

> *Ao terceiro dia, depois de raiar o dia, houve trovões e relâmpagos. Uma nuvem espessa cobriu o monte, e ouviu-se um sonido de buzina muito forte; estremeceu todo o povo que estava no arraial.*
>
> *Moisés levou o povo para fora do arraial ao encontro de Deus; e pararam ao pé do monte.*
>
> *O monte Sinai, todo ele, fumegava, porque Jeová tinha descido a ele em fogo; do monte subiu o fumo como o fumo duma fornalha, e o monte tremia grandemente.* (Êxodo, *19, 16-18.)*

Deus tinha advertido Moisés previamente proibindo o povo de chegar até o monte, pois certamente morreriam. O fenômeno descrito aparentemente representa o pouso da nave-base no cume do monte Sinai, observado pelos atemorizados israelitas que nada compreendiam[216].

A entrega dos dez mandamentos a Moisés pelo "Senhor", no monte Sinai, é reverenciada pelos judeus e cristãos como uma revelação divina única na história humana, provando que os israelitas devem ser o "povo escolhido" de Deus. Os crentes das Escrituras devem saber que Minos, fundador de Cnossos, recebeu as leis cretenses de um deus num monte sagrado, citado por Dionísio de Halicarnasso

em *Antiguidades romanas,* 2-61; uma estela desenterrada em Babilônia representa o grande legislador Hamurábi aceitando as suas famosas leis em tabuinhas de pedra de um Deus, Sámas, também numa montanha[217]. A maioria dos países venera alguma montanha sagrada relacionada com seus deuses. A revelação a Moisés recebendo os dez mandamentos escritos em lajes de pedra no monte Sinai podia ser apenas uma representação convencional para inspirar o patriotismo israelita; se o acontecimento realmente ocorreu, aparentemente sugere instrução por um astronauta.

Depois de conduzir os israelitas através do deserto até a fronteira de Canaã, Moisés subiu ao monte Nebo de cujo alto cume o "Senhor" lhe mostrou a Terra Prometida onde ele não poderia entrar; diante dessa visão abençoada o patriarca morreu. Moisés tinha cento e vinte anos de idade, "seus olhos não estavam fracos nem suas forças naturais diminuídas". O monte Nebo era consagrado a Mercúrio, identificado com Tot e Hermes; suas encostas eram freqüentadas por iniciados dum culto antigo que se dizia que adoravam o planeta Mercúrio, sugerindo que essa montanha podia ter sido um campo de pouso de astronautas desse mundo oculto.

O *Midrash* afirma que Moisés era "meio Deus, meio homem", verdadeiro rei de Israel. Se a libertação narrada no livro do *Êxodo* realmente aconteceu é ponto a discutir; as tradições de Moisés tão firmemente arraigadas na consciência judaica por mais de trinta séculos, inspiraram não só os hebreus mas toda a humanidade. Esse heróico chefe lutou para desviar os israelitas de seus deuses tribais e convertê-los ao monoteísmo, a adoração de um deus único. O próprio Jeová era provavelmente um astronauta mas a doutrina esotérica do judaísmo reconhece a essência suprema de Deus, o Criador; e assim Moisés, por sua épica inspiração, realizou o sonho de Aquenaton.

É um paradoxo fascinante que a realidade de Moisés nos seja aparentemente provada não pela Bíblia, mas pelos fenômenos da nossa própria era espacial. Aqueles encontros de Moisés com Deus evocam os encontros de Adamski com Orthon, de Vênus; o "poder e a glória" que ofuscavam os israelitas lembram as astronaves brilhantes que

assombram muitos homens atualmente. Aqueles tempos maravilhosos do Velho Testamento estão chegando novamente. Em todo o mundo homens e mulheres dedicados esperam a chegada de seres extraterrestres das estrelas; talvez já alguns espaçonautas estejam inspirando algum novo Moisés a libertar a humanidade da escravidão do nosso trágico século XX.

O antigo Egito foi realmente visitado por astronautas? Os acontecimentos sobrenaturais do *Êxodo* podem ser explicados como uma intervenção extraterrestre nas terras do Nilo?

Um papiro muito deteriorado encontrado entre os papéis do defunto Professor Alberto Tulli, diretor do Museu Egípcio do Vaticano, traduzido pelo Príncipe Boris de Rachenwiltz, foi identificado como parte dos anais de Tutmés III, de aproximadamente 1500 a.C. (900 a.C., segundo Valikovsky).

> *...No ano 22 do terceiro mês do inverno, sexta hora do dia, os escribas da Casa da Vida verificaram que vinha vindo um círculo de fogo no céu... não tinha cabeça. De sua boca saía um hálito que fedia. Media uma vara de comprimento e uma vara de largura e era silencioso. E os corações dos escribas encheram-se de terror e confusão. Os escribas arrojaram-se de bruços no chão... Comunicaram-no ao faraó. Sua Majestade ordenou... Foi examinado... estava meditando sobre o que tinha acontecido e que foi registrado em papiros na Casa da Vida. Ora, depois que alguns dias se tinham passado eis que aquelas coisas se tornaram mais numerosas do que nunca no céu. Brilhavam mais do que o brilho do Sol e estendiam-se até os limites dos quatro suportes do céu. Dominando no céu estava a estação desses círculos de fogo. O exército do faraó observava com ele no seu centro. Era depois da ceia. E então esses círculos de fogo subiram mais alto no céu para os lados do sul. Peixes e animais alados ou aves caíram do céu. Uma maravilha nunca antes vista desde a fundação deste país! E o faraó mandou trazer incenso e fazer paz na terra... E o que aconteceu o faraó ordenou*

que fosse escrito nos anais da Casa da Vida... a fim de que fosse lembrado para sempre[218].

Tutmés IV, avô de Aquenaton, dormindo sob as estrelas entre as patas da esfinge, "sonhou" que um "deus" lhe ordenava que afastasse a areia e revelasse a esfinge em sua verdadeira grandeza. Seria um astronauta a "visão" do faraó?

Heródoto no Livro Segundo, capítulo 91, descreve vividamente o Templo de Perseu, filho de Danae e Zeus, na cidade de Chemmis, perto de Tebas, acrescentando:

> *O povo de Chemmis diz que este Perseu aparece freqüentemente aqui e além na sua terra e também dentro do templo; e uma sandália de dois cúbitos de comprimento que ele usou foi encontrada e toda a vez que esta aparece o Egito floresce... E dizem que quando ele veio ao Egito pela mesma razão que os gregos dizem, isto é, para apanhar a cabeça da Gorgona da Líbia, ele veio até eles também e reconheceu todos os seus parentes.*

Perseu, o matador da Medusa cujo rosto transformava todos os homens em pedra, voava através do ar com sandálias aladas evocando lembranças de astronautas.

Pelo ano de 670 a.C. o crescente poder da Assíria ameaçava o Oriente Médio; em campanhas de feroz crueldade Senaqueribe queimou as cidades de Israel e avançou sobre o Egito. Ezequias uniu-se ao Faraó Tiharkah (Heródoto diz "Sethos") para se opor ao inimigo comum. Heródoto (Livro Segundo, capítulo 141) conta que quando Senaqueribe, rei dos árabes e dos assírios, entrou com seu vasto exército no Egito, ninguém do exército egípcio quis ir em auxílio do faraó. Em sua aflição o monarca entrou no santuário interior e diante da imagem do deus lamentou a sua sorte iminente. E adormeceu. O deus apareceu e disse-lhe que se tranqüilizasse, pois ia mandar-lhe quem o ajudaria. O faraó reuniu um exército de negociantes, artesãos e gente do mercado e marchou para Pelúsio, na fronteira do Egito.

> *Então quando os adversários vieram, bandos de ratos do campo avançaram sobre eles de noite e roeram seus carcases, seus arcos e as alças de seus escudos, de modo que de manhã eles fugiram desarmados e muitos foram mortos. (Heródoto, Livro Segundo, capítulo 141.)*

Isso nos faz lembrar uma famosa caricatura de Bruce Bsirnsfather, da Primeira Guerra Mundial. "Old Bill" examinando as trincheiras arrasadas e os abrigos destruídos observa para outro soldado inglês que o estrago deve ter sido causado por ratos. Oficiais do serviço secreto alemão examinando a caricatura intrigados, protestam com indignação: "Propaganda inglesa! O ataque foi levado a efeito por fogo de morteiros. O alto comando não recruta ratos".

Heródoto surpreendentemente impressionado, concluiu:

> *E agora este rei ergue-se em pedra no templo de Héfaistos com um camundongo na mão e a inscrição diz: "Olha para mim e sê piedoso".*

Essa curiosa referência de Heródoto a multidões de ratos do campo roendo os carcases e as cordas dos arcos dos assírios lembra a guerra entre Nemrod, rei da Babilônia e Abraão, que invocou uma imensa nuvem de mosquitos que cobriu o sol e roeu os soldados de Nemrod até os ossos. Lembramo-nos de Hiroxima e Nagasáqui! Para o ignorante, a morte por bombas radiativas poderia parecer como o roer de incontáveis camundongos ou ser comido vivo por mosquitos.

O livro de *Isaías*, 37, sugere que essa libertação ocorreu não em Pelúsio, mas na própria Jerusalém. Ezequias alarmado com a invasão assíria procurou ansiosamente a ajuda do profeta Isaías, que disse que o Senhor prometeu "mandar uma praga" contra Senaqueribe. Ao receber pedidos de assistência do angustiado rei egípcio, Tirhakah, Ezequias orou ao Senhor pedindo auxílio. O qual lhe deu sua resposta através de Isaías.

Eu protegerei esta cidade para a salvar por causa de mim e por causa de Davi, meu servo.

Saiu pois o anjo do Senhor e feriu no arraial dos assírios cento e oitenta e cinco mil homens. E despertando o acampamento pela manhã cedo, eis que todos estes eram corpos mortos. (Isaías, *37, 35-36.)*

Essa explosão do céu lembra a destruição de Sodoma e Gomorra pelos anjos do Senhor. Exame recente dessa área sugere bombardeio nuclear por astronautas. Nennius, em sua *História da Grã-Bretanha*, lembra que São Germano orou ao Senhor por três dias e três noites e, na terceira noite, à terceira hora, caiu fogo do céu e queimou totalmente o Castelo de Vortigern, matando a ele e a todas as suas esposas. Nennius também menciona: "São Patrício lembrava Moisés quando o anjo lhe falou em uma sarça ardente, também ele viveu cento e vinte anos e ninguém conhece seu sepulcro". Um interessante suplemento aos acontecimentos alegados no *Êxodo!*

A maior personagem que já pisou aquelas históricas areias do Nilo foi sem dúvida Apolônio, o "fazedor de milagres" de Tiana, que algumas pessoas acreditam que foi Jesus. Antes do nascimento de Apolônio em 4 a.C., uma aparição se materializou à mãe dele e revelou-lhe que era Proteu, deus do Egito e que o filho que ela ia ter seria ele. Apolônio, acompanhado de seu fiel Damis, visitou a Índia e a maioria das terras do Mediterrâneo; a pitoresca biografia que dele escreveu Flávio Filóstrato rivaliza com a obra de Heródoto como o mais fascinante diário de viagem da antiguidade[219]. Essa maravilhosa e benigna figura passou muito tempo entre os gimnosofistas, os filósofos nus do alto Nilo; seus ensinamentos foram provavelmente recebidos de seres espaciais, pois quando Apolônio desapareceu com a idade de cem anos, os cretenses juraram que ele tinha subido ao céu. Durante séculos depois de sua "morte" Apolônio foi adorado como um deus[220].

É difícil encontrar provas tangíveis de astronautas no antigo Egito, especialmente porque os nossos egiptólogos, hostis à atividade extraterrestre, não as reconheceriam. Em cinco mil anos, que vestígios restarão para mostrar que a nossa própria Real Força Aérea uma vez dominou os

céus do Egito? Na Líbia há trechos de deserto juncados de umas pedrinhas vítreas chamadas *tektites*, que contêm os isótopos radiativos alumínio 26 e berílio 10. O físico armênio M. Agrest, em seu brilhante artigo publicado na *Literaturnaya Gazeta*, de Moscou, explica que devem ter menos de um milhão de anos; como as *tektites* não são de origem vulcânica ou cósmica, provavelmente foram formadas por intenso calor e radiatividade; ele sugere que foram fundidas nas areias por espaçonaves ao frearem subitamente ou talvez pelos seus retrofoguetes. Outros cientistas soviéticos sugerem uma nave interestelar sondando a superfície da Terra embaixo com "sondas" especiais e seriam essas sondas que produziram as *tektites*. M. Agrest[221] também chama a atenção para o terraço ciclópico existente em Baalbek, entre as montanhas do Líbano, que mistificou Mark Twain quando passou por lá; alguns dos enormes blocos de pedra, com mais de mil toneladas de peso, exigiriam mais de quarenta mil homens para movê-los à força de braço. Lembramo-nos das estruturas gigantescas da América do Sul e pensamos novamente nas pirâmides. O Líbano não fica longe do Egito e do deserto da Líbia. Quem talhou esses blocos? Por quê? Seria Baalbek uma estação de lançamento de astronaves?

No planalto de arenito de Tassili, no meio do deserto do Saara, há rochas profusamente cobertas de centenas de pinturas fascinantemente coloridas, representando girafas, elefantes, antílopes, caçadores com arcos e flechas caçando gazelas, cenas em planícies tropicais há milênios. O Dr. Henri Lhote[222] descobriu o afresco gigantesco de uma figura humana de cinco metros e meio de altura, a que ele chamou "o grande marciano", pois como muitos outros retratos menores, ele tinha cabeça estranhamente redonda sugerindo um capacete espacial. Esses estranhos desenhos evocam Oannes, a criatura pisciforme que, segundo Beroso ensinou os primitivos babilônios. Estatuetas semelhantes de barro encontradas no Japão e chamadas "dogu", representam, ao que se acredita, astronautas com trajes pressurizados. Os afrescos de Tassili poderão representar os "deuses" mestres do céu, que visitaram a Líbia e o antigo Egito.

As areias douradas do Nilo ainda cobrem os segredos

desta misteriosa e mágica terra do Egito; suas colunas destroçadas e inscrições escassas mostram apenas um vislumbre tantalizante de seu grande e glorioso passado. Se olharmos esses restos mudos de milênios sem conta e compararmos os papiros esfarrapados com a Bíblia e as maravilhosas epopéias de outros povos da antiguidade, concordaremos sem dúvida em que a sabedoria do velho Egito foi inspirada por seus deuses, os astronautas.

Capítulo treze

REIS ESPACIAIS DA BABILÔNIA

Babilônia! Esta palavra mágica evoca uma terra de maravilhas velada pelas névoas do tempo na obscura antiguidade, um reino de encantamento onde o próprio Deus desceu dos céus em memorável e significativa revelação que rege as vidas dos homens até hoje. Dessa matriz entre o Tigre e o Eufrates saiu a religião da nossa Bíblia, a civilização do nosso Ocidente, a própria esperança do nosso mundo. A alma do homem anela por sua pátria espiritual, onde o mito se torne realidade; aqui há muito tempo acontecimentos sobrenaturais santificaram a nossa Terra, iluminando as vidas vazias dos homens com maravilhosa significação. No horizonte além como uma miragem, resplendia o jardim do éden; por sobre o seu terreno inundado flutuou Noé em sua arca; aqui ruiu a Torre de Babel de onde os homens se atreveram a desafiar os deuses; aí o "Senhor" esteve com Abraão à porta de sua tenda; junto dessas águas tristes e pardacentas choraram os judeus exilados. Das sólidas muralhas da Babilônia partiram reis poderosos para conquistar o Oriente Médio; nos famosos jardins suspensos rainhas sedutoras exibiam sua beleza; naquelas torres altíssimas sacerdotes austeros estudavam as estrelas. Mas sombrios séculos de império degeneraram em devassidão e vício até que essa vasta metrópole, a "prostituta" amaldiçoada pelos profetas, encontrou a sua destruição fatal assolada por soldados viris, saqueada, corrompida, desertada, sepultada sob a lama, um monte de

tijolos desolado e esquecido. Durante quase dois mil anos a Babilônia foi centro de civilização; sua língua, suas leis, sua ciência iluminavam o mundo; sua religião maravilhosa inspirava as almas dos homens; em seu solo ressequido pelo sol foi representado o drama cósmico que ainda hoje domina a humanidade. A orgulhosa Babilônia desapareceu; suas pedras mudas são uma advertência para as nossas cidades dissolutas de hoje.

Dizem que os antepassados dos misteriosos acades foram os chandras ou indovansas, reis lunares que governaram a Índia há milênios e depois trouxeram a religião e a ciência indianas para a Caldéia. Esses seres celestiais foram provavelmente astronautas de outros planetas que primeiro desembarcaram na Lua e depois desceram à Terra, de acordo com o que sugerem lendas de todo o mundo.

Os babilônios diziam-se imensamente antigos. Beroso, sacerdote de Bel na Babilônia por volta de 250 a.C. viveu algum tempo em Atenas e escreveu em grego *Babyloniaca,* que dedicou a Antíoco I, uma história da Babilônia baseada nos anais do templo caldeu. Disse ele que esses anais escritos preservados com o maior cuidado, abrangiam quinze miríades de anos, contendo uma história do céu e da terra e do mar, do nascimento da humanidade e dos maiores soberanos do passado. Os sacerdotes babilônios eram famosos por sua sabedoria e parece plausível que guardassem preciosamente todos os documentos do seu antigo passado. Beroso era muito fiel à verdade e é uma tragédia que sua erudita obra tenha sido destruída; a única coisa que resta dela são fragmentos citados por Apolodoro, Alexandre Polyhistor, Syncellus, Josefo e algumas supostas falsificações de Eusébio[223]. Este erudito sacerdote de Abideno acreditava que dez reis (dinastias divinas) tinham reinado quatrocentos e trinta e dois mil anos e depois o deus Cronos (astronauta?) predisse o dilúvio a Sisitro, que construiu uma arca, enviou três aves e encalhou nas montanhas da Armênia. Cronos também aconselhou Sisitro a escrever uma história desde o Começo e a enterrar a narrativa em segurança na Cidade do Sol em Sippara. Dizem que Nabonasir (730 a.C.) reuniu todos os mementos dos primeiros reis anteriores a ele e os destruiu para que a enumeração dos reis caldeus começasse

com ele; destruição repetida por imperadores megalomaníacos da China a Roma, causando a ausência quase total de documentos do passado remoto.

Os sumerianos, como os antigos indianos, japoneses, egípcios e gregos, acreditavam numa idade de ouro em que a Terra foi governada pelos deuses e depois por heróis e reis sobre-humanos. A lista de reis sumerianos menciona cinco cidades existentes antes do dilúvio: Eridu, Bad-tibira, Larak, Sipar e Surupaque[224].

> *Quando a realeza foi descida do céu, a realeza estava em Eridu. Em Eridu Abulim tornou-se rei e reinou vinte e oito mil e oitocentos anos. Alalgar reinou trinta e seis mil anos. Dois reis reinaram sessenta e quatro mil e oitocentos anos... Eram cinco cidades. Oito reis reinaram duzentos e quarenta e um mil anos. Então veio o dilúvio.*

Esses espantosos reinados provavelmente referem-se a dinastias; são como as tradições indianas de Rama reinando dezoito mil anos e as incríveis idades alcançadas por Matusalém e os patriarcas da Bíblia.

Na lista de reis sumerianos há menção da descida pós-diluviana de astronautas e subseqüentes relações entre a Terra e o céu. Em *Ancient Near Eastern texts relating to the Old Testament (Textos antigos do Oriente Próximo relativos ao Velho Testamento),* compilado por J. B. Pritchard (Princeton University Press), na página 114 são dadas traduções da lenda popular de Etana, que parece ter tido convívio com astronautas. A nota introdutória declara:

> *Depois do dilúvio a realeza foi novamente descida do céu. Em Quis (Ur) Etana, um pastor que subiu ao céu e consolidou todos os países, tornou-se rei e governou mil e quinhentos e sessenta anos. Balik, filho de Etana, reinou quatrocentos anos. Selos cilíndricos do período acadiano antigo representam uma figura com o nome de Etana — um mortal em todos os sentidos, a não ser pelo fato de seu nome*

ser escrito com o determinativo de "rei", uso aplicado também aos reis das dinastias acadianas antigas e algumas das dinastias sucessivas — e é assunto duma lenda complicada. O assunto é pois evidentemente muito antigo. Além disso sua popularidade é atestada pelo fato de que a lenda chegou até nós em fragmentos de três versões: babilônio antigo (A), assírio médio (B) e neo-assírio, da biblioteca de Assurbanípal (C). Com o auxílio dessas três versões das quais a última é de longe a mais bem conservada, pode-se reconstruir a história em linhas gerais como segue:

"Etana tinha sido designado para trazer à humanidade a segurança que a realeza proporciona. Mas sua vida seria malograda enquanto não tivesse filhos. O único remédio conhecido parecia ser a planta do nascimento, que Etana devia trazer do céu em pessoa. O difícil problema do vôo ao céu acabou sendo solucionado quando Etana obteve o auxílio de uma águia. A águia tinha traído sua amiga a serpente e estava morrendo num poço em conseqüência de sua perfídia. Etana salvou a águia e como recompensa foi levado ao céu por ela num vôo espetacular e acidentado".

O texto interrompe-se no momento crítico. Mas o fato de a lista dos reis mencionar o nome do filho e herdeiro de Etana e o outro fato de que os mitos representados em selos normalmente não comemoram desastres permite a conclusão de que o fim foi feliz.

Era comum associar aos deuses a águia babilônia ou Simorgh; a significação da serpente não é clara, salvo que costumava ser um símbolo de sabedoria. Talvez a lenda oculte um incidente histórico em que um rei foi numa astronave a outro planeta.

"Deus" curou Sara, esposa de Abraão, de sua esterilidade.

Alberto Fenoglio[225] dá uma surpreendente versão em *Clypeus,* anno III, n.º 2, provavelmente citando de *Ur, Assur und Babylon (Ur, Assur e Babilônia),* de H. Schoekel, traduzido como segue:

Em escavações efetuadas em Nínive foram descobertos na biblioteca do Rei Assurbanípal uns cilindros de barro nos quais se descreve uma viagem ao céu. Aí se narra que o Rei Etan, que viveu há mais ou menos cinco mil anos, chamado "o bom rei", foi levado como hóspede de honra numa nave voadora em forma de escudo, a qual pousou numa praça atrás do palácio real, rodando circundada por um vórtice de chamas. Da nave voadora desembarcaram homens altos, louros, de tez morena, vestidos de branco, belos como deuses, que convidaram o Rei Etan, um tanto dissuadido por seus próprios conselheiros, a fazer uma viagem na nave voadora; no meio dum remoinho de chamas e fumaça ele subiu tão alto que a Terra com seus mares, ilhas, continentes, parecia como "um pão numa cesta"; depois desapareceram da vista.

O Rei Etan na nave voadora chegou à Lua, Marte, Vênus e após duas semanas de ausência, quando seus súditos já se preparavam para uma nova sucessão do trono, acreditando que os deuses tinham levado Etan consigo, a nave voadora deslizou por cima da cidade e pousou rodeada dum anel de fogo. O fogo apagou-se e o Rei Etan desceu com alguns dos homens louros, que ficaram como hóspedes dele por alguns dias.

Esse texto, que não é conhecido do nosso Museu Britânico, evoca as experiências de Enoc, Ezequiel e Adamski; esperamos que seja verdadeiro.

Proclo, no *Timeu,* Livro Primeiro, cita Iâmblico como dizendo:

Os assírios não só conservaram as crônicas de vinte e sete miríades de anos (duzentos e setenta mil anos), como Hiparco diz que fizeram, mas também as de todas as apocatásteses e períodos dos sete soberanos do mundo.

Os antigos persas, que subseqüentemente venceram os babilônios, acreditavam que antes de Adão a Terra foi

governada durante sete mil anos por gigantes atlantes maus e durante dois mil anos pelos benéficos peris, filhos da Sabedoria, possivelmente astronautas. Gian, rei dos peris, tinha um escudo mágico à prova das feitiçarias dos devs, mas impotente contra Iblis (Satã). Os persas contavam dez reis antediluvianos, concordando com Beroso; eles também alegavam possuir uma raça antiqüíssima de reis cujas estátuas se erguiam numa galeria dentro das montanhas de Kaf; todos esses setenta e dois reis sábios eram chamados Suliman; reinavam três a cada mil anos. O grande Rei Huschenk, que restaurou a civilização, combateu os gigantes num cavalo alado; seu famoso filho Tahmurath em seu corcel alado, libertou peris aprisionados pelos gigantes; seu sucessor Giamschi, cantado por Omar Khayyam, construiu Esikar, ou a antiga Persépolis[226].

Os seres extraterrestres podem funcionar numa consciência de tempo muito diferente da nossa. Alguns planetas adiantados gozam de civilizações que duram milhões de anos, onde sua gente atinge poderes físicos, mentais e espirituais que excedem tudo o que podemos imaginar. Os *Vedas,* o *Livro dos Mortos* e as nossas próprias Escrituras falam de deuses além do espaço e do tempo; para nós parecem eternos, assim como o homem poderia parecer eterno para uma transitória borboleta. É possível que observadores do espaço venham estudando a Terra há milhões de anos e tenham visto muitas civilizações surgirem e caírem desde quando nossas terras eram oceanos e nossas montanhas meros rochedos à beira-mar. Pode ser que os astronautas venham à Terra a cada mil anos, para nós uma rara ocasião isolada sem significação, mas para os extraterrestres que percorrem a nossa galáxia e mesmo outras além, uma visita a cada mil anos pode ser apenas um controle sistemático. Os visitantes do espaço cujas mentes e percepção operam em planos além do nosso conhecimento devem evidentemente achar a comunicação com os habitantes da Terra um tanto difícil, exatamente como nós acharíamos difícil comunicarmo-nos com os pigmeus das matas africanas. Jeová falava a Abraão e Moisés com o ar superior dos nossos missionários vitorianos que tratavam com os hotentotes. A comunicação entre civilizações estranhas sem experiência mútua é extremamente difícil; os

astecas, um grande povo, gente inteligente, receberam os espanhóis com mais espanto do que nós dispensaríamos a homens de Marte.

Abraão, Moisés, Beroso e todos os sacerdotes de Israel e Babilônia ficariam desnorteados, quase loucos, na nossa era nuclear e seria necessária uma lavagem cerebral para condicioná-los aos nossos padrões de pensamento atuais; analogamente os nossos próprios arqueólogos de gênio trasladados para a Babilônia dificilmente compreenderiam o espírito de três milênios atrás[227]; sua avaliação daquela idade, aferida por mentes do século XX, revelar-se-ia completamente inadequada; certamente daqui a três mil anos se darão tristes palpites sobre os nossos tempos torturados. Os patriarcas, os filósofos e os historiadores da antiguidade eram profundos pensadores, com menos distrações do que nós; eram herdeiros de valiosas tradições dum passado remoto, e eram homens práticos também, defrontados com todos os problemas da vida diária; sabiam o que realmente acontecia, seus olhos viam, seus ouvidos ouviam, registravam suas experiências, acontecimentos tão extraordinários que, apesar das traduções erradas e das interpretações erradas, inspiraram os séculos até nossos dias. Por mais que respeitemos os nossos brilhantes historiadores e dedicados arqueólogos, não deveríamos suspender as nossas críticas àqueles cronistas antigos e considerar seu fundo cultural? Quem eram os babilônios e que pensavam eles de seu próprio país, que certamente conheciam melhor do que nós?

A Babilônia e a Assíria cobriam aproximadamente as áreas sul e norte do moderno Iraque; embora a Palestina não fizesse parte do Império Babilônio, [illegible] estava claramente dentro da esfera de influência babilônia, com íntimos laços religiosos, políticos, literários, culturais unindo os dois povos; muitas das experiências que nós acreditamos exclusivamente judaicas foram na realidade compartilhadas pelos babilônios, que também compartilhavam tradições semelhantes. O homem vive na Terra há mais de um milhão de anos e é por conseguinte impossível designar os habitantes originais de qualquer país. Nos primeiros tempos históricos os povos da Mesopotâmia eram provavelmente antigos semitas da Arábia ou do Irã, onde

as condições climáticas deviam ser muito mais benéficas do que hoje. Por volta de 4000 a.C. os sumérios, que falavam uma língua aglutinante arcaica afim do chinês semelhante, segundo se diz, à língua original falada na Lemúria submersa, migraram da Índia levando [illegible] a religião, a ciência e as tradições dos antigos *Vedas;* essa migração pode ter ocorrido milênios antes, especialmente quando se acredita que a cultura sumeriana reflete o maravilhoso Império do Sol de Mu[228]. Escavações efetuadas em Ur, suposta terra natal de Abraão, mostram que por volta de 2500 a.C. os sumérios tinham atingido uma brilhante civilização. As descobertas que Sir Leonard Woolley fez de vasos de ouro magníficos, lindas jóias, armas e ornamentos maravilhosos no túmulo da Rainha Subad fascinam-nos hoje e comparam-se em esplendor com achados semelhantes feitos no Egito contemporâneo, evidência de artesanato e tecnologia admiráveis[229]. Os sumérios tinham considerável conhecimento de matemática; dividiam o círculo em trezentos e sessenta graus e a hora em sessenta minutos, cada um com sessenta segundos. Aceitamos esse legado da antiga Suméria sem apreciar devidamente os profundos conhecimentos filosóficos, astronômicos e matemáticos necessários para conceber tal divisão do tempo em horas, minutos e segundos, conceitos que a nossa própria ciência sofisticada não pode exceder. Não teriam os sumerianos recebido essa medição de tempo de seus mestres do espaço?

Partindo de pictogramas, os sumérios desenvolveram um sistema de escrita cuneiforme inscrita em tabuinhas de barro cozido ao sol. O sumeriano, uma das grandes línguas da história, durante o terceiro e quarto milênios foi amplamente usado no comércio, no direito e na administração, imortalizando a fascinante epopéia de Gilgamés, primeira literatura do nosso mundo. Por volta de 2500 a.C. vieram novos invasores que se estabeleceram no sul e se misturaram com os sumerianos; os recém-chegados falavam acádico, uma língua semítica que continha muitas palavras indo-européias, raízes do futuro grego, do latim, do alemão e do inglês moderno, sugerindo que os imigrantes se originaram no Irã, mesmo na Índia. O acádio em escritura sumeriana constituiu a linguagem diplomática e ritual do

Oriente Médio, o latim do mundo semítico antigo, eclipsando o egípcio. As cartas de Amarna, enviadas ao malfadado Aquenaton por seus aflitos governadores de todo o império assediado, foram escritas em acádico.

Ao avaliarmos os informes sobre a vinda de astronautas na antiguidade, devemos levar em conta a formação intelectual dos povos que supostamente eles visitavam; geralmente são tratados com mais respeito homens educados do que selvagens supersticiosos, embora algumas vezes ainda hoje pode ser que não haja muita diferença. A civilização reside mais em idéias do que em objetos. Pitágoras e Platão não deixaram relíquias para [illegible] nossos museus, mas sua conversa à mesa fez deles os homens mais civilizados de toda a Grécia; se escavassem a choupana de Homero [illegible] nossos arqueólogos poderiam julgá-lo um homem das cavernas. Os sumérios e os acades devem ter-se desenvolvido através de muitos e muitos milênios para poderem cunhar as palavras que simbolizavam os sublimes conceitos e a fantasia poética da literatura babilônia; linguagens assim expressivas indicam a imensa antiguidade e os conhecimentos culturais desse povo fascinante, muito melhor do que objetos encontrados na lama. Daqui a cinco mil anos os futuros arqueólogos ao escavarem Londres poderão encontrar apenas a obra de Woolworth, não tão impressionante como o Museu Britânico, mas talvez mais típica destes nossos tempos espaventosos.

Depois dos acades, estabeleceram-se na Babilônia os amorreus, seguidos de mais semitas, que ocuparam o Tigre Superior, tornando-se os assírios. Por volta de 800 a.C., tribos caldéias assumiram o domínio; mas geralmente os caldeus são considerados uma seita sabeísta antiqüíssima de adoradores dos astros, possuidores de ciência e conhecimentos ocultos, os famosos astrólogos da antiguidade.

A confusa história apresentada pela arqueologia torna-se mais complicada com as novas descobertas. A posição central da Mesopotâmia entre a Europa e a China, a Rússia e a Índia, foco de toda a massa de terra eurasiática, tornou o país evidentemente um ímã durante as grandes migrações de pré-história. Muitas raças turbulentas devem ter ocupado esta terra fértil. A localização estratégica da Babilônia deve ter merecido estudo especial dos

astronautas, sugestão apoiada pelas lendas sumerianas e pelo Velho Testamento.

Muitos tijolos desenterrados na Babilônia representam dragões voadores, símbolo das astronaves usado pelos chineses; os babilônios acreditavam que Deus existia no "mar" do espaço; os judeus oravam a seu "pai no céu"; toda a antiguidade adorava os super-homens no céu. Os iniciados da escola dos mistérios babilônios muitas vezes se intitulavam "filhos do dragão", querendo dizer originalmente "discípulos dos astronautas". Poemas ugaríticos descobertos referiam-se a Baal, filho do dragão, como "cavaleiro das nuvens"[230]. Acreditava-se que ele tinha um maravilhoso palácio numa altíssima montanha do norte, semelhante ao templo do Rei Salomão. Os astronautas podem ser chamados "cavaleiros das nuvens"; eles também vêm do norte, segundo dizem, pelas aberturas existentes nos cinturões de Van Allen; também eles se originam em reinos de maravilha, uma terra mágica que Agobard, arcebispo de Lião em 840 d.C., chamou "Magonia"[231].

De acordo com Alexandre Polyhistor:

Beroso descreve um animal dotado de razão que foi chamado Oannes; todo o corpo do animal era como o de um peixe e tinha debaixo da cabeça de peixe outra cabeça e também pés embaixo semelhantes aos de um homem, ajustados à cauda de peixe. Sua voz e também a linguagem eram articuladas e humanas e uma representação dele é conservada até o dia de hoje. Este ser costumava conversar com os homens, mas não tomava comida então, e dava-lhes instruções sobre letras, ciências e toda a espécie de arte. Ensinou-os a construir casas, a fundar templos, a compilar leis e explicou-lhes os princípios do conhecimento geométrico. E fê-los distingir as sementes da terra e mostrou-lhes como colher os frutos; em suma, instruiu-os em tudo o que podia tender a abrandar os costumes e humanizar a humanidade. Tão universais foram os seus ensinamentos que desde esse tempo nada mais de material foi acrescentado que pudesse considerar-se aperfeiçoamento. Quando o Sol se punha, era costume este ser mergulhar novamente no mar e ficar toda a noite nas profundezas, pois era anfíbio. Depois disso apareceram outros animais como Oannes[232].

Polyhistor continua:

Beroso escreveu a respeito da geração da humanidade, quando não havia senão escuridão e um abismo de água. Apareceram homens com duas asas, alguns com quatro e dois rostos, órgãos de macho e fêmea.

Fragmentos de Abydenus diziam:

Um semidemônio chamado Anedoto muito semelhante a Oannes saiu uma segunda vez do mar... depois Davs, o pastor, governou pelo espaço de dez sari (um saro tinha três mil e seiscentos anos); ele era de Pentibiblon, e no seu tempo vieram do mar para terra quatro personagens de dupla forma, cujos nomes eram Evadoco, Everigames, Ennebolo e Anemento.

Em linguagem esotérica o "mar", ou as "profundezas", muitas vezes significava "regiões do espaço"; uma criatura com cabeça de peixe e outra embaixo dela e pés humanos parece ter sido um homem com um traje espacial. A referência a andróginos com quatro asas e dois rostos parece sugerir vagamente a famosa visão de Ezequiel junto ao rio Chebar e provavelmente refere-se a astronave, não a astronautas. Hoje acredita-se que há astronaves que estão descendo às profundezas do oceano, de modo que Oannes, como Netuno, podia realmente emergir do próprio mar. Como Jeová, que se retirava para o tabernáculo, Oannes todas as noites voltava às "profundezas", provavelmente para a sua astronave.

Beroso era um sábio sacerdote; sua história deve ter sido aceita por seus colegas eruditos, a quem ele provavelmente consultou. Eles acreditavam que vários seres maravilhosos tinham civilizado os babilônios. Quem somos nós para discordar?

A Babilônia reconstruída por Nemrod, "um poderoso caçador diante de Jeová", era mais do que uma cidade, era uma civilização que dominou as mentes dos homens por milhares de anos. Para os sábios era a fonte da sabedoria, o centro multimilenar da magia[233]; para o populacho aqueles templos de prazer prometiam delícias tentadoras. Orgulhosos ainda do nosso próprio império desaparecido, nós, os ingleses, mal podemos compreender que o período que decorreu do grande Sargão, rei dos reis (2371 a.C.), à conquista da Babilônia por Alexandre (323 a.C.) é mais longo do que a história da Grã-Bretanha desde a malograda invasão de Júlio César em 55 a.C., à empresa do Sr. Harold Wilson atualmente. Por mais de vinte séculos os costumes e a moral da Babilônia impressionaram os povos da Palestina e seus vizinhos. Sem Babilônia não poderia haver Bíblia; os hebreus e os babilônios, irmãos semitas, compartilhavam as mesmas lendas, os mesmos costumes, os mesmos deuses com diferentes nomes, mas herdados da mesma fonte comum. O salmista lamenta os judeus exilados chorando junto às águas da Babilônia com saudade de Jerusalém. Sem dúvida, muitos devem ter chorado, mas muitos cativos, seduzidos pelas luzes brilhantes, confraternizaram com os alegres babilônios e lá se estabeleceram com prazer. Há alguns anos os anciãos de Tristão da Cunha, exilados na Grã-Bretanha, suspiravam por sua ilha esfacelada, mas os filhos deles, seduzidos pelos nossos prazeres civilizados, decidiram ficar; muitos dos que voltaram à pátria logo começaram a sentir falta de Picadilly e não perderam tempo em voltar; assim a Babilônia deve ter atraído todos os vizinhos, inclusive os judeus. Em seus dois mil anos essa grande metrópole, a Babilônia, excedeu em tamanho e cultura a maioria das nossas capitais atuais.

Heródoto, que tinha visto a maioria das cidades famosas da antiguidade, maravilhou-se com a grandeza da Babilônia. Descreve vividamente a cidade como um quadrado fortificado por muralhas maciças em um perímetro de oitenta quilômetros, muralhas com vinte e quatro metros de altura e seis metros de espessura, bastante largas no alto para permitirem a passagem de uma carruagem de quatro cavalos (de frente) em toda a volta. Encravadas

nessas muralhas, havia "uma centena de portas, todas de bronze"... "Ora este muro é o exterior, mas outro muro passa por dentro, não muito mais fraco do que o outro[234]..." O palácio do rei era uma cidade em miniatura, um antigo Kremlin, adornado com aqueles fabulosos jardins suspensos que eram uma das sete maravilhas do mundo. Acima do grande templo dourado de Bel erguia-se uma torre altíssima, onde os afamados astrólogos caldeus prediziam eclipses e traçavam a influência dos planetas sobre o destino humano; um vasto lago artificial fornecia água para a enorme população, um túnel passava por baixo do leito do rio. Essas construções fariam honra aos nossos melhores arquitetos e construtores atualmente; elas provam que os babilônios haviam alcançado técnicas soberbas e em alguns aspectos pelo menos eram altamente civilizados.

Mas é quando descreve os costumes da Babilônia que Heródoto nos delicia mais... a nós e a ele mesmo. No Livro Primeiro, capítulo 197, ele explica:

> *Levam seus doentes para a praça do mercado (pois não utilizam médicos) e qualquer pessoa que tenha sofrido alguma coisa parecida com o que o doente está sofrendo, ou tenha visto outra pessoa que sofreu da mesma coisa, aborda o enfermo e aconselha-o no tocante à sua doença. Não é permitido passar em silêncio sem perguntar que moléstia tem o doente.*

A maior parte das doenças tem origem na mente; os nossos hospitais estão cheios de pessoas mentalmente doentes. A confissão é tão boa para o corpo como para a alma; em vez de arranjarem mais confusão consultando psiquiatras, os doentes poderão encontrar remédios com outros que sofreram do mesmo mal e se curaram. A terapia pública, como se usava na Babilônia, talvez salvasse o nosso Serviço de Saúde da Inglaterra, mas onde iríamos instalar seus leitos, em nossas ruas?

Os babilônios eram alérgicos aos médicos. Matusalém e seus amigos viveram tempo suficiente sem eles. Uma das famosas leis de Hamurábi, de cerca de 1780 a.C., decretava:

Se o cirurgião fez um ferimento grave num cavalheiro com uma faca de bronze e em conseqüência disso o cavalheiro morreu... será cortada a mão do cirurgião[235].

A Babilônia tinha muitos cirurgiões manetas. Hoje talvez tivéssemos mais se adotássemos essa justiça ideal.

O nosso mundo do século XX vive obcecado pelo sexo; a frustração sexual, as pílulas anticoncepcionais, o fantástico índice de natalidade constituem maior ameaça do que a bomba de hidrogênio. Dois mil anos de experiência humana ensinaram os babilônios a lidar sadiamente com o sexo. Os velhos e sábios babilônios tinham uma solução racional satisfatória para todos os problemas sexuais sem terem de recorrer à farsa hipócrita do nosso mundo moderno. Aquele arguto estudioso da natureza humana que foi Heródoto, conhecedor das virtudes e dos vícios dos homens e das mulheres, comenta desapaixonadamente:

Todas as mulheres do país têm de uma vez na vida ir sentar-se no templo de Afrodite e deitar-se com um estranho. Inclusive muitas que não acham próprio misturarem-se com a ralé, mas são altivas em razão de sua riqueza, viajam para o templo em carros cobertos, seguidas dum grande cortejo, e esperam lá. Mas a maior parte faz o seguinte: ficam sentadas no templo de Afrodite com uma coroa de corda em volta da cabeça. E há sempre muitas mulheres lá, pois umas chegam e outras partem. Cordas estendidas abrem caminho em todas as direções entre as mulheres, e os estranhos seguem ao longo delas para fazerem sua escolha. E quando uma mulher fica sentada lá, não parte enquanto um estranho não lhe lança dinheiro no regaço e se deita com ela no interior do templo. E quando o homem lança o dinheiro, tem que dizer: "Eu te conjuro em nome da deusa Milita". (Milita é o nome que os assírios dão a Afrodite.) E a quantia de dinheiro pode ser qualquer uma, a mulher nunca o rejeitará (pois não é permitido, porque o dinheiro é sagrado), mas segue aquele que lhe lançar o dinheiro no regaço, sem desprezar nenhum homem.

Depois que se tiver deitado com um homem, tendo cumprido assim o seu dever para com a deusa, ela parte para casa e depois disso nada que lhe possa ser dado, por maior que seja, será capaz de a seduzir. Ora, todas as que têm alguma beleza ou presença partem rapidamente, mas as mal favorecidas esperam muito, incapazes de cumprir a lei. Várias delas esperam até três ou quatro anos. (Livro Primeiro, capítulos 199/200.)

As mulheres na Babilônia gozavam de alta posição social e de liberdade sexual; legalmente um homem só podia ter uma esposa, mas podia tomar concubinas, costume satisfatório para as próprias mulheres: compartilhar um marido era melhor do que ficar solteira. Na Babilônia não havia solteironas frustradas nem viúvas solitárias; se uma mulher queria satisfação sexual podia tê-la sem vergonha.

Quando os seres espaciais desejam influenciar o curso da humanidade, um celestial pode descer à Terra e gerar um herói em alguma mulher mortal, como fazia o sensual Zeus na mitologia, mas algumas vezes os extraterrestres podem deixar um bebê deles para ser adotado na Terra em ambiente escolhido, a fim de que possa modelar os acontecimentos históricos, ajudado e inspirado do alto. Muitos "frutos de Vênus" deixados às nossas portas poderão ser bebês do planeta Marte. Acontecimentos contemporâneos da Bíblia sugerem que os astronautas por volta de 800 a.C. andavam mostrando um interesse especial pelo Oriente Médio, particularmente pelos negócios da Babilônia.

Em cerca de 800 a.C. reinava na Babilônia a maior rainha de toda a antiguidade, Samuramat, imortalizada como Semíramis, e que até hoje nos maravilha. Os egiptólogos exaltam a Rainha Hatshepsut, possivelmente a rainha de Sabá, seduzida por Salomão; Homero canta a bela Helena, "o rosto que lançou ao mar mil navios e queimou as torres altíssimas de Ílion"; Virgílio romantiza Dido, que, chorando Enéias, morreu de amor; mas nenhuma dessas damas reais evoca a magia e o mistério da fabulosa Semíramis, rainha da dourada Babilônia. Até o indolente Ros-

sini, escrevendo como de costume na cama, compôs uma brilhante ópera em sua honra, cumprimento que negou à imprestável Helena.

Acredita-se que Semíramis era filha da deusa-peixe Atariatis e de Oannes, deus da sabedoria que Beroso descreve como tendo levado a civilização à Babilônia. Atariatis, com um traje espacial como seu marido, poderia parecer um peixe também. Dizia-se que Semíramis, quando bebê, foi milagrosamente alimentada por pombas, símbolos talvez de astronaves, até que Simas, o pastor real, a encontrou. Essa adoção constitui um notável paralelo com outros enjeitados famosos, como Sargão, Moisés e Ciro, que se revelaram homens predestinados, amados dos deuses. Semíramis foi criada na corte da Babilônia, no meio daquela sociedade altamente sofisticada, e possivelmente foi instruída na ciência secreta pelos magos. Em 811 a.C. a Babilônia foi conquistada por Nino, rei da Assíria, fundador de Nínive, conhecido na história como Samsi-Adad v, que em campanhas magistrais devastou grande parte da Ásia e, depois de subjugar a Média, lançou um grande assalto contra a Bactriana. Astuciosamente Semíramis casou com Menon, um dos generais de Nino, e com ele realizou façanhas tão notáveis durante a guerra bactriana, que atraiu para si a atenção do rei. Menon, dizem, suicidou-se num momento suspeitosamente conveniente para sua ambiciosa esposa. A notória beleza e a fascinante personalidade de Semíramis cativaram Nino, que imediatamente casou com ela. O enamorado Nino viveu apenas o suficiente para gerar um filho, Ninias, e então convenientemente morreu, deixando Semíramis como imperatriz de seus enormes domínios. Semíramis deu ao marido um funeral fabuloso e enterrou-o sob um monte enorme que se dizia medir dois quilômetros de altura e o mesmo dos lados, um monumento típico das vastas construções que ela fez erigir na Babilônia. Até Shakespeare, milhares de anos depois, ficou impressionado com esse fantástico mausoléu. Em *Sonho de uma noite de verão* ele fez Traseiro, o Tecelão e seus compadres representarem a tragicomédia de Píramo e Tisbe junto do "túmulo do velho Nino", uma representação que deve ter feito o velho monarca se virar na sepultura.

Então a Rainha Semíramis passou a reconstruir a Babilônia com palácios, templos e diques drenando as terras alagadas do Eufrates, façanhas que lhe valeram o louvor de Heródoto[236]. Algumas tradições associam-na à criação dos famosos jardins suspensos, embora outras autoridades digam que foi Nabucodonosor que os construiu para uma favorita saudosa de sua pátria verdejante. Depois de reorganizar seu próprio país, Semíramis sentiu necessidade de reorganizar seus vizinhos. Invadiu o Egito, a Etiópia e a Líbia; quando não restavam mais mundos para conquistar, como Alexandre cinco séculos depois, voltou-se para a Índia. Para esse clássico empreendimento dizem que Semíramis reuniu um exército de três milhões de homens a pé, quinhentos mil cavalos e cem mil carros de guerra, com dois mil navios pré-fabricados para serem transportados por terra e montados para atravessar os rios, construídos por homens de Chipre e da Fenícia. Mesmo descontando muito, levado à conta do exagero, essa foi, sem dúvida, a força expedicionária mais estupenda de toda a antiguidade. O planejamento, o aprovisionamento e a logística duma força expedicionária assim devem ter igualado o assalto aliado à Europa em poder de Hitler no Dia D. Semíramis derrotou Strabrobates da Índia numa grande batalha naval, destruindo mil dos navios dele; depois seus engenheiros construíram pontes sobre o Indo e a marcial rainha levou suas enormes forças até o coração da Índia. Obviou à escassez de elefantes mandando fabricar elefantes mecânicos construídos de peles, tão perfeitos que iludiram até os elefantes de verdade... mas não por muito tempo. Mesmo naquela época distante os elefantes nunca esqueciam. Eles podem ser míopes mas logo descobrem quando tentam se acasalar com um elefante ou elefanta, mecânico. Strabrobates contra-atacou, Semíramis foi obrigada a se retirar num país hostil e perdeu a maior parte de seu exército[237].

De volta à Babilônia, Semíramis fez guerra aos medos e aos persas e de repente, após um governo de quarenta e um anos, abdicou em favor de seu filho Ninias e desapareceu. O povo acreditou que ela se havia transformado numa pomba e voado para o céu, sugerindo talvez que como Elias, mais ou menos no mesmo século, fora tras-

ladada para o céu numa nave espacial. Seu desaparecimento é semelhante ao da trasladação de Apolônio de Tiana para o céu em 98 d.C. Durante séculos esse homem maravilhoso foi adorado como um deus. Semíramis durante muitos anos foi adorada como uma deusa, identificada pelos aduladores babilônios como a encarnação de Istar, deusa do amor e também com o planeta Vênus.

O nome "Semíramis" ou "Sama-ramos" dizia-se significar "testemunho divino", "estandarte do altíssimo", os eloins, senhores celestiais que eram provavelmente seres espaciais. Esse emblema, a figura duma pomba cercada por uma íris, lembra Os-Íris do Egito e é semelhante ao "Olho de Horo" egípcio, aparentemente uma astronave. Nas línguas semíticas a palavra "Sama" significa "sol". Semíramis pois parece ter tido alguma relação íntima com o Sol, o que permite concluir-se que era uma celestial. A rainha era acompanhada pelo disco solar alado da Assíria, que mais tarde simbolizou o grande deus persa Ormuz[238].

As rainhas notórias são geralmente embelezadas por lendas extravagantes; é difícil muitas vezes separar a fantasia da realidade. Semíramis era olhada com profundo respeito pelos assírios. Guerreiros viris não se distinguem por sua deferência pelas mulheres. É extraordinário que aqueles ferozes soldados se submetessem ao comando de sua rainha amazona. Eles deixaram uma coluna à sua grandeza, encontrada em 1909, descrevendo-a como "uma mulher dos quatro quadrantes do mundo". Ctésias médico de Artaxerxes II declarou em 404 a.C. que as gigantescas esculturas de Dario na rocha em Behistun um século antes, representavam Semíramis rodeada por sua guarda pessoal de cem homens. Heródoto e Deodoro Sículo rendem tributo à sua grandeza; os armênios chamavam ao seu país, em volta do lago, Van Samiramgerd, em honra da rainha guerreira. Numa era de supremacia masculina, em que as mulheres eram geralmente tratadas como inferiores especialmente entre as raças semíticas, a fama de Semíramis sugere sem dúvida alguma que sua personalidade e poder deviam ser fenomenais, mesmo fantásticos, para unir milhões de homens numa força de combate que conquistou a maior parte do Oriente Médio e depois invadiu a Índia. Durante séculos Semíramis simbolizou a áurea

Babilônia. Depois de seu misterioso desaparecimento os homens que a conheceram em vida adoravam-na como a uma deusa, prova de sua mágica influência, que vibra através de três mil anos e nos empolga ainda hoje. Nós honramos as grandes e nobres mulheres do nosso próprio século XX, mas podemos pensar em alguma mulher — ou homem — cuja fama abarque os próximos trinta séculos? A maioria das nossas personalidades públicas são misericordiosamente esquecidas quando ainda vivas. Se alguma rainha terrena se originou no espaço essa foi, sem dúvida, Semíramis!

A vez seguinte em que os celestiais inspiraram uma mulher a levar exércitos à vitória foi em 1425 d.C. quando Joana d'Arc libertou a França.

É uma fascinante coincidência que, se a seqüência de tempo de Velikovsky está correta, isto é, se seiscentos anos da história egípcia fossem duplicados, Aquenaton o rei herético, deve ter sido contemporâneo de Semíramis e ambos foram influenciados por seres espaciais.

A posição estratégica da Assíria no norte da Mesopotâmia fazia dela um Estado-tampão entre o norte e o sul. Durante séculos seus sinistros guerreiros defenderam a Babilônia e as terras além contra as hordas dos cimérios que se aglomeravam atrás do Cáucaso e contra os hititas que avançavam da Anatólia. Em seu poema épico *A destruição de Senaqueribe,* Byron escreveu com alguma justificação:

O assírio veio como um lobo sobre o redil
E suas coortes brilharam de púrpura e ouro[239].

Os assírios lutavam com terrível ferocidade aterrorizando seus vizinhos, mas suas barbaridades empalidecem diante dos campos de morte nazistas e os horrores da nossa bomba H, que envergonham o nosso século. Os babilônios urbanos foram presa fácil dos viris assírios, mas logo civilizaram os conquistadores, e suas religiões e culturas misturaram-se. Nínive, capital dos assírios conquistadores e encruzilhada de importantes rotas comerciais, adquiriu fama e poder; seus palácios e templos distinguiam-se por colunatas de leões com cabeça humana e asas semelhantes a

esfinges e touros alados com cabeça humana, que devem ter sido símbolos de astronautas e astronaves[240]. Para os povos agrários da Assíria, ignorantes de máquinas, as astronaves deviam parecer possantes touros com asas. Aqueles touros e leões alados geralmente têm cinco pernas: seria para diferenciá-los dos animais reais? Seria muito fantasista supor que as cinco pernas talvez representassem as rodas do trem de aterrissagem das astronaves?

O deus Assur[241] lembra Jeová e era especificamente representado pelo disco solar alado que nós hoje associamos aos astronautas e, bastante significativamente, às insígnias das forças aéreas nacionais. Por volta de 630 a.C. Assurbanípal reuniu em Nínive milhares de tabuinhas que registravam todas as facetas da cultura assíria, formando uma das bibliotecas mais esplêndidas da antiguidade. À sua morte os babilônios revoltaram-se; ajudados pelos medos do Irã, esmagaram a Assíria e em 612 a.C. destruíram Nínive. O novo Império Babilônio iniciado com Nabucodonosor estendeu seu domínio até Israel; o cativeiro dos judeus, por mais amargo que fosse para os profetas da Bíblia, foi apenas um incidente de somenos importância na Babilônia imperial, que em 539 a.C. caiu em poder de Ciro, da Pérsia. Após dois séculos de dominação aquemênida a cidade rendeu-se a Alexandre, o Grande em 323 a.C. Alexandre tinha planos grandiosos para fazer da Babilônia a capital de um império mundial mas aqueles que os deuses amam morrem cedo; foi atacado de uma febre, provavelmente agravada pelo excesso de vinho em um banquete e morreu com a idade de trinta e dois anos, deixando o mundo e a ele mesmo inconquistados. A orgulhosa Babilônia caiu em ruínas e séculos depois seu esplendor, sua pompa, o próprio lugar onde fora tinham sido esquecidos; o palácio de Semíramis ficou enterrado na lama[242].

A ciência dos babilônios impressionou os povos da antiguidade como impressiona a nós mesmos ainda hoje. Heródoto ficou maravilhado com o templo de Marduc, uma alta estrutura de oito andares, coroada por dois vastos santuários dourados; era de uma beleza incomparável e ocupava uma praça de quatrocentos metros de perímetro; a estátua de Marduc pesava vinte e seis toneladas e era

de puro ouro; dizem que a Torre de Babel foi construída com cinqüenta e oito milhões de tijolos e era comparável às pirâmides; os grandes muros da Babilônia, com suas poderosas portas de bronze e o maravilhoso templo de Bel, eram maravilhas do mundo antigo e só os de Nínive e Persépolis[243] rivalizavam com eles. Colares, amuletos, cerâmica e adornos encontrados no túmulo da Rainha Subad, de Ur, os tesouros dos aquemênidas e os discos e pingentes de ouro encontrados em sepulturas citas, tudo revela uma mestria, uma elegância e uma maravilhosa arte artesanal que sugere uma civilização de alta cultura apesar das guerras incessantes, que provavelmente não eram tão cruéis como os conflitos do nosso próprio século. Os metalúrgicos de cinco mil anos atrás atingiram notável tecnologia na fundição de minérios a temperaturas até de 1 200° C e produziam, de cobre e estanho, bronze que os artesãos transformavam em vasos, machados e espadas de considerável beleza e força; os químicos misturavam maravilhosas tintas e drogas[244], que nós hoje copiamos de bom grado; há razões também para crer que os sacerdotes sabiam utilizar a eletricidade estática. Embora os médicos não tivessem aparentemente conhecimento adiantado das funções do organismo, assim mesmo os cirurgiões efetuavam operações delicadas, chegando mesmo a extrair cataratas com grande risco pessoal para eles mesmos: se cegavam o paciente, a lei exigia que a mão culpada lhes fosse cortada. Nossos médicos de hoje seriam capazes de tal dedicação[245]?

Durante séculos os caldeus foram famosos por sua magia, que inspirou os gregos e os árabes e depois os alquimistas, precursores da nossa ciência moderna. Os matemáticos babilônios utilizavam os sistemas decimal e sexagemal, conheciam o valor de pi, o chamado teorema de Pitágoras, as raízes quadrada e cúbica, geometria elementar e álgebra, resolvendo complicadas equações de segundo grau. Foi necessária grande competência em matemática e engenharia para construir os grandes muros, os templos abobadados e os diques através do Eufrates; os famosos jardins suspensos, na realidade uma série de sacadas, eram regados por um engenhoso sistema de irrigação com bombas.

Os caldeus eram olhados universalmente como grandes astrólogos; durante dois mil anos estudaram os planetas e as estrelas de seus altos *ziggurats,* profetizando a influência das estrelas sobre o destino humano. Se supusermos que apenas cem sacerdotes mantinham a observação contínua dos céus do cume das altas torres, concluímos que os céus babilônicos foram observados por cerca de dois bilhões de horas-homens, provavelmente mais horas-homens do que as dedicadas à mesma observação pelos astrônomos modernos desde Newton! Durante vinte séculos os babilônios mantiveram vigília incessante dos céus, igual à nossa vigilância atual a radares. Qual era a razão dessa observação contínua? Nós, com as nossas cápsulas espaciais e satélites na nossa era espacial, ainda não podemos compreender a importância vital das estrelas para os povos da antiguidade. Nós irracionalmente atribuímos seu interesse à ignorância ou o pomos de lado como paganismo, sem nos determos a perguntar por que o céu havia de exercer tal fascínio sobre mentes supostamente primitivas, embora a proficiência comercial, técnica, diplomática e militar dos babilônios, assírios e persas, em muitos respeitos, quase igualasse a nossa atualmente.

Dizem que os caldeus tinham pouco conhecimento de astronomia teórica, que sua concepção do universo diferia muito da nossa; os críticos esquecem que daqui a cinco mil anos as nossas dúbias teorias poderão ser ridicularizadas. Alega-se que os caldeus acreditavam que os planetas eram divindades; talvez interpretemos mal os escassos textos que temos deles; pode ser que eles quisessem dizer que os planetas eram habitados por deuses, os astronautas. Se assim for, o conhecimento que eles tinham dos planetas provavelmente excedia as incertezas dos nossos próprios astrônomos, que agora estão tentando se decidir sobre o universo habitado. Tabuinhas cuneiformes registram os nasceres e pores helíacos de Vênus, efemérides ou posições do Sol, da Lua e dos planetas e os eclipses de 747 a.C. em diante. Os sacerdotes fixaram o calendário e a duração do ano; tinham conhecimento do ciclo de Meton de dezenove anos; as tábuas de Nahuriman, citadas por Estrabão, são incrivelmente precisas. Kidinu, por volta de 375 a.C., calculou o ano solar com um erro de apenas quatro minutos e 32,65 segundos, precisão que confunde os nossos astrônomos modernos.

Em 45 d.C. Apolônio de Tiana em sua viagem para a Índia parou na Babilônia e conheceu os magos, sobre os quais disse: "São homens sábios, mas não em todos os sentidos", um conceito aplicável aos nossos cientistas atuais. Nos tetos dos templos babilônios viu imagens dos corpos celestes, os deuses movendo-se através do éter. Do telhado pendiam quatro *gyges* de ouro, rodas aladas como os veículos celestiais descritos por Ezequiel[246]. Os magos da Pérsia disseram a Alexandre, o Grande, que as asas esculpidas nos templos representavam a Águia que morava perto do Sol, cujo espírito ou simurg, descia para o homem[247].

O ar frio e claro da noite de Babilônia era ideal para observações astronômicas. Embora não tenham sido encontrados telescópios, os caldeus tinham vidro e lentes de quartzo, e é provável, sem dúvida, que, por acidente, algum sacerdote tenha olhado casualmente através de duas lentes e descoberto as propriedades do telescópio, como ocorreu com Lippe e Galileu; certamente as qualidades ampliadoras do vidro devem ter sido utilizadas para estudar as estrelas. Em dois mil anos os sacerdotes provavelmente notaram muitas coisas estranhas nos céus; provavelmente avistaram as astronaves de Jeová e seus "anjos" descendo ao encontro dos profetas de Israel e deles também. A Assíria, a Babilônia e a Pérsia estavam cheias de estátuas aladas; qualquer estranho que se detivesse a contemplar a arquitetura e as altas torres de observação poderia jurar que a Babilônia simbolizava a era espacial.

É essencial uma apreciação da Babilônia para compreensão da Bíblia; os patriarcas não eram pastores ignorantes; eram herdeiros da sabedoria e da cultura duma civilização histórica; como os sacerdotes da Babilônia, viam astronautas e falavam com eles.

Capítulo catorze

DEUSES ESPACIAIS DA BABILÔNIA

Durante dois mil anos a Babilônia desapareceu da história, lembrada apenas por sábios chorando o passado e pregadores moralizando sobre aquela cidade depravada, sobre a advertência que era para nosso mundo pecador. Até o princípio do século passado a Mesopotâmia foi uma terra de mistério, um vago símbolo da mutabilidade do homem; aquele deserto de barro fora outrora o berço da humanidade, ali florescera o jardim do éden, agora apenas beduínos vagueavam por aquelas planícies poeirentas como os patriarcas de outrora, indiferentes aos tesouros e ao petróleo negro embaixo de seus pés.

Para os solitários europeus que por aí passavam aquela paisagem informe respirava uma magia que empolgava suas almas; em alguma parte naquela extensão desolada o "Senhor" em todo o seu poder e glória aparecera a Abraão; aqueles tijolos outrora construíram a Torre de Babel; talvez aquele outeiro além escondesse o palácio de Baltasar em cuja parede a mão fantástica escreveu na noite em que Babilônia caiu. Sob sua fina camada de solo jazia enterrada uma civilização fabulosa, as origens da nossa Bíblia, a fonte da própria vida.

Naqueles montes de tijolo às vezes eram encontradas tabuinhas de barro rabiscadas com curiosas marcas em forma de cunha. Havia quarenta anos que os sábios tentavam em vão decifrar a escrita cuneiforme; nenhuma pedra de Roseta havia aparecido que permitisse interpretar aque-

les sinais; ao contrário dos hieróglifos, aqueles estranhos símbolos resistiam à solução.

No princípio do século XIX um jovem professor alemão, Grotefend, dedicou-se com notável engenho à decifração de algumas tabuinhas cuneiformes descobertas em Persépolis e graças a uma lógica brilhante soletrou: "Dario, grande rei, rei dos reis, filho de Histaspes" e "Xerxes, grande rei dos reis, filho de Dario". Durante os trinta anos seguintes o francês Burnouf e o alemão Lassen resolveram mais letras mas sem uma chave lingüística os esforços dos sábios eram inúteis. Os textos cuneiformes despertaram o interesse do Major Henry Rawlinson, a serviço da Companhia das Índias Orientais e apoiado pelo Ministério da Guerra da Pérsia. Em 1837 ele estudou a famosa inscrição de Dario na face de um rochedo nas montanhas de Behistun, onde há vinte e cinco séculos o grande rei foi esculpido em triunfo sobre os inimigos prostrados, acompanhado de catorze colunas de escrita. Com enorme risco Rawlinson desceu o penhasco por uma corda, copiou as inscrições, que verificou serem em três línguas: persa, islamita e babilônio e por volta de 1846 tinha o texto traduzido embora ficassem muitas dificuldades. Enquanto isso Botta havia descoberto Nínive e Layard realizava escavações em Nimrud, mais e mais tabuinhas eram encontradas, muitas delas silabários em sumeriano e semítico; dentro de alguns anos os assiriólogos estavam lendo a escrita cuneiforme e em 1876 George Smith, outro amador, assombrou o mundo traduzindo a epopéia de Gilgamés, a história do dilúvio[248].

No decorrer das décadas recentes têm sido descobertos milhares de tabuinhas, notadamente a grande biblioteca de Assurbanípal em Nínive e sua decifração deu aos arqueólogos um panorama vívido da vida e da cultura babilônias. Mas permaneciam dificuldades. Os mesmos problemas que enfrentam os egiptólogos confundem os assiriólogos. Os eruditos hebreus põem em dúvida os textos bíblicos e no entanto a língua hebraica tem sido ciosamente preservada continuamente por milhares de anos: é natural que surjam imensos problemas na interpretação do sentido preciso das antigas línguas egípcia e babilônia que ficaram perdidas durante séculos.

"Traduttore — traditore." "Tradutor — traidor."

Os inteligentes italianos sumariam brilhantemente o perigo fundamental de todas as traduções, a impossibilidade de transpor cada mudança, cada expressão requintada, cada sentido preciso de uma língua para outra. As diversas línguas desenvolvem-se em ambientes diferentes, faladas por raças com tradições diferentes e diferentes experiências. Os críticos literários insistem em que as traduções das obras modernas são reflexos pálidos e deformados das composições originais; através dos séculos as traduções dos clássicos latinos e gregos famosos revelam modificações significativas. É uma queixa perene que a gente mais velha não compreende a nova geração: como podemos nós pretender compreender a língua de um povo estrangeiro de há cinco mil anos com o qual não partilhamos tradições comuns? Durante as eleições gerais nós raramente compreendemos os nossos políticos rivais; não podemos compreender por que tantas seitas hão de debater as palavras simples e lúcidas de Cristo; a maioria das pessoas admite secretamente que consegue entender muito pouco de Shakespeare que nós ingleses glorificamos desde que não tenhamos de o ler. Coortes de advogados estão assiduamente empenhados em discutir e debater as palavras solenes e medidas dos atos do Parlamento. E entretanto aceitamos convencionalmente as traduções dos nossos assiriólogos como exatas embora dois tradutores independentes raramente concordem entre si. Bernard Shaw brincou dizendo que a Grã-Bretanha e a América eram divididas por uma língua comum. Se não podemos compreender os nossos primos transatlânticos como a história recente mostra claramente, poderemos realmente compreender aqueles vagos e distantes babilônios?

Que acontecia realmente na Babilônia? Que viam as pessoas? Que ouviam? Os juízes, os solicitadores, a polícia, todos admitem o exaspero de tentar equacionar os depoimentos de testemunhas de vista comuns do mais simples acidente; famosos generais infligem-nos versões completamente diferentes da mesma batalha; os jornais usam dos recursos mais fantásticos para nos apresentarem ângulos controversos do mesmo acontecimento. A mesma testemunha pode imaginar muitas versões divergentes do que su-

postamente viu e finalmente ficar cada vez menos segura de si mesma. Quando um homem tem absoluta certeza de seus fatos muitas vezes carece do vocabulário necessário, da fraseologia adequada para transmitir sua impressão precisa aos outros, principalmente se estes outros são precondicionados por um padrão de pensamento diferente. Os nativos das ilhas Ellis no Pacífico Sul têm o culto do "Cargo" e adoram um "deus" branco chamado John Thrum que em 1941 desceu do céu levando-lhes presentes e cinco anos depois subiu ao céu de onde viera. Os nossos teólogos riem dizendo que o suposto "deus" era um aviador americano da guerra contra o Japão e nós concordamos, naturalmente. Quando lêem algum texto cuneiforme descrevendo um deus branco descendo dos céus, os mesmos teólogos juram solenemente que os babilônios viram o próprio Deus, o Criador do universo infinito! Não poderia ser um avião ou uma nave espacial? Esquecendo os *Vedas* indianos, os professores sorriam dizendo que nessa época não tinham sido inventadas máquinas voadoras, que não havia homens nas estrelas. Os peritos da nossa força aérea podem condescender dizendo que os babilônios evidentemente viram alguma coisa, mas que deve ter sido o planeta Vênus, ordinariamente brilhante nos céus da Mesopotâmia, embora por milhares de anos os nativos devam ter conhecido Vênus tão bem como a Lua. Os sábios mitólogos concluem que os babilônios não viram nada, que imaginaram uma personificação do vento norte; viram figuras imaginárias como numa carta dos ventos. Os assiriólogos, cuja decifração da escrita cuneiforme é uma das mais brilhantes conquistas do intelecto humano, interpretam esses textos desconcertantes com as únicas palavras que conhecem, com as frases da nossa Bíblia arcaica ou com versos literariamente elegantes, indiferentes a astronautas ou astronaves; eles nos dizem não o que os babilônios realmente viram, mas o que eles mesmos, assiriólogos, teriam visto se estivessem lá.

Os deuses viris e as deusas sedutoras da Babilônia vivem numa mitologia maravilhosa, cuja magia semítica destila fascinantes histórias da Criação, da dissenção e paixão dos imortais no céu, das façanhas amorosas de celestiais na Terra, as aventuras épicas de heróis, a rebelião do

homem orgulhoso contra os senhores do céu, o dilúvio com a humanidade sem pátria novamente civilizada pelos mestres do espaço. Enquanto nos emocionamos com os feitos de Merodaque, o culto do amor de Istar, o assassinato de Tamuz, as peregrinações de Gilgamés contadas numa poesia fascinante e pitoresca que transmuta toscas tabuinhas de barro na mais primitiva e mais notável poesia do mundo, subitamente nos damos conta de que já lemos tudo antes, a mesma história maravilhosa originada na mesma fonte profunda e misteriosa da antiguidade perdida. Indra, Amaterasu, Osíris, Ísis, El, Astarté, Jeová, Lilith, Zeus, Afrodite, Júpiter, Vênus, Tor, Freia e seus companheiros celestiais, todos parecem fundir-se em Merodaque, Sámas, Istar e aquelas brilhantes divindades da Babilônia. A epopéia de Gilgamés reflete as aventuras de Kret[249] de Ugarit antecipando-se às aventuras de Ulisses, até que nos damos conta de que devemos estar lendo as mesmas histórias antigas de amor, guerra e fantasia; as personalidades, as paixões, os lugares parecem pairar além do tempo e do espaço nos mesmos reinos transcendentes; só os nomes são diferentes. A Índia, o Japão, o Egito, a Síria, a Judéia, a Grécia, Roma, a Escandinávia, até as Américas, concordam com a Babilônia; milhões de pessoas em todo o mundo, por milhares de anos adoraram os mesmos deuses e deusas, sem dúvida os mesmos celestiais do espaço.

Um estudo detalhado dos deuses da Assíria e Babilônia parece supérfluo; nós os conhecemos a todos desde o começo; um simples exercício de teologia comparativa proporcionará uma avaliação empírica do panteão dos deuses, deixando aquelas tabuinhas de barro para provar que a nossa teoria está correta. Aqueles mesmos seres maravilhosos dos céus que inspiraram os antigos povos da Índia, da China, do Japão e do Egito no Oriente, e da Grécia, da Escandinávia e das Américas no Ocidente, certamente devem ter descido nas planícies lamacentas da Mesopotâmia para instruir os homens de lá, como fizeram em toda a Terra. Os babilônios devem ter visto a mesma guerra no céu, experimentado as mesmas catástrofes e guardado as mesmas memórias confusas de seus reis espaciais. Antes de considerarmos a religião e os mitos da Babilônia, podemos confiantemente esperar encontrar um deus primevo,

que criou o universo, a Terra e o homem do caos, deuses do Sol, da Lua e dos planetas, uma deusa da fertilidade que desceria ao mundo subterrâneo, um deus que seria morto e ressuscitaria, deuses velhos destronados por jovens deuses viris, celestiais governando a Terra numa idade de ouro seguida de guerra entre deuses e homens, levada a efeito com naves aéreas com a rapidez da luz, com bombas aniquiladoras, lutas entre dragões do céu, cataclismos assolando a Terra, mudança de clima, colapso da civilização, um Götterdämmerung wagneriano, um crepúsculo dos deuses que abandonam o nosso planeta para serem adorados pelos homens a cujas preces angustiadas um deus desceria em segredo para dar ajuda ou instrução cósmica a iniciados. Já ouvimos tudo isso antes repetidamente, embora ainda não saibamos os nomes, que pouco importam. Se a escrita cuneiforme não tivesse sido decifrada, ainda assim poderíamos predizer com precisão os deuses e mitos da Babilônia pela universalidade dos astronautas.

O pai dos deuses sumerianos era Anu[250], que segundo a crença morava na constelação da Ursa Maior como os "sete brilhantes" da mitologia egípcia, significativamente na direção de onde as astronaves vêm à Terra. Anu foi destronado por Enlil, que por sua vez foi vencido por Merodaque (Marduc), equivalentes na mitologia grega à sucessão de Urano — Cronos (Saturno) — Zeus (Júpiter), sugerindo três ondas de invasores do espaço que governaram a Terra nas idades de Ouro, Prata e Ferro, cantadas pelos poetas clássicos. O nome En-lil significava "demônio-chefe". Ele era um deus do céu, "senhor da tempestade", provavelmente representado por um grande touro alado, especialmente na cidade de Nipur onde seu templo era chamado a "casa da montanha", porque se acreditava que o deus morava no cume de uma montanha, embora não houvesse montanhas na Mesopotâmia. Sob seu título mais popular de "Bel", Enlil destruiu um dragão e era identificado com a Estrela Polar do equador; reconhecemos aqui os atributos usuais dos astronautas, correspondentes a descrições semelhantes dos egípcios e dos gregos. Merodaque ou Marduc, deus padroeiro da Babilônia, era freqüentemente conhecido como "o touro de luz", o que pode ter significado uma astronave. A "epopéia da Criação" descrevia que "ele colocava na sua frente o relâmpago e seu corpo se enchia de luz resplandecente"; viajava no carro da tempestade, irresistível, inspirando terror; combateu e matou o monstro Tiamat[251] num conflito titânico, significando a guerra entre os espíritos da luz e os poderes do mal, correspondentes no Egito à luta entre Horo e Set. Na Assíria Merodaque era identificado com o deus conquistador Assur, representado por um disco envolto por duas asas, em cima das quais estava a figura de um guerreiro com o arco retesado e uma flecha na corda. Ea (Oannes), deus da sabedoria, também morava perto do pólo Norte e era descrito como tendo uma cabeça humana dentro duma cabeça de peixe, sugerindo tratar-se dum extraterrestre com traje espacial procedente de algum planeta adiantado que desceu à Terra para ensinar a humanidade. Na Palestina Oannes, sob o nome de Dagon, era muito amado e foi ocasionalmente adorado pelos hebreus, e acreditava-se que tinha gerado a fabulosa Semíramis.

Sin, deus da Lua, adorado em Ur, era simbolizado pelo crescente da Lua, que mais tarde se tornou o emblema do Islã, assim como o antigo símbolo solar da cruz foi adotado pelo cristianismo; os caldeus associavam a Lua com o metal prata. Nergal, deus da guerra, era identificado com o planeta Marte, sendo seu metal o ferro. Nebu, como Tot, guiava os deuses, inventou a escrita e era associado com Mercúrio, um planeta de mistério oculto; seus sacerdotes eram famosos como astrólogos; seu metal a rara platina. Ninil, o deus da guerra assírio, representava Saturno e seu metal era o chumbo. Júpiter era identificado como Merodaque e o metal era o estanho. Mais fascinante que todos os outros deuses era Istar ou Inanna, a única grande deidade feminina do mundo semítico, associada com uma estrela de oito pontas, o planeta Vênus; o metal era o cobre[252]. Zu, um deus da tempestade, aparecia como um raio e muitos séculos mais tarde, nas *Mil e uma noites*, foi representado como um "roc" que baixou sobre um navio e arrebatou Sinbad, exatamente como se diz que os UFOs raptam marinheiros, talvez como a tripulação misteriosamente desaparecida do malfadado *Marie Celeste*. É significativo que o ideograma babilônio de "estrela" fosse o mesmo de "deus", embora o de "deus" fosse repetido três

vezes, acentuando a relação íntima dos deuses com as estrelas.

A divindade mais popular da Babilônia era Sámas, o benéfico deus do Sol, associado com o metal ouro; o grande senhor da luz, que no cume duma montanha presenteou o Rei Hamurábi com as tabuinhas das famosas leis da Babilônia, cerca de quinhentos anos antes de Jeová dar os dez mandamentos a Moisés no monte Sinai. O livro do *Êxodo*, atribuído a Moisés, foi revisto por Esdras durante o cativeiro na Babilônia; é por conseguinte possível que o profeta copiasse a primitiva tradição babilônica para inspirar a fé judaica em Jeová, embora se acredite que outros chefes bem conhecidos da antiguidade, como Minos de Creta, também receberam leis ou orientação de deuses em montanhas. Na Assíria, Sámas era esculpido com um disco alado; na Babilônia uma inscrição cuneiforme do primeiro milênio antes de Cristo, provavelmente copiada de um monumento mais antigo, mostra Sámas como o "iluminador das regiões", "senhor das criaturas vivas", "juiz do bem e do mal". O deus morava nas montanhas orientais, abria a porta da manhã e alumiava o céu e a terra com raios de luz. Essa descrição adapta-se ao sol nascente, mas poderia ser a impressão babilônica duma resplendente nave espacial do Oriente, o "poder e glória do Senhor". É significativo que Hamurábi, um soberano sábio e benevolente, recebesse instrução de Sámas mais ou menos ao mesmo tempo que Abraão falava com Jeová a poucas léguas de distância dali, uma notável coincidência que sugere que Sámas e Jeová talvez fossem um e o mesmo astronauta, um mestre cósmico guiando os iniciados na Terra.

Tiglat-Pileser I, poderoso guerreiro que por volta de 1120 a.C. conquistou grande parte da Palestina e da Armênia, intitulava-se vice-rei de Sámas na Terra; Assurnasirabal III e Salmanasar II exaltavam o culto solar de Sámas, que tinha íntima afinidade com o culto egípcio de Rá. Um baixo-relevo do palácio noroeste de Nimrud mostra Assurnasirabal acompanhado por uma figura humana alada trajada como rei; numerosos relevos representam outros monarcas assírios acompanhados de conselheiros humanos com asas ou seres humanos alados com cabeça

de ave; estilizado acima dessas cenas paira um disco solar alado. Apenas uma geração depois de Salmanasar II a Assíria e a Babilônia eram governadas pela fabulosa Semíramis, cuja carreira fantástica sugere que se originou no espaço. Em 714 a.C. Sargão II estendeu seu domínio para o norte até o mar Cáspio, onde construiu um santuário a Sámas; seu filho Senaqueribe guerreava contra Ezequias, de Jerusalém; por volta de 670 as forças de Senaqueribe invadiram o Egito, foram dizimadas em Pelúsio pelo que agora parece ter sido um bombardeio nuclear por astronautas.

Os assírios eram soldados rijos e industriosos camponeses; seus sacerdotes eram inspirados por iniciados caldeus; os construtores dos grandes templos de Nínive eram homens de negócio práticos, não eram vagos sonhadores regidos por mitos insubstanciais; não iriam esculpir seres humanos alados ao lado de seus reis todo-poderosos, mais do que nós não iríamos pintar anjos dourados em retratos públicos da nossa própria rainha, a não ser que seres humanos alados realmente estivessem na Terra aconselhando o seu rei. Esses seres humanos, naturalmente, não eram monstros ou alguma mutação fantástica com asas; as figuras aladas eram a concepção assíria de homens capazes de voar, isto é, astronautas. Se, como muitas pessoas crêem agora, astronautas descerem na Terra nas décadas finais deste nosso século, eles certamente serão representados para a posteridade em companhia da nossa própria rainha. Como os venusianos, segundo se diz, são semelhantes a nós, é provável que o artista represente os extraterrestres com asas para indicar que são astronautas. Os assírios mostram claramente em suas esculturas que seus reis eram honrados por seres espaciais; esses murais existem hoje em nossos próprios museus para todo o mundo ver. A prova está diante dos nossos olhos. Os nossos olhos vêem os astronautas, não poderão as nossas mentes vê-los também?

Istar ou Inanna, rainha do céu, a Vênus semítica, era a deusa do amor sexual e também da guerra, uma dualidade fascinante, se bem que realista; seu verdadeiro caráter em Súmer e Babilônia era como a grande mãe Terra, como Astarté, Astoreth e Afrodite; inspirou o culto da fertilidade do mundo antigo e provavelmente a concepção cristã

da Virgem Maria. Na Assíria Istar aparecia como uma deusa da guerra, uma valquíria comandando exércitos na batalha; algumas vezes era conhecida como Belit, protetora de certas irmandades americanas de lésbicas existentes atualmente. Poemas maravilhosos em sumeriano e acádico falam dos amores de Istar por Tamuz, o deus da primavera que, como Osíris, Adônis e Átis, foi morto para viver novamente. Esse antigo mito da fertilidade do deus mortal, a ressurreição, o triunfo da vida sobre a morte, pode ser a verdadeira fonte da história de Jesus. Istar, como Perséfone, desceu ao mundo subterrâneo para salvar seu amante das mãos de Erestigal, deusa da morte. Essa epopéia verdadeiramente maravilhosa da antiga Súmer inspirou os mitos gregos e precedeu o significado oculto do cristianismo; o homem, como a natureza, morre para viver novamente; a tradição secreta do velho culto solar, que os iniciados acreditam ser a religião cósmica dos astronautas.

A epopéia de Gilgamés, escrita em acádico, ainda é uma das maiores obras da literatura universal e provavelmente inspirou a *Odisséia* de Homero, o poema heróico de Kret de Ugarit[253], até mesmo incidentes no Velho Testamento. Fragmentos dessa epopéia foram encontrados entre a biblioteca arruinada dos hititas em Boghazkoi. Gilgamés, parte divino e parte humano, mencionado na lista de reis sumerianos como o quinto rei da primeira dinastia de Erec depois do dilúvio, governou tão tiranicamente que os deuses criaram o herói Enkidu para punir o opressor; após uma prova de força, os dois votam-se amizade eterna e depois partem para matar Huwawa, o gigante com hálito de fogo[254]. Depois da vitória, Gilgamés é tentado por Istar, que ele rejeita, e a deusa ofendida manda um "touro" (astronave) do céu para devastar Erec; o "touro" (?) é finalmente morto por Gilgamés. Enkidu morre, e Gilgamés temendo a morte, parte em busca da imortalidade; despreza as dissuasões de Sámas e parte à procura de Ut-napistim, o herói do dilúvio, que conquistou a imortalidade. No caminho Gilgamés chega a uma taverna dirigida pela deusa Siduri (na Babilônia as hospedarias eram dirigidas por mulheres) que num apelo sedutor o concita a se deter e se divertir com uma esposa, o verdadeiro objetivo da humanidade; o herói declina e, depois

de aventuras que lembram muito as de Ulisses, finalmente chega à morada de seu antepassado Ut-napistim, a quem pede o segredo da imortalidade. Ut-napistim então narra-lhe toda a história do dilúvio com maravilhosa fantasia: como os deuses decidiram destruir a humanidade; Ea (Oannes) então o aconselhou a construir uma arca e carregá-la com toda espécie de criatura viva; depois de violentas tempestades, o dilúvio finalmente cessou, o navio encalhou numa montanha, Ut-napistim enviou para fora três aves sucessivamente, depois desembarcou e sacrificou-as aos deuses. Foi evidentemente essa história maravilhosa que inspirou a história de Noé e sua arca, embora sua fascinante poesia exceda muito em beleza a narrativa do *Genesis*. Ut-napistim lembra a Gilgamés que o homem não pode resistir ao sono final da morte; como Ulisses, o herói cansado volta para casa[255].

A intervenção dos deuses nos negócios humanos, sua orientação aos heróis, sua destruição da civilização, as disputas entre as próprias divindades evocam os clássicos da Índia, da China, do Egito e da Grécia, confirmando as histórias de guerra no céu e cataclismo na Terra. Estranhamente, a história da Torre de Babel, quando os homens tentaram "chegar até o céu" não é mencionada na literatura babilônia, embora a mesma história se encontre no México, na África, na Austrália e até na Mongólia. As descrições vívidas e as verdadeiras características dos deuses da Babilônia sugerem mesmo que não eram representações míticas de forças naturais ou apenas símbolos de fertilidade, mas reminiscências confusas, mesmo exageradas, de astronautas que outrora governaram a Mesopotâmia e cujos descendentes em tempos históricos de vez em quando desembarcavam na Terra e inspiravam reis e profetas.

As torres dos templos caldeus ou *ziggurats* compunham-se de sete andares, cada um de uma cor diferente simbolizando uma estrela: a primeira branca, a cor de Vênus; a segunda preta, correspondente a Saturno; a terceira dum vermelho brilhante, a cor de Marte; a quarta azul, para Mercúrio; a quinta laranja, para Júpiter; a sexta prata, para a Lua; a sétima ouro, a cor da grande estrela, o nosso Sol. Esses andares tinham uma significação mágica

e astrológica; os sacerdotes cantavam hinos às estrelas e em ocasiões solenes realizavam cerimônias, mais tarde seguidas de festivais com a presença da nobreza, onde jovens dançarinas do templo executavam bailados esotéricos cheios de significação para os iniciados[256].

Os sábios caldeus não construíram essas altas torres durante milhares de anos só para fazerem horóscopos mas para algum grande fim cujo segredo nos escapa; talvez de seus cumes no céu os sacerdotes pudessem se comunicar por telepatia ou outro meio com seus mestres do céu.

Os caldeus eram reverenciados por todos os povos da antiguidade como poderosos feiticeiros que praticavam magia, previam o futuro e invocavam demônios dos reinos infernais para que fizessem sua vontade. Como os egípcios, os caldeus herdaram de seus antigos mestres espaciais uma ciência psíquica que dominava os elementos e as forças naturais, operando em sutis planos mentais. Restos dessa sabedoria antiga persistem entre os feiticeiros e mágicos, previsores do tempo, que confundem os nossos cientistas atualmente. Os babilônios como muitas raças em todo o mundo, acreditavam em espíritos benignos e espíritos maus, demônios, fantasmas, ninfas e elementais que habitavam nas correntes e nas árvores; eram animistas, adorando um universo vivo onde tudo, desde a pedra à estrela, do inseto ao arcanjo, possuía alguma vida sutil própria que influenciava os seres humanos. Os documentos da Assíria e da Babilônia estão repletos de encantamentos mágicos para matar ou curar, invocações a divindades protetoras, propiciações de espíritos malignos, bom e mau ocultismo, comunicação com os mortos, magia branca e negra degenerando em superstições, perigos psíquicos evitados por rituais, talismãs usados por pessoas ainda hoje. Muitas das práticas mágicas continuaram até a Idade Média, algumas delas evoluíram para alquimia mágica que a razão transmudou na nossa ciência moderna.

Muitos dos fenômenos agora atribuídos a UFOS nos tempos medievais eram considerados manifestações de demônios aéreos. Agobard em 840 d.C.[257] descreveu feiticeiros do céu mortos por apedrejamento em Lião; Ariosto poeta do Renascimento escreveu em cerca de 1510 d.C. no *Orlando furioso,* Canto I, estância 8, sobre "orgulhosos

demônios sulcando os céus em grandes navios de vidro" que nós hoje olhamos como astronaves. A demonologia torturou as maiores mentes da Igreja Cristã culminando em séculos de cruel perseguição a suposta feitiçaria. Paracelso e Montfaucon de Villar em *Le Comte de Gabalis*[258] no século XVII escreveram eruditamente sobre silfos, salamandras, gnomos e ninfas que apareciam diante dos homens, detendo-se nos encantamentos da Babilônia apoiados por muitos teólogos antigos e medievais que citavam fenômenos paranormais, alguns deles relacionados com astronautas.

Como os nossos antigos bretões, os babilônios acreditavam que os demônios eram ex-deuses, seres espaciais. Uma tabuinha sumeriana de Ur de cerca de 2000 a.C. menciona a Lilith descrita no Talmude como uma demônia fascinante de longos cabelos ondulados. Salomão suspeitou que a rainha de Sabá era Lilith porque tinha as pernas cabeludas mas isso não o impediu de seduzi-la. Adão insistia em que Lilith se deitasse para a relação sexual, ela se rebelou e enraivecida pronunciou o nome mágico de Deus, ergueu-se no ar e desapareceu[259]. Lilith era possivelmente uma venusiana. Três "anjos" (astronautas?) trouxeram-na de volta a Adão na Terra. Os filhos dela eram belos, viviam longas idades e voavam para o céu (Vênus?). Os árabes acreditam em djins, os chineses em gênios; dizem que os mágicos conjuram elementais com palavras fortes e os escravizam para realizarem tarefas ou fazerem aparecer coisas de regiões invisíveis como essas materializações efetuadas nas sessões espíritas. Os estudiosos de necromancia pronunciavam encantamentos para levantar demônios e bispos cristãos como os lamas tibetanos realizam ritos especiais para exorcizar os maus espíritos. Através das idades em todo o mundo, tem-se acumulado uma vasta literatura que indica que a crença em habitantes dos mundos dos espíritos que assombram a humanidade é sem dúvida a religião universal mais antiga da Terra.

O último século de espiritualismo, as revelações aos psiquiatras, os estudos paranormais dos psicocientistas sugerem a realidade de estados transcendentes de existência. A ciência materialista rejeita o culto como superstição mas pesquisas recentes das partículas subatômicas parecem

proporcionar prova surpreendente das crenças antigas. Os pesquisadores dos raios cósmicos e os físicos nucleares em seus cíclotrons acham que suas descobertas, exemplificadas pelo esquivo e potente neutrino, aparentemente confirmam a existência dum mundo paralelo de matéria vibrando numa freqüência mais alta do que a nossa, coexistindo dentro do mesmo espaço, confirmando assim os planos astrais dos ocultistas habitados por anjos, devas, espíritos da natureza, demônios, duendes vistos às vezes pelos supra-sensíveis e até fotografados. Esse documento ocultista que é *Oahspe* descreve hostes etéreas em naves etéreas povoando a nossa própria Terra. Os paracientistas afirmam que muitos dos astronautas que nos visitam hoje são materializações da Vênus etérea, confirmando antigas tradições de mestres etéreos, conhecidos certamente pelos iniciados da Babilônia. É fascinante saber que a nossa ciência oficial atualmente se está aventurando no ocultismo atômico. Quem sabe se dentro de um século de progresso os nossos físicos não poderão atingir a ciência secreta dos caldeus e conjurar novamente aqueles demônios do espaço interior?

Em 538 a.C. a Babilônia rendeu-se sem combate a Ciro da Pérsia; vinte anos depois os habitantes revoltaram-se e o grande Dario arrasou as famosas fortificações. Uma associação americana, os "filhos de Jared", afirma que Dario e seu filho Xerxes eram reis vigias[260] que como muitas personagens notórias que dominaram a história, se acredita terem sido de origem divina, extraterrestres que encarnaram na Terra para escravizar a raça humana. Uma teoria fascinante e não sem razão! Dario começou a grande guerra contra a Grécia, na qual os persas sofreram uma derrota memorável em 490 a.C. em Maratona, onde os atenienses juraram que os deuses desceram e lhes deram a vitória. Em 480 a.C. voaram UFOs sobre Salamina[261] quando os gregos esmagaram a frota invasora de Xerxes, uma das batalhas mais importantes da história.

Depois das conquistas persas, os velhos deuses da Babilônia foram eclipsados por Ahura-Mazda, o deus iraniano de Zaratustra ou Zoroastro. Os iniciados acreditam que através das idades houve muitos avatares que encarnaram como Zaratustra para ensinar a humanidade; o último profeta conhecido dos gregos como Zoroastro nasceu

em 660 a.C. no Azerbajão, perto do mar Cáspio. Plínio afirmava que Zoroastro riu no dia de seu nascimento, que foi acompanhado de prodígios na terra e no céu. Plutarco fala de suas relações com os deuses, como Licurgo e Numa Pompílio; Dio Crisóstomo contemporâneo de Plutarco, declarou que Zoroastro estava mais familiarizado com os carros de Zeus do que Homero e Hesíodo, sugerindo que toda a sua vida foi inspirado por homens do espaço. Em criança Zoroastro mostrou sabedoria precoce, confundindo os magos; estudou religião, agricultura e a arte de curar, trabalhou entre os pobres, depois retirou-se para uma caverna no monte Sabalan para adquirir sabedoria. Um dia ao pôr do sol a caverna ficou banhada em fogo; de repente o jovem eremita ouviu a revelação de Deus. Cheio de entendimento cósmico, desceu para ensinar aos persas sobre Ahura-Mazda e sua eterna luta com Angra Manyu, o Bem contra o Mal. Zoroastro encontrando a iluminação na montanha é igual a Hamurábi, Minos e Moisés, que também contemplaram Deus em cumes de montanhas; o fogo no monte Sabalan evoca o fogo e a fumaça que envolveram o monte Sinai quando Moisés recebeu os dez mandamentos de Jeová. Sem dúvida, o fogo era a radiação de uma astronave; esses profetas foram instruídos por astronautas[262].

Em sua casa Zoroastro tinha visões celestiais e mantinha conversas com arcanjos, que deviam ser mestres do espaço. É significativo que ele escolhesse como emblema divino de Ahura-Mazda o disco alado de Assur, o deus da Assíria, que é proeminentemente estilizado nas famosas esculturas rupestres de Dario em Behistun. As doutrinas de Zoroastro foram escritas no *Zend-Avesta* e espalharam-se para os países vizinhos e até mesmo na Índia. A adoração do fogo é provavelmente uma forma do antigo culto solar, que se diz ser a religião da gente espacial. Ahura-Mazda (Ormuz), senhor do céu, comandava as sete amshaspends, hostes celestes em conflito cósmico contra Angra Manyu (Arimã) e seus demônios da escuridão. Essa guerra eterna entre os deuses da luz e os senhores do mal compara-se à luta entre Horo e Set e pode ser uma alegoria daquela guerra real no céu entre astronautas tão vividamente descrita nos clássicos hindus, chineses e gre-

gos. Dizem que Zoroastro subiu ao "céu" para receber as instruções de "Deus". Pensamos em Enoc, Elias, Rômulo, mesmo em Adamski... Durante uma guerra santa Zoroastro estava ajoelhado junto do fogo sagrado quando um soldado turaniano o apunhalou nas costas. Trezentos anos mais tarde Alexandre, o Grande, desejando estabelecer a religião da Grécia, dissolveu a organização sacerdotal zoroastriana, destruiu os templos e queimou o *Avesta*. Séculos depois os persas e os parses restauraram as doutrinas de Zoroastro mas grande parte do *Avesta* tinha-se perdido. Uma forma modificada de zoroastrianismo adorava Mitra, chefe dos sete amshaspends, identificado com o deus do Sol assírio, Sámas; no Ocidente ele era visto como Átis, Baco e Apolo. Mitra em persa significa "sol" e "amigo", simbolizando o deus do amor, o Cristo pagão. A adoração de Mitra foi difundida pelas legiões romanas através do mundo mediterrâneo e rivalizou com o cristianismo, que ameaçou eclipsar[263].

Assim como Jeová aparecia aos reis de Israel, assim Ahura-Mazda se materializava diante dos reis aquemênidas da Pérsia. Referências em Tito Lívio[264] e Plutarco[265] sugerem que por volta de 500 a.C. astronautas desembarcaram no Oriente Médio e o cultivo do trigo sugere comunicação aérea entre a Babilônia e a América.

Em 610 a.C. um cameleiro de meia-idade das montanhas próximas de Meca, Maomé, meditava sobre a maldade dos árabes quando lhe apareceu o "anjo" Gabriel e lhe mostrou uma tabuinha de ouro[266] e lhe pediu que a lesse. Essa revelação do "céu" inspirou o Islã. Mais tarde Gabriel acompanhou o profeta em sua viagem aos sete céus, como Enoc — e (ousaremos dizer Adamski?) Hamurábi, Minos, Moisés, Zoroastro, Maomé, todos se comunicaram com celestiais em montanhas! Que dizer?

Capítulo quinze

ASTRONAUTAS NA BABILÔNIA BÍBLICA

Nosso estudo da Babilônia e da brilhante cultura do Oriente Médio através de dois mil anos antes de Cristo, revelada naquelas belas epopéias das tabuinhas cuneiformes da grande biblioteca de Assurbanípal em Nínive e nas maravilhosas descobertas dos arqueólogos, permite-nos agora ver o Velho Testamento sob uma perspectiva razoável, sem o ilógico temor religioso que fazia ver as Escrituras como divinamente verdadeiras. Até há cem anos tudo o que se sabia sobre o antigo Egito, Babilônia e Pérsia eram lendas vagas, relatadas por escritores gregos e romanos, histórias de viajantes como Heródoto e desconcertantes alusões na Bíblia. Das histórias de Maneton, Beroso e Sanchoniathon restavam apenas alguns fragmentos. Por vinte séculos os hieróglifos e a escrita cuneiforme guardaram seus segredos; grandes cidades jaziam sepultadas na areia; São Paulo, os Padres da Igreja e gerações de eruditos souberam pouco sobre as civilizações da antiguidade; o passado era um vazio sem nome; o paganismo era desprezado como idolatria diabólica, a ciência era amaldiçoada como feitiçaria, a Terra era o centro do universo, única preocupação de Deus.

A civilização da Babilônia, as revelações dos pergaminhos do mar Morto e a consciência de visitações de extraterrestres no passado reclamam uma completa reavaliação dos acontecimentos narrados nas Escrituras, com uma possível transformação na interpretação religiosa de

toda a história bíblica, que revolucionaria a nossa concepção fundamental de judaísmo e cristianismo; mas a nossa geração ainda não está preparada para esse novo conhecimento e permanece imersa nas bolorentas doutrinas do passado. Embora se pudessem fazer muitas perguntas importantes, nossas referências ao Velho Testamento na presente obra devem restringir-se inteiramente a incidentes que sugiram manifestações extraterrestres na Babilônia.

Grande parte do *Genesis* agora parece ter sido influenciada pelas epopéias sumerianas; é muito difícil determinar quais as passagens que são originais, especialmente quando as tradições semíticas, que se diz terem sido compiladas por Moisés para inspiração dos filhos de Israel no deserto, foram mais tarde revistas por Esdras durante o cativeiro e subseqüentemente pelos rabinos judeus antes de finalmente chegarem a um acordo. Os eruditos afirmam que há provas contidas no texto bíblico que indicam pelo menos quatro fontes distintas. Revelações recentes dos pergaminhos do mar Morto mostram muitas discrepâncias pequenas mas importantes nas Escrituras; outras poderão ser encontradas em breve.

O jardim do éden tem sido situado por várias autoridades em muitas partes da Terra, até em Marte[267]; a crença convencional aceita vagamente algum lugar na velha Babilônia. O "Senhor" que expulsou Adão e Eva não foi o Criador de todo o universo onde nos movemos e temos o nosso ser, mas o deus tribal Jeová, possivelmente comandante duma frota venusiana especial, pois era acompanhado de querubins que são geralmente representados como criaturas com corpo de leão, rosto humano e grandes asas, símbolos egípcios e babilônios dos astronautas. Adão e Eva poderão representar os primitivos atlantes; a expulsão do éden poderá ser uma reminiscência fragmentária da guerra com os suseranos do espaço, seguida da catástrofe cósmica que mudou o clima e tornou a vida árdua.

Enoc "andou com Deus" e foi trasladado para o céu em um remoinho (astronave?); seu filho Matusalém gerou Lamec que, de acordo com o *Genesis* apócrifo contido nos pergaminhos do mar Morto recentemente descobertos, suspeitou antes do nascimento de Noé que sua mulher se tinha consorciado com os anjos que desceram dos céus

e casaram com as filhas dos homens. A negativa enfática da mulher não o convenceu[268].

> *Vede, eu pensei então dentro do meu coração que a concepção foi (devida) aos vigias e aos sagrados... e aos gigantes... e meu coração ficou perturbado dentro de mim por causa dessa criança... Bathenosh, minha mulher, falou-me dizendo... Juro-te pelo sagrado grande, o rei de (o céu), que esta semente foi plantada por ti... e por nenhum estranho ou vigia ou filho do céu*[269].

Os pergaminhos do mar Morto mencionam claramente vigias e sagrados descendo do céu, referindo-se certamente a astronautas do céu!

A história bíblica do dilúvio pode ser uma versão da epopéia de Gilgamés mais antiga; ambos, Ut-napistim e Noé, foram avisados por um deus, possivelmente um espaçonauta, que previu a catástrofe que ameaçava a Terra.

Os primeiros capítulos do *Genesis* parece que descrevem acontecimentos ocorridos na Babilônia durante o terceiro e quarto milênios a.C. Os filhos de Deus (astronautas) uniram-se às filhas dos homens, que lhes deram filhos, os quais se acredita serem os gigantes, cujas blasfêmias causaram a sua destruição no dilúvio. Avisado pelo "Senhor", Noé salvou sua família e vários animais, que permitiram à humanidade reconstruir a civilização. Gerações mais tarde, na terra de Sinar, em volta da Babilônia, no Iraque moderno, os homens rebelaram-se contra os deuses (astronautas) e construíram uma Torre de Babel para assaltar o próprio céu: o "Senhor" desceu, destruiu a torre e espalhou os sobreviventes por toda a Terra, para tão longe que seus sobreviventes desenvolveram novas línguas. Essa história confusa é provavelmente alguma memória racial da guerra entre os astronautas e os gigantes mencionada nas lendas da maioria dos povos antigos através do mundo. Mais tarde a Torre de Babel tornou-se um nome popular para o maior templo de Marduc, cujo topo continha um quarto com um leito grande e elegante e uma mesa de ouro, um santuário onde ninguém podia entrar a

não ser as mulheres babilônias escolhidas pelo "deus"[270]. Seria a noiva reservada para um astronauta?

Abraão nasceu em Ur[271] em cerca de 2000 a.C., na Idade de Bronze média, dois ou três séculos depois da Rainha Subud, cujo túmulo magnífico desenterrado por Sir Leonard Woolley revelou jóias soberbas, ornamentos de ouro delicados e apetrechos duma excelência artística que sugerem um requinte surpreendente. Ur, porto principal de Súmer, era uma metrópole do Oriente Médio que negociava com o Egito e a Índia, o mar Mediterrâneo e o mar Negro, trocando mercadorias variadas e todas as férteis filosofias da época. A religião sumeriana com sua pitoresca literatura que sugere convívio com celestiais do alto, regia a vida diária dos homens; os magos já estudavam as estrelas. O Talmude diz que na noite do nascimento de Abraão os mágicos do Rei Nemrod viram uma estrela brilhante subir no céu diante deles, no leste, e com espanto viram a estrela engolir ou consumir quatro estrelas vindas dos quatro quadrantes do céu — o que nos sugere uma nave-base recebendo em seu bojo quatro naves de reconhecimento. Criado numa sociedade tão cosmopolita, Abraão, sem dúvida, adquiriu grande cultura e se familiarizou com todo o pensamento e tradições político-religiosas daqueles tempos fascinantes. A breve narrativa bíblica da migração de Abraão para o Egito, depois para a Palestina, acumulando grande prestígio e riqueza, chegando mesmo a fazer guerra ao rei da Babilônia, mostra uma estatura mental comparável às nossas personalidades mundiais da atualidade.

Lançando luz, com fantástica erudição, no extraterrestrealismo no mundo semítico antigo, o sábio Ibn Ahron[272] deduz, do *Zoar*, do *Sefer Sefirá* e do *Sefer Ietsirá*, que Abraão era guiado por um espaçonauta arrogante chamado I'hova, que exercia poderes ditatoriais e destruidores. I'hova foi erroneamente interpretado pelo Ocidente como o Deus único, rei dos reis, quando de fato os primeiros israelitas compreenderam que era apenas um dos muitos eloins ou astronautas. Isso era bem sabido dos caldeus, que observavam os vôos do "Poder-e-Glória", as astronaves, de seus altos *ziggurats*.

O "Senhor" do *Genesis*[273] que falou a Abraão à

porta de sua tenda, acompanhado por dois anjos, que o guiou à prosperidade e à vitória, que curou Sara, sua esposa, da esterilidade e prometeu tornar seus descendentes uma grande nação, era sem dúvida semelhante, talvez, à mesma figura alada ou astronauta conhecida dos babilônios como Sámas, que mais ou menos pela mesma época deu as tabuinhas da lei ao Rei Hamurábi. O Talmude conta que Abraão foi capturado por Nemrod, que o condenou a morrer na fogueira; mas a lenha não ardia e os sacerdotes juraram que um anjo (astronauta?) estava voando em volta, apagando o fogo. Por vingança Abraão invocou uma imensa nuvem de mosquitos, que cobriu o céu e devorou os soldados de Nemrod até os ossos. As nuvens de Hiroxima! O *Maabárata* e o *Shoo-King* sugerem que seres espaciais andaram ativos na Índia e na China durante o segundo e terceiro milênios. Se assim foi, não é provável que esses homens dos céus desembarcassem no Oriente Médio e influenciassem grandes personalidades públicas possuidoras de sensibilidade oculta como Abraão? Seria o "Senhor" de Abraão o mesmo "homem divino" que, de acordo com o *Sei-to-ki* japonês, desceu sob um sândalo na Coréia, por volta de 2000 a.C.? Teria relação com o "Senhor" que foi caçar com o Imperador Ono-hatsuse-Waka-Taka na velha Yamato em 460 d.C. tão jovialmente descrito no *Nihongi?*

No século VII a.C. a Palestina, um infeliz Estado-tampão entre o Egito e a Babilônia foi dilacerada dum lado e do outro por essas duas potências em sua rivalidade imperialista. Depois da derrota do faraó Necao em Carquemis em 605 a.C. os egípcios retiraram-se, deixando a Judéia aos babilônios. Em 597 a.C. a facção pró-Egito entre os judeus rebelou-se e o próprio Nabucodonosor comandou seus exércitos para o assalto a Jerusalém. Saqueou o palácio e o templo e deportou Joaquim e um certo número de judeus importantes para a Babilônia. Esse "exílio" parece ter sido um tanto exagerado; o número de cativos judeus foi pequeno comparado aos trabalhadores estrangeiros que Hitler levou à força para a Alemanha nazista, embora seu tratamento fosse muito melhor. O próprio Jeremias admitiu que a vida sob Nabucodonosor estava longe de ser opressiva. Os judeus gozavam dum

Em palavras assim poderia um camponês das remotas florestas do Vietnam descrever uma viagem aérea num Boeing americano até a civilização em Saigon.

No capítulo 10 Ezequiel amplia sua descrição anterior do disco e seus tripulantes, que ele chama querubins, os mesmos seres humanos alados representados em baixos-relevos pelos assírios, e descreve sua conversa com o "Senhor" relativamente ao futuro, lembrando a discussão de Adamski com o comandante venusiano durante sua viagem numa astronave[277]. Ao que parece, o disco desembarcou Ezequiel em Jerusalém, onde ele ficou por alguns dias explorando a depravação da cidade, e depois devolveu-o à sua casa junto ao Chebar. Com ardente eloqüência Ezequiel exortou seus compatriotas a adorarem o "Senhor" e pronunciou vívidas profecias sobre futuras guerras mundiais, depois do que os judeus redimidos gozariam a glória de Deus.

Uma narrativa pouco conhecida, mas notável, no capítulo 27, cita a descrição feita pelo "Senhor" dos portos e do comércio do Mediterrâneo e do Oriente Médio, de Társis à Arábia, de Tiro à Pérsia, como se o vasto cenário fosse visto de uma astronave.

Em 538 a.C. outro jovem idealista judeu, Daniel, estava sentado à margem do Tigre uns cinqüenta anos apenas antes de o profeta Ezequiel estar sentado à beira do rio Chebar, quando também teve uma visão maravilhosa.

> *No dia vinte e quatro do primeiro mês, estando eu ao lado do grande rio que é Hiddekel (Tigre) levantei os meus olhos e olhei e eis um homem vestido de linho e cingido pelos lombos com um cinto de ouro de Ufás; também o seu corpo era como o berílio e seu rosto como a aparência de relâmpago e os seus olhos como lâmpadas de fogo e os seus braços e os pés de cor semelhante a cobre polido e o som de suas palavras como o som duma multidão.* (Daniel, *10, 4-6.)*

Quase as mesmas palavras de Ezequiel, semelhantes mesmo à descrição de Orthon de Vênus por Adamski.

O celestial confortou Daniel com uma breve profecia sobre o turbulento futuro do Oriente Médio durante os quatro séculos seguintes e concluiu com uma alusão a um apocalipse e uma ressurreição, que lembra as advertências de Ezequiel e as premonições de Adamski atuais.

Daniel era justamente o homem talhado para atrair gente espacial, lembrando muito em temperamento os nossos próprios filósofos da "nova era" que alegam terem contato com astronautas. Foi criado no meio do séquito do Rei Joaquim, exilado, tendo assim acesso a toda a sabedoria dos judeus e dos babilônios; era vegetariano, bebia água em vez de vinho, entendia de visões e de sonhos. Nabucodonosor depois de examiná-lo declarou-o "melhor que todos os mágicos e astrólogos que havia em seus reinos", um tributo surpreendente naquela terra de magos.

Repousa inquieta a cabeça que usa uma coroa! Nabucodonosor era profundamente perturbado por sonhos, o que não é muito de surpreender num monarca que estava destinado a comer erva como um animal nos campos. Os famosos caldeus ficaram sem saber o que responder, mas a revelação magistral de Daniel impressionou o rei, que imediatamente nomeou o jovem judeu governador de toda a província da Babilônia, uma notável semelhança com a promoção de José, aquele outro intérprete de sonhos reais, e imprudentemente talvez nomeou-o governador dos sábios. Os amigos de Daniel, Sidrac, Mesac e Abdênago foram elevados a altos postos no serviço público da Babilônia. Nabucodonosor, possivelmente inspirado astuciosamente pelos sobreditos sábios ansiosos por humilhar os judeus que os suplantavam, fez uma grande imagem de ouro e ordenou a todos os seus súditos, altos e humildes, que se prostrassem por terra e a adorassem, ou seriam jogados dentro duma fornalha ardente. Sidrac, Mesac e Abdênago nobremente se recusaram a inclinar-se diante do ídolo, e Nabucodonosor furioso ordenou que os três fossem amarrados e lançados na fornalha superaquecida sete vezes. Os observadores ficaram espantados de ver os três mártires andarem ilesos pelo meio do fogo, acompanhados dum quarto "homem" como o "filho de Deus"! Lembramo-nos de Abraão salvo de ser queimado na fo-

gueira por um "anjo" ou "astronauta". Nabucodonosor ficou tão impressionado com o poder demonstrável do "Deus" dos judeus, que imediatamente promoveu Sidrac, Mesac e Abdênago "na província da Babilônia". Daniel guarda silêncio sobre sua própria atitude para com a imagem de ouro; mas reteve seu posto como astrólogo-chefe durante o reinado de Baltasar, regente do Rei Nabonide.

Baltasar deu uma grande festa com extravagância oriental que degenerou numa orgia de ébrios e o rei e sua corte passaram a zombar do Deus dos judeus, bebendo vinho pelos vasos de ouro sagrados saqueados do templo. De repente a algazarra silenciou.

> *Na mesma hora saíram os dedos duma mão de homem e escreveram defronte do candeeiro na caiadura da parede do palácio real. O rei via a parte da mão que escrevia.* (Daniel, *5, 5.)*

Baltasar aterrado mandou chamar todos os seus astrólogos e adivinhos para que interpretassem a misteriosa escrita na parede. Todos os sábios ficaram confusos e então a rainha mandou chamar Daniel. O jovem profeta olhou a orgia em volta, examinou as palavras fatídicas e leu "MENE, MENE, TEQUEL, UFARASIM".

> MENE: *Deus contou o teu reino e o acabou.* TEQUEL: *pesado na balança e achado em falta.* PERES: *está dividido o teu reino e entregue aos medos e aos persas. Naquela noite foi morto Baltasar, rei caldaico. Dario, o Medo, recebeu o reino.* (Daniel, *5, 26-28, 30-31.)*

Essa dramática história duma mão fantasma escrevendo palavras flamejantes de aviso na parede do palácio anunciando a morte de Baltasar e a queda da poderosa Babilônia, emocionou sessenta gerações como uma milagrosa revelação do poder do "Senhor". Na nossa era da eletrônica nós televisionamos cenas da Lua para a nossa lareira. Qualquer nave espacial por cima da Babilônia podia projetar aquelas palavras fatais na parede do palácio de Baltasar; os nossos céticos críticos de TV certamente

concordarão em que a produção poderia ser muito melhorada.

A Bíblia erra ao declarar que Dario conquistou a Babilônia. Historicamente foi Ciro, que Dario seguiu vinte anos mais tarde. Ciro ocupou a cidade sem derramamento de sangue, fez-se notar por sua clemência com os povos subjugados e autorizou os judeus cativos a voltarem a Jerusalém para reconstruírem o Templo. Um cilindro cuneiforme registra que ele foi recebido como libertador da tirania de Nabonide e Baltasar, e sugere a revelação surpreendente e entretanto plausível de que Jeová e Marduc (Merodaque) eram um e o mesmo "deus", possivelmente um ser do espaço que estabeleceu contato com Ciro, um dos soberanos mais esclarecidos do mundo antigo, cujo nascimento como o de Moisés, foi envolto em mistério.

O livro de *Daniel* declara que Dario preferiu Daniel aos presidentes e príncipes, prova do prestígio do jovem judeu. Naturalmente os rivais invejosos conspiraram contra ele e persuadiram o rei a decretar que qualquer homem que fizesse uma petição a Deus e não ao rei seria lançado numa cova de leões. Como era de esperar, Daniel desprezou a ordem e foi lançado na cova dos leões. O rei ficou profundamente angustiado mas as leis dos medos e dos persas não podiam ser modificadas. Na manhã seguinte ele correu à cova dos leões e com sincera alegria encontrou Daniel ileso.

> *Logo disse Daniel ao rei: Ó rei, vive eternamente. O meu Deus enviou o seu anjo e fechou as bocas aos leões; eles não me fizeram mal algum.* (Daniel, *6, 21-22.)*

Poderia um astronauta ter encantado os leões famintos para que não devorassem Daniel? Os famosos seres humanos alados representados por Assurnasirabal III e Salmanasar II, os discos solares alados nas esculturas de Dario em Behistun, tudo sugere que os babilônios aceitavam a intervenção de homens do céu.

Muitos sábios comentadores ficam intrigados com o livro de *Daniel*. Sua conclusão mais unânime é de que essa obra apocalíptica foi na realidade composta por volta de

166 a.C. para consolar os judeus em seus terríveis sofrimentos durante a perseguição de Antíoco Epifanes, no período imediatamente anterior à revolta dos Macabeus. Sem dúvida os primitivos compiladores da Bíblia aceitaram a história de Daniel como verdadeira.

Em 670 a.C.[278] o exército de Senaqueribe foi destruído em Pelúsio, possivelmente por uma bomba nuclear; os japoneses afirmaram que em 660 a.C.[279] os "deuses" assistiram o Imperador Jimmu na conquista da vitória; os romanos juravam que em 498 a.C.[280] Castor e Pólux apareceram na batalha do lago Regillus; os atenienses acreditavam que em 490 a.C.[281] seres imortais se materializaram para ajudá-los em Maratona; se assim foi, durante o mesmo período astronautas devem ter desembarcado para inspirar Ezequiel e Daniel na Babilônia.

O livro de *Daniel* será "ficção científica" ou antecipação de *Flying saucers have landed,* de Adamski?

Os persas que mais tarde assumiram o manto da Babilônia imperial, durante séculos contaram histórias maravilhosas de heróis e lindas donzelas que atravessavam os céus em tapetes mágicos, os quais bem podiam ser reminiscências raciais das astronaves.

A fascinante história da Babilônia desde aqueles tempos antigos de Oannes com seus deuses violentos e reis dinâmicos, seus magos e profetas, desenrola um vistoso panorama de uma brilhante e inquieta civilização observada por espaçonautas.

Capítulo dezesseis

DEUSES OU ASTRONAUTAS?

A fascinante história do antigo Oriente funde-se com a nossa compreensão moderna do universo habitado e o nosso desenvolvimento das viagens espaciais em uma maravilhosa e surpreendente revelação que dá novo sentido ao destino do homem. Enquanto nos maravilhamos com UFOs que hoje povoam os nossos céus e contestamos esses "contatos" com seres de outros mundos, sentimos que tudo isso já aconteceu antes. Os mitos e a literatura do antigo Oriente explicam os deuses e seres celestiais das estrelas que aqui pousaram na antiguidade e ensinaram civilização à Terra como nós mesmos tencionamos fazer em Marte. O passado, o presente e o futuro parecem fundir-se em um panorama estimulante e inspirador que dissipa as aflições do nosso mundo torturado e dá novo propósito à vida[282].

Das mitologias e crônicas da Índia, do Tibete, da China, do Japão, do Egito e da Babilônia, vistas à luz do nosso novo conhecimento, emerge uma história clara, coerente, que cobre todo o Oriente antigo. Todas as tradições falam de super-homens dos céus[283], dinastias divinas governando a nossa Terra numa idade de ouro, guerra nos céus levada a efeito com armas fantásticas, cataclismos mundiais, barbárie, depois a reconstrução da civilização com a orientação de astronautas adorados como deuses. O mito torna-se ciência, as velhas fábulas sujeitam-se à prova empírica; assim como um químico pode predizer as

propriedades dum elemento que ainda terá de isolar, nós podemos sintetizar as histórias antigas dos países que ainda temos de estudar e fabricar suas mitologias pelo método científico, certos de que as lendas corroborarão o nosso plano.

À medida que a nossa pesquisa mergulha mais fundo nos poucos documentos de que dispomos, ressuscitamos em cada país uma multidão rutilante de reis e rainhas, heróis e sábios, patriarcas e sacerdotes, homens e mulheres, exatamente tão humanos como nós, desfilando pelos corredores poeirentos do tempo e parando para representarem o papel que lhes foi destinado neste palco terreno, sob os olhos dos imortais do espaço. Maravilhamo-nos com a fabulosa Índia, onde deuses e mortais se misturavam no amor e na guerra em exótica rivalidade; o Tibete oculto tantaliza-nos com mistérios e magia; a velha China encanta-nos com guerras nos céus em fantasias que suplantam a ficção científica. Nas ilhas do Japão deusas temperamentais e imperadores excêntricos confundem-se de algum modo com o *Mikado* de Gilbert e Sullivan, e nós confundimos os astronautas com aquele outro viandante, o menestrel Nanki-Poo e nos perguntamos se os monarcas marcianos terão como seu sublime objetivo tornar o castigo apropriado ao crime. Como previmos, o padrão familiar de deuses ou astronautas encontra-se no Egito e na Babilônia; a terra do Nilo perde um pouco da sua magia e até a grandiosa Babilônia parece uma imitação da enjoiada Índia; o Velho Testamento mesmo parece leitura rotineira em comparação com o brilhante *Ramáiana* e a sublimidade dos *Upanixades*. Estes brilhantes aspectos da antiguidade, quando os deuses se misturavam com os homens na Terra, eclipsam os vagos quadros de visitantes do espaço que se pintam atualmente.

Excluindo deste nosso estudo o antigo Ocidente, cujos clássicos cantam os deuses do céu na Grécia, na Escandinávia, na Grã-Bretanha e nas Américas[284] e apóiam a nossa tese dos extraterrestres, podemos verificar a seqüência de reis divinos, guerras e catástrofes em terras que carecem de literatura do passado. A nossa conclusão de que os celestiais intervieram no continente da Ásia e devem ter influenciado raças primitivas em todo o Oriente parece

provada sem sombra de dúvida; podemos predizer suas lendas antes de as lermos: os nomes podem diferir, mas a substância é a mesma.

Os aborígines da Austrália falam dum "tempo de sonho", uma era idílica no passado, suas pinturas rupestres têm semelhança com os afrescos de Tassili no Saara e com os petróglifos dos Andes. Os polinésios de Malekula[285] lembram-se de "mulheres aladas" que desceram do céu para lhes darem ajuda e depois partiram de novo como vieram; é curioso saber que a palavra polinésia para designar o Sol é "Rá", evocando toda a maravilha do antigo Egito. As estátuas gigantescas e a escrita indecifrada da ilha de Páscoa[286] são mistérios para nós, e as explicações plausíveis dos sábios não nos convencem. Os nativos das ilhas Carolinas em seus textos haidas descrevem seres maravilhosos em máquinas voadoras, com forma de discos, que desceram à Terra e ensinaram seus antepassados há séculos; em muitas ilhas de todo o Pacífico contam-se histórias de Kon-Tiki, um herói tutelar de pele branca identificado com o Sol ou a Lua. Os havaianos usam a palavra *akuwalela* para designar "querubins voadores", alguma memória racial dos barcos solares mencionados nos anais do Egito antigo. Os bosquímanos africanos papagueiam ingenuamente sobre deuses do céu; Livingstonne encontrou a história da Torre de Babel perto do lago Ngami e uma tradição semelhante existe na Mongólia. Os esquimós dizem que seus antepassados foram transportados por grandes aves brancas de terras devastadas pela inundação e falam de seres com rostos brilhantes enviados das estrelas; os xamãs da Sibéria ensinam sobre homens que precederam a nossa raça atual que possuíam saber ilimitado e ameaçaram rebelar-se contra o Grande Espírito Chefe, ressonância da Atlântida das estâncias de Dzyan; as raças circumpolares cultuam o urso, relacionando-o com a Estrela do Norte, que para os antigos e para os observadores atuais coincide com o roteiro de vôo das naves espaciais; o urso representaria a memória primitiva de seres extraterrestres que usavam trajes espaciais? O folclore do Vietnam diz que seus primeiros reis vieram do céu; os adeptos acreditam que as areias do deserto de Góbi encobrem uma civilização fantástica en-

terrada há muito tempo. Abandonadas na floresta do Camboja as poderosas ruínas de Angkor Vat[287] têm templos e torres de mais de trinta metros de altura e rivalizam com a grandeza da Babilônia; como o grande templo budista de Borobodura em Java, as impressionantes esculturas das paredes incluem deuses com asas e há estranhas representações do "homem-peixe" Oannes, mestre dos babilônios, um ser vindo do espaço. A parte mais antiga de Angkor Vat pode datar da mais remota antiguidade; muitas figuras evocam monumentos egípcios e tabuinhas assírias; algumas imagens lembram Poseidon e Vulcano, os cabiros, adorados há muito tempo no Mediterrâneo. A fundação do templo foi atribuída ao "Príncipe Roma", possivelmente "Rama" do *Ramáiana* mas a tradição cambojana diz que o fundador de Angkor Vat veio de "Roma", na extremidade ocidental do mundo, apresentando um mistério fascinante. Os khmers, aparentemente uma raça indo-européia lingüisticamente aparentada com a Polinésia, atingiram uma civilização notável e opulenta; dizia-se que seus sacerdotes haviam acumulado grandes bibliotecas, cuja literatura devia rivalizar com as epopéias sânscritas da Índia[288].

Hoje em dia tendemos a diminuir o passado e gabarnos da nossa era como o auge da cultura humana, apesar das nossas flagrantes e lamentáveis deficiências. Não há dúvida de que o homem comum do Ocidente vive mais principescamente do que muitos reis [illegible] séculos atrás e goza de maravilhas do gênio que teriam assombrado os mágicos antigos mas a literatura dos povos orientais mostra que os antigos algumas vezes nos suplantaram justamente nas coisas de que nos orgulhamos. Os indianos cantam sobre astronaves mais rápidas do que a luz e mísseis mais violentos do que as bombas de hidrogênio; seus textos sânscritos descrevem aviões aparentemente munidos de radar e câmara; o maravilhoso *Maabárata* rivaliza com a *Ilíada,* a *Odisséia,* a *Eneida,* as peças de Shakespeare e a maioria da ficção moderna todas juntas. Os tibetanos, em sua maneira oculta, eram capazes de invocar tempestades de granizo contra seus adversários e de se confundirem até a si mesmos materializando formas de pensamento; os chineses discorrem sobre dragões voadores, raios

laser, pílulas antigravitacionais e hibernação humana com um encanto oriental que confunde os nossos cientistas espaciais. As religiões e filosofias do Oriente destilavam uma sublimidade de pensamento raramente atingida no Ocidente; o maravilhoso sistema indiano da ioga, a gnani ioga da sabedoria, a raja ioga da mente, a hatha ioga do corpo, a bhakti ioga do amor, a karma ioga do trabalho desenvolveram há milênios uma disciplina que mistura o misticismo com a vida diária, mostrando a relação do homem com o universo, o homem encarnando sempre para cima até a perfeição, até a união com Deus. Esse ensinamento supremo e benéfico que agora está exercendo uma influência cada vez maior no nosso mundo ocidental deve ter resultado de civilizações há muito desaparecidas ou ter sido ensinado à Terra por astronautas. O fascinante mapa de Piri-Reis mostra a América pré-colombiana e a linha da costa antártica, cartografia de vasta antiguidade. Até mesmo as histórias familiares da nossa Bíblia revelam novas maravilhas. A visão de Ezequiel agora parece ter sido uma nave espacial. A estada de Jonas na barriga duma baleia torna-se uma viagem num submarino, provavelmente uma nave espacial que mergulhou no mar. O passado está repleto de maravilhas, mesmo para os nossos olhos modernos cansados de milagres.

Cientistas de gênio transformaram a nossa Terra, cumulando-nos de bênçãos nunca antes conhecidas, mas que aproveitará a um homem ganhar o mundo se perder a alma? Estes tristes tempos sugerem que nossa civilização perdeu aquele dom divino de maravilhar-se, a única coisa que pode inspirar a humanidade em sua peregrinação cósmica.

A oposição aos astronautas, tirando o natural egocentrismo do homem e seu medo do desconhecido, provém dos astrônomos, homens sinceros, cuja avaliação do céu os levou a condicionarem as pessoas à idéia de que a Terra é a única habitação da vida. Ultimamente persuadidos pelos progressos da biologia, os astrônomos em sua maioria voltaram atrás em suas crenças antigas e proclamam, infelizmente para ouvidos moucos, que deve abundar vida através do universo, exceto nos outros planetas do nosso sistema solar. Se os mundos vizinhos permanecem

desabitados, então os astronautas devem se originar em planetas ao redor das estrelas; como as estrelas estão a anos-luz de distância, tal viagem levaria décadas e até séculos. Por conseguinte, os astronautas não poderiam vir até nós, e por isso as histórias de seres celestiais que visitaram a Terra no passado ou no presente simplesmente não podem ser verdadeiras. Essa lógica tão lúcida oculta a piada do século.

Os astrônomos, mesmerizados por seus próprios instrumentos, juram que o espectroscópio mostra não existir oxigênio nem água em Marte, embora alguns rebeldes afirmem que o espectroscópio mostra oxigênio e água quase tão abundantes como na Terra; muitos observadores, grudados aos seus telescópios, vêem os famosos canais marcianos e igual número, olhando pelos mesmos telescópios, não os vêem. Não obstante desacordos tão fundamentais que paralisariam a maioria das profissões, em qualquer questão relativamente à vida humana, os astrônomos em geral concordam em que Marte deve ser deserto. Fotografias telemetradas em 1965 pela sonda de Marte Mariner IV, de uma distância de dez mil quilômetros, mostraram que Marte era aparentemente deserto. O mundo soltou suspiros de alívio: as potências beligerantes não precisavam mais se preocupar com a possibilidade de serem apunhaladas pelas costas por uma invasão de Marte, enquanto se preparavam diligentemente para fazer guerra umas às outras. O público prestou generosa homenagem à presciência dos astrônomos. Inexistência de vida em Marte significava inexistência de discos voadores, inexistência de astronautas, um triunfo para a ciência oficial.

Exultação fora de propósito! Os meteorologistas revelam agora casualmente que milhares de fotos da Terra tiradas pelo satélite Nimbus I[289] que gira a apenas seiscentos quilômetros de distância, mostram que não há o menor sinal de vida aqui. Os astrônomos que negam a existência de criaturas vivas em Marte e em planetas mais distantes deviam agora proclamar ao mundo que seus maravilhosos instrumentos também provam que não existe vida na Terra. A supressão de fatos é anticientífica; se nosso planeta é desabitado, o povo tem o direito de saber. A lógica pode deduzir ainda outra razão por que a Terra

nunca é visitada por astronautas. A ciência não provou conclusivamente que nenhum de nós está aqui para recebê-los, se vierem?

Os selenitas podem ter lançado da Lua uma sonda da Terra para pousar no Saara; fotos telemetradas de volta ao Centro Espacial da Lua mostram que a superfície suportaria uma astronave; os dados fornecidos pelos instrumentos confirmam as afirmações dos astrônomos de que a Terra é quente demais para permitir a vida.

A prova de que a Terra foi outrora governada por seres de outros planetas seria a descoberta fundamental do nosso século XX; os testemunhos da literatura antiga podem ser confirmados sem dúvida alguma pelos arqueólogos, que tão brilhantemente têm ressuscitado grande parte da antiguidade perdida; esperamos que algum dia uma pá desenterre algum novo pergaminho ou escultura que prove que os deuses antigos eram astronautas. A nossa cultura ocidental foi fundada originalmente sobre os ensinamentos da Grécia e de Israel. Os filósofos gregos e os Padres da Igreja podem ter sido homens sábios e piedosos, familiarizados com a ciência de seus próprios tempos, mas não sabiam nada sobre as grandes civilizações do velho Oriente, e em seus mais audaciosos vôos de imaginação não poderiam imaginar o nosso mundo atual.

Muitas das nossas concepções fundamentais são baseadas em falsas premissas. Devemos varrer o pó e o dogma dos séculos e estudar os fenômenos como realmente aconteceram. Hoje nós compreendemos que a nossa Terra não é o centro da Criação, mas um grão de pó num universo de espaço-tempo, inclusive universos de várias dimensões coexistentes dentro do nosso próprio, todos possivelmente com um universo paralelo de antimatéria.

O homem está no limiar de uma nova e empolgante era cósmica, desafiando as estrelas; a atual inquietação da Terra mostra que na sua alma o homem anela pela verdade. Todas as nossas crenças convencionais devem ser reexaminadas, a verdade renovada, a falsidade rejeitada. O homem evolui pelo sofrimento em sua peregrinação da escuridão para a luz. Nenhum homem é sábio, mas todos os homens podem ser amantes da sabedoria.

A palavra "deus" tem pelo menos dois significados

distintos: o Absoluto, que imagina o universo em que vivemos e temos o nosso ser e os "deuses" locais ou astronautas que vêm de algum planeta adiantado e de tempos em tempos se manifestam entre os homens.

O que foi será novamente! A Terra espera agora os nossos irmãos das estrelas, os astronautas do antigo Oriente.

BIBLIOGRAFIA

Os números de referência no corpo do livro referem-se às obras aqui relacionadas. Damos à frente de cada referência a tradução do título do livro, ensaio, artigo, etc. Poucas destas obras foram publicadas em português.

1 Apolodoro. Clássicos Loeb. Heinemann.

2 Hesíodo. *Teogonia,* Clássicos Loeb. Heinemann.

3 Ovídio. *Metamorfoses.* (Trad. inglesa de Mary Innes.) Clássicos Penguin.

4 Drake, W. R. *Gods or spacemen?* Ray Palmer, Amherst, Wisconsin, 1965. *(Deuses ou astronautas?)*

5 Sullivan, Walter. *We are not alone.* Hodder & Stocghton, Londres, 1965. *(Não estamos sós.)*

6 Platão. (Lindsay, Dr. A. D., *Cinco diálogos.)* Dent-Everyman.

7 Tito Lívio. *História de Roma, Livro XXIV, 24 a.C.* Dent-Everyman

8 Leslie, Desmond, e Adamski, George. *Flying saucers have landed.* T. Werner Laurie, ed., Londres, 1959. *(Os discos voadores aterraram.)*

9 Kraspedon, Dino. *My contact with flying saucers.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1959. *(Meu contato com os discos voadores.)*

10 Brunton, Paul. *The wisdom of the overself.* Arrow Books, Londres. *(A sabedoria do superego.)*

[11] Hoyle, Fred. *Frontiers of astronomy*. Heinemann, 1959. *(Fronteiras da astronomia.)*
[12] Ingalese, Richard. *The history and power of mind*. L. Fowler Y Co. Ltd., Londres. *(A história e o poder da mente.)*
[13] Yogi Ramacharaka. *Gnani yoga*. L. Fowler & Co. Ltd., Londres.
[14] Ouspensky, J. P. *A new model of the universe*. Routledge & Kegan Paul, Londres. *(Um novo modelo do universo.)*
[15] Yogi Ramacharaka. *Fourteen lessons in yogi philosophy*. F. Fowler & Co. Ltd., Londres. *(Catorze lições de filosofia iogue.)*
[16] Yogi Ramacharaka. *Gnani Yoga*. L. Fowler & Co. Ltd., Londres.
[17] *"La vie existe-t-elle sur Terre?" Planète* n.º 12, s/o. 1963. 42 rue de Berri, Paris, 8. ("Existe vida na Terra?")
[18] Vermeer, G. *The Dead Sea scrolls in English*. Penguin, Londres, 1962. *(Os pergaminhos do mar Morto em inglês.)*
[19] Roberts, J. M. *Antiquity unveiled*. Oriental Publishing Co., Filadélfia, 1912. *(A antiguidade desvendada.)*
[20] Voltaire. *Letter to M. Servier,* 1770. *(Carta ao Sr. Servier,* 1770.)
[21] Drake, W. R. *Gods or spacemen?* Amherst Press, Wisconsin. *(Deuses ou astronautas?)*
[22] Frisch, Otto R. *Atomic physics today*. Oliver & Boyd, Londres, 1962. *(A física atômica hoje.)*
[23] Trench, Brinsley le Poer. *The flying saucer story*. Neville Spearman Ltd., Londres, 1966. *(A história dos discos voadores.)*
[24] Pauwels, L. and Bergier J. *The dawn of magic*. Anthony Gibbs & Phillips, Londres, 1963. *(A aurora da magia.)*
[25] Piccardi, Giorgio. *"Alla ricerca di un metodo." Pianeta* n.º 1, M/A 1964, Florença. ("Em busca de um método.")
[26] Bernhard-Bennet-Rice. *New handbook of the heavens*. Mentor, New American Library, Nova York. *(Novo manual do céu.)*

[27] Vallée, Jacques. *Anatomy of a phenomenon*. Neville Spearman Ltd., Londres, 1966. *(Anatomia dum fenômeno.)*
[28] Martin, Charles Noel. *"Si, la vita esiste altrove." Pianeta* n.º 2, M/A 1964, Florença. ("Sim, existe vida em outras partes.")
[29] Williamson, George Hunt. *Other tongues, other flesh*. Ray Palmer, Amherst Press, Wisconsin, 1953. *(Outras línguas, outra carne.)*
[30] National Aeronautics and Space Administration. *The search for extraterrestrial life*. NASA, Washington, 1964. *(A busca de vida extraterrestre.)*
[31] Bracewell, Robert N. *"On nous cherche dans le cosmos." Planète* n.º 19, N/D 1964. 42 rue de Berri, Paris, 8. ("Somos procurados no cosmos.")
[32] Shklovsky, Joseph. *"La vie et la raison dans l'univers." Planète* n.º 17, J/A 1964. ("A vida e a razão no universo.")
[33] Avignon, André. *"L'étrange histoire des satellites de Mars."* Février, 1965, *Phénomènes spatiaux,* GEPA. 69 rue de la Tombe Issoire, Paris, 14. ("A estranha história dos satélites de Marte.")
[34] Layne, Meade. *The flying saucers mystery*. Borderland Science Research Association, Vista, Califórnia. *(O mistério dos discos voadores.)*
[35] *Oahspe*. Venture Bookshop, P.O. Box 671, Evanston. USA.
[36] Bergier, Jacques. *"Pour comprendre l'anti-matière." Planète* n.º 15, M/A 1964. ("Para compreender a anti-matéria.")
[37] Day, John. *"Lopsided universe puzzles physicists." The Observer,* Londres, 3 de julho de 1966. ("O universo torto intriga os físicos.")
[38] Pauwels, L. and Bergier J. *The dawn of magic*. Anthony Gibbs & Phillips, 1963.
[39] Bernard, Dr. Raymond. *The hollow Earth*. Fieldcrest Publishing Co., Nova York, 10. *(A Terra oca.)*
[40] Fouéré, René. *"Seraient-ils des revenants du futur?" Phénomènes spaciaux,* junho de 1966. ("Seriam espectros do futuro?")

41 Churchward, James. *The sacred symbols of Mu.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1960.
42 Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled.* Vol. 1. Theosophical University Press, Pasadena, Califórnia, 1960. *(Ísis sem véu.)*
43 *Genesis,* cap. 1, v. 26.
44 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. I. Theosophical Publication Co., Londres, 1888. *(A doutrina secreta.)*
45 Cerve, Wishar S. *Lemuria.* AMORC San-José, Califórnia.
46 *Brothers.* Vol. 2, 1-4. Cosmic Brotherhood Association, Yokohama.
47 Pinotti, Roberto. *"Siamo extraterrestri." Clypeus,* anno III, n.º 1. Casella Postale 604, Turim. ("Somos extraterrestres.")
48 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. 2.
49 Scott-Elliot, W. *The story of the lost Atlantis and the lost Lemuria.* The Theosophical Publication Co., Londres, 1962. *(A história da Atlântida perdida e da Lemúria perdida.)*
50 Churchward, James. *The lost continent of Mu.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1959. *(O continente perdido de Mu.)*
51 Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled.* Vol. 1.
52 Evans-Wentz, Y., and Lama Kazi Dawa Sandup. *Tibetan yoga and the secret doctrine.* Oxford University Press. *(O iogue tibetano e a doutrina secreta.)*
53 Brunton, Paul. *A search in secret India.* Arrow Books Ltd., Londres, 1965. *(A Índia secreta.)*
54 Saurat, Denis. *Atlantis and the giants.* Faber & Faber, Ltd., Londres. ("A Atlântida e os gigantes.")
55 MacDonnell, Arthur A. *A history of Sanscrit literature.* Heinemann, Londres, 1900. *(História da literatura sânscrita.)*
56 Paretti, Luigi. *The ancient world.* Allen & Unwin, 1965. *(O mundo antigo.)*
57 MacDonnell, Arthur A. *A history of sanscrit literature.* Heinemann, Londres, 1900.
58 *Id.*
59 *"Vascelli interplanetari nel passato." Pianeta* n.º 1, M/A 1964, Florença. ("Naves interplanetárias no passado.")
60 Wilson, H. H. *Rig Veda Sanhita.* Vol. II. W. H. Allen, Londres, 1854. *(O Rig-Veda Sanhita.)*
61 MacDonnell, Arthur A. *A history of sanscrit literature.* Heinemann, Londres, 1900.
62 Wilkins, W. I. *Hindu mythology.* Thacker & Co., Londres, 1882. *(Mitologia hindu.)*
63 MacDonnell, Arthur A. *A history of sanscrit literature.* Heinemann, Londres, 1900.
64 Mapes, Walter de. *De nugis curialium.* AD 1182. Camden Society MDCCCL. *(A vaidade dos cortesãos.)*
65 Tethurum, Truman. *Aboard a flying saucer.* De Vorss, Los Angeles, 1953. *(A bordo dum disco voador.)*
66 Dutt, Romesh. *The Ramayana and the Mahabharata.* Dent, Londres, 1961. *(O Ramáiana e o Maabárata.)*
67 Gordon, Cyrus H. *Before the Bible.* Collins, Londres, 1962. *(Antes da Bíblia.)*
68 *Samaranganasutradhara by King Bhojadena. 11th century.* Gaewad's Oriental Studies. 1924. *(O Samaranganasutradhara, pelo Rei Bhojadena. Século XI.)*
69 Dikshitar, Ramachandra. *War in ancient India.* MacMillan, Londres, 1945. *(A guerra na Índia antiga.)*
70 Churchwar, James. *The children of Mu.* Neville Spearman, Ltd., Londres, 1959. *(Os filhos de Mu.)*
71 Roy, Protop Chandra, *Bhisma Parva (Drona Parva).* Bharata Press, Bombaim, 1888.
72 Obsequens, Julius. Samuel Luchmans. *Libro prodigiis. Lugduni batavorum,* 1770. *(Dos prodígios.)*
73 King, George. *The nine freedoms.* The Aetherius Society, Los Angeles, 1963. *(As nove liberdades.)*
74 *Genesis,* capítulo 19, v. 24.
75 *Isaías,* capítulo 37, v. 36.
76 Giles, G. A. *Nennius and Gildas.* Tradução inglesa do Rev. W. Gunn. J. Bohn, Londres, 1900.
77 Edwardes, Michael. *A history of India.* Thames & Hudson, Londres, 1961. *(Uma história da Índia.)*
78 *Id.*
79 Dikshitar, Ramachandra. *War in ancient India.* MacMillan, Londres, 1945.

80 *"Vascelli interplanetari nel passato." Pianeta* n.º 1, M/A 1964. Florença.
81 Lacote, Felix. *Budhaswamin Brihat Katha Shlokasanigraha.* Em francês, Paris. Imprimerie Nationale, 1904.
82 Dickhoff, Dr. Robert Ernst. *Agharta.* Fieldcrest Publishing Co., Nova York, 1960.
83 *Id.*
84 Cowell, E. B. and Thomas F. H. *Harscha Charita of Bana.* Oriental Translation Fund, Londres, 1897.
85 Platts, I. *Boital Pachis.* W. Allen, Londres, 1871.
86 *"Vascelli interplanetari nel passato." Pianeta* n.º 1, M/A 1964. Florença.
87 Williams, Alfred. *Tales from the Panchatantra.* Ed. Hertel. Cambridge, Mass. 1908. *(Contos do Panchatantra.)*
88 Phylos the Tibetan. *A dweller on two planets.* Borden Publishing Co., Los Angeles, 1932. *(Um habitante de dois planetas.)*
89 Adamski, George. *Inside the spaceships.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1966. *(Dentro das astronaves.)*
90 Eusebius, Pamphilius. *Life of Constantine.* Ed. Valezius. Cambridge, 1962. *(A vida de Constantino.)*
91 Edwards, Frank. *Stranger than science.* Pan Books Ltd., Londres. *(Mais estranho do que a ciência.)*
92 Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled.* Vol. 1.
93 Agrest, M. *"Des cosmonautes dans l'antiquité." Planète* n.º 7, N/D 1962. ("Cosmonautas na antiguidade.")
94 Lissner, Ivar. *The living past,* Penguin, 1957. *(O passado vivo.)*
95 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. 2.
96 Rampa, Dr. T. Lobsang. *The cave of the ancients.* Transworld (Corgi), Londres. *(A gruta dos antigos.)*
97 *Encyclopaedia Britannica.*
98 Maraini, Fosco. *Secret Tibet.* Hutchinson, Londres, 1952. *(O Tibete secreto.)*
99 Harrar, Heinrich. *Seven years in Tibet.* Pan Books Ltd., 1956. *(Sete anos no Tibete.)*
100 Rampa, Dr. T. Lobsang. *The third eye.* Transworld (Corgi), Londres. *(A terceira visão.)*
101 Dalai Lama of Tibet. *My land and people.* Weidenfeld & Nicholson, Londres, 1962.

102 Maraini, Fosco. *Secret Tibet.* Hutchinson, Londres, 1952.
103 David-Neel, Mme Alexandra. *With mystics and magicians in Tibet.* Penguin, 1936. *(Com místicos e mágicos no Tibete.)*
104 Evans-Wentz, W. Y., and Lama Kazi Dawa Sandup. *Tibetan yoga and the secret doctrine.* Oxford University Press, 1958. *(O iogue tibetano e a doutrina secreta.)*
105 Evans-Wentz, W. Y. *Milarepa.* Oxford University Press.
106 Schiefner and Ralston. *Tibetan tales derived from Indian sources.* Paul, Londres, 1906. *(Histórias tibetanas extraídas de fontes indianas.)*
107 Bernar, Theos. *Land of a thousand Buddhas.* Rider & Co., Londres, 1957. *(A terra dos mil budas.)*
108 Evans-Wentz, W. Y. Bardo Thödol. *Tibetan book of the Dead.* Oxford University Press. *(O livro dos mortos tibetano.)*
109 Connor, Capt. W. F. *Folk tales from Tibet.* Hurst & Blackett, Londres, 1906. *(Contos populares do Tibete.)*
110 Schiefner and Ralston. *Tibetan tales derived from Indian sources.* Paul, 1906.
111 David-Neel, Mme A. and the Lama Yongden. *The super-human exploits of Gesar of Ling.* Rider, Londres. *(As façanhas sobre-humanas de Gesar de Ling.)*
112 Roerich, N. *Altai Himalaya.* Frederick A. Stokes, Nova York.
113 Rampa, Dr. T. Lobsang. *"Saucers over Tibet." Flying Saucer Review,* M/A 1957. ("Discos voadores sobre o Tibete.")
114 Rampa, Dr. T. Lobsang. *"Flying into space." Flying Saucer Review,* M/J 1957. 21 Cecil Court, Charing Cross Road, London, WC2. ("Voando para o espaço.")
115 Churchward, James. *The children of Mu.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1959. *(Os filhos de Mu.)*
116 Kramer, S. N. *Mythologies of the ancient world.* Anchor, Nova York, 1961. *(Mitologias do mundo antigo.)*
117 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. 2.
118 Kramer, S. N. *Mythologies of the ancient world.*
119 Cottrell, Leonard. *The tiger of Ch'in.* Evan, Londres, 1965. *(O tigre de Ch'in.)*

[120] Werner, E. T. C. *Miths and legends of China.* Harrap, Londres, 1956. *(Mitos e lendas da China.)*
[121] Paretti, Luigi. *The ancient world.* Allen & Unwin, 1965.
[122] Cottrell, Leonard. *The tiger of Ch'in.* Evans Bros., Londres, 1962.
[123] Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled.*
[124] Jacquetto Hawkes and Sir Leonard Woolley. *Prehistory and the beginnings of civilization.* Allen & Unwin, 1962. *(A pré-história e os primórdios da civilização.)*
[125] Mathew of Paris. *Historia Anglorum.*
[126] Kramer, Samuel Noah. *Mythologies of the ancient world.* Anchor, Nova York.
[127] Werner, E. T. C. *Myths and legends of China.* Harrap, Londres, 1956.
[128] Graves, R. and Patai R. *Myths of ancient Greece.* Cassell, Londres, 1938. *(Mitos da Grécia antiga.)*
[129] Werner, E. T. C. *Myths and legends of China.* Harrap, Londres.
[130] *Id.*
[131] *Ibid.*
[132] Mackenzie, Donald A. *Myths of China and Japan.* Gresham Publishing Co. *(Mitos da China e do Japão.)*
[133] Lorenzen, Coral E. *The great flying saucer hoax.* William Frederick Press, Nova York, 1962. *(O grande embuste dos discos voadores.)*
[134] Matsumura, Y. J. *"Flying saucers in ancient Orient."* 1962. *Brothers,* vol. I, n.º 2. CBA Yokohama. ("Discos voadores no antigo Oriente.")
[135] Wilcox, Elizabeth G. *Mu.* Den sjunkna Kontinenten. Parthenon. Hälsingborg, Suécia, 1964.
[136] Sadler, A. T. *A short history of Japan.* Angus & Roberston, Londres, 1963.
[137] Creighton, Gordon. *"A Russian wall painting."* Other Spacemen. *Flying Saucer Review,* J/A 1965. ("Um mural russo.")
[138] Matsumura, Y. J. *"Those straw rope pattern flying suits." Brothers,* vol. 2, n.os 1-4, 1962. CBA Yokohama.
[139] Kramer, Samuel Noah. *Mythologies of the ancient world.* Anchor, Nova York.
[140] Insole, Allan V. *Immortal Britain.* Rider & Co., Londres. *(A Grã-Bretanha imortal.)*

[141] Sadler, A. L. *A short history of Japan.* Angus & Robertson, Londres, 1963.
[142] Bush, Lewis. *Land of the dragon-fly.* R. Hale, Londres, 1959. *(A terra da libélula.)*
[143] Aston, W. G. *Nihongi or chronicles of Japan.* G. Allen & Unwin, Londres. *(Nihongi ou Crônicas do Japão.)*
[144] Bush, Lewis. *Land of the dragon-fly.* R. Hale, Londres, 1959.
[145] *Id.*
[146] Matsumura, Y. J. *"Flying saucers over ancient Nippon." Brothers,* vol. 3, n.º 1, 1962, CBA Yokohama.
[147] Trench, Brinsley le Poer. *The flying saucer story.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1966. *(A história dos discos voadores.)*
[148] Bede. *Ecclesiastical history.* Dent-Everyman, Londres. *(História eclesiástica.)*
[149] Fort, Charles. *The books of Charles Fort.* Henry holt & Co., Nova York, 1941. *(Os livros de Charles Fort.)*
[150] Mackenzie, Donald A. *Myths of China and Japan.* Gresham, Londres.
[151] Maraini, Fosco. *Meeting with Japan.* Hutchinson, Londres, 1959. *(Encontro com o Japão.)*
[152] Servier, Jean. *"Je ne crois pas au progrès." Planète* n.º 18, s/o 1964. Paris, 8. ("Não creio no progresso.")
[153] Merezhovsky, Dmitri. *The secret of the West.* Jonathan Cape, 1933. *(O segredo do Ocidente.)*
[154] Donelly, Ignatius. *Atlantis and the antediluvian world* (E. Sykes). Sidgwick & Jackson, 1950. *(A Atlântida e o mundo antediluviano.)*
[155] Petrie, Sir Flinders. *A history of Egypt.* Methen, Londres, 1899. *(Uma história do Egito.)*
[156] Murray, Margaret A. *The splendour that was Egypt.* Sidgwick & Jackson Ltd., Londres, 1959. *(O esplendor que foi o Egito.)*
[157] Davy, John. *"Man-like fossils." The Observer,* Londres, 5 de janeiro de 1967. ("Fósseis humanóides.")
[158] Heródoto. Tradução inglesa de E. Powell. Oxford University Press, 1949.
[159] Cory, I. P. *The ancient fragments.* W. Pickering, Londres, 1828. *(Os fragmentos antigos.)*

160 Brunton, Paul. *A search in secret Egypt*. Arrow Books Londres, 1962. *(Uma pesquisa no Egito secreto.)*
161 Cory, I. P. *The ancient fragments*. W. Pickering, Londres, 1828.
162 *Id.*
163 *Ibid.*
164 Murray, Margaret A. *The splendour that was Egipt*. Sidgwick & Jackson Ltd., Londres, 1959.
165 Frankfort, Henri. *Before philosophy*. Penguin, Londres, 1963. *(Antes da filosofia.)*
166 White, John Manchip. *Everyday life in ancient Egypt*. B. T. Batsford, Londres, 1963. *(A vida cotidiana no Egito antigo.)*
167 Budge, Sir. Wallis E. A. *The book of the dead*. Papiro de Ani. Museu Britânico, 1895. *(O livro dos mortos.)*
168 Settimo, Gianni. *"E nacquero gli dei." Clypeus,* anno I, n.º 2-5 Casella Postale 604, Turim. ("E nasceram os deuses.")
169 Churchward, James. *The sacred symbols of Mu*. Neville Spearman Ltd., Londres. *(Os símbolos sagrados de Mu.)*
170 Pinotti, Roberto. *"Space visitors in ancient Egypt." Flying Saucer Review,* M/J 1964. Londres. ("Visitantes espaciais no antigo Egito.")
171 Massey, Gerald. *Egyptian book of the dead and the mysteries of Amenti*. Healch Research, Makeluma Hill, Califórnia. *(O livro dos mortos egípcio e os mistérios do Amenti.)*
172 Spence, Lewis. *Myths and legends of Egypt*. Georg Harrap, 1915. *(Mitos e lendas do Egito.)*
173 Spence, Lewis. *The outlines of mythology*. Premier. Fawcett Publications, Nova York.
174 Cory. I. P. *The ancient fragments*. W. Pickering, Londres, 1828.
175 Platão. *Fedro*.
176 White, John Manchip. *Everyday life in ancient Egipt*. B. T. Batsford, Londres, 1962.
177 Budge, Sir E. A. Wallis. *The book of the dead*. Papiro de Ani. Museu Britânico, 1895.
178 Ceram, C. W. *Gods, graves and scholars*. Gollancz and Sidgwick & Jackson, 1952. *(Deuses, túmulos e sábios.)*

179 Budge, Sir E. A. Wallis. *The book of the dead*. Papiro de Ani. Museu Britânico, 1895.
180 Annales Laurissenses. *Migne's patrologiae*. Tom. CIV. Saeculum IX. Annus 840.
181 Annales Eginhardis. *Migne's patrologiae*. Tom. CIV. Saeculum IX. Annus 840.
182 Boncompagni, Solas. *"Il libro dei morti." Clypeus,* anno II, n.º 1. Turim.
183 Ribera, Antonio. *El grand enigma de los platillos volantes*. Editions Pomaine, Barcelona, 1966. *(O grande enigma dos discos voadores.)*
184 Williamson, George Hunt. *The secret places of the lion*. Neville Spearman Ltd., Londres, 1958.
185 Larson, Kenwood. *The great pyramid. A UFO beacon. Flying saucers*. Outubro de 1966. Ray Palmer, Amherst. *(A grande pirâmide, um farol para os UFOs.)*
186 Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled*. Vol. 1. Theosophical University Press, Pasadena, Califórnia.
187 Gardner, Martin. *Fads and fallacies*. Dover Pub. Nova York, 1957. *(Modas e ilusões.)*
188 Hawkes, Jacquetta and Wolley, Sir Leonard. *Prehistory and the beginnings of civilization*. Allen & Unwin, Londres, 1963.
189 Collinge, Edward G. *Life's hidden secrets*. Rider, 1952. *(Os segredos ocultos da vida.)*
190 Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled*. Vol. 1. Theosophical University Press, Pasadena, Califórnia.
191 Trench, Brinsley le Poer. *Men among mankind*. Neville Spearman Ltd., Londres, 1962. *(Os homens entre a humanidade.)*
192 Beaumont, Comyns. *The riddle of prehistoric Britain*. Rider & Co., Londres. *(O enigma da Grã-Bretanha pré-histórica.)*
193 Leslie, Desmond and Adamski, George. *Flying saucers have landed*. Hutchinson, Panther, 1957.
194 Williamson, George Hunt. *Road in the sky*. Neville Spearman Ltd., Londres, 1959. *(Estrada no céu.)*
195 Mertz, Barbara. *Temples, tombs and hieroglyphs*. Gollancz, 1964. *(Templos, túmulos e hieróglifos.)*
196 Brunton, Paul. *A search in secret Egypt*. Arrow Books Ltd., Londres, 1962.

197 Collinge, Edward. *Life's hidden secrets.* Rider & Co.
198 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. 2.
199 Lamb, Harold. *Alexander of Macedon.* Robert Hale, 1946.
200 Blakeney, E. H. *A small classical dictionary.* Dent-Everyman, 1928. *(Pequeno dicionário clássico.)*
201 Hamilton, Edith. *Mythology.* Mentor. New American Library, Nova York.
202 Velikovsky, Immanuel. *Oedipus and Akhnaton.* Sidgwick & Jackson, Londres, 1960. *(Édipo e Aquenaton.)*
203 Bratton, F. Gladstone. *The heretic pharaoh.* Robert Hale, Londres, 1962. *(O faraó herético.)*
204 Velikovsky, Immanuel. *Ages in chaos.* Sidgwick & Jackson. *(Eras em caos.)*
205 Wells, Herbert George. *Outline of history.* Cassell, Londres, 1963. *(Esboço de história.)*
206 Velikovsky, Immanuel. *Worlds in collision.* Gollancz, 1950. *(Mundos em colisão.)*
207 Keller, Werner. *The Bible as history in pictures.* Hodder & Stoughton, Londres, 1964. *(A Bíblia como história em gravuras.)*
208 Gordon, Cyrus H. *Before the Bible.* Collins, Londres, 1962.
209 Murray, Margaret A. *The splendour that was Egypt.* Four Square, New English Library, Londres.
210 Williamson, George Hunt. *Secret places of the lion.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1958.
211 Plonano, H. *The Talmud.* Frederick Warne & Co., Londres, 1933.
212 Homero. *Odisséia.* Tradução inglesa de Alexandre Pope. Oxford University Press, 1931.
213 Trench, Brinsley le Poer. *The sky people.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1960. *(A gente do céu.)*
214 Pauwels, L. e Bergier J. *The dawn of magic.* Anthony Gibbs & Phillips, Londres, 1963.
215 Brasington, Virginia F. *Flying saucers in the Bible.* Saucerian Books, Claksburg Va., USA. *(Os discos voadores na Bíblia.)*
216 Thomas, Paul. *Flying saucers through the ages.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1965. *(Os discos voadores através das idades.)*

217 *The Clarendon Bible.* Oxford University Press. *(A Bíblia de Clarendon.)*
218 Eilkins, Harold T. *Flying saucer uncensored.* Arco Publications, London, 1956. *(Os discos voadores sem censura.)*
219 Flavius Philosostratus. *Life of Apollonius of Tyana.* Loeb Classics. Heinemann. *(A vida de Apolônio de Tiana.)*
220 Drake, W. R. *Gods or spacemen?* Ray Palmer, Amherst Press, Amherst.
221 Agrest, M. *"Des cosmonautes dans l'antiquité." Planète* n.º 7, N/D 1962. Paris, 8.
222 Lhote, Dr. Henri. *The search for the Tassili frescos.* Hutchinson, Londres, 1959. *(Em demanda dos afrescos de Tassili.)*
223 Cory, I. P. *Ancient fragments.* W. Pickering, Londres, 1828.
224 Saggs. H. W. F. *The greatness that was Babylon.* Sidgwick & Jackson, 1959. *(A grandeza que foi Babilônia.)*
225 Fernoglio, Alberto. *"Cronistoria sugli oggetti volanti del passato." Clypeus,* anno III, n.º 2. ("História cronológica de objetos voadores no passado.")
226 Blavatsky, Mme H. P. *The secret doctrine.* Vol. 2.
227 Bibby, G. *Four thousand years ago.* Collins, Londres, 1962.
228 Churchward, James. *The children of Mu.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1959.
229 Cottell, Leonard. *The land of Shinar.* Souvenir Press, Londres, 1965. *(A terra de Sinar.)*
230 Graves, Robert and Patai, R. *Hebrew myths. The book of Genesis.* Cassell, Londres, 1964. *(Mitos hebreus. O livro do Genesis.)*
231 Annales Enginhardi. *Migne's patrologiae.* Tom. CIV. Saeculum IX. Annus 840.
232 Cory, I. P. *Ancient fragments.* W. Pickering, Londres, 1828.
233 Saggs, H. W. F. *Everyday life in Babylonia and Assyria.* B. T. Batsford, Londres. *(A vida cotidiana na Babilônia e na Assíria.)*

234 Heródoto. Tradução inglesa de E. Powell. Livro I, p. 183-5. Oxford University Press, 1949.
235 Saggs, H. W. F. *The greatness that was Babylon.* Sidgwick & Jackson, Londres, 1946.
236 Heródoto. Como acima.
237 Diodórus Sículus. Biblioteca Histórica. Oxford University Press, Oxford, 1956.
238 Spence, Lewis. *Myths and legends of Babylon and Assyria.* Harrap, Londres, 1916.
239 Byron, Lord George. *The destruction of Sennacherib. (A destruição de Senaqueribe.)*
240 Laessoe, Jorgen. *People of ancient Assyria.* Routledge & Kegan, Paul, Londres, 1963. *(Gente da Assíria antiga.)*
241 *Cambridge ancient history.* Vol. w. 1925. Cambridge University Press. *(História da antiguidade.)*
242 Roux, G. *Ancient Iraq.* Allen & Unwin, Londres, 1964. *(O antigo Iraque.)*
243 Culican, W. *The Medes and Persians.* Thames & Hudson, Londres. *(Os medos e os persas.)*
244 Paretti, L. *The ancient world.* Allen & Unwin, Londres, 1965.
245 Saggs, H. W. *The greatness that was Babylon.* Sidgwick & Jackson, Londres, 1962.
246 Flavius Philostratus. *The life of Apollonius of Tyana.* Loeb Classics Heinemann.
247 Lamb, Harold. *Alexander of Macedon.* R. Hale, Londres, 1946.
248 Ceram, C. W. *Gods, graves and scholars.* Gollancz and Sidgwick & Jackson, 1952.
249 Hooke, S. H. *Middle Eastern mythology.* Penguin, 1962. *(Mitologia do Oriente Médio.)*
250 Spence, Lewis. *The outlines of mythology.* Penguin, 1962.
251 Frankfort, Henri. *Before philosophy.* Penguin, 1963.
252 Fenogli, Alberto. *"Templi astrologici dei caldei." Clypeus,* anno III, n.º 1, Turim. ("Templos astrológicos dos caldeus.")
253 Gordon, Cyrus H. *Before the Bible.* Collins, Londres, 1962.

254 Saggs, H. W. *The greatness that was Babylon.* Sidgwick & Jackson, Londres, 1962.
255 Hooke, S. H. *Middle Eastern mythology.* Penguin, Londres, 1963.
256 Fenoglio, Alberto. *"Templi astrologici dei caldei." Clypeus,* anno III, n.º 1, Turim.
257 Migne. *Patrologiae. Agobar.* Tom. CIV. Annus 840. *De Grandine et Tonitruis. Saeculum* IX.
258 Monfaucon de Villar. *Le Comte de Gabalis.* A. G. Nizet, Paris, 1963. *(O Conde de Gabalis.)*
259 Greves, Robert and Paeti, R. *Hebrew myths. The book of Genesis.* Cassell, Londres, 1964.
260 *The Jaredite advocate.* Março 1965. Box 29026, Los Angeles, Califórnia.
261 Plutarco. *Temístocles,* XV.
262 Gaer, J. *How the great religions began.* Signet. New American Library, Nova York. *(Como principiaram as grandes religiões.)*
263 Vermasseren, M. J. *Mithras, the secret god.* Chatto & Windus. *(Mitra, o deus secreto.)*
264 Tito Lívio. *História de Roma.* Livro XXI. Capítulo 62.
265 Plutarco. *Teseu.*
266 Gaer, J. *Now the great religions began.* Signet. New American Library, Nova York.
267 Trench, Brinsley le Poer. *The sky people.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1960.
268 *Book of Enoch.* Tradução inglesa do Cônego H. Charles. SPLK, 1962. *(O livro de Enoc.)*
269 Vermes, G. *The Dead Sea scrolls in English.* Penguin, Londres, 1962.
270 Heródoto. Tradução inglesa de E. Powell. Livro I, p. 180-3.
271 Lissner Ivar. *The living past.* Penguin, Londres, 1957.
272 Ibn Aharon. *"Extraterrestrialisme als historische Studie." Dutch Disc Digest.* Lente 1961. I. Keukenmester. Caixa Postal 537, Haia. ("O extraterrestrialismo como estudo histórico.")
273 *Genesis,* capítulo 28, v. 2.
274 Jessup, M. K. *UFO and the Bible.* The Citadel Press, Nova York, 1956. *(Os UFOs e a Bíblia.)*

[275] Thomas, Paul. *Flying saucers through the ages.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1965.
[276] Leslie, Desmond and Adamski, George. *Flying saucers have landed.* Werner Laurie Ltd., Londres, 1953.
[277] Adamski, George. *Inside the spaceships.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1966.
[278] *Isaías,* capítulo 37, v. 35-6.
[279] Sadler, A. L. *A short history of Japan.* Angus & Robertson, Londres, 1963.
[280] Cícero. *On the nature of the gods. (Sobre a natureza dos deuses.)*
[281] Plutarco. *Teseu.*
[282] Drake, W. R. *Gods or spacemen?* Ray Palmer, Amherst, Wisconsin, USA.
[283] Perego, Dr. Alberto. *"Interplanetarischer Verkehr in Erdgeschehen." UFO Nachrichten,* 8, agosto de 1963. Wiesbaden. ("O tráfego interplanetário nos acontecimentos da Terra.")
[284] Homet, F. *Sons of the Sun.* Neville Spearman Ltd., Londres, 1963. *(Os filhos do Sol.)*
[285] Layard, J. *Stone men of Malekula.* Chatto & Windus, Londres, 1946. *(Os homens de pedra de Malekula.)*
[286] Heyerdahl, Thor. *Aku-Aku.* Allen & Unwin, Londres, 1959.
[287] Blavatsky, Mme H. P. *Isis unveiled.* Vol. 1. Theosophical University Press, Pasadena, Califórnia.
[288] Lissner, Ivar. *The living past.* Penguin, Londres, 1957.
[289] *"Y a-t-il de la vie sur Terre?" Planète* n.º 29, J/A 1966. 42 Rue de Berri, Paris, 8.